John Carter Brown
Library
Brown University

Ed. 1761 c. c.

Manuel dos Santos Borba de Medeiros

391 fls.

THEATRO COMICO PORTUGUEZ, OU COLLECÇAÕ DAS OPERAS PORTUGUEZAS,

Que se representaraõ nas Casas dos Theatros publicos do Bairro Alto, e Mouraria.

Offerecidas

A' MUITO NOBRE SENHORA

PECUNIA ARGENTINA

Por ***

TOMO QUARTO.

Contém
- Filinto.
- Encantos de Circe.
- Semiramis.
- Encantos de Merlim.

De Pedro Borges Pacheco.

LISBOA,
Na Officina Patr. de Franc. Luiz Ameno.

M. DCC. LXI.
Com as licenças necessarias.

FILINTO
PERSEGUIDO, E EXALTADO;

Opera que se representou na Casa do Theatro publico da Mouraria.

ARGUMENTO.

POlicrates Rey dos Samios, Pay de Filinto, e Adrasto, por ser mais amante deste, que do outro, o pretendia collocar no Real Throno, naõ obstante ser filho segundo: o que naõ levando a bem Filinto, naõ quiz estar pelo juramento, e por isso julgado por desobediente, era aborrecido do Pay. Elle amava a Irene Princeza da Persia, que no mesmo Palacio assistia em habitos de homem, e com o nome de Carpio, para ter melhor occasiaõ de matar a Policrates, o que sempre Filinto embaraçava, noticiando a ElRey, que guardasse a vida, por haver traidor occulto, e ElRey julgando pela passada desobediencia ser o mesmo filho o traidor, o mandou prender, e ultimamente matar; do que se livrou por conjuraçaõ da plebe, que o acclamou Rey dos Samios, Tudo o mais se verá da contextura da mesma Obra.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Templo com Ara, e Simulacro do Sol.*
II. *Camera com hum bofete.*
III. *Gabinete.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Parque Real.*
II. *Sala Regia com cadeiras.*

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Jardim.*
II. *Carcere.*
III. *Praça Real com apparato para a coroação.*

A Scena se representa em Seleucia, Provincia sujeita ao Imperio da Persia.

INTERLOCUTORES.

Policrates, *Rey dos Samios, amante de Eſtella.*
Filinto, *Primogenito de ElRey, amante de Irene.*
Adaſtro, *Filho ſegundo de ElRey.*
Alicandro, *General das Armas, e amigo de Filinto.*
Irene, *Princeza da Perſia, em habito de homem, com o nome de Carpio.*
Eſtella, *Irmã de Alicandro, e amante de Filinto.*
Pedreneira, *Criada de Eſtella.*
Deſenfado, *Gracioſo, Criado de Irene.*
Macaco, *Sevandija de Palacio.*
Soldados.

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Perſpectiva de Templo conſagrado ao Sol com Ará, e Simulacro do meſmo, no qual eſtará El-Rey, e Filinto, Adaſtro, Deſenfado, e Maçaco.

CORO.

Do throno a eleiçaõ
Examine Febo,
E as luzes inſpire
Para os acertos.

Rey. FIlhos, bem ſabeis, que deſte Reino naõ ſou menos Pay do que voſſo. A vós vos devo o affecto, e o Reino hum juſtto ſucceſſor, que ſeja digno Athlante deſta Monarquia. Hoje he o deſtinado termo da minha eleiçaõ.

Mac. Se Voſſa Mageſtade quer fazer eleiçaõ, ahi tem já dous irmãos.

Deſ. E ſe forem preciſos mais para a meſa, aqui eſtou eu.

Adaſt. Do teu querer, Senhor, ſó pende a minha ſórte.

Mac. Ora eſperem: eu cuidava, que iſto era por eleiçaõ, mas já vejo que he por ſortes.

Filint.

Filint. E a qual de nós approva o teu affecto?

Rey. Estaõ taõ conformes os vossos meritos, que naõ divisa preferencias o meu exame. Dissimularey o amor de Adastro, *à part.* Mas para que consiga a minha eleiçaõ o effeito, quero, por evitar discordias, que ambos jureis neste dia guardar constante fé, e rendida vassallagem a quem for o feliz objecto dos meus votos. Esta he a Ara, aonde a vossa obediencia seja o desempenho do meu gosto: e este o Numen, que será testemunha dos vossos protestos.

Def. Uy senhores, nós somos as testemunhas, e elles saõ os que juraõ? *Para Mac.*

Mac. Sim senhor; querem que vejamos, para naõ jurarmos falso. *Para Defenf.*

Filint. Eu, que do Throno sou primogenito, dar juramento tal naõ consinto. *à p.*

Adast. Seja, Senhor, a minha promptidaõ abono da minha obediencia. Sem duvida ao Throno hoje o seu amor me eleva. *à part.*

Ajoelha diante da Ara do Sol, e canta o seguinte

RECITADO.

Nas tuas aras, sagrado Numen,
Protesta Adastro, e jura de consagrar

Ao

Ao futuro Monarca rendimento, e fé;
E quando falte ao que promette,
Se lhes transformem em opacas trevas
Os rayos, que luminoſo gyras.
Levanta-ſe.

Def. Arre como jura!

Rey. Amado filho, chega aos meus braços: e tu, Filinto, examina na obediencia de teu menor irmaõ à ſatisfaçaõ cabal do meu deſejo. *Abraça a Adaſtro.*

Mac. He muito bom enſino de Pay, ver peccar o filho, e darlhe os amens! Se elle lhe dera a maõ para o levantar da culpa, lá tinha deſculpa. *à part.*

Adaſt. Duvidoſo ſe calla. *à part.*

Rey. Que vacillas? Naõ cumpres o meu mando? Em que te demoras? *Para Filint.*

Def. Antes por elle cumprir com os mandamentos, he que naõ jura. *à part.*

Filint. Senhor.... eu.... naõ....

Mac. Parece que naõ aſſina. Eſte fim, que guarda os preceitos à riſca, o primeiro faça o que quizer; mas o ſegundo naõ jurarás. *à part.*

Rey. Promptamente obedece.

Filint. Em fim, Senhor, queres que eu jure? E dize-me, com que razaõ aſpira ao Solio Adaſtro? Ignoras por ventura, que ficaõ os ſeus annos inferiores à minha

nha idade ? Naõ ſabes os triunfos, que deve a tua Coroa à minha eſpada ? Em que te ſervio Adaſtro, para lograr comigo os privilegios da competencia? Lograr os teus agrados, póde ſim fazello mais venturoſo, mas naõ mais benemerito ; que as honras do deſtino naõ devem tirar a gloria à heroicidade. Pois ſe nada ignora a tua intelligencia, ſuperfluo imagino o juramento.

Mac. Quando elle naõ tiveſſe outro jus, baſtava-lhe o de *jure jurando*, *juxta textum in lege* .... mas naõ vay a oſtentar.

Rey. Naõ ſó, ingrato, vive na minha memoria impreſſo o que me narras, mas ainda na eſféra da lembrança eſtaõ mais vivos outros cuidados. Lembra-me, que a inimiga Irene amaſte: lembraõ-me os ſuſpiros, que exhalaſte, quando da minha maõ a ſua morte viſte: e julgo que ſe ainda hoje vivera, faltaras ao meu decoro, ſómente por ſatisfazer aos teus affectos.

Deſ. Pois que vay ? ElRey cuida que minha Ama eſtá morta ; que faria, ſe ſoubeſſe que anda em Palacio feita homem ?
à part.

Mac. Eu ſupponho que os dous vem conjurados.
à part.
Filint.

Filint. Apague, Senhor, o teu poder, apague eſſe amoroſo incendio, que te inflama no peito Adaſtro: ſejaõ os teus affectos degráos por onde ſuba ao Throno. Mas eu farey que a plebe....

Rey. Como, atrevido, tens temeridade para os ameaços?

Deſ. Iſto parece-me, que naõ pára aqui; mas com effeito naõ quero ver no que topa: vou-me eſgueirando a contar à machafemea de minha Ama o que ſe paſſa; pois quiz fazerme neſta eleiçaõ andador de novas.

Mac. Ah Senhor, eſpere, que poderá ſervir para teſtemunha; que iſto ſempre parará em morte. *Para Deſenfado.*

Adaſt. Rey, Pay, e Senhor, ſuſpende as iras: ſeja de Filinto o Reino, que eu para timbre da minha gloria muito conſigo no favor que logro.

Rey. Naõ: para caſtigo do ſeu atrevimento farey que neſte dia te veja ati ſó conſtituido Monarca do meu Reino, por ver ſe póde collocallo a plebe à eminencia de que o priva a minha graça. *Vaiſe.*

Deſ. Eu ſupponho, que ElRey quer tirar os olhos ao Principe; pois dizerlhe que neſte dia o ha de ver ſó Monarca, he certo que o quer cegar; mas eu vou dizer

zer a minha Ama, que venha evitar esta cegueira. *Vaise.*

Filint. Em fim, temerario, podes, sem que te embargue o pejo, ainda ser objecto da minha vista?

Adast. Assim fallas, soberbo, com o teu Monarca? Naõ sabes, que dos meus decretos vive pendente a brevidade da tua morte? Procura pois no silencio os privilegios à tua vida; ou a minha espada.... *Empunha.*

Mac. Tenha maõ. Uy Senhor Vossa Alteza mais pequena quer ser Principe, ou Rey de armas?

Filint. Que intentas, traidor? Ainda na tua frente naõ assentou a tyrannia a Coroa. Muito ufano te tem a idéa de huma esperança; mas considera, que na tua escolha ainda ha o prazo de hum dia para o arrependimento.

Mac. Sim senhor, elle já está arrependido, senaõ aqui estou eu por elle, que todos somos peccadores.

Sahe Irene em trage de homem com o nome de Carpio, e Desenfado.

Des. Senhor Carpio Irenico, he isto que lhe digo: ElRey está muito assanhado, e quer cegar ao Senhor Filinto; se naõ se oppoem a esta desgraça, ficará sem a menina dos seus olhos. *Iren.*

Iren. Calla-te, naõ manifeſtes quem ſou. *à Deſenfado.* Principes, ceſſe o voſſo enfado; que naõ he juſto offuſque a Seleucia os jubilos, que hoje goza eſſe apaixonado certamen, que em vós ſe encerra.

Def. Ahi vay minha Ama apregoar as pazes. *à part.*

Adaſt. Diſſimularey. *à part.* Eſſe ſómente he o meu deſignio; porém naõ devo à ſórte eſſa ventura.

Filint. Que fingida modeſtia! *à part.*

Mac. Naõ, o Senhor Adaſtro por ſi he hum coitadinho: o outro he que he mais traquinas.

Filint. Que dizes, atrevido?

Mac. Digo, que Voſſa Alteza he mais reſingueiro, e o ſeu manito he mais medroſo.

Adaſt. Calla-te, ou te matarey.

Mac. Ainda que me mate, verá ſe naõ fallo.

Iren. Patente he à minha experiencia a decoroſa humildade de Adaſtro.

Filint. Ay caro amigo, e como ignoras que he rebuço da traiçaõ aquella caricia!

Adaſt. Ouves aquelles eccos? Pois julga pelas chammas que no ſemblante atea, o irado lume que no peito guarda.

Def.

Def. Ainda naõ ha de eſtar eſcaldado. *à p.*

Iren. Baſta, Principe: parte deſte lugar: naõ faças, que a impaciencia chegue a romper os decoros à tua ſoberania.

Adaſt. Satisfaço o teu goſto; mas peço-te, que lhe intimes as veras, com que extremoſo o adoro: dize-lhe, que nelle reconheço o meu Monarca, e que venturoſo lhe obedeço como Soberano. *Vaiſe.*

Def. Ora vá-ſe andando ſó ſalſinha.

Mac. Bello era eſte Adaſtro para ſer mulher; porque tinha o eſſencial, que he ſer mudavel. Quem viſſe as furias, com que elle eſtava, havia cuidar, que elle era alguma couſa por eſſes ares; no cabo he hum pateta. Ora vamos chegando para palacio. Se ſeraõ já horas? Ah Senhor, iſto ſerá já tarde? *Para Deſenf.*

Def. Naõ: porque, voſſa mercê naõ vê alli o Sol? *Apontando para o Simulacro.*

Mac. Ah ſim, já vejo que he tarde.

Def. Porque?

Mac. Porque aquillo he ſol poſto.

Def. E voſſa mercê vê iſſo?

Mac. Sim ſenhor.

Def. Entaõ naõ ha mais ir à India.

Mac. Pois Senhor, regale-ſe, e adeos.

Def. Voſſa mercê quer companhia?

Mac. Naõ ſenhor, porque eu naõ ſou Capitaõ. *Vaiſe.*

Def.

Deſ. Sim: mas alvoroa como hum Sargento.

Filint. Bella, e adorada Irene....

Iren. Suſpende a voz: calla o meu nome, e chama-me Carpio, que naõ quero communicar ainda às paredes deſte Palacio aquelle arcano, de cuja ignorancia ſó eſtaõ livres os noſſos peitos.

Filint. Ninguem nos ouve, mais que eſſe Criado, cuja fé ſerve de depoſito a eſte ſegredo. Sabes, querida Irene, que intenta meu Pay uſurparme o merecido Solio?

Iren. Já Deſenfado me deu eſſa noticia. Mas dize-me, que obſtaculo intentas à ſua tyrannia?

Deſ. Ainda mais? Diſſe que lhe havia arrancar os olhos fóra, ſó para que naõ viſſe o outro feito Monarca.

Filint. E que poſſo eu fazer?

Iren. O que? Quanto aſpirar o teu deſejo. Anciоſo te venera o povo: elle póde na correcçaõ deſte delicto dar ſatisfaçaõ a duas queixas, à minha vingança, e à tua juſtiça.

Filint. Ay meu bem, e que me pedes!

Deſ. Se ella lhe dá o remedio, pede-lhe a apaga.

Iren. Sabes quem ſou?

Filint.

Filint. Venturoso naõ ignoro, que es a melhor parte da minha alma.

Def. Sim; que esta Irene he os seus peccados. *à part.*

Filint. Sey que da Persia es a soberana Princeza.

Iren. Sabes, que do violento impulso de Policrates foy meu Pay despojo? Sabes que avarento do meu sangue, desprezando os trofeos do meu Reino, quiz fazer alvo das suas tyrannias o meu peito?

Def. Eis-alli o que he ter os peitos brancos, que logo todos querem atirar ao alvo. *à part.*

Iren. Pois sabe, que o traje que observo, he hum dissimulo para o seu estrago: hoje renderá o aleivoso alento, que respira.

Filint. Deoses, que escuto! Meu Pay! He possivel, que quando es o extremoso mimo dos seus agrados, recompenses com huma tyrannia tantos affectos?

Def. Naõ fora elle mulher. *à part.*

Iren. Gratifico-lhe as honras como Carpio, e aborreço-o tyranno como Irene.

Filint. Ay infeliz! Em fim que determinas?

Def. Ella he determinada. *à part.*

Iren. Se intentas com amoroso vinculo unir a minha alma aos teus affectos, tu mesmo has

has de ſer o defenſor da minha injuria; a ElRey has dar a morte.

Filint. A meu Pay? Em vaõ o intentas.

Iren. Pois, ingrato, ſe o teu braço me nega o deſempenho da vingança, outro tenho já na minha defenſa, a cujo extremo goſtoſa recompenſo com a minha maõ: tu perderás ſem remedio neſte dia hum Pay tyranno, e huma eſpoſa amante.

Filint. Ah falſa, ſaõ eſtas as finezas, que me proteſtaſte? Para que me diſſeſte, que à minha preſença te conduzia amor, ſe, a pezar da experiencia, ſó em ti examino odio?

Iren. Em quanto foy juſto, ElRey occultava o odio; mas quando o vejo para comtigo ingrato, rompe os laços a deſeſperaçaõ.

Filint. Eu Parricida! He premio eſte para quem te adora?

Iren. Baſta de adularme, que já ſey me naõ amas.

Filint. Que dizes? Naõ es tu o idolo que idolatro?

Deſ. He bem herege! *à part.*

Iren. Aqui ſe encaminha Eſtella: e pois os teus favores logra, ella te reſponderá.

Filint. Naõ he amor o agrado, que a Eſ-

tella moſtro: ſey que meu Pay a adora; e na attençaõ, que lhe guardo, a hum inimigo liſongeo.

Sahem Eſtella, e Pederneira.

Iren. Oh que ditoſa foy, Senhora, a tua vinda, pois eximiſte de hum damno a quem na tua auſencia ſó vive dos ſuſpiros!

Eſtel. Quando Carpio o affirma, ſerá o meu credito mais divida, que jactancia.

Deſ. Ay, ay, que lá vem Pederneira fuzilando como hum rayo! *à part.*

Ped. Oh, cá eſtá o meu Deſenfado muito divertido. *à part.*

Iren. Filinto, que te idolatra, melhor ſaberá dizerte o que padece.

Filint. Piedoſos Ceos! Que violento eſtylo he eſte de matarme? *à part.*

Eſtel. Em fim, Senhor, pôde na luta dos affectos conſeguir o meu amor os rendimentos? He poſſivel, que no teu peito eſtaõ memorias minhas? *Para Filinto.*

Iren. Só tu es o enleyo goſtoſo dos ſeus cuidados.

Filint. Quem? Eſtella? *Para Irene.*

Iren. Calla-te, perjuro. *Para Filinto.*

Ped. E como eſtará minha Ama fofa! *à p.*

Deſ. Ah Pederneira, quem te tocará a fogo! *à part.*

Eſtel.

Eſtel. Oh, como no ſilencio, que inculca, deſapprova os ſuſpiros, que me exageras! *Para Irene.*

Iren. Sabe que de teus rayos he amante giraſol Filinto, e aquella mudez, que argues, he mais abono de que te idolatra. Naõ ſabes, que a formoſura ao tempo que anima, tambem ſuſpende? Deixa que negue agora às ſuas vozes o goſto que entrega à ſua elevaçaõ.

Deſ. Muito empenhada eſtá minha Ama neſtes amores. *à part.*

Eſtel. Por mais que as tuas expreſſões queiraõ cortar os fios à minha duvida, o deſvio dos ſeus olhos he manifeſto indicio para o meu cuidado.

Iren. Eſſe retiro he preciſo effeito do ſeu pejo; talvez que a minha auſencia lhe eſtrague a cobardia.

Ped. Sim, aquillo nelle he vergonha, que eu bem lha conheço.

Filint. Ay, meu bem, e como he falſo o que proferes! *Para Irene.*

Iren. Tudo he verdade, traidor. *à p.* Naõ duvides pois, Senhora, dos ſeus rendimentos, quando eu ſou fiel teſtemunha dos ſeus cuidados; e para que te deſenganes, eu me auſento, e verás, ſe naõ leva a ſua fineza muitos exceſſos à minha intimativa.

Eſtel. Oh, e como temo, que me deſengane!

Iren. Naõ quero criminarte eſſe receyo, por te naõ uſurpar a prova de que a Filinto eſtimas; mas ſabe, que à minha experiencia ſobra o conhecimento da ſua conſtancia.

ARIA.

A fé de todo o amante
He ſempre mal ſegura;
Chora, promette, e jura;
Mas logo o ſeu querer,
Se he facil em morrer,
Se guia a enganar.
Depois diz, quando ingrato
Já de adorar ſe cança:
Naõ he huma mudança
Defeito no adorar. *Vaiſe.*

Def. Ora minha Pederneira até logo.

Ped. Vaiſe? Mas diga-me, aonde quer, que nos vejamos?

Def. Eu te procurarey na caixa da iſca. *Vaiſe.*

Eſtel. Agora, amado bem, que a falta de Carpio concede com mais deſafogo o indulto às tuas vozes, falla, naõ te ſuſpendas: declara-me eſſe goſtoſo incendio, em que te abrazas.

Ped.

Ped. Senhora, naõ tens que fazer com elle, que eu ſey, que tem muita vergonha; mais repara-lhe tu nos beiços, e verás como eſtaõ encarnados.

Filint. Que importuna! Eſtella, ſe amante o meu deſcanço eſtimas, no eſquecimento deſſe amor, que dizes, acharás o antidoto ao meu tormento; vê que ſimulacro es aos cultos de Policrates; e ſe ſoubeſſe, que nas tuas aras aceitavas outra victima, talvez que na pyra de ſeu peito as chammas amoroſas ſe trasladaſſem em iradas labaredas para a vingança; e aſſim.....

Eſtel. Embarga o ſuſto; fia do meu cuidado eſſa incumbencia; e verás como a gloria, a que aſpiro, naõ paſſa os foros do noſſo ſegredo.

Filint. Sim; porém Carpio.....

Eſtel. Carpio he fiel, e approva o noſſo amor.

Filint. Muitas vezes differe o coraçaõ dos labios, e ſe naõ temera....

Ped. Ey-lo ahi, como he taõ perfeito, por força havia de ter algum ſenaõ.

Eſtel. Se outro embaraço naõ tens para adorarme, já podes concederme a gloria, que ſolicito.

Filint. Ainda outro obſtaculo he remora

dos

dos meus deſejos. . . . Eſtella adeos.

Eſtel. Eſpera, relata-me qual ſeja: porque o naõ expreſſas?

Filint. Por te evitar hum enfado, e por me eximir a hum pejo.

Ped. Eu apoſtarey, que he falta de vontade; pois iſto de querer he ſó do que ſe compoem; mas como elle tem pejo, talvez que o mova. *à part.*

Eſtel. E pretendes, que fique duvidoſa?

Ped. E qual he a duvida.

Filint. Naõ, naõ: mas devo auſentarme.

Eſtel. Em vaõ o intentas, ſem que primeiro diſſolvaõ as minhas duvidas os teus acentos.

Ped. Ay, Senhora, elle naõ aſſenta em couſa certa, porque quer que fique a duvida em pé.

Filint. Em outra occaſiaõ....

Eſtel. Superflua he toda a inſtancia para a eſcuſa.

Ped. Naõ tem que fazer; ha de darnos o goſto de o ouvirmos.

Filint. Pois já que a tua curioſidade quer indagar os intimos archivos de meu peito, ſabe que nas luzes de outros rayos vivo amante maripoſa; outro norte ſigo; naõ te quero, e já me canço de ouvirte: a eſperança, que te dou de amarte, he

he o deſengano de naõ quererte.

Ped. Elle andou como hum negro, mas eu naõ vi fallar mais claro. *à part.*

A R I A.

Filint. Se te promette acaſo
O meu ſemblante affecto,
Vê que te mente o aſpecto,
Vê que te engana, ſim.
Se a outro bem adoro,
A ti ſó te aborreço;
E ſe eu de ti me eſqueço,
Eſquece-te de mim. *Vaiſe.*

Ped. He bom atrevimento! Ay, Senhora, elle deſpede-ſe como quem vay de caminho.

Eſtel. Soberanos Deoſes, que he o que por mim paſſa! Eu ſendo objecto dos deſprezos a hum ingrato, que ſempre foy a imagem dos meus cultos? Mas que aguardo, que naõ gaſto na vingança o tempo, que permitto à queixa! Morra Filinto no meu peito; farey que o odio de Policrates lhe deſtrua a maquina da ſua ſoberba; direy que contra o ſeu decoro ſolicita os meus affectos; e farey que meu irmaõ Alicandro ſe offereça ao partido de Adaſtro.

Ped.

Ped. Ay, Senhora, deixa-te de paixões, e dize-lhe que o leve o diabo, e mais quem lhe quer bem.

Eſtel. Que dizes? Tu naõ vês, que eu ſou quem o idolatra?

Ped. Eu, Senhora, naõ te rogo as pragas a ti, ſenaõ áquelle norte, que elle ſegue, que ſupponho ama tanto a tal menina, que bebe por ella os ventos.

Eſtel. Calla-te, que ſuppoſto que ingrato, he tanto o que lhe quero, que julgo me ſocegara, ſe nas aras das minhas queixas rendeſſe o ſeu amor por victima do aggravo.

Ped. Oh, pois ella para victima he muito boa rez.

Eſtel. Porém como me eſqueço do ſeu deſprezo? Vença a minha ſoberania ao meu affecto: morra, torno a dizer, morra Filinto.

Sahe Alicandro.

Alic. Querida irmã, tempo ha que te buſca a minha diligencia com algum cuidado.

Eſtel. He taõ opportuna a occaſiaõ em que chegas, que ſupponho a regulaſte pelos meus deſejos.

Alic. Nunca mais ancioſo procurey a tua preſença.

Eſtel.

Eſtel. Nem já mais a tua me foy taõ neceſſaria. Sabe pois....

Alic. Eſcuta: ElRey, cego do amor de Adaſtro, pretende preferillo no Throno a Filinto; a Plebe toda em bandos dividida murmura a injuſtiça: tu, que de ElRey dominas o alvedrio, pódes compaſſiva, e juſticeira fazer, com que o ſeu acordo melhore tantos damnos.

Ped. Sim: lá o vay ella agora acordar. Ora o diacho naõ tem ſono. Naõ, olhe Senhor Alicandro, dahi dormir.

Alic. Faze pois, Senhora, que ſeguindo a razaõ, eleve ao Solio o ſoberano Filinto, em cujo heróe ſuſtente o pezo eſta Monarquia.

Eſtel. Que dizes? Filinto heróe! Hum ſoberbo, que imagina, que quanto a impulſos do deſtino goza, tudo he tributo, que ſe lhe paga?

Alic. Que mudança he eſta, que encontro nas tuas vozes? E cres....

Eſtel. Creyo preciſo o ſeu eſtrago para o noſſo credito.

Ped. Faz como mulher honrada. *à part.*

Eſtel. Proxima eſtá a occaſiaõ da ſua deſgraça: naõ te opponhas tu de alguma ſórte à ſua ruina.

Alic. E quem póde, Senhora, mudar o teu peito

peito para tantas iras?

Eſtel. Naõ te pertence o exame do que callo.

Alic. Sim, mas julgaráõ pouca eſtabilidade no teu genio.

Eſtel. A's vezes he prudencia a variedade.

Ped. Se iſſo fora verdade, ninguem era mais prudente, que as mulheres, porque ninguem mais mudavel, que ellas; mas como a prudencia he parte do juizo, naõ he para nós, que todas ſomos humas varias. *à part. Vaiſe.*

Eſtel. Vê o que te encommendo, e fio o deſempenho na obrigaçaõ do teu ſangue. *Vaiſe.*

Alic. Fruſtrado he o ſeu intento contra a minha divida: fiel ſerey a Filinto; que naõ devo manchar hum amor taõ certo nas contingencias de ſer, ou naõ juſtificada a tua queixa.

A R I A.

A' onda, que inconſtante
Se move a todo o inſtante;
Ao vento, que ordinario
Tem por firmeza o vario,
Excede na mudança
O feminil ardor.
Ay de quem triſte eſpera

No

No voſſo amor certeza,
Se tendes ſó firmeza
Em nunca ter amor! *Vaiſe.*

SCENA II.

Camera de ElRey com bofete. Sahe Deſenfado.

Def. ORa vamos ver, ſe Pederneira veyo já para caſa; pois como ſaõ horas de ferir lume, queria petiſcar com ella o meu bocado. Ay negra rapariga, trazeſ-me taõ cego, que te naõ poſſo ver! Mas como hey de eu ver, ſe me falta a menina dos meus olhos? Mas eſperem: que venho eu cá fazer ſem os traſtes, que ella me pedio? Vamos andando, antes que ella por ahi venha: mas naõ, eſperemos, que para tudo haverá deſculpas; em a gente tendo fazenda, logo tem muito remedio. Mas aqui ſinto paſſos, ſe ſerá ella? Es tu minha... *Sahe Filinto com huma carta na maõ.*

Filint. Quem eſtá aqui! Porém que vejo o criado de Irene! Alguma traiçaõ receyo. *à part.*

Def. Ay deſgraçado de mim! Lá vay o meu credito com o diacho. Elle certamente

mente cuida, que eu vinha dormir com seu Pay, pois na sua camara naõ tinha mais que fazer; mas a culpa tem Pederneira, que me mandou vir a este quarto, para agora me fazerem a cama. *à p.*

Filint. Naõ respondes? A que entraste neste sitio?

Def. Quem dera disso para hum empenho.

Filint. Que dizes?

Def. Os trastes de Pederneira que.....

Filint. Naõ te entendo.

Def. Pois he hum asno. *à part.*

Filint. E dizeme, (Ay de mim! Se será cousa de Irene? *à part.*) tu vieste só?

Def. Sim Senhor, eu sou só o cáqui.

Filint. Aparta-te pois deste lugar.

Def. Qual, naõ me vou: se eu quero esperar por ella: assim era eu asno, que perdesse a tolã.

Filint. Vaite, ou te matarey.

Def. Uy, Senhor, se eu tenho necessidade de estar aqui, hey de cá vir sem fazer meus feitos?

Filint. Já a impaciencia.....

Def. Ora tenha maõ: eu me vou, mas saiba que me ausento, porque me manda, senaõ, naõ lhe havia obedecer. (*Retira-se ao Bastidor.*) Mas da qui verey, o que faz, que supponho quererá esperar por Peder-

Pederneira; que a tolice foy dizerlhe eu ao que vinha. *à part.* Ah Senhor do arame, puxe-me aqui para eſte baſtidor. *Eſconde-ſe.*

Filint. Sem offender ao bem, que adoro, venho cumprir com as obrigações do ſangue. Nos mudos caracteres deſte papel (*Tira hum papel*) veja meu Pay o perigo, a que eſtá expoſto: o damno lhe communico, mas que he Irene o author lhe occulto. Aqui pois..... Mas que vejo? ElRey ſe encaminha à ſua habitaçaõ: que farey? Se chega a verme, ſabe que o aviſo he meu, e ha de conſtrangerme a declararlhe o réo: aqui me occultarey.

Poem o papel ſobre o bofete, retira-ſe ao baſtidor, e ſahe Deſenfado.

Def. Ay, que hiſtoria he eſta? Sua Alteza jogando as cartas ſó! Se ſerá elle fradinho da maõ furada? Ora vamos ver, que tratada he eſta, que talvez me ſirva de alguma couſa. (*Sahe.*) Ah naõ me enganey, aqui eſtaõ letras, entaõ já poſſo comprar a Pederneira o que ella quizer. Mas aqui vem ElRey, verey ſe me quer rebater a divida. *Pega nos papeis.*

Filint. Que vejo? Sahirey a caſtigarlhe a ouſadia: mas ElRey... *Faz que ſahe, e retiraſe, à part.* *Sahe*

Sahe ElRey, ſem ver a Deſenfado.

Rey. Que pretenda hum filho ingrato pôr ſujeiçõcs aos meus decretos! Naõ ſey como a impaciencia me naõ mata. *à p.*

Deſ. Senhor, aqui eſtá o filho da folha. *Com o papel na maõ.*

Sahem Eſtella, e Pederneira.

Rey. Mas que vejo! Que motivo, meu bem, te obriga a concederme a gloria de verte neſta eſtancia? *Para Eſtella.*

Eſtel. Agora vinganças. *à part.* O procurar na tua preſença aſylo para tanto inſulto, que ainda naõ baſta neſte Palacio conſeguir os teus favores para eximirme de atrevidos aggravos.

Deſ. ElRey, como percebeo que iſto era couſa de letra, faz ouvidos de Mercador. *à part.*

Rey. E quem he o ſacrilego, que offende na tua deſattençaõ o meu reſpeito? Que delicto encontrou em ti a ſua barbaridade?

Ped. Cá eſtá Deſenfado, verey ſe me traz o que lhe pedi. *à part.*

Eſtel. O delicto, que o move, he a minha conſtancia para os teus affectos.

Ped. Ora vejaõ minha ama como mente. *à p.*

Rey. Manifeſta-me o traidor, e verás no ſeu eſtrago o deſempenho da minha ira.

Eſtel.

Eel. Hum filho teu procura com repetidas inſtancias uſurpar o ſocego ao meu deſcanço: ſolicito amante me perſegue, e eſcuto os ameaços da minha morte, quando os meus enfados daõ a repoſſa aos ſeus deſvélos.

Filint. Deoſes, que ouço! *à part.*

Ped. Ay Senhor, hontem eſtava elle de ſórte, que punha os olhos em alvo.

Para ElRey.

Def. E a ti nada te paſſa em claro.

Rey. Do meu querido Adaſtro naõ póde ſer a offenſa: Filinto he o falſo.

Eſtel. Naõ ſe enganou, Senhor, a tua idéa: Filinto he o que importuno amante me ſegue: vê que he Principe, e conſidera o remedio preciſo para taõ grande aſſalto.

Def. O verdadeiro he deixarlhe avançar a brecha. *à part.*

Filint. Ay infeliz, tudo ſe conjura contra a minha ſórte. *à part.*

Def. Talvez que iſto ſeja alguma Carta de amores, que elle deixaſſe aqui para que ella a viſſe; mas ElRey premiará a minha lealdade. Senhor.... *Para ElRey.*

Rey. Como permittis, ſoberano Deoſes, tal atrevimento? Suſpende, Senhora, o teu cuidado, que eu darey no ſeu caſtigo ſatiſ-

satisfaçaõ a tantas queixas; farey . . . . mas basta, tu o verás.

Filint. Dura pena! *à part.*

Estel. Naõ foy a minha industria frustrada idéa para a minha vingança. *à part.*

Def. Senhor, Vossa Magestade naõ ouve?

Rey. Ah ingrato filho! Mas quem está aqui? *Para Desenfado.*

Def. Eu Senhor, que estou com esta petiçaõ esperando, que Vossa Magestade acabe de despachar: aqui verá a minha fé, e os meus serviços.

Dá o papel a ElRey, o qual o lê para si.

Estel. Se eu pudera, Senhor, executar o seu castigo.... Mas que mysterioso papel lhe traslada as côres para o semblante, que ao examinallo attento, o vejo absorto? *à part.*

Def. Naõ digo eu? Saõ ciumes; hoje andará tudo azul, ainda que elle está-se fazendo de mil cores. *à part.*

Ped. Que papel será aquelle? Deve ser algum desafio. E como está desmayado! Ora naõ ha cousa como o medo, que faz ter cara de homem branco. *à part.*

Rey. Piedosos Ceos, ha mais infortunios, que se conspirem contra a minha vida? Ha mais infausto dia?

Def.

Deſ. Olhe, ahi verá o que me deve Voſſa Mageſtade.

Eſtel. Que ſubito motivo occaſiona, Senhor, os teus cuidados?

Rey. Vem cá, dize-me, quem te deu eſte papel? *Para Deſenfado.*

Deſ. Iſſo he curioſidade minha.

Sahe Adaſtro.

Adaſt. Pay, e Senhor: mas que vejo? Tu com o aſpecto alterado?

Rey. Ouve, amado filho, e perde as duvidas no ſuſto. *Lê ElRey a Carta.* Policrates quem preſumes amigo, caviloſo arma ciladas à tua vida. Neſte dia ſe te prepara o golpe: morrerás, ſe os que mais amas, naõ deſvias da tua preſença: quem te aviſa he fiel; cre-o, e vive.

Eſtel. O horror me paſma!

Deſ. Ay que eſtou perdido! *à part.*

Ped. Lá vay Deſenfado com abreca! *à p.*

Rey. Dize, traidor, quem me enviou eſte papel, ou perderás a vida. *Para Deſenf.*

Deſ. Eu Senhor, vim.... peguey no papel.... (Ay que hoje me leva o diabo!) *à part.*

Ped. Deſenfado eſtá galante papel! *à part.*

Filint. Miſero Pay! *à part.*

Adaſt. Alviçaras, induſtrias, naõ percaõ as

minhas traças esta occasião. *à p.* Se queres que te defenda, calla-te. *Para Def.*

Def. Oh lá se quero: sim senhor, mas olhe não me pregue o calo. *Para Adast.*

Rey. Não falla Adastro? Estella emmudece? E tu traidor te callas?

Estel. A confusão me embarga as vozes. *à p.*

Adast. Senhor, se até agora callou esse criado, foy por querer com o silencio illustrar a tua fé; e se as minhas vozes te não expressaraõ logo ser esse papel artificio da minha vigilancia, foy por te occultar o réo, que tanto estimas.

Def. Eis-alli a verdade, e por final que estava sobre aquelle bofete.

Rey. Que dizes?

Adast. Delirio he, Senhor, aquelle do seu susto; que eu sou o author desse aviso, e do seu segredo quiz fiar esta incumbencia.

Filint. Ah falso! Ah mentiroso! *à part.*

Rey. Tu conheces o réo, e ainda negas às minhas iras esse desafogo?

Def. Agora que estaõ às razões, me vou sem fazer bulha. *à part. e vaise.*

Ped. Como se foy Desenfado, vou saber da minha encomenda. *à part. e vaise.*

Adast. Adorado Pay, seja a tua clemencia castigo do imaginado arrojo: *Ajoelha.*

Basta

Baſta que fique ſegura a tua vida com o arrependimento de quem buſcava a tua morte: naõ queiras manchar o teu ſangue com a tua eſpada: Filinto he, Senhor, o réo; vê que he teu filho, e meu irmaõ. Aſſim grangearey a Filinto mais odios de ElRey. *à part.*

Filint. Pezares, como me naõ eſtragais a tolerancia? *à part.*

Rey. Levanta-te, Adaſtro, e dize-me quem te communicou eſſe ſegredo?

Adaſt. O meſmo Filinto. Elle convidando-me por ſocio para os teus eſtragos, me deſcubrio ſeu peito; e vendo que da ſua traiçaõ recuſava a companhia a minha fidelidade, jurou na minha preſença a tua morte. Eu levado do ſuſto, e prezo da piedade, quiz neſſe papel noticiarte o golpe, ſem te dizer o braço.

Sahe Filinto.

Filint. Adaſtro mente, que eſſe papel he feito por Filinto.

Adaſt. Porém que vejo? *à parte.*

Eſtel. Que examino? *à parte.*

Rey. Filinto occulto no meu quarto? *à p.*

Adaſt. Importa-me esforçar o engano para conſeguir a Coroa. *à p.* Prova he eſta, Senhor, do ſeu delicto.

Filint. Mentes traidor ; que a minha fé ſó me rege os paſſos à ſua viſta : o empenho de ſalvarte , foy quem me deteve neſte ſitio. Vê, Senhor, que hum vaſſallo, que eſtimas, procura inceſſante a tua mortal ruina.

Sahe Irene.

Iren. Quem for traidor ao meu Monarca, achará na reſiſtencia do meu braço hum obſtaculo para os ſeus intentos.

Filint. Só a preſença de Irene faltava para o meu martyrio. *à part.*

Rey. Ay caro amigo, vê neſſe papel as penas, que o fado me deſtina.

ElRey dá o papel a Irene, e eſta o lê.

Iren. Diſſimularey o meu delicto. *à part.* De quem he, Senhor, eſte aviſo? Sabes o author do crime? *Para ElRey.*

Adaſt. Eſta noticia deve Policrates à minha fé.

Filint. Eſſe falſo te engana : eu fuy , Carpio, o author daquelle aviſo.

Iren. Ah falſo! *à part.*

Rey. Pois que te dilatas , que o réo me naõ publicas?

Filint. Naõ me permitte a ſorte eſſe privilegio.

Iren.

Iren. Com eſſa induſtria pretendes, fementido, dar deſculpas ao teu engano? Em que reparas? Se o delicto diſſeſte, para que o author nos occultaſte? A fidelidade já eſtá quebrada; dize pois, ou às minhas mãos.... *Ajoelha aos pés de ElRey.* Senhor, deſculpa os meus exceſſos, pois o teu amor me guia os paſſos, que eu naõ te aggravo, quando por teu reſpeito aſſim me altero. *Levanta-ſe.*

Eſtel. Que valor!

Rey. Ay verdadeiro amigo, quanto te devo!

Iren. Oh quanto te enganas na fé, que em mim preſumes! *à part.*

Rey. Aprende, ingrato filho, naquelle peito nobre a ſer fiel. Elle, ſendo eſtrangeiro, move-o o meu favor; e tu, ſendo meu filho, eſqueces-te do ſangue.

Filint. Oh como ignora, que Irene he o mayor inimigo da ſua vida! Porém o amor me obriga a que me calle. *à part.*

Adaſt. Falla: quem tem por aſylo a innocencia naõ emmudece.

Filint. Defenderme naõ poſſo; porém ſem culpa vivo.

Iren. A minha preſença o ſofoca. *à parte.* Falla traidor. *para Filint.*

Filint. Tambem Irene goſta de matarme? *à parte.*

Rey.

Rey. Adaſtro, aquelle ſilencio he clara confiſſaõ do ſeu delicto.

Adaſt. Nunca Adaſtro mente, quando comtigo falla.

Iren. Se hum mentiroſo buſcas, em Filinto o encontras.

Filint. Muito me ſuporto. Carpio, baſta de apurarme, tu queres.....

Iren. Quero que ao teu Rey eximas dos cuidados, declarando o agreſſor de tanto inſulto.

Filint. Dize-me, e que poſſo eu dizer?

Iren. Dirás, tyranno, que eu ſou o ingrato contra o meu Rey. Dirás que tu es o fiel, e eu o traidor, exime-te da culpa, e poem em mim a nota. Naõ dizes iſto?

Rey. Pouco importára, que elle mo diſſera, quando a minha experiencia he teſtemunha da tua fidelidade.

Iren. Oh ſe o coraçaõ de Filinto fora taõ ſincéro!

Rey. Traidor o reconheço, pois nem riſca a ſuſpeita, nem o perdaõ me roga.

Filint. Defenderme naõ poſſo; porém ſem culpa vivo.

Adaſt. Vive ſem culpa, quem nega a hum Pay a obediencia para o juramento?

Eſtel. Naõ te crimina a ouſadia de perſeguirme amante?

Rey.

Rey. Verte no meu quarto occulto naõ he indicio da tua traiçaõ?

Iren. Naõ te accúſa eſcrever hum papel, e callarte abſorto, quando agreſſor te inquiro?

Filint. Todos me arguis de traidor, e a reſpoſta que tenho, he o ſentimento com que lido. Sou fiel, e mais naõ digo.

ARIA.

Tyranna a minha ſorte
A minha morte ordena,
Hum falſo me condemna,
Hum impio, huma inimiga,
Hum Pay: tudo he pezar.
Ao ſeu rigor violento
Os move taõ ſómente
O verme innocente
Para me ver penar. *Vaiſe.*

Rey. Olá, os paſſos de Filinto ſe examinem.

Iren. Eu ſerey, Senhor, quem obedeça aos teus decretos.

Adaſt. Ainda temes hum ingrato à viſta de tanto fidedigno?

Rey. Ainda o traidor eſtá incerto ao meu conhecimento.

Iren. Pódes duvidar da minha fé?

Rey.

Rey. Naõ, amigo, antes da tua diligencia fio a exacçaõ de tanta tyrannia: procura tu ſaber quem me pretende a morte.

Iren. Oh ſe ſoubeſſe, que eu ſou quem lhe ſolicita breves os inſtantes da ſua vida. *à parte.* Ninguem com mayor ancia ſerá executor dos teus preceitos. *para ElRey.*

Rey. Naõ ſinto perder hum filho ingrato, a preço de alcançar hum ſubdito conſtante. *Vaiſe.*

Adaſt. Pôde algum dia, Senhora, chegar à tua idéa a traiçaõ de Filinto? *para Eſtel.*

Eſtel. Sempre da ſua ſoberba vaticiney eſte ſucceſſo. *para Adaſtro.*

Iren. Suſpendey os eccos, Adaſtro, mova-te ao ſilencio ver, que Filinto he teu irmaõ mais velho; e tu, Eſtella, conſidera que he teu Monarca.

Adaſt. Que piedade! *à parte.*

Eſtel. Que defenſa! *à parte.*

Adaſt. Naõ eras tu até agora quem lhe dezejava a morte?

Eſtel. Pois para que nos argues, quando tu foſte o exemplo das noſſas iras?

Iren. Eu poſſo dizello, e vós deveis callarvos.

Adaſt. Parece que no teu peito ſó tem lugar a inconſtancia, pois apenas o ſuſpiravas morto, quando logo te empenhas para os ſeus auxilios. *Iren.*

Iren. Da voſſa fantazia he chimera a minha mudança, que eu ſempre ſou o meſmo Carpio.

Eſtel. O meſmo? Eu naõ te entendo.

Adaſt. Eſſas palavras naõ ſaõ verdadeiras imagens de hum ſó penſamento.

Iren. Se outro julgais que he, bem preſumis. *Vaiſe.*

Eſtel. Grande myſterio inclue nas palavras que profere!

Adaſt. E tu dás credito às ſuas vozes? Enigmas ſaõ as praticas dos validos, e quanto menos ſe explicaõ, mais applauſos lograõ.

Eſtel. Eu confeſſo, que o naõ comprehendo; pois em hum ſó inſtante o vejo mudar de aſpecto, e penſamentos. Ay infeliz de mim, que temo o que ignoro, e ignoro o que eſpero!

ARIA.

Duvido o que eſpero,
E temo o que ignoro,
Alegro-me, e choro,
Sem ſaber porque.
O ſuſto me mata,
Mas neſta mudança
A minha eſperança
Me alenta o viver. *Vaiſe.*
Adaſt.

Adaſt. Coraçaõ, naõ deſmaies na empreza: grande gloria devo à ventura das minhas aſtucias: com eſte engano lograrey o Ceptro.

OITAVA RECITADA.

Suppra o engenho as faltas do deſtino,
Que nem ſempre a traiçaõ he vilania;
Nem devo ſuportar, ao que imagino,
Attento ao bem alheyo, a ſorte impia.
Ao regio ſolio de que o fado indigno
Por menor me privou a tyrannia,
Hoje me eleve, e eſpero neſte empenho
Riſque a nota do vil o agudo engenho.

ARIA.

Naõ tema o peito
Já mais os damnos,
Se os meus enganos
Forem aſſim.
E quando ao goſto
Falte a victoria,
Ficarme-há a gloria
Do intento em fim. *Vaiſe.*

SCE-

SCENA III.

Viſta de Camera. Sahe Pederneira.

Pedern. ORa já me vay tardando o Senhor Deſenfado: elle depois que lhe eu pedi os brincos, as meyas, os ſinaes, anda fugindo de ſe encontrar comigo. Eu naõ vi melhor modo para a gente ſe livrar de amantes, do que he pedirlhe, que elles por ſi ſó daõ ſuſpiros, e ays. Verdade he, que tambem de nós ſó recebem parolas. Tomára que já me trouxera eſta tolã para me pegar a outro; que nós ſomos como peſſas de leilaõ, que vamos para quem dá mais. Cuidaõ eſtes basbaques, que em nos dar muito, que logo nos cativaõ; mas naõ ſe enganaõ, que nós ſó nos vendemos, quando a poder de dinheiro ſomos compradas. *Batem dentro.* Mas alli ſinto gente, ſupponho que ſerá elle. Quem he?

Vay abrir a porta, e ſahe Macaco.

Mac. Quem ha de ſer, bella Pederneira, de quem a minha cara de aſſo tira tantas faiſcas, que cada huma *contempta magnum excitavit incendium.* Quem ha de ſer, ſenaõ o teu

o teu Macaco, que prezo nas correntes de teus olhos anda ſempre amarrado ao polido cepo do teu nariz.

Pedern. Ora, Senhor Macaco, vá bugiar, e naõ ſeja atrevido vir deſinquietar ao ſeu quarto huma donzella.

Mac. Ay menina, eu naõ cuidey que era deſcredito hir aos quartos em que moraõ as donzellas; ainda que niſto me parece que fallas com encarecimento: mas ſabe que eu vinha.....

Pedern. Ao que vinha? Diga, ao que vinha ao meu quarto?

Mac. A fazer horas.

Pedern. Pois va-ſe andando, que naõ eſtou para ouvir as ſuas badeladas, e macaquices.

Mac. Ora vejaõ a bugia, tu cuidas que eu ſou algum mono.

Pedern. Senhor Nico, faça o que lhe digo, va-ſe andando, que eſtou eſperando por gente.

Mac. Já entendo: ſupponho que he algum ſalafrario, que vem petiſcar em Pederneira. *àp.* Pois Senhora, eu naõ me vou.

Pedern. Porque naõ?

Mac. Porque? Eu naõ ſou capaz de apparecer diante de gente?

Pedern. Eu eſtou em minha caſa, e poſſo levantar-

levantarme às maiores com voſſé.

Mac. Eſpera naõ te levantes comigo. Ah Senhores taõ máo ſou eu, que ſe levantaõ as pedras contra mim? E pergunto, eu naõ poſſo ſaber que eſſe ſujeito cá vem fazer?

Pedern. Naõ Senhor, que cada qual vem ao ſeu negocio.

Mac. Pois eu naõ ſó ſou capaz de fallar em negocios, mas de untar as mãos com humas boas luvas.

Pedern. Que ouço! Eſte ſim, que he bom para amante, que logo promette do pé para a mão. *à parte.* Pois ſe v. m. quer ficar, eſta caſa eſtá muito às ſuas ordens. Mas que me ha de v.m. dar de eſtar aqui?

Mac. Darte-hey quanto tu quizeres.

Pedern. Pois eu o que quero ſaõ huns brincos, humas meyas, e huns ſinaes.

Mac. Uy! iſſo naõ he nada para quem tanto dezeja fazerte a vontade. Mas eu tambem quero.....

Pedern. Que quer?

Mac. Eu quero fazer comtigo hum ajuſte.

Pedern. Primeiro me ha de paſſar para cá o ſinal.

Mac. Sim, no ſinal naõ haverá duvida.

Pedern. Ora diga, diga o que quer?

Mac. Eu quero fazer com voſſé hum ajuſte:

te: quanto me dá, e prometto ſer ſeus amores?

Chega Deſenfado ao baſtidor.

Dez. Parece-me que ouço cá fallar: antes que entre verey o que ſe diz. Mas ay, ay meus peccados, cá eſtá o Sevandija mór! Tomára ſaber que confiança tem para cá entrar eſte Sevandija? Vejamos o que diz. *à parte.*

Pedern. He boa hiſtoria! Com que eu he que lhe hey de dar? V. m. pede como quem ſe deſpede.

Mac. Pois naõ diz o que me dá?

Pedern. Darlhe-hey muita pancada.

Sahe Deſenfado aos murros a Macaco.

Deſ. Eu vou emparelhado neſſe ajuſte: mas que contratos ſaõ eſtes? *Dalhe.*

Mac. Ah que delRey. Ah Senhora, o Senhor he ſeu marido?

Pedern. Naõ, mas eſtamos ajuſtados.

Mac. Entaõ viſto eſtarem ajuſtados, naõ os quero eſtorvar. *Faz que ſe vay.*

Deſ. Ah Senhor Sevandija, venha cá, a que entrou v. m. aqui?

Mac. Eu ſim.... fui.... e vim.... mais ella.... porém paciencia. *Faz que ſe vay.*

Pedern. Eſpere: Uy! taõ feyo he eſte homem,

mem, que lhe mete medo? Naõ quero que Deſenfado deſconfie de mim, e ao depois me naõ dê os traſtes. *à parte.* Diga ao que veyo, e naõ ſe aſſuſte.

Mac. O que hey de eu dizer? mas já me occorre. *à parte.* Eu Senhor, tive noticia que eſta menina tinha neceſſidade de huns traſtes para ſeu uſo, vinha a trazerlhos, e no tempo do ajuſte ſuccedeo v. m. vir à pancada.

Deſ. Iſto he verdade, porque ella me tinha a mim feito a meſma encomenda. *à part.* Mas digame, e como ſoube v.m. que eſta rapariga neceſſitava diſſo?

Mac. Cá por certos ſinaes.

Deſ. Naõ ha duvida que ella mos tinha pedido. *à part.* E digame tralos ahi?

Mac. Aqui ſó tenho os ſinaes das pancadas que v. m. me deu.

Deſ. Ora pois vá buſcar eſſas couſas.

Mac. Sim Senhor, mas por quem hey de perguntar quando cá vier?

Deſ. Porque? v. m. naõ me conhece que eſtivemos acolá no Templo?

Mac. Sim, mas naõ lhe ſey o ſeu nome.

Deſ. Olhe quando cá vier pergunte por Deſenfado Pederneiro. E ſe v. m. tardar, por quem hey de inquirir?

Mac. Se eu tardar, naõ tem mais que perguntar por mim.

Deſ.

Def. Pergunto, como he o ſeu epitheto?

Mac. O meu nome he que ſupponho quer ſaber?

Def. Sim Senhor.

Mac. Pois eu chamo-me Bonecro.

Def. Aonde aſſiſte?

Mac. Aqui entre os baſtidores; porque v.m.naõ vê as luzes que eſtou eſpalhando?

Def. Deve de ſer alguma véla de ſebo.

Mac. Mas fallando como gente, com perdaõ de v. m. eu chamo-me Macaco Gonçalves Barulho, ſou aqui Criado delRey, e muito amigo do Senhor ſeu Amo, e de ſeu Pay, que eſtá gozando do inferno.

Def. Bom he ter amigos, que huns puxaõ pelos outros. Pois, Senhor Macaco Gonçalves Barulho, aqui eſtou para lhe obedecer.

Mac. Aos pés do Senhor Deſenfado Pederneiro. *Vaiſe.*

Def. Muito bons çapatos, e muito boas meyas! Ora minha Pederneira.....

Pedern. Primeiro que tudo ſaibamos ſe me traz os traſtes, quando naõ póde-ſe hir ſafando.

Def. Eiſahi porque eu naõ trago comigo traſtes.

Pedern. Porque?

Def. Por me naõ ſafar.

Pedern.

Pedern. Pois naõ mos comprou?

Def. Naõ, mas andey traſtejando todo o dia para os achar.

Pedern. E entaõ o que fez?

Def. Eu poſſo mais que fazerme em pedaços por ti.

Pedern. Aſſim o ſupponho, que voſſé já quebrou comigo.

Def. Como quebrey, ſe nós ainda naõ fizemos os noſſos contratos?

Pedern. Diga, porque me naõ trouxe os brincos?

Def. Porque ſaõ difficultoſos a achar; ſe tu quizeres cadeados iſſo a cada porta.

Pedern. E as meyas tambem as naõ achou?

Def. Eu ſim achey algumas meyas feitas, mas quero deixallas acabar.

Pedern. Arre lá co' deſmazello! nada acha.

Def. Tomára-me eu achar, que ando bem perdido por ti.

Pedern. E os ſinaes? He capaz de dizerme na minha cara, que os naõ ha.

Def. Naõ, nos ſinaes naõ foi o deſcuido, o diabo foi eſquecerem-me.

Pedern. Ora pois vá já, e logo buſcallos.

Def. Primeiro temos nós que fazer.

Pedern. O que?

Def. Quero buſcar hum pé de cantiga para te ſocegar.

Pedern. Agora que eſtou com preſſa he que ſe quer pôr de re, mi, fa, ſol?

Deſ. Ora faça alguma couſa, Senhora Iſabel Macáo.

Pedern. Lá vay, Senhor Joaõ Gomes.

DUETO.

Deſ. Se eu morrer enfeitiçado,
Choro, lambo, meu feitiço.

Pedern. Va-ſe embora dezeſtrado,
Ha de ſer para mor diſſo.

Deſ. Iſſo meſmo, e porque?

Pedern. Ha de ſer para mor diſſo.

Deſ. Venha cá.

Pedern. Naõ, naõ quero.

Ambos. Ora vá, vá bugiar.

Deſ. Ay minha Iſabel naõ fujas.

Pedern. Paſſa fóra.

Deſ. Ay, ay, agora.

Pedern. Paſſa fóra.
Va-ſe, va-ſe.

Deſ. Naõ, naõ quero.

Ambos. Ora vá, vá bugiar.

ACTO II.

SCENA I.

Viſta de Parque Real. Sahe Eſtella.

Eſtel. OH que funeſto alivio he o de huma vingança! e quantas vezes me tem aſſaltado o arrependimento, pois temo ſinta Filinto com os meus enganos os ſeus eſtragos!

Sahe Filinto.

Filint. Em fim, tyranna Eſtella, eſtás ſatisfeita já com a minha ruina?

Eſtel. Amado Principe, Senhor..... O pejo me ſofoca. *à parte.*

Filint. Em fim tiveſte coraçaõ para ultrajarme?

Eſtel. O teu deſprezo foi, Principe, o motivo do meu cego arrojo; porém agora aos teus pés ſatisfarey com as minhas lagrimas a tua offenſa: perdo-ame o aggravo: eu direy a Policrates a minha culpa, e a tua innocencia: ſaberá que eu fuy.....

Filint. O meu eſtrago, e a tua ruina: na-

da executes, que poderá ſer mayor prova eſſa piedade: antes eſtimo a nota que padeço, do que ver em meu Pay a ſuſpeita de que me adoras, e que da paixaõ movida nos disfarces da tua culpa queres amante eximirme a hum precipicio.

Eſtel. Quanto para o teu perdaõ me intimar o teu preceito ſerá empenho da minha obediencia: manda, ordena, quanto quizeres, que nunca em mim verás a repugnancia; porém has de eſquecer o meu delicto.

Filint. Se tanto queres obedecerme, ſeja recompenſa do teu crime o naõ amarme.

Eſtel. Tyranna ſentença! Ay, e como hey de deixar de quererte?

Filint. Eſta ſatisfaçaõ ſó peço à tua culpa.

ARIA.

Eſtel. Callando ſentirey
O meu deſtino avaro:
Mas que te naõ ame, oh caro,
Difficil me ſerá.
Em que te offende ingrato
O meu amante peito?
Naõ baſta eſtar ſujeito?
Pois que lhe queres mais?

Vaiſe.

Filint.

Filint. Oh quem pudéra conſeguir em Irene a piedade, como em Eſtella logro os rendimentos. *Quer hirſe.*

Sahe Irene.

Iren. Suſpende o paſſo, infame.

Filint. Ainda me perſegues, falſa?

Iren. Ainda naõ eſtá ſatisfeita a minha ira.

Filint. Vás por ventura a duplicar infamias à minha innocencia?

Iren. Vens por ventura a decifrar naquelle papel o aggreſſor do crime?

Filint. Em que te offendeo aquelle papel com o ſeu aviſo, ſe eu ſó conſegui os creditos de delinquente? Vê que me reporto, e baſte.

Iren. E eu em que te aggravey, ſe os meus exceſſos ſó foraõ para acreditar a minha lealdade?

Filint. Pois ſe ainda na tua lembrança conſervas alguns ſinaes do meu amor, ſó te peço, que a morte, que intentas contra meu Pay, a traslades compaſſiva para o meu peito.

Iren. Eu Filinto, naõ ſey confundir aggravos com amores: eu amo ao filho, e aborreço ao Pay, e deſta ſórte ſatisfaço a meu Pay defunto.

Filint. Se tu procuras ſatisfaçaõ a hum inſulto

ſulto commettido, eu pretendo os deſvios a hum golpe deſtinado, e mais razaõ tem a minha defenſa, do que a tua vingança.

Iren. Pois, ingrato, já que he taõ diminuto o teu affecto, que cedem as ſuas vehemencias a alheyas deſgraças, ſegue os teus intentos, que os meus ſeráõ deſde hoje transferir em odio, quanto o carinho ſoube grangear affecto: deſde hoje ſeráõ os noſſos deſvelos ſómente para os males: tu dirás a ElRey, que eu ſou o traidor, e eu com as minhas aſtucias, esforçando o engano do teu crime, farey que as minhas induſtrias ſuperem as tuas verdades.

Filint. Meu bem, ſuſpende as iras.

Iren. Sofóca as vozes: naõ pertencem a quem te buſca os damnos, eſſes epithetos.

Filint. E o meu amor?

Iren. Se queres que te eſcute, deixa o amor, e falla-me em vingança.

Filint. Pois eu devo.....

Iren. Eſquecerte de Irene.

Filint. Pois Irene adeos: e já que he tanta a tua tyrannia, hirey buſcar na morte huma piedade: a ElRey direy que ſou o reo, e acabarey na vingança, que de mim tome, a infeliz vida, que tanto me maltrata. *Faz que ſe vay.*

Iren.

Iren. Eſpera, naõ te auſentes.

Filint. Deixa, Senhora, apreſſar os meus paſſos para a minha morte.

Iren. Ouve: eſſe arrojo que intentas, nem a ElRey exime da minha furia, nem ati de huma ruina.

Filint. Baſta-me para gloria huma innocencia; mas já que de outra ſórte naõ cedem as tuas iras aos meus deſgoſtos, ſaberá ElRey, que tu es o traidor.

Iren. Vay falſo, vay perjuro, ſolicita os meus damnos, que acharás em mim a meſma recompenſa, e verás ſe a minha fé naõ te uſurpa das veyas o fementido ſangue. *Faz que ſe vay.*

Filint. Eſpera ingrata: ſe o meu ſangue intentas, victima aos teus olhos farey deſta innocente vida.

Tira de hum punhal para ferirſe, e ſahe ElRey.

Rey. Suſpende traidor o arrojo.

Iren. Oh Deoſes!

Rey. Ingrato contra hum amigo que tanto quero, procuras neſſe ferro a ſua morte? Nega agora o teu crime, dize que he falſo, mas os meus olhos ſeráõ teſtemunhas do teu arrojo.

Filint. Verdade he, Senhor, o meu delicto; eu ſou quem te aggrava, e a Carpio

pio offende, e ſó a minha morte ſatisfará tantas injurias.

Iren. Soberanos Deoſes, naõ deſampareis aquella innocente vida. *à parte.*

Rey. Olá da minha guarda, levay a Filinto, e nunca da ſua preſença falteis hum ſó inſtante.

Sahem alguns Soldados.

Iren. Senhor, Filinto naõ queria a minha offenſa; cego da ſua pena quiz fazer o proprio peito alvo dos ſeus ameaços.

Rey. Em vaõ intentas com piedoſo engano eximillo aos meus furores. Dize-me pois, porque te retiravas?

Iren. Naõ era cobardia o meu deſvio.

Filint. Até na compaixaõ que moſtras, indicas que me aborreces. Se intentas com eſſa piedade accumular inſtantes à minha vida, ſabe que he tyrannia eſtorvar a minha morte.

Rey Satisfarás eſſe dezejo: poucos inſtantes teraõ os teus alentos falſos.

Iren. Ay infeliz! *à p.* Senhor, modera a colera, pois no ſeu caſtigo com mais vehemencia creſce a tua ruina. Filinto ainda naõ declarou o reo, e póde ſer que eſte naõ execute o golpe, por ver que Filinto o ſabe. Se a morte lhe dás, poderá

com

com menos ſuſto executar o traidor os ſeus intentos.

Rey. Bem te occorreo o meu perigo. Oh quanto te devo! Nunca, querido amigo, te tires do meu lado.

Filint. Tal vez que neſſa vigilancia cumpras as leys ao fado. Dize-me, Senhor, naõ póde ſer Carpio quem te offenda?

Iren. Eu traidor?

Filint. Em qualquer póde occultarſe o inimigo. Senhor, da tua cautella ſó fia a tua vida.

Rey. Calla-te infame, e parte.

ARIA.

Filint. Infame me julgas?
Que pena tyranna!
Vê bem quem te engana:
Que pena he callar!
Sou filho, e tu Pay,
Uſurpa-me a vida;
Mas vê que a ferida
Na falta que faço
Te póde matar.

Vaiſe com os Soldados.

Iren. Vacilante eſtá ElRey. *à parte.*

Rey. Muitas ſaõ as provas da traiçaõ de Filinto. *à parte.*

Iren.

Iren. Se eſtará ElRey por ventura fazendo reflexaõ nas palavras daquelle ingrato. *à parte.*

Rey. Carpio traidor? porque motivo? *à p.*

Iren. Se a ſua deſconfiança ſe encaminha à minha ſuſpeita, perco todos os meyos para os meus deſignios; porém agora que a occaſiaõ me ſegura a felicidade, com naõ ter teſtemunhas do delicto... *à p.*

Tira a eſpada.

Rey. Filinto para ſe eximir da culpa, impoem a Carpio a nota. *à parte.*

Iren. Seja a ſua vida victima nos altares da minha vingança. *à parte.*

Vay a ferir ElRey por de traz, e ſahe Adaſtro.

Adaſt. Senhor.

Iren. Oh Deoſes, que infeliz acaſo! *à part.*

Adaſt. De que te ſervia, Carpio, o mortal inſtrumento, que na maõ enpunhavas?

Iren. Valha-me a induſtria. *à parte.* Para depollo como troféo às plantas d'ElRey meu Senhor; que pôde haver quem caviloſo quiz manchar com eſcrupulos a minha fé; e primeiro eſtá a minha honra do que a minha vida. Eu traidor! oh Deoſes! Naõ podia o tyranno Filinto pôr mais injurioſa macula à minha alma. Aos teus pés. (*ajoelha.*) Soberano Monarca,

ca, offerece Carpio a eſpada, e a liberdade, e ſó pede a reſtituiçaõ, quando no conhecimento do traidor fique deſperſuadida a ſuſpeita da ſua infidelidade.

Rey. Que fiel ofrenda! Levanta-te, e recebe a tua eſpada.

Iren. Soccorro aſtucias. *à p.* Senhor, a minha obediencia agora naõ he devida.

Rey. Eu to peço, e ElRey to manda.

Iren. Pois deſſa ſorte executo o teu goſto, e cumpro o teu preceito, e já Senhor, que a tua benevolencia procura reſtituirme o credito, permitte ao menos que de Palacio me auſente, por eximirme à inſolencia de que ſegunda vez me ultrajem.

Rey. Naõ, antes quero que tu ſejas a eſcolta da minha vida.

Iren. Eu Senhor?

Rey. Sim.

Iren. E quem me ſegura a fé de quantos ſe conjuraõ contra a tua vida? Se eu foſſe ſó.....

Rey. Tu ſó has de ſer quem me aſſiſta: procura das minhas guardas as que mais fieis te forem, e buſca o traidor.

Iren. A minha obediencia deſempenhará o teu preceito. Alviçaras fortuna, he chegada a minha dita ao porto da minha eſperança. *à part. e Vaiſe.* *Adaſt.*

Adaſt. Naõ he pouca ventura, Senhor, tanta fé em hum eſtrangeiro vaſſallo: mas repara que he preciza muita cautella contra o teu deſtino.

Rey. Hoje ſubirás comigo ao throno, e naõ ſe opporá tanta traiçaõ facilmente contra dous Monarcas.

Adaſt. Mais neſſe intento ao traidor incitas. Alterado tem Filinto a plebe, e ſe a raiz naõ cortas a tantos damnos, creſceráõ os ſeus deſignios: o remedio he facil, poſto que penoſo; ſe Filinto deſte tumulto he cabeça, cortada eſta, ceſſaráõ os membros.

Rey. Eu naõ me animo.

Adaſt. Diſſimula coraçaõ: até eu de imaginallo tremo. *à parte.* Outro remedio tambem te fica: rende-lhe voluntariamente o ſolio, e de mim te eſquece; e quando iſſo naõ baſte para ſegurança da tua vida, aqui eſtá o meu ſangue; que feliz victoria alcanço, ſe a preço da minha vida te reſtituo a tua paz.

Rey. Os purpurados ſinto inundar de pranto: oh venturoſo Pay, que tal filho logras! *à part.* Naõ, a tua vida eſtimo ainda mais que os meus alentos.

ARIA.

ARIA.

Adaſt. Vivirey, ſe a minha vida
For amparo à ſua ſorte:
Morrerey, ſe a minha morte
For alivio a tanto mal.
Em ſeguir os teus preceitos
Alcanço a melhor victoria,
Nem pretendo melhor gloria,
Que ſerte ſempre leal. *Vaiſe.*

Rey. Naõ erraõ as minhas conjecturas, Filinto he o falſo; morra, ainda no meyo de tanto aggravo me embaraça as iras o paternal affecto. *Vaiſe.*

SCENA II.

Sala regia com cadeira, ſahe Irene.

Iren. NO fogo da vingança, e nas chammas do affecto arde o meu coraçaõ, ay infauſto Filinto, deſculpa os meus exceſſos, que o amor os naõ dicta, quando a paixaõ ſómente os inſinúa; naõ he poſſivel deſpojar da vida ao barbaro Policrates, mas ſe a minha diligencia naõ conſeguir o intento, antes renderey à Parca a vida, que eſtar vendo

vendo o motor da minha injuria.

Sahe Deſenfado.

Deſ. Graças a Deos, que já appareceo a menina perdida,

Iren. Dezenfado.

Deſ. Tudo he Deſenfado, e aſſim ſe paſſa o tempo, Senhora, que fazes que naõ he poſſivel acharte; o certo he que tu andas muito perdida.

Iren. Que dizes, eſtás louco?

Deſ. Pois naõ he aſſim, huma Princeza, que naõ he lá muita feya, andar ſempre metida entre homens.

Iren. Como ſempre ao lado de ElRey me obriga aſſiſtir a minha occupaçaõ, eſſe o motivo porque naõ me encontras.

Deſ. Eu Senhora, naõ quero andar aos encontrões comtigo, baſta-me que tenhas a gloria de ſaber de mim.

Iren. Deixa loucuras, e dize-me o que fazes?

Deſ. Sim, agora he que me perguntas o que faço, bem póde a gente morrer, e ati daſſe-te bem diſſo; mas olha que ſe te morrer o Deſenfado, que póde ſer que andes mais afflicta; mas tu fias-te de mim, porque ſabes que homem morto naõ falla.

Iren. Pois tu que tens?

Deſ.

Def. Ay Senhora, huma couſa que naõ deixa a ninguem ter nada de ſeu; ſinto hum mal procedido de hum bem, tenho cá humas taes coſegas no coraçaõ, que parece hum rato que me eſtá ſempre a roer.

Iren. Eu naõ te entendo.

Def. Verdade he, Senhora, que elle mal ſe entende, mas olha iſto he huma couſa doce, que ao depois bem ſe amarga, he huma mania de tal ſorte, que choro tanto, que às vezes me vem as lagrimas aos olhos: ora elle eſtá bem claro.

Iren. Eu naõ te conprehendo, vê bem o que dizes.

Def. Ay Senhora, como hey de ver ſe eu ando cego?

Iren. Que dizes, tu cego?

Def. Sim Senhora, que me atirou a deſgraça com huma Pederneira à minha viſta, e como naõ deitava fogo, veyo tirarme o lume dos olhos.

Iren. Deixa-te de graças, e explica-te melhor.

Def. Ora eu digo o meu mal por enigma: he huma couſa que naõ ſe compra bem que ſe venda.

Iren. Iſſo he amor?

Def. Ah eis-lo ahi, penetraſte o fino do meu coraçaõ.

Iren.

Iren. Pois tu padeces eſſa goſtoſa pena?

Def. Sim Senhora, ando meſmo penando de goſto.

Iren. Naõ póde ſer; amor como Rey ſó tem a ſua eſféra nos illuſtres peitos.

Def. Quem amor? o outro he huma criança, ſabe lá o que he brio.

Iren. No peito de hum humilde criado, naõ ſe encerra amor.

Def. Uy, eu cá ſempre fuy criado com muito amor.

Iren. Deixa loucuras, e adeos, que ElRey me eſpera. *Quer hirſe.*

Def. Ah Senhora, tenha maõ da parte d'ElRey.

Iren. Que me queres?

Def. Pois tu naõ naõ dezejas ſaber as minhas inclinações?

Iren. Naõ.

Def. Ora he a primeira mulher que vejo ſem ſer curioſa de ſaber as vidas alheyas. *à part.* Pois naõ hey de dizertas, ſenaõ olha que ao depois has de ouvirme.

Iren. Naõ me permitte mais demora a minha occupaçaõ.

Def. Ora ouve, que naõ gaſto mais tempo do que em quanto as digo. Ay Senhora, ay cada vez que fallo niſto de amor, arrepiaõ-ſe-me as carnes. Has de ſaber

ſaber que amo taõ cego a huma Pederneira, que ando feito outro Pigmaliaõ adorando as pedras. Eu bem conheço que ella he muito amoruda, mas tambem me faz deſconfiar o pedirme huns traſtes, que iſſo he o diabo.

Iren. Fica-te embora. *Quer hirſe.*

Def. Eſpere, que agora he o meu empenho.

Iren. Acaba, e mais me naõ dilates.

Def. Eſta tal rapariga he criada, ou para melhor dizer luzida eſtrella deſte ceo de Palacio: naõ te eſcandalizes, que *nò es comparar bellezas, el referir perfeciones*: e por incurtar razões, quero que tu te empenhes com ElRey para que me faça Capitaõ, dando-me a companhia da Pederneira.

Iren. Eſtás louco?

Def. E logo proteſto, que naõ quero mais augmento; porque de nenhuma ſorte quero ſer Cõronel.

Iren. Tu naõ ſabes quem eu ſou, atrevido?

Def. Sey, que es huma grande pedreira para ElRey; e aſſim eſpero deſſa pedreira a minha Pederneira.

Iren. Pois ſabe, que a tua loucura te evita os ſupplicios da tua ouſadia.

Def. Naõ quer que caze com Pederneira? Pois tambem Voſſa Alteza naõ ha de

cazar com Filinto, que *ſolatium eſt miſeris ſocios habere penates.* Eu direy a Sua Mageſtade, que Voſſa Alteza he hermafrodito.

Iren. Infame, às minhas mãos.... *Dalhe.*

Deſ. Ah que d'ElRey, que me mata o hermafrodito de meu Amo! *gritando.*

Sahe Macaco.

Mac. Que gritaria he eſta?

Deſ. Acuda-me, Senhor Macaco Gonçalves Barulho.

Iren. Callate, ou te matarey.

Mac. Aqui eſtou: que me queres, homem?

Deſ. Ay Macaco, coca nelle, coca nelle.

Iren. Ay de mim! Se me declara eſte infame, finalizou a eſperança da minha idéa. Que farey? Mas lograrey com agrados o que naõ conſigo com violencia. *à parte.* Deſenfado, fica-te embora, e farey por ſatisfazer ao teu empenho. *Vaiſe.*

Deſ. Ora pois, ficamos niſſo? Olhe, e veja ſe lhe póde ſacar tambem o dote, que he o principal.

Mac. Que hiſtoria era cá eſta do Irmaõ fradinho?

Deſ. Que ha de ſer? He que eu queria fazer meu Amo terceiro cá de certa ordem

dem e..... Eu naõ ſey o que digo. *à p.*

Mac. E que?

Def. Entaõ dizia-lhe, que aceitaſſe, que lho havia agradecer muito meu Irmaõ fradinho.

Mac. Ah, cuidey, que era alguma couſa de importancia.

Def. E quando ſoſſe, a v. m. que lhe importava!

Mac. A mim nada: mas vamos ao que importa, v. m. naõ me dará noticias daquella menina, que certamente, olhe certamente.....

Def. Certamente o que?

Mac. Certamente nada.

Def. Pois ella he peixe?

Mac. Naõ: antes pelas boas carnes he que eu o dizia.

Def. Naõ ſeja aſno, e ſaiba que eſſa rapariga eſtá para ſer minha mulher.

Mac. Iſſo em v. m. he graça; mas olhe, ſe v. m. ſe quizeſſe deſfazer della.....

Def. Ay meus peccados, que me vem pedir a mulher! Mas verey o que me diz. *à parte.* Olhe, verdade he, que ſe naõ fora terlhe promettido de cazar com ella, tambem a vontade naõ he grande.

Mac. Pois entaõ deixe-a para mim, que lhe tenho huma forte vontade.

Def. Meus ditos, e meus feitos: mas verey ſe poſſo tirar a eſte tolo alguma tolã para comprar os traſtes de Pederneira, ſenaõ ella pouco fará em ſe mudar para Macaco, e mandarme a mim bugiar. *à parte.*

Mac. Pois entaõ em que ficamos?

Def. Que remedio tenho eu, ſenaõ ſer paciente? Se eu achaſſe alguem que quizeſſe cazar com ella em meu lugar....

Mac. Pois que duvída? Aqui eſtá Macaco para ſupprir o ſeu lugar.

Def. Sim, hum Macaco lá póde ſervir de Deſenfado; mas naõ eſtá ahi toda a conta.

Mac. Naõ lhe faz conta?

Def. Se eu tiveſſe algum dinheiro com que rebateſſe o eſcrito de caſamento.....

Mac. Uy, eſſa he a duvida? Quanto quer?

Def. A mim baſtava-me dez meyas dobras.

Mac. Sim, eu lhas darey dobradas.

Def. Pois iſſo ha de ſer depreſſa; ſe as naõ traz ahi, vá buſcallas, ande, que o embarga?

Mac. Tenho medo, que v. m. me embargue o caſamento. Mas eu vou, e quero pedirlhe hum favor.

Def. Diga.

Mac. Quizera que v. m. me levaſſe hum eſcrito, para ver ſe Pederneira com os meus

meus incendios ſe desfazia em fogo, em ordem a pegar a mécha dos meus dezejos.

Deſ. Uy! pois naõ? Primeiro te hey de eu comer a iſca. *à parte.*

Mac. Pois eu vou buſcar o dinheiro: até logo; eſpero da mercê que me faz, que naõ falte a eſta honra. *Vaiſe.*

Deſ. Vá certo, que cá o eſpero. Pois que vay? Eu feito terceiro de Macacos! Ora vejaõ com aquella cara de ſaguim, tambem quer cazar! Mas venha agora a laya, que depois lhe chegarey ao pelo.

ARIA.

Deſ. Senhores, caluda:
Deixem vir Macaco
Que, como tabaco,
A's ventas por brinco
Lhe quero chegar.
Depois que o dinheiro
Nas mãos acolher,
Mandallo-hey beber
Daquillo, daquillo,
Etcetera callar.

Sahe Pederneira.

Pedern. Lindamente! lindamente!

Deſ. Ora eſtimo, que tiveſſe eſta occaſiaõ de me ouvir.

Pedern.

Pedern. V. m. cantando? Iſſo he final de alegria.

Def. Antes quem canta, he porque eſtá triſte.

Pedern. V. m. triſte? Naõ, quem naõ tem cuidados.....

Def. A'gora naõ tenho cuidados: já eu hoje fuy à rua dos ourives mercar huns brincos.

Pedern. Que diz? Voſſé brinca? E trouxe-os?

Def. Naõ, porque naõ levava dinheiro.

Pedern. Entaõ que foy lá fazer?

Def. Fuy ſaberlhe o preço. Olha eſtavaõ lá huns bem baratos.

Pedern. Quanto queriaõ por elles?

Def. Eraõ muito baratos.

Pedern. Pois por quanto os davaõ?

Def. Eu naõ ſey, porque lhe naõ fiz o preço.

Pedern. Ora va-ſe embora, naõ ſeja deſavergonhado de me vir lograr outra vez: va-ſe, va-ſe. (*Sahe Macaco.*) Mas ahi vem Macaco, agora me vingarey, dando-lhe zelos. *à parte.* Meu Macaco....

Def. Ay que ella prega-me o mono com Macaco! *à parte.*

Mac. Eſpera rapariga: bem ſey, que queres caſar comigo. *à parte.* Senhor Dezenfado,

zenfado, aqui eſtá o dinheiro, e faça-me o favor de ſe retirar.

Deſ. Cahio na corriola: vou comprar os traſtes de Pederneira, para lhe abrandar a raiva. *à parte.* Ah Senhor, e o eſcrito?

Mac. Já naõ he precizo: como eu lhe poſſo fallar, a minha palavra he propria eſcritura.

Pedern. Meu Macaco, naõ me reſpondes?

Mac. Digo, que já cá tem feito com ella que ſeja minha amiga, que eu bem o vejo no modo de fallar.

Deſ. Iſſo ſim: pois eu havia deſcuidarme? E ella eſtá ſegura em que v. m. lhe quer bem: he capaz de ſe fazer grave: fique-ſe com ella, e adeos. *Vaiſe.*

Pedern. Foi-ſe embora, ſem fazer caſo de mim. Agora ſe Macaco fora mais de meu goſto, tambem o caracol de Deſenfado havia pollo ao ſol; mas como he o meu odio, naõ quero com elle graças. *Faz que ſe vay.*

Mac. Ella ahi começa com deſdens. *àp.* Oh, v. m. quer que a roguem?

Pedern. Que diz?

Mac. Já me diſſeraõ, que v. m. ſe havia fazer toda aquella de manto de ſeda.

Ped. Ora naõ ſeja aſno, va-ſe embora.

Mac.

Mac. Ah Senhores, olhem como ſe finge! *à parte.* Voſſê, como ſabe que morro em a vendo, por iſſo he que aquillo...

Pedern. Ora eſtá bem tolo!

Mac. Ora menina, compadece-te de mim.

Pedern. Tomara-o eu ver padecente.

Mac. Viſto iſſo, mandas-me pôr em tres páos? Mas olha que já eſtou feito em pedaços.

Pedern. Pois eu naõ quero nada com quebrados.

Mac. Olha a tolla, tomáras tu cazar comigo, que nunca te havia faltar ſenaõ tudo, o que houveſſes miſter.

Pedern. Va-ſe Senhor quebrado, que naõ ſerve para marido inteiro.

Mac. Ora naõ te movem eſtes requebrados amores?

Pedern. Senhor Macaco, va-ſe embora, que já fede.

Mac. Naõ póde ſer, que eu ſou o teu Macaquinho de cheiro. Mas já que ella me deſpreza por bem, quero ver ſe a levo por mal. *à p.* Oh deſavergonhada, oh grandiſſima porcalhona.

Pedern. He baſtante atrevimento! tome, tome. *Dalhe.*

Mac. Ora graças a Deos, eſtava ahi ſem me dar nada. Naõ ha couſa como por mal,

mal: vejaõ logo como me deu pancadinhas de amor. *à part.* Ora vem cá minha eſpoſa conſorcia.

ARIA.

Pedern. Paſſa fóra Macaco,
Ay, ay que me come!
Se tu naõ es home,
Naõ tenhas amor.
Vay lá para o mato
Buſcar companhia;
Eu ſou cá bogia
Para ter de ti dó? *Vaiſe.*

Mac. He forte disfarçar! Ella vay como hum rayo, mas todo aquelle fuzilar vem a dar em calmaria: digo iſto, porque já me calmou. Aquelles enfados he o meſmo que *reñir para mas querer.* Vou dar os agradecimentos a Deſenfado, por eſte paſſatempo. *Vaiſe.*

Sahem Filinto, e Alicandro.

Alic. Quem recuſa hum amparo, juſtifica o rigor da ſua ſorte. Deſeſperaçaõ, e naõ valentia, Principe, he criminar o zelo, que a minha amizade tem conquiſtado ao vulgo.

Filint. Só a tolerancia deſvanece o rigor do fado. *Alic.*

Alic. Sempre a ventura foi antipoda do merito; naõ fies pois, Senhor, na tua innocencia a tua vida.

Filint. Bem que afflicta a minha alma, naõ ſente o rigor da injuria, quando conſerva os timbres da conſtancia.

Alic. Sim; mas quando a plebe examina hum ſupplicio, ſempre conjectura antecedente o aggravo.

Filint. Eu ſatisfaço-me com ſaber que innocente morro.

Alic. Pois ainda a pezar deſſe esforço, farey que as mais fieis eſquadras te uſurpem as violencias de teu injuſto Pay.

Filint. Sim; mas eſſa piedade, he mais triçaõ do que fineza.

ARIA.

Alic. Se naõ pódes contender
Com o rigor do injuſto fado,
Naõ pretendas deſgraçado
Eſtorvar o meu valor.
Ao furor de hum Pay tyranno
Hey de oppormе como amigo,
E verás neſte perigo
Se he conſtante o meu amor.

Vaiſe.

Sahe Adaſtro.

Adaſt. Que vejo! tu eſtás ſó?

Filint.

Filint. Enganaſ-te, que ſempre a deſventura he minha companheira.

Adaſt. Já eſtá ſegura a tua felicidade: brevemente ſerá ElRey o nuncio deſta noticia.

Filint. Oh que infeliz ſou! Pois na tua preſença me ha de fallar ElRey.

Adaſt. Pois que querias, ſoberbo? Que os meus ouvidos naõ teſtemunhaſſem os teus enganos? Querias dever às tuas liſonjas o que nega a juſtiça à tua culpa?

Filint. He falſa a tua idéa, que naõ ſabe ter pejo quem vive izento de ter commettido o aggravo. A dor, que tenho de verte, he conſiderar, que o teu ſangue ha de ficar desluzido com a minha nota.

Adaſt. Pouco ſinto eſſa pena, quando ella ha de ſer a coroa do meu merecimento, e o merito da tua Coroa.

Sahem ElRey, e Irene, a qual fica ao baſtidor.

Rey. Vigia, Carpio, a entrada deſta eſtancia, e neſſa mais proxima eſcúte Eſtella os meus decretos.

Iren. Já te obedeço. *retira-ſe ao baſtidor.*

Rey. Adaſtro, parte deſte ſitio.

Adaſt. Que me auſente? E quem no meu retiro ſerá parte da minha razaõ?

Rey.

Rey. Eu a defendo.

Filint. Fique, ſe quizer.

Rey. Naõ, comtigo quero eſtar ſómente.

Adaſt. E fias-te, Senhor, da ſua companhia?

Rey. Cumpre o que te ordeno, e cala-te.

Adaſt. Já te obedeço. Oh como temo que Filinto me entregue. *à part. e vaiſe.*

Rey. Filinto, toma aſſento, e ouve-me. Juiz, ou Pay venho à tua preſença: ſe Pay me eſtimas, verás aonde chega o meu affecto; e ſe Juiz me intentas, executarey comtigo o meu decoro.

Filint. Naõ te temo Juiz, e Pay te idolatro. *aſſentaõ-ſe.*

Rey. Poſſo eſperar da tua obediencia deſempenhos a hum meu decreto?

Filint. Eu to prometto.

Rey. Pois em quanto fallo, attenda o teu ſilencio.

Iren. Que dirá? *à parte.*

Rey. Filinto, de mil crimes as minhas evidencias ſabem, que tens ſido author. A obediencia negaſte a hum juramento: hum papel me entregáraõ, que me aviſa de huma traiçaõ, e no tempo em que a perplexidade me naõ diſſolvia a duvida, te vi no meu quarto occulto. Que mais indicio? O meſmo Adaſtro me diſſe que tu..... *Filint.*

Filint. E julgas ſer verdade.....

Rey. Satisfaze à promeſſa, ouve-me, e calla.

Iren. Infeliz Principe! *à part.*

Rey. Simulacro es das queixas de Adaſtro; a Eſtella pretendes, e ameaças; a Carpio quaſi aos meus olhos quizeſte dar a morte: tudo te accuza, e por mais que os vaſſallos rebeldes.....

Filint. Vê, Senhor, que ſaõ falſos.....

Rey. Ouve-me, e calla-te. Vê pois quantos ultrajes me tens feito, e quantas obrigações me cercaõ para o teu caſtigo; mas trocando em amor a ira, te perdo-o, e nos meus braços te rogo, que confeſſes o traidor. Naõ procura hum Pay offendido outra ſatisfaçaõ mais que fé, e arrependimento.

Iren. Suſpenſo eſtá Filinto: oh queiraõ os Deoſes, que naõ declare os meus intentos. *à part.*

Filint. Fallar naõ poſſo.

Rey. Se o temes pela vida do reo, eu lhe perdo-o, e ſeja a minha maõ o abono da minha palavra. *Daõ as mãos.*

Iren. Ay de mim, que temo ſe declare! *à parte.*

Filint. Pois Senhor, com eſſe ſeguro direy.....

Sahe

Sahe Irene.

Iren. Senhor, eſqueces-te de que eſpera Eſtella as tuas reſoluçõeſ?

Filint. Oh Deoſes! *à parte.*

Rey. Naõ: bem me lembra; auſenta-te.

Iren. E no entanto que direy?

Rey. Dize o que quizeres.

Iren. Já te obedeço. Perfido, naõ falles. *à part. para Filint. e retira-ſe.*

Filint. Oh quanto comigo he cruel Irene! *à parte.*

Rey. Dize pois, reconcilia em mim aquelles affectos, que a offenſa tinha ſepultados: explica-te: porém de que te turbas?

Filint. Piedoſos Ceos! *à parte.*

Rey. Já te penetro: naõ póde reſiſtir o affecto ao nome de Eſtella: tambem ſatisfarey a eſſe dezejo com a ſua poſſe: bem ſey que a adoro, mas ſerá a reſiſtencia propria imagem de Alexandre na mais rica oblaçaõ de huma Campaſpe: tua eſpoſa ſerá Eſtella.

Filint. Ao dizerte o reo tal vez que tu naõ creyas.....

Sahe Irene.

Iren. Senhor, importuna Eſtella queria entrar

entrar neſta habitaçaõ, e por obſtarlhe o intento, fiz que ſe retiraſſe.

Rey. E auſentou-ſe?

Iren. Sim Senhor.

Rey. Apreſſa-te, e procura obviarlhe os paſſos.

Iren. Calla-te perjuro. *para Filint. Vaiſe.*

Rey. Falla, pois já Eſtella he tua, e tudo o que intentares: ainda te ſuſpendes duvidoſo?

Filint. A Eſtella aborreço, e fallar naõ poſſo.

Rey. Pois tyranno, morrerás infame, como viveſte falſo. Que mais queres de mim? O throno? a eſpoſa? o perdaõ? nada te move? Mas já ſey, que ſómente aſpiras à execuçaõ do voto que fizeſte: a minha morte queres; aqui tens o meu peito; traſpaſſa-mo tyranno, pois ſem defenſa o exponho às tuas iras.

Sahe Irene.

Iren. Como ſem defenſa? ſe o meu braço ha de ſer muro, que ſe exponha aos damnos?

Rey. Parte a conduzir Eſtella.

Iren. Já te obedeço. *Vaiſe.*

Filint. Senhor, ſe a Eſtella adoro, permitta o Ceo.....

Rey.

Rey. Suſpende, perjuro, os eccos.

Sahem Irene, e Eſtella.

Eſtel. Aqui me tens, Senhor, ſubordinada ao teu preceito.

Rey. Filinto eſcuta: eſta he a ultima vez, que a minha piedade te offerece, ou a conſervaçaõ, ou a ruina: ſe o reo declaras, Eſtella, e o meu throno ſeraõ premios, que te ſatisfaçaõ; e ſe ainda o encobres, o carcere, e a morte ſeraõ caſtigos da tua pertinacia. Eu me retiro, porque o meu reſpeito naõ prenda as tuas vozes: a Carpio o dize. Naõ deſprezes a minha reſoluçaõ; vê que te quer com vida, quem com deſengano te falla.

Filint. Ay infeliz! Irreſoluto me vejo. *àp.*

ARIA A 4.

Rey. O que negas, filho ingrato,
Faz que eu creya que es traidor.

Filint. Se a traiçaõ naõ te recato,
Ser naõ poſſo o aggreſſor.

Eſtel. Dize o reo, porque ſe ſaiba,
Que da culpa livre eſtás.

Iren. Falla, dize-nos qual ſeja
O traidor, que o crime faz.

Filint. Oh Deoſes, quem me condemna,
O meu meſmo amor ſerá;

Pois

Pois ſe o digo, he dura pena,
E ſe o callo, he forte mal.

Rey. Barbaro, traidor inhumano.

Eſtel. e Iren. Comtigo cruel ſerás.

Filint. Deixaime, crueis tyrannos,
Deixaime já reſpirar.

Todos. Oh Deoſes, e que tormento

Rey. *Eſtel.* *Filint.* *Iren.* fomenta na ira / no peito / do zelo a dor!

Rey. Reſolve, infiel perjuro,
Meu furor deſenganar.

Eſtel. Attende do Pay a queixa,
E ſocega-lhe o ſeu mal.

Iren. Se o traidor lhe naõ revellas
Tu ſem duvida o ſerás.

Filint. Para que, ſorte inimiga,
Quiz a vida dilatar?

Todos. Oh que pena na alma ſinto
Com taõ perfido furor!

Vaiſe ElRey.

Iren. Venturoſos amantes! Oh quanto o meu affecto eſtima os voſſos jubilos! Em zelos ardo. *à parte.*

Filint. Ainda te burlas da minha pena?

Eſtel. Parece que irreſoluto vacilla? *à part.*

Iren. Falla: agora emmudeces?

Filint. Oh Deoſes! Deixa-me.

Iren. ElRey me deſtinou para o exame da tua eſcolha, ou a Eſtella, ou a prizaõ.

Eſtel. Reſolve pois no que determinas.

Filint. Carpio reſolva: a minha vontade ha muito que he já ſua: ſeguirey os dictames da ſua reſoluçaõ.

Iren. Ah falſo, como de mim te vingas! *à parte.* Vê, Principe, que eu naõ ſey....

Filint. Mais do que atormentarme. *Vaiſe.*

Iren. Deoſes, que lhe direy? *à part.*

Eſtel. Dos teus labios eſtá pendente toda a minha gloria.

Iren. Eu julgo, que Filinto, ſem algum reparo aceitaria o teu conſorcio.

Eſtel. Grande fora a ventura, ſe o meu amor o conſeguira.

Iren. E tu o adoras?

Eſtel. Amante o idolatro.

Iren. E o pretendes eſpoſo?

Eſtel. Quando a tua fineza mo confirme.

Iren. Pois he fruſtrada a tua eſperança.

Eſtel. Porque?

Iren. Valerme-hey deſte engano para naõ perder a Filinto. *à parte.* Poſſo, Senhora, communicarte hum ſegredo?

Eſtel. Declara-o ſem receyo.

Iren. Pois ſabe (perdoa-me o arrojo) que amante te idolatro.

Eſtel. A mim? que dizes?

Iren.

Iren. Sim Senhora, que fora deſcredito das luzes o naõ communicar incendios.

Eſtel. E dize-me, Carpio, que incentivo te obrigou a tanto exceſſo?

Iren. A gloria de adorarte, naſceo em mim de verte.

Eſtel. Pois ſó de verme chegaſte a idolatrarme?

Iren. Sim Senhora, que a tua viſta, e a tua formoſura naõ pódem conceder demoras à idolatria.

Eſtel. Em fim verme, e adorarme tudo foy ao meſmo inſtante?

Iren. Pouco prazo preciſa amor para os triunfos, ſe com armas de fogo ſó executa os tiros. Ora attende.

SONETO.

Dá morte o Baſiliſco, cega o rayo;
Eſte na viſta, aquelle nos ardores;
Hum diſpende dos olhos os rigores,
Outro faz do rigor na viſta enſayo.
Para acabar da vida o verde mayo
Qualquer tempo he baſtante a ſeus furores,
Pois hum, n'um abrir de olhos, nos fulgores
Outro, tudo reduzem a deſmayo.

Baſiliſco he amor, porque da viſta
Me reſulta o eſtrago, a que me entrego;
He rayo, porque cega quanto aviſta:
E ſe exemplo es de amor, querido emprego,
Foi preciſo ficar em tal conquiſta
Morto a teus olhos, e a teus rayos cego.

Eſtel. E para que até agora callaſte eſſe affecto?

Iren. Porque o reſpeito foi remora das minhas vozes.

Eſtel. Eſtimo eſſa fineza, mas já naõ poſſo correſponder aos teus extremos.

Iren. Para que, tyranna homicida, me alentas na eſtimaçaõ da minha fineza, ſe a morte me dás tambem no deſengano?

Eſtel. Carpio, repara que Filinto confiou da tua fé o reparo à ſua vida, e aſſim....

Iren. Em vaõ intentas, que naõ ſou taõ barbaro, que haja de ſer verdugo do meu proprio goſto.

Eſtel. Conſidera, que a Filinto matas, ſe o contrario intentas.

Iren. He tutelar o Ceo, das innocencias.

Eſtel. Pois em vaõ procuras na minha conſtancia mudança para os teus affectos.

Iren. E que te move a tanta tyrannia?

Eſtel. Eſſa cruel ſentença, que relatas.

Iren. Paciencia.

Eſtel.

Eſtel. Sempre ſerás o objecto dos meus odios.

Iren. Terey ao menos na tua companhia hum refrigerio.

RECITADO.

Ay de mim infeliz!
Na luta de amor, e odio vivo confuſa:
Se o odio me incita à morte de Policrates,
O ſer do meu Filinto Pay me embaraça as acçõēs
Amo a Filinto, e me arrependo do perigo
Que lhe cauſo; Deoſes valeime
Em tanta multidaõ de penas.

ARIA A DUO.

Eſtel. Ingrato, naõ me negues
O bem, que tanto adoro.
Iren. As lagrimas, que choro,
Tyranna naõ deſprezes.
Eſtel. Pois falſo }
Iren. Pois firme } o meu peito
Ambos Cruel acharás
Iren. Ay doce homicida,
Suſpende a eſquivança.
Eſtel. Se perco a eſperança,
A vida aborreço.
Ambos Quē a vida ſem gloria
He duro penar. *Vaõ-ſe.*

ACTO

ACTO III.

SCENA I.

Jardim. Sahem Macaco, e Deſenfado.

Def. ORa Senhor, dê-me noticia das ſuas fortunas.

Mac. Ay meu amigo, deixe beijarlhe os pés em agradecimento do ſeu favor.

Def. Pois entaõ o que lhe ſuccedeo?

Mac. O que havia de ſer? Começou a Senhora Pederneira a fazerſe grave ao principio; mas ao depois foi dando de ſi.

Def. Pois fez-lhe algum favor?

Mac. Sim Senhor, fez-me a fineza de me dar dous murros. Olhe aquillo he que he dar de veras, tudo o mais he graça.

Def. Grande honra! E como ficaria v.m. contente!

Mac. Olá, pois naõ? baſtava-me ſer couſa da ſua maõ.

Def. Sim, que *manos blancas nò offenden.* Ora ſempre he bem tolo o tal Macaco! *à parte.*

Mac. Ora diga-me: ella tem-lhe fallado em mim?

Def.

Deſ. Iſſo a todo o inſtante; hoje me deu ella os agradecimentos de lhe dar taõ bom noivo.

Mac. Iſſo he liſonja.

Deſ. Naõ, naõ he.

Mac. Pois parecia-me: mas já vejo que tudo mereço.

Deſ. Tambem me diſſe, que morria por v. m. Olhe, ſabe agora o que ha de fazer? he deſprezalla, e naõ lhe dizer finezas, e verá como ella ſe desfaz toda em amores.

Mac. De veras? Oh meu Deſenfado, de veras? Iſſo he verdade? Ora v. m. ſaberá, como eu me faço grave.

Deſ. Em ordem a que me naõ perſiga a pequena, e ainda que ella já eſteja bem comigo pelos traſtes que lhe dey, com tudo mulheres ſaõ muito arriſcadas. *à p.*

Mac. Ainda naõ poſſo crer, que Pederneira eſtalla por mim.

Deſ. Sim: mas tu naõ te livras de alguns eſtouros. *à part.*

Mac. Ora adeos, que me naõ poſſo deter: veja ſe lhe preſto para alguma couſa, e naõ me poupe: bem ſabe..... mas adeos. *Vaiſe.*

Deſ. Bem ſey que he hum aſno. Ora vamos ver ſe o Senhor meu Amo pedio já

já a ElRey a minha Pedreneira, que esta noite faço tençaõ de a render; parece-me que a estou vendo feita minha marida &c. &c. *Vaise.*

Sahem ElRey, e Alicandro.

Rey. Naõ, naõ quero que morra; dilatado privilegio lhe tem concedido a natureza.

Alic. Senhor, quem te segura, que o Povo alterado naõ procure ao depois punir a tua inclemencia na morte de Filinto?

Rey. Procura tu soccegar o vulgo com a tua presença, mas seja dividida dos hombros a cabeça.

Alic. Vê, Senhor, se encontra a tua piedade outro remedio.

Rey. Outro naõ ha.

Alic. Pois Senhor, eu devo.....

Rey. Obedecerme: parte; que he à minha vida precisa a sua morte.

Alic. Penando hirey cumprir os teus preceitos; mas em fim obedecerey aos teus decretos. Bem sey, que a Filinto adoro; mas tambem considero, que sou teu vassallo. Hirey conservarlhe a vida. *à part.* O Ceo te guarde. *Vaise.*

Rey. Ay infeliz de mim! E quantos assaltos

tos ferem meu triſte peito! Em quanto a doce paz me ſuſtentava o Reino, tudo era gloria; mas quando para reparo do meu ſuſto ha de preceder de hum filho o eſtrago, tudo he martyrio; e.... mas as lagrimas, e a pena me uſurpaõ as potencias para o acordo.

Com o lenço nos olhos.

Sahem Eſtella, e Pederneira.

Eſtel. Rey, e Senhor, que fazes? Em que te dilatas que ao tumulto naõ corres? A plebe toda ao Palacio ſobe, e pelo ſeu Principe Filinto exclama.

Pedern. Ay Senhora, deixa-o aſſoar primeiro.

Rey. Naõ terá muita demora o deſpacho às ſuas petições; ſem dilaçaõ lho entregarey, mas ſem alentos: de hum vaſſallo amigo a ſua morte fiey, e julgo, que já agora a ſua obediencia terá deſempenhado as minhas ordens.

Eſtel. Deoſes, que ouço! Senhor, o que fizeſte?

Rey. Vingar a Mageſtade, e o teu repudio.

Pedern. Logo a mim me cheirou a luto, quando vi a ElRey com choradeiras. *à p.*

Eſtel. Ay infeliz! *à part.* Senhor, revoga os teus decretos: Filinto naõ te offende:

de: o meu engano, Senhor, he quem te ultraja.

Rey. Que dizes!

Eſtel. Eu, Senhor, ſou quem a Filinto amava; e por ſentir que os ſeus repudios naſciaõ do teu reſpeito, commovida da injuria de deixarme, quiz impor ao ſeu peito o meu delicto.

Rey. Que dizes? Tambem tu es traidora?

Eſtel. Eu ſou, Senhor, quem merece o caſtigo da tua indignaçaõ: obre na maldade o poder, naõ na innocencia: morra Eſtella, porque Filinto viva.

Pedern. Ora viva, e reviva. *à part.*

Rey. Pois naõ he culpa o ſolicito deſvélo de matarme? Naõ he culpa o pretenderte, quando ſabe que eu vivo de adorarte? Morrerá ainda a pezar deſſa piedade.

Eſtel. Senhor, ſuſpende as iras: olha que a hum penſamento he grande reconpenſa a vida de Filinto; e ſe aos meus rogos naõ cedes os furores, ficarey confirmando por adulaçaõ os teus affectos.

Rey. Como adularte quem ſó fazia timbre de quererte? Em doce hymenêo pretendia elevarte ao throno; mas já que tambem es infiel, caſtigarey no meu vencimento as tuas tyrannias.

Pedern.

Pedern. Eſtou tremendo, que ſe enfade comigo. *à parte.*

Eſtel. Movaõ-te, Senhor, as minhas ſupplicas.

Rey. Parte, Eſtella, que augmentas neſſes rogos mais incentivos para os ſeus eſtragos.

Pedern. Olhe o negro aquelle! *à parte.*

ARIA.

Eſtel. Se a Tigre hircana
Vê que lhe morre
O filho amado,
Ligeira corre
A defendello
Do caçador.
Mas tu violento,
Barbaro exangue
Só no teu ſangue
He que executas
O teu furor. *Vaiſe e Pedern.*

Rey. Piedoſos Ceos, como permittis tantos ultrajes!

Sahem Irene, e Deſenfado.

Deſ. Ou Pederneira; ou digo, que tu es mulher.

Iren. Calla-te infame. *para Deſ.* Senhor, naõ

naõ te dilates: corre diligente a ſatisfazer o Povo na entrega de Filinto, a cujo empenho correm innumeraveis turbas aclamando a ſua vida em tumultuoſos eccos.

Deſ. Iſſo naõ he o que nos importa: pois entaõ? declaro, ou pede Pederneira para mim. *a Iren.*

Iren. Ha mayor deſeſperaçaõ! *à part.*

Rey. Tanto amparo o ſoccorre? Pois ſe por hum breve eſpaço domar a ſua furia, pouco ſentirey os ſeus atrevimentos.

Iren. Porque?

Deſ. Vamos a iſto? *a Iren.*

Rey. Porque já entreguey a incumbencia da ſua morte ao braço de Alicandro.

Iren. Que dizes? Ay infeliz! Revoga, (oh Deoſes) revoga, Senhor, eſſe decreto, que eu ſerey o feliz nuncio deſſa piedade.

Rey. Em mim a naõ ſolicites, que ja me ſerve o ſeu damno para o meu ſeguro.

Deſ. Palavra de Rey naõ torna a traz.

Iren. Como, Soberano Monarca, queres em hum ſó inſtante offuſcar tanto applauſo à tua fama? Melhor luſtre he, Senhor, a piedade do que a tyrannia. Mudar em venturas as felicidades, oſtentaçaõ he ſó de ſoberania; pois no que ſe faz,

faz, ſe indica o que póde. Mayor applauſo conſeguio Tito na piedade, que Nero na inclemencia. Vê pois Senhor...

Rey. Que Filinto he traidor.

Deſ. Que meu Amo he mulher. *à part.*

Iren. Mas conſidera, que Filinto he aquelle amado filho, a quem a tua Coroa conſeſſa tantos lauros: vê, que da tua alma he generoſa prenda; naõ tires inadvertido ao teu Imperio a melhor coluna.

Deſ. Tambem tu es muito bom varaõ. *à p.*

Iren. Vê Senhor.....

Rey. Calla-te, Carpio: ay de mim!

Deſ. Ora pede-lhe já a Pederneira.

Iren. Como permittes, que o mundo te afronte de tyranno? Ay, naõ ſey como a pena me naõ mata! *à parte.*

Deſ. Iſſo he o que te eu digo? Pois agora verás. Senhor.....

Iren. Ay de mim, que eſte infame me entrega! *à part.*

Rey. Que dizes?

Deſ. Saiba Voſſa Mageſtade.

Iren. Ay de mim! Deſenfado, calla-te, que eu te faço o que queres. Logo perderás a vida. *à part.*

Deſ. Pois entaõ acabemos; ſenaõ.....

Rey. Que dizias?

Deſ. Iſſo que agora lhe dirá meu Amo.

Iren.

Iren. Rey, e Senhor, ſe a fé que te conſagro, póde ſervir de merito.....

Deſ. Forte empenho! ElRey naõ tem mais remedio, que darme a Pederneira. *à p.*

Iren. Eſta te empenho na vida de Filinto: vou (reſolve Senhor) a dilatarlhe a vida?

Rey. Sim, Carpio, apreſſa-te a embaraçarlhe a morte.

Deſ. E Pederneira onde fica, Senhora minha Ama?

Rey. Que diz eſſe Criado? Porém Alicandro! oh Deoſes!

Iren. Ah que o aſpecto lhe vejo demudado.

Sahe Alicandro.

Deſ. Aqui vem o Sabaſtiaõ do Principe, e cedo ſerá o Carraſco de minha Ama.

Iren. Vive o Principe? *a Alicand.*

Alic. Eſpolio he já da morte.

Deſ. Rezem-lhe hum minuete pela alma. *à parte.*

Rey. Ah filho amado!

Iren. Ah infauſto Filinto!

Alic. Ao primeiro golpe rendeo aquella generoſa vida, e quaſi nos ultimos paraciſmos balbuciente articulou eſtas ultimas vozes: *Vay, e a meu Pay defende;* e ao proſeguir lhe embargou as vozes o mortal deſmayo.

Deſ.

Def. Tomára eu a alva para firoulas. *à p.*

Rey. Ay infeliz! Querido Carpio, ſoccorre-me em tanta magoa.

Iren. Tu barbaro, tu impio, lamentas a ſua morte? A quem acumulas as queixas, ſe tu foſte o author da culpa? Vay, tyranno, e em quanto palpita intercadente aquelle coraçaõ, lho arranca. Que te demora, monſtro das tyrannias? mais cruel que o meſmo Alecto, e mais barbaro ainda que Megera?

Def. E minha Ama parece-me na furia Tafunize. *à part.*

Rey. Deſſa ſorte ſe atreve ao meu decoro, Carpio? Enlouqueceo, ou diſſimula com os fingimentos?

Iren. Naõ finjo, tyranno: até agora he que disfarcey, por ter a gloria de matarte.

Rey. Em que te offendeo Policrates?

Iren. Ignoras os motivos? Pois ſabe, que ao meu bem mataſte.

Def. Bem morto. *à part.*

Iren. E que a meu infeliz Pay a morte déſte, hum Reino adquiriſte, e em mim huma inimiga grangeaſte. Sabe que ſou Irene, que o teu eſtrago disfarçada buſco.

Rey. Que eſcuto! *à parte.*

Alic. Raro ſucceſſo! *à parte.*

Def.

Def. Pois que vay? Agora fico eu sem Pe
derneira, e sem me poder vingar. Va
lha-te o diabo Desenfado de hum dardo
naõ podias tu ter ganhado as alviçaras

à parte

Rey. Já descifro as cautellas, que Filinto
intimava à minha repugnancia.

Iren. E para que seja mayor o teu tor-
mento; sabe que Filinto só procurava
a defensa à tua vida; elle te deu naquel-
le papel o aviso dos meus intentos;
morreu innocente, e tu ficaste sem re-
paro às minhas iras.

Rey. Louco estou!

Def. Naõ he porque deixasse de ser bem
avisado. *à part.*

Rey. Olá da minha guarda, esta soberba
levay da minha vista: e tu Alicandro....

Alic. Já te entendo. Irene rende-me essa
espada.

Sahem guardas.

Iren. Esta he, Alicandro. E tu, barbaro,
muito te enganas, se atemorizarme in-
tentas.

Def. Antes que me mandem enforcar, vou
pedir o perdaõ a ElRey. *à parte.* Se-
nhor.....

Rey. Quem es tu?

Def.

Def. Sou Criado da transfigurada Irene, que.....

Rey. Pois ſeja tambem levado para o carcere, donde ſahirá a pagar no ſupplicio a ſua traiçaõ.

Def. Ah que d'ElRey, que ſou mulher, e naõ quero hir lá para a enxovia.

Alic. Que dizes? Tu tambem naõ es homem?

Def. Pois naõ vê como ſou maricas, que tenho medo da morte?

Alic. Pois quem es?

Def. Eu ſou a conſtante Florinda, que ando disfarçada; e mais mande-me examinar, ſe duvida diſto.

Rey. Retiraivos da minha preſença, que me deſgoſta a ſua companhia.

Iren. Para vingarme de que vivas triſte, baſta-me o teu delicto.

Def. E eu para vingarme de ti, baſta-me a tua morte.

ARIA.

Iren. Como podeſte, oh Deoſes!
Ingrato, vil, traidor....
Mas ah, que a culpa he minha!
Sinto gelarme o ſangue
No peito a forte dor.

Porque feriſte hum peito,
Sem culpa, infiel, porque?
Ah que o meu delicto he
Cauſa do teu furor!

Vaõ-ſe Irene, Deſenfado, e os guardas.

Rey. Ay de mim! Aonde eſtou, que naõ ſou da minha vida tragico deſpojo?

Alic. Socega-te, Senhor, e agora empenha ſómente o teu cuidado na quietaçaõ do teu Imperio.

Rey. Os deſcanços deſprézo, e ſó furioſo a morte ſolicito. Ay amado filho! *Vaiſe.*

Alic. Olá guardas, trazey à minha preſença eſſes priſioneiros. Piedoſos Ceos, ſeccorrey os meus intentos. *à part.* Retirai-vos.

Sahem os guardas, Irene, e Deſenfado.

Iren. Que pretendes, barbaro Miniſtro do mais impio Rey?

Deſ. Eſtá já feita a forca?

Alic. Naõ te alteres, e ſabe, illuſtre Princeza, que o teu Filinto naõ eſtá morto.

Iren. Que dizes Alicandro?

Alic. A incumbencia de matallo aceitey para defendello.

Deſ. Certamente que naõ parece Criado. *à parte.*

Iren.

Iren. E para que occultaſte eſſa fineza a ElRey, ſe o ſeu arrependimento te deſculpava a deſobediencia?

Alic. Naõ ſey ſe aquella piedade ſeria fingimento.

Deſ. Bella occaſiaõ tenho para me livrar! *à parte.* Pois, Senhor Alicandro, ou me ſolte, ou conto a ElRey todas eſſas arengas.

Iren. Proſegues em outra teima? Callate, ou te matarey.

Deſ. Mate-me, ſe puder, porque eu eſtou obrigado a acudir primeiro à minha vida, do que à minha morte.

Alic. Já eſtás livre: auſenta-te, e faze com que ElRey te naõ veja.

Deſ. Aceito: adeos meus Senhores. *Vaiſe.*

Iren. E dize-me, Alicandro, aonde eſtá Filinto?

Alic. Ainda ignorante da minha fé, vive no carcere eſperando a ſua morte.

Iren. Pois ainda o naõ livraſte?

Alic. Como eſtá ſeguro, ando congraçando os affectos do Povo para o ſubir ao Solio.

Iren. Vamos pois.... Mas ahi vem Adaſtro.

Alic. Pois eu me auſento; procura tu ſaber os ſeus intentos para ſegurarmos os noſſos deſignios: fia-te de mim, e naõ temas. *Vaiſe.*

Sahe Adaſtro.

Iren. Fico ſegura: diſſimula coraçaõ. *à p.* Senhor, que te moleſta? de que eſtás triſte?

Adaſt. Se tudo neſte Palacio he confuſaõ, queres que me alegre, Carpio?

Iren. Ainda naõ ſabe que ſou Irene. *à part.* Pois, Senhor, que eſperas, que naõ vamos oppornos ao tumulto deſſes rebeldes?

Adaſt. Outro ſoccorro pede o meu perigo: Filinto vou buſcar.

Iren. Examinarey as ſuas idéas. *à part.* Senhor, a hum aggreſſor de tanto inſulto pretendes libertar?

Adaſt. Naõ: vou procurallo para darlhe a morte.

Iren. Apurarey a ſua traiçaõ. *à parte.* Pois tu naõ ſabes, que Filinto he já morto?

Adaſt. Que dizes? e porque braço?

Iren. Naõ ſey: confuſa chegou eſta noticia aos meus ouvidos.

Adaſt. Ou vivo, ou morto, importa-me achar a Filinto.

Iren. Eu ſerey hum executor deſſa diligencia. Ah falſo como te penetro.

à part. e vaiſe.

Adaſt. Se Filinto me embaraça os paſſos para o throno, morra: he tyrannia, porém

rém he neceſſario à minha conveniencia.

Vaiſe.

Sahe Pederneira com huma caixa, na qual traz varios traſtes.

Pedern. Ora já o Senhor Deſenfado ſe eſportolou com os traſtes, que lhe pedi: agora ſe eu tiveſſe outro a quem ſacar alguma tolã, naõ era máo. Ora vamos vendo o que vem na tal caixinha: cá vem as meyas, e hum leque, e he da moda: agora ſim, que com iſto ſerey o chefe da francezia.

Tira da caixa hum leque da moda, e abanaſe canta o ſeguinte

MINUETE.

Ay que ventura
Logro ditoſa!
Chinella bordada,
E meya encarnada!
Com leque da moda!
Muy França hey de ſer.
Sinaes na carinha!
Com tantos caprichos
Que bichos, que bichos,
Me haõ de fazer!

Mas cá vem Macaco, fingirme-hey muito

muito ſua amiga, por ver ſe cahe na corriola.

Sahe Macaco.

Mac. Oh cá eſtá Pederneira! Como ſey que me quer bem, fingirme-hey muito grave, que aſſim me enſinou Deſenfado. *à parte.*

Pedern. Meu riquinho Macaco.

Mac. Ella comigo; quero fazerlhe hum deſprezo amante. *à parte.* Arre para lá, naõ ſeja tola. *a Ped.*

Pedern. He bem ſalvage! Mas vamos à noſſa conveniencia. *à parte.* Que tens contra mim? que te fiz eu, meu Macaquinho? *com caricias para Macaco.*

Mac. Naõ foi máo o deſdem; proſeguirey na meſma fórma. Ah Senhores, muito devo àquelle Deſenfado! Tambem ſe elle me naõ contaſſe tudo, cahia eu agora como hum tolo. *à parte.*

Pedern. Naõ reſpondes à tua Pederneira, que tanto te quer?

Mac. Pois que vay! Ah Senhores, muito devo a Deſenfado. *à parte.* Já lhe diſſe, que naõ foſſe tola. *a Ped.*

Pedern. Elle eſtá impertinente, mas hey de lograllo. *à parte.* Pois eſtás mal comigo, meu Macaquinho?

Mac.

Mac. Ella eſta-ſe desfazendo por inſtantes; mas a quem naõ renderáõ eſtes meus dengues? Quero-lhe fazer huma meiguice, dando-lhe hum bofetaõ. *à part.* Para que naõ ſeja impertinente, tome, tome. *Dalhe.*

Pedern. Oh inſolente, oh deſavergonhado, calle-ſe, que voſſé mo pagará. *Quer hirſe.*

Mac. Venha cá, que eſtes melindres foraõ para que voſſé viſſe, que lhe quero a darlhe com hum páo.

Pedern. Va-ſe embora, que o naõ quero ver mais.

Mac. Pois entaõ vem cá, que eu te botarey os olhos fóra.

Pedern. Só ſe voſſé me der o que lhe pedir.

Mac. Sim: pede, pede.

Pedern. Promette naõ faltar?

Mac. Se eu faltar, eu chegue a ſer teu marido.

Pedern. Deme cá a ſua maõ.

Mac. Pois para iſſo eſtavas com vergonha? Ah Senhores muito devo a Deſenfado, e vejaõ a brevidade com que fez que me déſſe a maõ. *à parte.* Ora aqui eſtá a minha maõ.

Pedern. Pois quero que voſſé me compre hum afogador.

Mac.

Mac. Uy, para iſſo aqui eſtou eu, que ſou notavel para Carraſco. Mas como nós já eſtamos cazados.....

Pedern. Que diz cazados?

Mac. Sim; porque, nós naõ demos as mãos?

Pedern. Ora he bem tolo; mas ſeguirey a ſua aſneira. *à parte.* Ah ſim, naõ me lembrava.

Mac. Ora pois, eu o que quero he muita ſizudeza; e dize-me, queres o affogador do peſcoço, ou da garganta?

Pedern. Do peſcoço; porque, naõ he tudo o meſmo?

Mac. Naõ, que ha huns da garganta, outros do collo.

Pedern. Pois traga o que lhe parecer.

Mac. Em quanto ao meu parecer, o melhor era naõ trazer nenhum; mas por lhe fazer o goſto, eu vou buſcallo: ſerme muito ſizuda, ſenaõ.... Ora adeos. *Quer hirſe.*

Sahe Deſenfado.

Deſ. Por onde andará Pederneira? Mas oh, ella cá eſtá com Macaco. Ay que iſto me naõ cheira bem. *à part.*

Pedern. Importa-me disfarçar, por naõ perder o affogador. *à part.*

Mac.

Mac. Oh meu amigo, ſó voſſê ſabe enſinar: ella começou com muitos amores, eu dey-lhe hum bofetaõ, ella reguingou, eu chamey-a, ella retrocedeo, e agora eſtamos muito amiguinhos. *a Deſ.*

Deſ. Ay, eu eſtou perdido! Oh menina, v. m. naõ me conhece?

Pedern. Eu ſó para o ſervir.

Mac. Olhem aquelle propoſito: como he já mulher, vejaõ o reſpeito, que me tem. *à parte.* Ah Senhor Deſenfado?

Deſ. Deixe-me ſo tolo. *Dalhe.*

Mac. Irra Senhor Deſenfado.

Deſ. Arre meu Macaco. *aos murros.*

Pedern. Vou-me eſgueirando, antes que aquelles carolos me venhaõ dar na cabeça. *Vaiſe.*

Mac. Ah que d'ElRey, que me mataõ.

Deſ. Que he de Pederneira? Eſgueirou-ſe? *Olhando para todas as partes.*

Mac. Olhe, olhe, ella alli eſtá. Agora marcho, já que me tocáraõ a caixa. *Vaiſe.*

Deſ. Eſpere maganaõ: foy-ſe? calle-ſe que eu o apanharey às unhas, e a maganeta já ſe naõ lembra do que lhe dey? Pois tome.

ARIA.

ARIA.

Def. Eu feito Bezerro!
Arre meu Macaco,
Naõ cabe no saco
Já tanto aturar.
A gente em me vendo
De medo tremendo,
Julgando-me touro
De mim fugirá.
A moça he velhaca,
E em meu desabono
Pregando-me o mono,
Hum touro me faz. *Vaise.*

SCENA II.

Carcere, no qual estará Filinto, e Irene ao bastidor sem espada.

Iren. NAõ mentio Alicandro, quando a este sitio os passos me encaminha: ainda o meu bem vive sem damnos; brevemente com a vinda de Alicandro ficará sem sustos. *à parte.*

RECITADO.

Filint. Injustos Deoses,
Desesperado me tem as vossas iras:

De

De que me ſerve o naõ ter culpa?
Aſſim peza Aſtrea na balança
As injuſtiças?
Sem duvida conſegue a innocencia
Os meſmos effeitos, que o delicto.

Iren. Para evitar as traições de Adaſtro, venho ver a Filinto, em quanto para o ſeu ſoccorro naõ chega Alicandro.
à part. e ſahe.

Filint. Rigoroſa Irene, ainda neſte carcere queres augmentar as tuas tyrannias?

Iren. Pois para que ſaibas quem he Irene...

Sahe Adaſtro fallando para dentro.

Adaſt. Naõ duvideis, Soldados, a minha entrada, que ElRey me envia.

Iren. Que vejo!

Adaſt. Carpio, tu aqui ſem eſpada para a minha defenſa?

Iren. Ao concederme faculdade os guardas, que de Alicandro ſaõ confidentes, naõ eſtivera ſem eſſa prevençaõ para os teus auxilios.

Filint. Até neſte lugar intentas, traidor, inſultarme?

Adaſt. Suſpende as vozes, ou te matarey.
Puxa a eſpada.

Iren. Ay de mim! *à part.* Senhor, vê que he

he diminuto caſtigo eſſe golpe para o ſeu merecimento; pois a morte que ſente, ſuaviza na gloria do braço, que lha ameaça. Permitte, que as minhas queixas ſatisfaçaõ às noſſas vinganças: bem ſabes, que Filinto procurou tirarme a vida, e aſſim me pertence a execuçaõ da ſua morte.

Filint. Deoſes, naõ baſta de tormentos! *àp.*

Iren. Ay Alicandro, como te demoras! *àp.*

Filint. Tambem Carpio he traidor?

Adaſt. Calla-te, ou perderás a vida.

Filint. Diſpara o golpe, infiel; uſurpa-me com a morte tantos motivos para o meu tormento.

Adaſt. Morre tyranno. (*ſuſpende-ſe*) Mas ay, que o valor me falta. *à parte.*

Iren. Soccorro, ſoberanos Deoſes. *à part.*

Filint. Barbaro, que te ſuſpende?

Iren. Muito tarda Alicandro. *à part.*

Adaſt. Naõ ſey que razaõ me obriga a ſupportar as iras. *à parte.*

Iren. Senhor, em que vacillas? Dame eſſa eſpada, eu lhe arrancarey aquella falſa vida; eu ſó baſto para terror de hum inſolente.

Adaſt. Toma, Carpio, execute a tua vingança o que naõ podem conſeguir as minhas acçõeſ. *Dá a eſpada a Irene.*

Iren.

Iren. Agora verás, traidor, ſe tens algum reparo.

Filint. Que intentas?

Iren. Meu bem, toma eſta eſpada para a tua defenſa. *Dalhe a eſpada.*

Adaſt. Que fazes? Tu contra mim, Carpio?

Iren. Já naõ ſou Carpio, agora ſou Irene.

Adaſt. Pois, traidores, acudiráõ obedientes as guardas às minhas vozes, para caſtigar o voſſo atrevimento. Olá.

Filint. Suſpende os eccos, ou te matarey.

Sahem Alicandro, e os guardas.

Alic. Filinto?

Adaſt. Ah defende, Alicandro, o teu Principe.

Alic. A Filinto defendo. Senhor, vem com a tua preſença ſatisfazer os alvoroços, com que te eſpera o vulgo: livre eſtás: aqui tens eſtes guardas para a tua defenſa, que eu me auſento a procurar mais realces à minha conſtancia. *Vaiſe.*

Adaſt. Piedoſos Ceos, tudo ſe conjura contra a minha ſorte.

Iren. Vem, amado bem, ſegue os meus paſſos, que ou hey de acabar a vida, ou levantarte ao ſolio.

Filint. He poſſivel, querida prenda, que vejo na correſpondencia da tua fidelidade

dade desvanecidos os temores da minha suspeita? Oh quanto me peza terte negado os creditos de firme.

Iren. E póde, Senhor, o teu receyo presumir infamias à minha fé constante?

Filint. Naõ me arguas, Senhora, desse delicto, quando só a minha desgraça formava essas conjecturas.

ARIA.

Meu bem, naõ duvides
Da fé, que te guardo;
Porque Fenix ardo
Na pyra de amor.
Desterra o receyo,
Se chegas a ouvirme;
Vê bem que sou firme,
E deixa o temor. *Vaise.*

Adast. Oh quanto me afronta o meu delicto! *à parte.* Sobe Senhor ao Throno, que o fado te destina, e satisfaze no meu peito as minhas ambiciosas culpas: aqui me exponho a receber sem resistencia o golpe.

Filint. Esta he a tua espada: aceita-a, e vive; e nos meus braços te prometto esquecerme dos teus delictos.

Dá

Dá Filinto a eſpada a Adaſtro, e depois de o abraçar vaiſe com os guardas.

Adaſt. Oh generoſo peito! Vejaõ agora os meus intentos os deſenganos: pouco importa a traiçaõ, quando a innocencia tem por Patrona dos Deoſes a piedade. *Vaiſe.*

SCENA III.

Perſpectiva de Praça à viſta de Palacio Real, com apparato magnifico para a coroaçaõ. Sahem alguns Soldados brigando com a guarda Real, a qual foge, e com ElRey, o qual cahindo, ſahe Irene de mulher com hum punhal na maõ.

Rey. PErfidos, ainda naõ lograſtes o voſſo vencimento. *Cahe.*

Iren. Olá Soldados, deixay à minha ira a mais vingança.

Quer ferir a ElRey, e ſahe Filinto.

Filint. Suſpende-te, Senhora: Irene, que determinas? Pay, e Senhor, nada receyes, quando tens ao teu lado proximo a Filinto.

Iren. Impios Ceos, até agora me eſtorvais as iras? *à part.*

Rey.

Rey. Que vejo! Filinto, he poſſivel, que os meus olhos te vem ſem damno?

Filint. Graças aos Ceos, que vivo para tua defenſa.

Rey. E a quem devo a fineza da tua vida?

Sahe Alicandro.

Alic. Eu, Senhor, fuy quem ſeguindo as leys da minha amizade, faltey aos teus decretos; e ſe te aggrava a innobediencia, a minha morte ſatisfará a culpa.

Rey. Que heroico delicto!

Sahem Adaſiro, Eſtella, e Pederneira.

Adaſt. Pay.....

Eſtel. Senhor.....

Adaſt. Compaſſivo, ou juſticeiro te rogo do indulto o perdaõ, ou da morte a pena.

Eſtel. Eu, Senhor, com a meſma ſupplica te peço o eſquecimento da minha offenſa.

Mac. Ay, ay, quem me acode! *Dentro.*

Pedern. Que gritaria ſerá eſta?

Mac. Ah que d'ElRey. *Dentro.*

Sahem Macaco, e Deſenfado aos murros.

Deſ. Pois que cuida? que tudo he femea? Mas aqui eſtá ElRey macho.

Rey. Suſpendei-vos.

Deſ.

Deſ. Aqui eſtamos todos ſuſpenſos.

Mac. Ay, ay, que me derreou o palayo! He o que tem quem ſe mete com mulheres alheyas. *à parte.*

Adaſt. e Eſtel. Aos teus pés Senhor.... *ajoelhaõ.*

Rey. Filinto, como aggravado, ſatisfará aos voſſos rogos.

Filint. De tudo ſe eſquece Filinto: e tu, Senhora, ou deixa o odio, ou perdeme o affecto. *a Iren.*

Iren. Já naõ póde reſiſtir o meu amor. A' viſta da generoſa liberalidade, com que perdoas, quem haverá, que aos teus exemplos fuja? Já da minha memoria a vingança excluo.

Deſ. Oh cá eſtá já minha Ama ſem calções, e eu livre de me ver em calças pardas.

Rey. Para que o meu Throno conſiga a mayor gloria, ſóbe Filinto, e no conſorcio de Irene teça Hymenêo taõ immortaes os laços, que nem a Parca poſſa dividir com a ſeparaçaõ as voſſas almas.

Filint. e Iren. Que ventura! *Daõ as mãos.*

Rey. E tu, Adaſtro, dá a maõ de eſpoſo a Eſtella; que deſta ſorte lhe ſatisfaço o muito que lhe quero.

Adaſt. e Eſtel. Venturoſo já obedeço. *Daõ as mãos.*

Mac. Ah Senhor Desenfado, v. m. quer alguma cousa desta rapariga? senaõ pecora a ElRey.

Def. Passa fóra Macaco. Ingentissimo Policrates, Rey dos Samios, a quem a fama celebra taõ ditoso, que morreo enforcado; naõ te admire, que em dia taõ festivo assista na tua presença o Desenfado, e só te empenha em darme a Pederneira, para que aos toques do meu amor tanto se accenda no sympatico fogo, que no muito que arder, possa sahir alguma cousa à luz.

Rey. Eu to concedo.

Def. Beijo esses fidalgos calcanhares. *Levanta-se.*

Mac. Isto he zombaçaõ! Ah dinheiro, que me deixaste vendido! *à parte.*

Peder. Vamos à isso, que estou já morrendo por essas cousas. Ora pois, eu por mim aqui estou.

Def. E eu naõ estou aqui, senaõ por amor de ti. Ora dame cá essa maõ de vaca. *Daõ as mãos.*

Mac. Se v. m. caza com a vaca, certos saõ os touros.

Def. Sim; mas v. m. Senhor Macaco, nunca escapará de algum bolèo, ainda que seja em pedrouços.

Rey.

Rey. Sóbe Filinto ao merecido Solio.

Sobem ao Throno Filinto, e Irene, e ſe faz a coroaçaõ.

Rey. Invictos Perſianos, eſte he o voſſo Monarca, e eſta a minha Coroa, que a impulſos do goſto transfiro da minha para a ſua frente: applaudi com venturoſos cantos eſte diminuto premio dos ſeus merecimentos, e os dezejados jubilos dos voſſos affectos.

CORO.

Ao Throno ſe eleve
O Heroico Filinto,
Pois que offenſas premea
Com beneficios.

FIM.

OS ENCANTOS DE CIRCE,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico da Mouraria.

ARGUMENTO.

DEpois de abrazada Troya, naufragando Ulysses por diversos mares, chegou a aportar na Ilha Circea, que era dominada por Circe grande Magica, a qual com encantos lhe transformou os companheiros em differentes animaes; porém Ulysses soccorido da Deosa Juno os livrou, e naõ podendo resistir ao poderoso attractivo da formosura de Circe, se deixou ficar no seu Palacio, com discommodo grande da sua jornada, e de seus companheiros; e sendo por algumas vezes admoestado dos seus, nada o movia mais do que os amores de Circe; até que vendo em certa occasiaõ aos seus pés as armas de Achilles, resoluto, e valeroso se ausenta. O mais constará do contexto da historia.

INTERLOCUTORES.

Ulyſſes, *I. Galan.*
Lidoro, *II. Galan.*
Archeláo.
Archia, *Gracioſo.*
Companheiros de Ulyſſes.
Cupido.
Muſica.
Juno.
Venus.
Circe.
Aſtrea.
Iris, *Gracioſa.*
Ninfas de Circe.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Boſques com viſta de mar.*
II. *Campos ſem viſta de mar.*
III. *Campos, e viſta do Palacio de Circe.*
IV. *Sala.*
V. *Sala differente.*
VI. *Boſques.*
VII. *Sala.*
VIII. *Jardim como de noite.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Campos.*
II. *Sala.*
III. *Campos.*
IV. *Ante-Camera.*
V. *Jardim.*
VI. *Boſques.*
VII. *Sala.*
VIII. *Camera.*
IX. *Boſques, e mar como no primeiro Acto.*

ACTO

ACTO I.

SCENA I.

Bosques, e mar; a huma parte clamores de nauticos, e de outra parte Musica.

Ulyss. JA' que tanto contra nós se mostra o fado, seja a confusaõ dos clamores triste lenitivo da pena. *Dentro.*

Circ. Já que taõ favoravel à sorte se nos ostenta, seja a consonancia das vozes sonoro iman da alegria. *Dentro.*

Vozes no mar. Irado Neptuno.

Music. Pacifico Phebo.

Vozes no mar. Cessem tuas iras.

Music. Brilhem teus luzeiros.

Vozes no mar. Abrandem clamores taõ pouca piedade.

Music. Naõ manchem as nuvens tanto luzimento.

Passa Circe, e as Ninfas à vista, e torna a entrar dizendo.

Vozes no mar. Piedade.

Music. Prazer.

Vozes

Vozes no mar. Soccorro.

Muſic. Alegria.

Vozes no mar. Sem rumo, e ſem norte nos ſepulta o mar.

Muſic. Com gloria, e com goſto nos feſteja o dia.

Aviſta-ſe a náo, e dizem.

Voz no mar. Hum monte à viſta ſe nos offerece, aonde arribados poderemos ſalvar as vidas.

Circ. Siga-me a Muſica ao Jardim, aonde alegres paſſemos a feſta. *Dentro.*

Ulyſ. Piedade, Deoſes immortaes.

Arch. Tem piedade de mim Jupiter Tonante, pois me tem feito o temor extravagante de mim meſmo.

Hum Já mais pacifico o mar com o embate dos montes nos permitte ſeguro porto.

Ulyſ. Gozemos todos da dezejada terra.

Saltaõ em terra Ulyſſes, Archia, Arquelão, e mais companheiros de Ulyſſes.

Ulyſ. Oh grata (ainda que deſconhecida) terra! recebe benigna a eſtes miſeros naufragantes.

Arch. Oh terra ingrata, e deſconhecida, que ha tanto tempo eſtás de mim auſente! *Ulyſ.*

Ulyſ. Penetremos, fieis companheiros, o intrincado deſtes boſques, e o aſpero deſtes montes, até deſcubrirmos alguns veſtigios de ſerem habitados; pois no fragoſo parecem mais domicilio de féras, que habitaçaõ de creaturas humanas.

Todos Todos te obedecemos. *Vaõ-ſe.*

Arch. E eu tambem; que em materias duvidoſas ſempre he bom ſeguir aos mais. *Vaiſe.*

Ulyſ. Que terra taõ agreſte ſerá eſta, em cuja fragoſa aſpereza, ſó ſe ouvem horridos bramidos de feras, e nas concavidades dos montes ſó ſe eſcutaõ triſtes ecços de infame multidaõ de aves nocturnas? Naõ vi mais incultas ſelvas!

ARIA.

Onde eſtou, immortaes Deoſes?
Que incognita terra he eſta,
De taõ aſpera floreſta
Inacceſſa à gente humana?
Só de feras domicilio,
Das ſombras palacio horrendo,
Onde julgo, e onde entendo,
Que ſó habita o fero horror.

Sahe Lidoro.

Lid. Incauto peregrino, ſe acaſo es companheiro

panheiro dos outros, cuja innocente ignorancia injuſtamente caſtiga Circe, procura ſalvar a vida, ſe naõ os queres acompanhar na morte.

Ulyſ. Já que te mereci o aviſo, mereça-te mais clara noticia do que taõ confuſo me dizes; pois nem ſey aonde eſtou, nem o como me poſſo livrar.

Lid. Sabe, pois, que eſtás no monte Circeo, aonde a Magica Circe tem o ſeu Palacio, ao qual chegando teus companheiros a pedirlhe benigna hoſpedagem, logo os transformou em differentes animaes, e aſſim coſtuma fazer a quantos miſeros naufragantes o mar aqui arroja, como o publicaõ os triſtes gemidos das feras, e aves; e ainda a mayor parte deſſe arvoredo, de que vês coroados os montes, ſaõ racionaes (ſe immoveis) creaturas, e vaſſallos de ſeu tyranno Imperio. Ay de mim, com que pena o relato!

Ulyſ. Como pois vives tu izento, aonde publícas haver tanta crueldade?

Lid. Naõ vivo izento, antes, como os mais, choro a minha pena: e ſaberás, que ſou Lidoro, que aportando, como tu, neſta infauſta terra, vi a Aſtrea, que era huma Ninfa de Circe, e a amey com

com extremo, com a dita de huma li
cita correſpondencia; o que ſabendo-
a cruel Circe, a transformou a ella em
arvore, taõ injuſtamente, pois que hu
ma eſquiva, como Dafne, ſe convert
em duro tronco, pouca mudança faz
porém que padeça o meſmo methamor-
phorſes, quem ſe compadece do tor-
mento de amor? injuſto caſtigo! Po-
rém julga mayor a minha magoa, pois
me permittio a liberdade para mayor ex-
ceſſo da minha pena: e aſſim andando por
eſtes rochedos acompanhando a Eco nas
queixas, que ella tem de Narciſo, e
eu de Circe.

Ulyſ. Muito ſinto, Lidoro, o teu tormento,
e agradeço o teu aviſo; porém naõ te-
nho de me auſentar, porque ſe naõ ha
de dizer, que Ulyſſes fugio do perigo,
deixando nelle a ſeus companheiros.

Lid. Pois ſe eſtás deſſe parecer, fica-te
embora, que eu vou continuando meu
pranto.

ARIA.

Reſpondendo o Ecco.

Na eſperança deſeſpero, eſpero.
Quando eſpero hum impoſſivel: poſſivel.
Se o penar he infallivel, fallivel.

E he

E he fallivel o alcançar, cançar.
Já me canſa o procurar curar.
Quem curar poſſa eſte ardor. dor.
A meu peito amante inflamma flamma.
Eſta flamma, eſta loucura: cura.
Cura naõ tem, porque dura, dura.
Outro tanto como a cauza, cauza.
Que me cauza eſte penar. penar.
Vaiſe.

Ulyſ. Laſtimado me deixa ſeu triſte pranto. Mas ay de mim, que farey em tanta confuſaõ!

Muſic. Naõ temas, heroico Grego,
Que Juno te ampara
De Circe, com tanto
Que venças de amor o encanto.

Apparece Juno em huma nuvem com flores.

Jun. Ulyſſes, guarda eſſas flores, que ellas te defenderáõ da venenoſa magica de Circe.

Vay repetindo a Muſica o quarteto acima.

Ulyſ. Já que, ò ſoberana Deidade de Juno, te dignas ampararme, nada temerá o meu valor; nem permittirey tregoas ao deſcanço, ſem ver em liberdade a meus companheiros. *Vaiſe.*

Muſic.

Muſic. Contra Ulyſſes vem
A pedir favor
De amores a Deoſa
Ao Deos de amor.

Apparece Venus, e Cupido em outra nuvem.

Venus. Bem ſabes, Cupido, com quanta cauza devo perſeguir eſte tyranno Ulyſſes, porque foi hum dos que mais motiváraõ a ruina da infeliz Troya; e aſſim arma contra elle as tuas penetrantes ſettas: e já que Juno o defende dos encantos de Circe, tu o has de render ao cruel encanto de amor.

Cupid. Eu te ſeguro, querida Mãy, introduzirlhe mais incendios em ſeu peito, do que elle cauſou em Troya.

Venus. Seja hum incendio caſtigo de outro incendio, e fiquem ſuas cinzas ſepultadas em tal eſquecimento,

Que nunca fique delle mais memoria,
E com elle ſe acabe o nome, e gloria.

Vaõ-ſe.

Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. Aonde eſtarás, funeſto palacio, laſtimoſo mauſoléo de tantas vidas? Mas que vejo!

Sa-

Sahem Circe, e as Ninfas.

Circ. Invicto Ulysses, sejas bem vindo a esta terra, aonde a minha hospedagem te suavize os trabalhos do mar.

Ulyss. Bellissima Circe, recebe compadecida a este misero peregrino, e ache em ti tanta piedade, como no mar achey rigores.

ARIA.

Circ. Terás valeroso Ulysses
Em meu generoso trato
O obsequio amante, e grato,
Que merece o teu valor.
Verás hoje em meu abrigo,
Que de meu peito hospedado,
Te suaviza o meu cuidado
Do mar o cruel rigor.

Vaise e as Ninfas.

Ulyss. Oh nova especie de Crocodilo, pois cantas para matar!

SCENA II.

Campos sem vista de mar. Sahe Archia feito porco.

Arch. QUe escapando eu de ser no mar cavallo marinho, me chegue a ver aqui porco montez! que podendo Circe fazerme jumento de algum

gum saloyo [que só estes nascerão para jumentos] me faça andar com o fucinho feito lavrador dos valles, e caboqueiro dos montes! Ora ninguem faz porcadas com mais limpeza. Que tal para mulher de hum marchante? Mas ter acções taõ porcas quem me parece ser taõ senhora, que a julgo descendente da Imperatriz Porcina! Mas por certo tinha eu de me ver feito hum pay de leitões; porém aqui naõ ha mais remedio, que paciencia que naõ gurinhate.

ARIA.

Senhor Archia Leitaõ,
Que fucinho he este seu?
Quem tal trombada lhe deu?
Quem o fez taõ cabeçudo,
Taõ trombudo, e cabeludo
Como o mais atroz javardo?
Todo o brio, e toda a força
Tem na ponta do nariz:
E da boca, o que me diz
Taõ aberta, e taõ resgada
E a dentada, e a queixada
Mayor, que a de hum Tubaraõ?

Vaise.

SCE-

SCENA III.

Campos, e vista do Palacio de Circe. Sahem Ulysses, Circe, Iris, e mais Ninfas.

Circ. JA' que, ò valeroso Grego, es taõ invencivel, que até soubeste vencer meus encantos, ainda que ajudado de divindades, te rogo me queiras dar alguma noticia dos teus successos.

Ulys. Dilatados tem sido os progressos da minha vida, e depende de largo tempo a narraçaõ delles; mas por te obedecer, os relatarey em summa, por ver, que nunca o pouco molesta, nem o breve causa enfado.

RECITADO.

Eu sou Ulysses, minha patria Grecia,
Rendi a Troya, em chammas a abrazey;
E de Achilles as armas forte herdey;
Das Sereas venci o cantar sereno,
E ao forte Gigante Polifemo;
Ao mar me entrego, mas Venus irada
Com ventos descompoz a minha armada.

ARIA.

ARIA.

Deſſe mar ha já ſeis annos,
Que navego as ondas frias,
Com tormentos, com fadigas,
Varios climas tolerando,
Já de Venus perſeguido,
Já dos ventos combatido.
E neſta terra apartado
Com encantos me perſegues,
Mas os Deoſes me defendem
De taõ venenoſo mal.

Iris. Já vejo, que he decantada a vida deſte homem, pois cantando a foi contando.

Circ. Peço-te, famoſo Grego, deixes ſocegar mais os furioſos ventos, e refazerte em meu Palacio das moleſtias do mar; que depois mais ſeguramente poderás com teus companheiros ſeguir teu caminho.

Ulyſ. Que efficazes ſaõ os rogos da belleza! *à parte.* Naõ duvido obedecerte, como veja hoje a meus companheiros reſtituidos à ſua antiga fórma, e juntamente huma Ninfa tua, que por delictos de amor padece por prizaõ hum duro tronco.

Iris. Melhor era que eſtiveſſe em hum al-

jube,

jube, que he aonde ſe pagaõ de amor os delictos.

Circ. Como eſtá à tua viſta, nella começo a ſervirte. Aſtrea perde a fórma de arvore, que Ulyſſes apadrinha teus erros.

Sahe Aſtrea de huma arvore.

Aſtr. Dezejára ter tantas linguas, como as folhas em que eſtava transformada, para cabalmente agradecerte, ò inclyto Ulyſſes, tanto bem que de ti recebo.

Sahe Lidoro.

Lid. Ainda que eſtava occulto [vendo tanta ventura] naõ me permitte o amor, e o agradecimento demora em me proſtrar a teus pés.

Ulyſ. Trocay ambos o agradecimento em reciprocas finezas; pois como era injuſto o caſtigo, vos era devido o beneficio.

Circ. Vay Ulyſſes com os mais para o meu palacio, em quanto te mando teus companheiros.

Ulyſ. Obedecendo te ſirvo.

Iris Naõ ſaõ os Gregos taõ feyos como eu cuidava.

Vaõ-ſe todos, e fica Circe ſuſpenſa.

Circ. Que deſinquieto cuidado ſerá (oh

Deoſes) o que eſte naufrago Grego me cuſta? Será compaixaõ, ou ſerá affecto?

Arch. Será. *Dentro.*

Circ. Quem me reſponde.

Sahe Archia ainda feito porco.

Arch. Será (dizia eu) tempo, Senhora, de ſe quebrar o fadario a eſte porquihomem?

Circ. Tu es dos companheiros de Ulyſſes? Proſegue, que bem te ouço, pois para mim he perceptivel a voz de qualquer animal.

Arch. Venho Senhora dizerte, que dezejo tornar ao meu antigo albernós de embreada lona; pois como ſou toſco, naõ me dou bem com veſtido de ſedas.

Circ. Explica-te mais.

Arch. Digo, que ſe fora poſſivel naõ ſer quem ſou, quizera ſer quem fuy.

Circ. Tambem eu me vejo taõ outra de mim meſma, que a mim me deſconheço.

Arch. Ah que tu tornarás a ſer quem eras de antes, e eu naõ ſey ſe ſerey quem de antes era; porque receyo fazer huma grande jornada neſta porcatica fórma.

Circ. Que jornada he?

Arch. He, Senhora, hir da Porcalhota, para o chaõ de Eſtira-corda; do chaõ de Eſtira-corda, para o Mata-porcos; do

do Mata-porcos, para a Chamuſca; da Chamuſca, para a Cutellaria; da Cutellaria, para a Certã, e depois diſto andar em bocas do mundo, e tomarem-me entre dentes.

Circ. Queres dizer, que receias, que te matem?

Arc. Se vay a fallar verdade, o viver porcamente máo he; porém o morrer, ahi troce a porca o rabo.

Circ. Vay deſcançado, que tu, e os mais companheiros de Ulyſſes daqui a pouco eſtareis com elle. *Vaiſe.*

Arch. Oh vivas como a Fenix, ainda que morras como ella, quando quer renaſcer. *Vaiſe.*

SCENA IV.

Sala. Sahem Lidoro, e Aſtrea.

Lid. QUerida Aſtrea, ainda nã̃ creyo que alcanço a gloria de té ver, poſto mo certifique a tua preſença.

Aſtr. Por mais que o teſtemunhem meus olhos, amado Lidoro, ainda duvido, ſe he certa a ventura que logro.

ARIA A DUO.

Lid. Doce bem,
Aſtr. Amado emprego
Lid. Que ventura taõ goſtoſa!
Aſtr. Oh como ſou venturoſa,
Amb. { Pois ditoſa / Pois ditoſo } a verte chego!
Lid. Eſta dita,
Aſtr. Eſta gloria
Lid. Por empreza,
Aſtr. Por victoria
Lid. Publique amor por eſpanto
Ambos A pezar de todo o encanto. *Vaõ-ſe.*

SCENA V.

Sala. Sahe de huma parte Archia, e de outra Iris juntamente.

Iris. AY!
Arch. Uy!
Iris Ay, que medo que tomey!
Arch. Uy, que liberdade que perdi!
Iris. Eſtou ſem vida.
Arch. Eſtou ſem alma.
Iris. Fiquey ſem ſangue no corpo.
Arch. Fiquey ſem lume nos olhos.
Iris. Que medo, que me meteo!

Arch.

Arch. Que ſetta, que me tirou!

Iris. Ainda naõ eſtou em mim!

Arch. Menina ſocegue-ſe, e diga-me ſe acaſo he da obrigaçaõ da Senhora Circe?

Iris. Sim ſou.

Arch. Como he bella! Diga-me mais, ainda que mal pergunte, ſabe tambem alguma couſa daquelles encantoszinhos.

Iris. Porque o quer ſaber?

Arch. Porque depois que a vi, ſinto cá por dentro das veyas huns formigueiros, cá pelo coraçaõ huns ſuſtos, olhe aſſim a modo de que quero tornar a ſer pay de leitões: naõ me explico bem; ſinto cá hirme inclinando mais ao animal, que ao racional, e aſſim lhe peço, que ſe me quer converter em algum quadrupe, me faça ſeu cachorrinho de fralda.

Iris. Naõ o quero caõ de fralda, que naõ tem mais preſtimo, que de ladrar; e como Circe partio para a caça por divertir a Ulyſſes, quero que ſeja podengo para que me traga alguns coelhos.

Vaiſe.

Arch. Para que traga coelhos? Eu os tragarey. Ora eu cuidava que ſó as mulheres Gregas eraõ inclinadas ao verbo *do*, *das*.

Vaiſe.

SCE-

SCENA VI.

Boſque, e eſtrondo de caça.

Ulyſ. VOarás remontada Garça mais ligeira com as pennas, que te accreſcentar eſta ſetta. *Dentro.*

Sahe Circe.

Circ. Por ver que me vem ſeguindo Ulyſſes, me retiro a eſte lugar, mais apartada das que me acompanhaõ. Oh nunca dos Troyanos incendios eſcaparas, cruel Ulyſſes, pois tens introduzido ſegunda Troya em meu peito. *retira-ſe.*

Sahe Ulyſſes ſem ver a Circe.

SONETO.

Os magicos encantos que intentaſte,
Que pouco importa, ò Circe, o ter vencido;
Se tal belleza vendo, ſuſpendido,
Com taõ doce veneno me encantaſte
Tambem conheço, ò Juno, que amparaſte
Meu peito, como tinhas promettido;
Mas que importou entaõ ſer ſoccorrido,
Se outro mayor encanto me deixaſte?

Deſ-

Deſprezar pódes, Circe, empenho tanto;
E ſe he melhor, que a arte, a natureza,
Ceſſe da magica o cruel eſpanto;
Pelo lindo transforma ſem defeza,
Nem preciſas uſares de outro encanto,
Tendo mayor encanto na belleza.

Circ. Que te traz Ulyſſes taõ ſuſpenſo, que deſconfia o meu cuidado ſe te acharás pouco ſatisfeito da minha hoſpedagem?

Ulyſ. Antes muito diverſa he a cauſa, que taõ diſtrahido me tem; pois he, ſó o admirar o poderoſo effeito de tua formoſura, que taõ eſquecido me traz de mim, que ſó de te adorar me lembro.

Circ. Aſſim o permitta amor. *à part.* Como conheço, que iſſo ſaõ hyperboles da tua eloquencia, te naõ reprehendo o arrojo de me fallares com menos reſpeito. Que mal reprehende, quem o meſmo que reprehende, dezeja! *à parte.*

Ulyſ. Se queres que mude de eſtylo, ſeja para te agradecer o concederes a meus companheiros a ſua racional liberdade, ainda que me parece, que ma tiraſte a mim antes de lha dares a elles.

Circ. E iſſo he mudar de eſtylo, ou mudar para peyor?

Ulyſ.

Ulyſ. Culpa a tua formoſura, que élla cauſa em mim o arrojo de que me criminas; e em ſer a tua belleza taõ culpada, venho a ter a mayor deſculpa.

Circ. Suſpende a voz que..... Mas para evitar eſſas temeridades, proſigamos a caça. Que mal me esforço! *à parte.*

Faz que ſe vay.

SONETO.

Ulyſ. Attende ò bella Circe. *Circ.* Que procuras?

Ulyſ. Que ſaibas que te adoro. *Circ.* Iſſo he engano;

Ulyſ. Aſſim permitta amor. *Circ.* Oh Deos tyranno! *à parte.*

Ulyſ. Que teu deſdem ſe acabe. *Circ.* Oh que loucuras?

Ulyſ. Sempre firme ſerey. *Circ.* Como o aſſeguras?

Ulyſ. Com ſer amante eterno. *Circ.* Es inhumano.

Ulyſ. E meu amor taõ fino. *Circ.* He louco inſano.

Ulyſ. Mil finezas fará. *Circ.* Naõ ſaõ ſeguras.

Ulyſ. Ceſſem já teus rigores. *Circ.* Naõ te creyo;

Ulyſ. De ſer conſtante juro. *Circ.* Será dita *à parte.* *Ulyſ.*

Ulyſ. Nunca me mudarey. *Circ.* Ah que receyo;

Ulyſ. Rendido me tem já. *Circ.* Gloria infinita. *à parte.*

Ulyſ. Ay adorado bem! *Circ.* Ay doce enleyo! *à parte.*

Ulyſ. Amor me fará teu. *Circ.* Elle o permitta. *à parte.*

Vaiſe Circe.

ARIA.

Ulyſ. Eſpera, ingrata, eſpera,
Que poſto tyranna féra
Tua viſta me maltrata,
Mais o naõ te ver me mata.
Suſpende o ligeiro paſſo,
Das almas tyranno laço;
Mas ſe foges, cruel, tanto,
Eu te ſigo com meu pranto.

Vaiſe.

Sahem Lidoro, e Aſtrea.

Lid. Que eſcaſſa he a ſorte, querida Aſtrea, nos breves minutos que me concede para verte, quando taõ liberal foi nos dilatados ſeculos que me deu de auſencia!

Aſtr. Mais me devo eu queixar de ſua crueldade, pois me negou com a tyrannia do

do encanto o ſenſivel, para mais tormento meu; porque o mayor que me afflige, he o naõ te amar o tempo que naõ ſenti.

Lid. Eu me confeſſarey ditoſo, ſe naõ for mudavel o amor que publícas.

Aſtr. Eterna ſerá minha firmeza. Mas Circe torna a eſte ſitio; e como temo o ſeu rigor, tanto a meu pezar experimentado, eſta noite te fallarey no jardim de palacio. Vaite que lá te eſpero.

Lid. Seculos ſeráõ para mim os minutos, que durar o dia. Oh que pouco dura huma gloria! *Vaiſe.*

Aſtr. Oh que breve he o tempo de huma alegria!

Sahe Circe.

Circ. Aſtrea, de ti confio o mayor cuidado de meu peito, que como experimentada me ſaberás valer. Para eſta parte vem Ulyſſes: eu me retiro, em quanto lhe has de dizer, que eſta noite lhe queres fallar no meu jardim.

Aſtr. Senhora, ſe eu..... a Ulyſſes.....

Circ. Naõ tens que replicar; porque quero em teu nome dar deſafogo a meu coraçaõ. *retira-ſe.*

Aſtr. Ay de mim! que farey em tanta confuſaõ

fuſaõ de penas! pois no jardim me ha de eſperar Lidoro.

Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. Giraſol amante das luzes de Circe, mal poderey guiar os paſſos, naõ ſendo em ſeu ſeguimento.

Aſtr. Ulyſſes, eſta noite vos eſpero no jardim de Palacio, que me importa fallarvos.

Ulyſ. Naõ faltarey em ſervirvos.

Aſtr. Oh permittaõ os Deoſes, que naõ vas! *Vaiſe.*

Ulyſ. Que ſó a Circe naõ encontre!

Sahe Archia.

Arch. Iſto de caça naõ entendo, mais que caſſa a eſcota.

Ulyſ. Naõ a diviſo em todo o boſque.

Arch. Ah Senhor, quero-te pedir hum favor; e he, que vas caçando mais por eſte boſque, naõ mates a nenhum porco.

Ulyſ. Porque o dizes?

Arch. Porque he a melhor gente de quantos animaes ha; e eu, quando fuy ſeu companheiro, experimentey nelles a mayor amizade, e amor que podia ſer.

Ulyſ. Deixa loucuras.

Arch. Digo-te, Senhor, a verdade, que os

os porcos deſta terra deviaõ de ter boa criaçaõ, porque todos, ſem me conhecerem, me cortejavaõ grandemente.

Ulyſ. Pois pedirey a Circe, que torne a mandarte acompanhallos.

Arch. Naõ he preciſo; agradeço o cuidado: porém ſe queres orar por mim, ſó lhe pede que faça porca a minha bolça, pois anda ſempre a couſa mais limpa que tenho viſto.

Ulyſ. Eſtá bem; vamos para palacio, que como nos perdemos na caça, ſupponho que Circe já ſe auſentaria.

Arch. Vay com Jupiter, que eu vou ver ſe encontro algum final *ex inſtituto* de vinho venal. Ah Senhor, forte ſaudade tenho das tavernas da Grecia!

Ulyſ. Ay de mim! Ninguem me falle em Grecia. *Vaiſe.*

Arch. Ay de mim! Ninguem me falle em tavernas. *Vaiſe.*

SCENA VII.

Sala. Sahe Iris.

Iris. ORa que ſeja poſſivel, que ha tantos annos eſtamos aqui peyor que Amazonas; [pois nem de anno em anno

anno fallamos a homem algum] e que vindo agora eſte par delles, he como ſe naõ foſſe! Porque Ulyſſes vaiſe adjectivando com Circe; os mais que tinhaõ algum geito, tanto que ſe apanhárao outra vez feitos gente, calcurriaraõ para o navio, ſem que ficaſſe hum Grego, a quem me aggregar: ſó aqui ficou hum Archia, que he muito bom tacaõ: elle ſim me quer bem, mas como naõ tem que dar, nada de mim eſpere.

ARIA.

Hum Grego me quer
A' Grecia levar;
Mas ſe eu for por mar,
Grega ſeja eu,
Porque eu bem eſcuſo
Ser peixe mulher.
E mais ſendo elle
Hum taõ boa peſſa,
Embora me deixe:
Por certo que nelle
Ganhava bom peixe.

Sahe Archia.

Arch. Em ditoſa hora, ò Iris, largo as vélas ao meu atrevimento; pois vejo que nas nuvens do teu canto eſtá eſſe arco

arco/promettendo bonança ao timido baixel de meu amor, que tanto receya navegar o cabo da tua belleza.

Iris. Na verdade taõ cativo eſtás de mim?

Arch. E taõ cativo, que ſe me vieſſem reſgatar, me faria hum renegado de Grecia, ſó por eſtar na maſmorra da tua graça.

Iris. Taõ bem te pareço?

Arch. Já que es Iris, por arcos te explico a tua belleza; porque comparo as tuas ſobrancelhas aos arcos da Capella; os teus olhos ao arco do Cego; o nariz ao arco dos Pregos; a boca ao arco das Mentiras; o peſcoço ao arco do Eſpinho; o corpo ao arco do Garajaõ; e toda tu es hum arco da velha, e ſendo toda arco, naõ vi couſa mais deſarcada.

Iris. Naõ te pareça que menos agradada eſtou de ti; e por praças te retratarey: e aſſim he a tua teſta praça vaſia; os teus olhos praça do Remolares; o nariz praça do Caſtello; a boca praça da Palha; o peſcoço praça do Pelourinho; o corpo praça morta; e ſendo tu homem de tantas praças, naõ vi homem de menos praça. *Vaiſe.*

Arch. Parece que lhe naõ agradou o retrato, ſe já naõ he que por ſer já noite, naõ

naõ deve apparecer eſte arco da velha.

Vaiſe.

SCENA VIII.

Jardim como de noite. Sahe Circe.

Circ. QUe pouco deſcança quem padece os deſaſocegos de amor! Ay Ulyſſes, que tanto contra mim converti o veneno, que em teu damno fabricava!

DECIMA.

Se o Baſiliſco homicida
Vê no eſpelho o ſeu retrato,
Ficando o criſtal intato
A ſi proprio tira a vida.
Eu aſſim inadvertida
Dentro em ſeu peito me vi,
E indo apurar alli
Do mayor veneno o effeito,
Ficando livre ſeu peito,
A mim propria me offendi.

Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. Que pouco ſocega a quem deſpertaõ de amor os cuidados! Ay Circe, que por desfazer teus encantos, nelles perdi a vida!

DE-

DECIMA.

Se a Maripoſa brilhar
Vê da luz a ardente flamma,
A vida perde na chamma,
Quando a procura apagar.
Aſſim vendo a Circe obrar
Os venenos que obſervey,
Desfazellos procurey;
Porém como eraõ tantos,
Hindo a desfazer encantos,
Nos encantos me abrazey.

Fica Ulyſſes da parte de Circe, e ſahe da outra parte Aſtrea.

Aſtr. Já Circe a meu parecer anda no jardim. Oh permitaõ os Deoſes naõ encontre com Lidoro!

Sahe da outra parte Lidoro, e fica da parte de Aſtrea.

Lid. Naõ te pareça obſcura noite, que, a pezar de tuas ſombras, deixarey de gozar os reflexos do aſtro que ſigo.

Circ. Porém ſe me naõ engano, hum vulto ſe me apropinqua. Oh queira amor ſeja Ulyſſes.

Aſtr. Hum vulto deviſo, ſupponho que Ulyſſes ſerá.

Circ.

Circ. Sois Ulyſſes?

Ulyſ. A obedecer voſſos preceitos, bella Aſtrea, cuidadoſo venho.

Circ. Julgo naõ duvidareis ſer pequeno o arrojo de confeſſarſe voſſa quem vos deve a liberdade.

Ulyſ. Eſta voz he de Circe: fingirey. *àp.* Ainda que no meu peito ſó aſſiſte Circe, ſempre dezejey fugir às cenſuras de ingrato.

Aſtr. Sois Ulyſſes?

Lid. Naõ ſou, ingrata, ſenaõ Lidoro.

Aſtr. Ay de mim, que fuy inadvertida!

Lid. Para iſto me chamaſte, ingrata? Oh caſtigue amor tanta falſidade.

Aſtr. Suſpende a voz Lidoro.

Ulyſ. Mas que rumor he eſte?

Circ. Quem dá aqui vozes? Aſtrea, Nize, Laura.

Sahem as Ninfas com luzes.

Circ. Mas que vejo!

RECITADO.

Circ. Como atrevidos, intentais aſſim.....?

Ulyſ. Eu Senhora.....

Aſtr. Se entrey, fuy.....

Lid. Ay de mim!

Circ. Meu rigor ſe verá, cruel, tyranno;

Ulyſ. O meu erro,
Aſtr. Rogada.
Lid. Cruel engano!
Circ. Caſtigar em todos com razaõ intento,
Ulyſ. Deſculpe amor
Circ. Tanto atrevimento.

ARIA A 4.

Circ. Se profana o voſſo arrojo
Deſte ſitio o Ceo ſagrado,
Ulyſ. Amante,
Aſtr. Humilde,
Lid. Proſtrado,
Ulyſ. Pedir,
Aſtr. Chorar,
Lid. Sentir,
Circ. Caſtigar,
Todos Será forçoſo,
Circ. Caſtigar
Todos Deſculpar } o intento { voſſo / noſſo
Circ. Ide-vos já, antes que
O caſtigo em vós começe.
Todos Tal rigor, Senhora, ceſſe,
Lid. Que os crimes,
Aſtr. Que cauza
Ulyſ. Amor,
Circ. Bem merecem
Todos Naõ merecem } tal rigor.

Vaõ-ſe todos.

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Campos. Sahem Circe, e Aſtrea.

Circ. AInda que ſegura eſteja no firme amor de Ulyſſes, como à mayor ventura perſegue a mayor emulaçaõ, quero aqui retirada ouvir o que os ſeus companheiros vem fallando.

Aſtr. Entre eſte arvoredo nos podemos occultar. *retiraõ-ſe.*

Sahem Archia, Arqueláo, e os mais companheiros.

Arch. Como digo: tanto me quizera elle a mim, como quer a Circe: tem-lhe hum amor, que he huma couſa grande.

Arq. Se he aſſim, tarde hiremos a Grecia.

Arch. Ainda peyor he; que hontem elle, e mais ella.... Mas naõ importa, naõ importa.

Circ. Ah traidor! *à parte.*

Arq. Cruel deſgraça!

Arch. Outra couſa mais péſſima; que eſta

noite os vi eu a ambos no jardim..... Mas nada, nada.

Arq. Fera desdita!

Arch. Que seria, se vissem hir eu muito descuidado, e dar com elles..... Mas andar, andar.

Arq. Que tanto valor viva esquecido de si, e dos seus?

Arch. Tudo isto he nada; mas se soubessem perderme eu em Palacio, e hir dar de repente no quarto de Circe, e..... Mas naõ quero fallar.

Arq. Que vencendo tantos perigos sé deixasse vencer de huma mulher!

Arch. Senhores, estoura hum pelo outro.

Circ. Naõ sey como me reporto! *à parte.*

Arq. Vamos, companheiros, tratar do remedio. *querem hirse.*

Arch. Olhem, esperem; elles ambos cada vez que lhe parece..... Mas naõ quero dizer.

Arq. Vamo-nos. *Vaõ-se.*

Arch. Elles vaõ ardendo; e que seria se eu lhes disseſſe, que tambem vi em huma noite.....

Sahem Circe, e Astrea.

Circ. O que traidor?

Arch. Nada, Senhora; porque fazia escuro.

ro. Ay pobre Archia! *à parte.*

Aſtr. Os Gregos, Senhora, ſaõ muito falſos; juſto he que eſte atrevido pague ſemelhante traiçaõ.

Arch. Porque? a Senhora Circe empreſtou-me alguma traiçaõ, para haver de a pagar?

Circ. Hoje meu caſtigo ſerá ſatisfaçaõ de ſua aleivoſia.

Arch. Deſta vez porco *me fecit. à part.* Senhora, eu nada diſſe, porque tudo o que diſſe, foi nada, naõ importa, naõ quero fallar, naõ quero dizer.

Circ. Neſſe nada dizias muito; e porque outra te naõ aconteça, ſahe ao campo acompanhar as féras. *Vaõ-ſe.*

Arch. Rogo-te, Senhora... mas foi-ſe: ay de mim, que já ſe me vay arrepiando a pelle; deſta vez me transformo em algum porco eſpim, ou em algum ouriço cacheiro. *Vaiſe.*

Sahem Ulyſſes, *e* Aſtrea.

Ulyſ. Belliſſima Aſtrea, eſtimo a occaſiaõ de encontrarvos, tanto pela gloria de vos ver, como por ſaber o que me ordenaveis no jardim, quando Circe me embaraçou o fallarvos.

Sahe

Sahe Lidoro.

Lid. Aſtrea fallando com Ulyſſes! Ah crueis zelos! *retirado.* *à part.*

Aſtr. Só Circe vos poderá dizer o que vos queria.

Lid. Ah cruel, ah falſa, que pouco duravel foi tua firmeza! *à parte.*

Ulyſ. Naõ vos embarace o dizeres-mo receyo algum, pois vedes que eſtamos ſós.

Aſtr. Só Circe vos póde dar reſpoſta, que eu naõ vos quero nada.

Lid. Ah tyranna, até lhe pedes zelos de Circe? *à parte.*

Aſtr. E daime licença, que me importa auſentarme. Ah Lidoro quem te vira! *à p.*

Vay Aſtrea para hirſe, e encontra-ſe com Lidoro.

Aſtr. Mas ay de mim! Meu bem.

Lid. Ay de ti que es falſa, e ay de mim que experimento os teus enganos, e os deſſe cruel peregrino, pois me deu huma vida para me dar mil mortes!

Ulyſ. Suſpendey a voſſa queixa, pois em nada vos offendi.

Lid. Negares o que vi, he ſegunda offenſa, e aſſim tiraime de huma vez a vida, ficareis pago da que me déſtes, quando foſtes

foſtes cauza de que eſſa féra deixaſſe os boſques, para ſó fazer eſtragos no meu peito.

Aſtr. Ay triſte, infeliz!

Empunhaõ as eſpadas, e ſahe Circe.

Circ. Suſpendeivos; que he iſto Aſtrea?

Aſtr. Senhora, preſumindo Lidoro, que eu amo a Ulyſſes.....

Circ. Baſta; e adverti Lidoro, que ſegunda vez naõ perturbeis á quieta hoſpedagem com que ſirvo a Ulyſſes, porque experimentareis o caſtigo.

Lid. Senhora, ſaberás que.....

Circ. Naõ tendes que me dizer, e ſó vos importa cuidar no que vos encomendo: vamos Ulyſſes, vem Aſtrea. *Vaõ-ſe.*

Lid. Que mais generos de tormentos [ay de mim!] ſe pódem inventar contra hum infeliz? Oh Deoſes, para que me permittis huma vida ſujeita a tantas mortes? Que cobardes que ſois, oh deſgraças, pois ſempre me accometeis juntas! Mas como eſtou coſtumado ao voſſo mal, por iſſo vivo com o voſſo veneno. Ah cruel Aſtrea! es falſa a quem te ama, por amares á hum falſo eſtrangeiro? Mudaſte de huma firmeza, para ſeres firme a quem aprendeo do mar a mudança?

mudança? Ah tyranna, amor te castigue, já que tanto ao amor offendes.

ARIA.

Falsa, féra, ingrata, cruel,
Em que te offendeo meu peito?
Se em mim vês de amor o effeito,
Que mais quer teu desamor?
Vou-me a queixar de ti
A's aves, penhas, e fontes,
Aos valles, e aos montes
Por taõ tyranno rigor. *Vaise.*

SCENA II.

Sala. Sahem Circe, e Ulysses.

Circ. POr mais que me certifiques as véras do teu amor, nunca me poderás eximir de hum cuidado, que muito me afflige.

Ulys. Grande he, o que me causas na demora de mo dizeres.

Circ. Mas temo de que o saibas, porque duvido da tua firmeza.

Ulys. Tem de meu amor toda a segurança, que nem todo o poder do fado me poderá fazer mudavel.

Circ. Nessa confiança te manifesto, que o meu

meu temor naſce, de que os teus procurem caminhos de me deixares.

Ulif. Perde o receyo, idolatrado bem: como em ti vivo, ſó morto me poderáõ de ti auſentar.

Circ. Naõ ſaõ baſtantes eſſas promeſſas a izentarme de ſuſto.

Ulyſ. De que modo, pois, te hey de ſegurar a minha firmeza? Se algum dia em mim houver mudança, permittaõ os Deoſes.....

Arq. Naõ permittaõ os Deoſes. *Dentro.*

Ulyſ. Quem me contradiz?

Sahem Arquelão, e os mais companheiros.

Arq. Naõ permittaõ os Deoſes, Senhores, que livrando-nos da rigoroſa guerra de Troya, do ſuave golfo das Sereas, do horrido rigor de Poliſemo, das iras de Venus, e Neptuno, paſſando tantos climas, e mares, tormentas, e furioſos ventos, hoje torpemente amortecidos nos tenha o teu deſcuido, ſem eſperança de vermos a amada patria. Deſperta pois do lethargo em que te vês ſepultado, e vem a ſer immortal brazaõ da Fama, e ſenaõ permitte-nos licença, que ſem a tardança de huma hora havemos largar as vélas ao favoravel vento. *Circ.*

Circ. Quanto temo este conflicto!

Ulyſ. Fieis companheiros, e amigos [de mim!] eu vos acompanho. *quer ir*

Circ. Naõ era isso o que pouco ha te ou dizer.

Ulyſ. Mas hide-vos sem mim, ou naõ v vades. *vem para Circ*

Arq. O deixarmos de partir he impossive

Ulyſ. Vamos: porém como sem Circe?

Circ. Attende, Ulysses, às finezas que m deves.

Ulyſ. Ide-vos livres, já que amor me pren de.

Arq. Lembre-te tua patria, espoſa, e fa ma.

Ulyſ. Eu vos sigo leaes amigos. *vay para elles*

Circ. Já te esqueces, ingrato, de tantas promessas, que a tua fingida firmeza me fazia?

Ulyſ. Razaõ tens Circe; largay as vélas, e gozay da doce liberdade. *vem para Circ.*

Arq Pois fica-te sem nós. *Vaõ-se.*

Dentr. Viva Grecia, viva Marte.

Ulyſ. Mas estas vozes..... Arqueláo es- pera detente. *vay para elles.*

Circ. Pois queres deixarme, cruel?

Circ. e Ninf. Viva Venus, viva amor.

Arq. Que ordenas? *Sahe.*

Ulyſ.

Ulyſ. Que vos vades, e publiqueis que mais poderoſos ſaõ os venenos de Venus, que os antidotos de Juno.

vem para Circ.

Arq. Pois fica-te com Venus, que Marte nos ſeguirá. *Vaiſe.*

Dentr. Viva Grecia, viva Marte.

Ulyſ. Eſta voz me arrebata.

Circ. e Muſic. Viva Venus, viva amor.

Ulyſ. Eſta me eleva, e ſuſpende.

Dentr. Viva Grecia, viva Marte.

Circ. e Muſic. Viva Venus, viva amor.

SONETO.

Ulyſ. Em meu peito abrazado hoje ſe encerra
A mais dura peleija, e cruel contenda;
Marte ſe esforça para que me renda,
Amor para vencerme me faz guerra;
Marte traz por eſcudo a patria terra,
Amor traz por brazaõ a doce offrenda;
Se procuro que hum de outro me defenda
Vejo que amor a Marte em fim deſterra;
Entrou no coraçaõ amor glorioſo,
E em teu nome de Marte defendeo-me,
Fazendo-o, ò Circe, tu mais poderoſo.
Marte em fim ſe auſentou, amor rendeo-me,
Sendo em meu coraçaõ mais victorioſo,
Pois a Marte venci, e amor venceo-me.

Muſic.

Muſic. Viva Venus, viva amor.

ARIA A DUO.

Ulyſ. De amor a doce victoria
Se decante por memoria.
Circ. E da fama por proeza
Seja a mais egregia empreza.
Ulyſ. E a ſeu poderoſo ardor
Ambos Se ſiga eterno louvor.
Ulyſ. Contra o poder de Marte
Vença amor em toda a parte.
Circ. Se de Marte unico eſpanto,
Dos corações doce encanto,
Ulyſ. Se por timbre,
Circ. Se por gloria
Ambos De tudo alcança victoria. *Vaõ-ſe.*

SCENA III.

Campos. Sahe Archia feito mono.

Arch. ORa a Senhora Circe pregou-ma de maço, e mona! Sem fazer outro mal algum, que dizer muito mal della, logo me pregou eſte mono; que naõ podia ſer peyor para mim o caſtigo, que verme com habito monacal, e andar com o cabello de monete. Oh Baco, que conſintas que ſe chegue

gue a ver ludibrio dos cepos, quem foi o mayor venerador das cepas! Que o que foi ſempre taõ boa vaſilha, ſe veja hoje taõ macaco! Porém já me occorre, que Circe deve de ſer do rancho da mangerona, e por iſſo me quiz fazer o ſeu anagrama mona negra.

Sahe Circe.

Circ. Seguro o meu amor na conſtancia de Ulyſſes, vendo que agora goza do brando ſono, venho communicar às flores a minha alegria.

Arch. Ay que eyla lá vem! Se me ouvio faz-me hum certaõ de animaes; porém ſupponho que algum cuidado a traz divertida; quero-me queixar, por ver ſe ſe compadece de mim. Oh deſgraçado mono, que poſto tenhas criado callo aonde callo, o naõ tens ainda criado na paciencia!

Circ. Quem dá aqui vozes?

Arch. Eu, porque naõ tenho outra couſa que dar.

Circ. De que te queixas?

Arch. De que havendo hum Cicero, que orou por Archia poeta, naõ haja hum Cicero que ore por Archia mono.

Circ. He juſto caſtigo da tua lingua.

Arch.

Arch. Senhora, ſe o confeſſarme arrependido he baſtante deſculpa da minha culpa, te rogo, que aſſim como já me alimpaſte da porcaria em que me vi, me alegre tambem para que deixe de eſtar ſempre feito hum mono.

Circ. Sim o farey, ſe me reſponderes ao que te perguntar, que ſe pela lingua foſte caſtigado, quero que por ella ſejas abſolvido.

Arch. A tudo o que quizeres me offereço.

Circ. A pergunta he, ſe ha outro encantador mayor do que eu?

Arch. Quando *ſic quærit*, reſpondo que ſim ha, e eſte he o amor.

Circ. Eſpero pela prova.

Arch. Ainda que nunca o provey, eu me explico o melhor que poſſo, e a approvaçaõ ficará da tua parte. He pois Cupido o mais egregio encantador, pois vemos que a cada canto encanta, em quanto o diabo eſfrega hum olho; porque elle transforma os zeloſos em tigres, os deſvanecidos em pavões &c. que niſto muito o aſſemelhas; porém o mais he que ſe converte a ſi em mais fórmas que o meſmo Proteo, couſa em que muito te excede, naõ deſfazendo na tua peſſoa; porque elle he para os eſtudantes

tes bicho eſcolaſtico; para os coſinheiros bicho da coſinha; para os carpinteiros bicho carpinteiro; ſendo para os do mar caranguejo, e para os da terra lagartixa; para os eſteireiros mono, *ſicut, & nos*, conforme o adagio *pregavit monum criancæ meæ*; he para os velhos caruncho; para os meninos leſma; para os valentes ſerpe, para os timidos bicho da toca; para os ſabios lagarto; para os neſcios graõ beſta; para os admirados bicha de ſete cabeças; para os aleijados cobra; para os cegos toupeira; para os corcovados camello; para os poetas camelleaõ; para os.....

Circ. Naõ profigas mais, que bem dizes ſer Cupido o mais famoſo encantador, como ſe vê em Ulyſſes, que vencendo os meus encantos, ſó os de amor naõ pôde vencer: vaite, e torna a cobrar a tua primeira fórma.

Arch. Para a cobrar, como cobra vou mudar eſta pelle, que tem ſido para mim peyor que a pelle de todos os diabos.

Vaiſe.

Circ. Cupido, que poderoſo he o teu encanto, pois a magica ſó transforma os corpos, porém tu encantas as almas!

ARIA.

ARIA.

Amor, teu encanto activo
Cauſa mil transformações,
Deixando nos corações
Só os timbres do adorar:
Quem padece o teu veneno,
Para tudo fica cego,
Naõ tendo mayor emprego,
Que os empenhos do amar. *Vaiſe.*

SCENA IV.

Sala. Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. AOnde eſtará Circe? ou para melhor dizer, aonde eſtarey eu? pois ſe aſſiſte em meu peito, nelle ſó a devo procurar. Porém ſe naõ ſey de mim, como em mim a acharey? E aſſim taõ perdido ando, que igualmente me procuro a mim, e a Circe. Mas que portento vem meus olhos?

Apparece Juno em huma nuvem, cantando a Muſica o ſeguinte quarteto.

Muſic. Deſperta Ulyſſes,
Que o mundo te chama
A dares aſſumpto
Ao clarim da fama.

Juno.

Jun. Ulyſſes, rompe os enganoſos laços deſſe confuſo labyrintho, que amor tecido tem em teu damno; e ſe amortecido te vês, deſperta, que o mundo te eſtá chamando para eternos applauſos. Naõ ſeja huma mulher remora de tanto valor.

Vaiſe repetindo a Muſica o quarteto acima.

Ulyſ. Dizes bem, ò ſuprema Deidade de Juno. Mas ay, que Circe auſente..... Porém o valor viva; que ſó merece eternos altares na immortalidade, quem erige troféos ao valor.

Muſic. Ao amor.

Ulyſ. Mas quem me contradiz?

Apparece Cupido em huma nuvem cantando a Muſica o ſeguinte quarteto.

Muſic. Amor ſegue Ulyſſes
Por troféo luzido,
Que he doce victoria
Ser de amor vencido.

Cupid. Segue-me Ulyſſes por troféo luzido,
Que he doce victoria ſer de amor vencido.

Diſpara huma ſetta contra Ulyſſes, e vaiſe, repetindo a Muſica o quarteto.

Ulyſ. Suſpende a crueldade, ò Deos tyran-

no; naõ executes tua ira em hum peito rendido; e ſe he indigna acçaõ do valor repetir golpes em quem eſtá morto, para que diſparas tuas ſettas, naõ havendo em meu coraçaõ já lugar para novas feridas? Se eſtou rendido para que te armas contra mim? Se eſtou prezo, para que accumullas grilhões? E ſe eſtou morto, para que repetes golpes? Oh naõ fulmines iras contra hum rendido, prezo, e morto.

ARIA.

Se rendido, e já ſem vida,
Mal reſpiro, e mal alento,
Porque com rigor violento
Flechas vibras Deos tyranno?
Ceſſe tanta crueldade,
Deos Cupido, cruel amor,
Baſte já tanto rigor. *Vaiſe.*

Sahe Archia.

Arch. Graças a Jupiter, que me torno a ver em palacio como gente.

Sahe Iris.

Iris. Aonde eſtiveſte até agora, que tanto tempo ha que te naõ vejo!

Arch. A culpa teve Circe, que ma fez boa.

Iris.

Iris. Pois o que te fez?

Arch. Fez-me hir daqui ao beco do monete.

Iris. Naõ te entendo.

Arch. Fez-me andar dançando monoetes.

Iris. Ainda te naõ explicas.

Arch. Quiz, que por todos os caminhos foſſe o meu nome monoſillabo.

Iris. Apoſtarey, que eſtiveſte feito mona?

Arch. Adevinhaſte; nem mais nem menos.

Iris. E já o naõ es? Oh deſgraçado homem!

Arch. Pois ſou deſgraçado em naõ ſer já mona?

Iris. Sim, porque ſendo mono, e Archia vinhas a ter huma monarquia.

Arch. Ora naõ me mortifiques mais: e ſe iſſo ſaõ arrufos do paſſado retrato, eu me retrato do que diſſe, e te peço queiras hum dia ſer ſó arco da Conſolaçaõ para eſte padecente de amor, que pelo grilhaõ da tua belleza o leva o carraſco do teu rigor a padecer na forca da tua tyrannia.

Iris. Se tu fores para mim arco do ouro, naõ ſó para ti ſerey arco da Conſolaçaõ; porém eſtarás ſempre no arco da minha graça.

Arch. Bem te entendo; mas ſe eu naõ tenho que darte, mais que o meu coraçaõ?

Iris. Pois vaite, que eu naõ ſou melro

para me ſuſtentar de corações.

Arch. Pois que queres em fim?

Iris. Queria que foſſes rico como hum porco, já que es feyo como hum mono. *Vaiſe.*

ARIA.

Arch. Se eu ſou feyo, carrancudo,
Corcovado, manco, e torto,
Cara de mono, fucinho de porco,
Mais me alegro de aſſim ſer.
Por iſſo eſtou mais contente,
Mais alegre, e ſatisfeito,
Que as mulheres por ſeu geito
Sempre querem o peyor. *Vaiſe.*

Sahe Lidoro.

Lid. Que naõ encontre a Ulyſſes, para que, ou tirando-lhe a vida me naõ cauze tanto tormento, ou dando-me a morte naõ ſinta tantos rigores!

Sahe Archia ſem o ver Lidoro.

Arch. Para aqui veyo Lidoro. Oh cá eſtá. Aqui começo a vingarme de Aſtrea ajudante mór dos encantos.

Lid. Oh cruel fado, que até me concedes a vida, porque a aborreço!

Sahe de todo Archia, e anda como procurando.

Arch. Para aqui naõ a vejo, nem para alli, nem

nem para acolá, nem para cá.

Lid. Que he o que pretendes?

Arch. He cá certa couſa; já mais achey couſa que buſcaſſe!

Lid. A quem procuras?

Arch. Eu a alguem procuro, mas naõ he a v. m. Tomara que elle me puxaſſe pela lingoa. *à parte.*

Lid. Pois vaite procurar a quem buſcas.

Arch. Sim Senhor: mas acaſo veria por aqui..... Mas naõ. Que ſeja poſſivel, que nada me pergunte? Máo era para enqueredor. *à parte.*

Lid. A ninguem tenho aqui viſto.

Arch. Ora vou-me: valha-te a fortuna por Aſtrea.

Lid. Aſtrea? Que dizes? Eſpera, eſpera. Ay de mim! A quem vens buſcando?

Arch. He cá huma peſſoa aquem trago hum recadinho de importancia. Com licença. *faz que ſe vay.*

Lid. Eſpera, Archia, tu naõ nomeaſte a Aſtrea? A ella he que procuras?

Arch. Parece que pegou a iſca? pois vamos chegando-lhe a mécha. *à parte.* A ella procuro da parte de Ulyſſes, e aſſim naõ me detenha, que importa muito.

Lid. Detem-te, dize-me [valhaõ-me os Deoſes! *à parte.*] que lhe manda dizer Ulyſſes? *Arch.*

Arch. He certa couſa, que importa a ambos, e he de ſegredo: deixe-me hir.

Lid. Muito agradecido te ficaria, ſe me manifeſtaſſes eſſe particular.

Arch. Vá àcerca diſſo huma hiſtoria. Eſtando eu em Grecia, (que ainda que he regiaõ muito larga, he muito eſtreita a defluxos) deu-me tal eſquinencia, que naõ podia abrir a boca, e eſtando em tal conſternaçaõ, que nem huma ſó palavra podia dar, minha mulher, que tinha já experiencia, e conhecimento da minha natureza, meteo-me huma colher de prata na boca, e logo ficou franca, e deſimpedida para tudo.

Lid. Já te entendo.

Arch. Eſpere, naõ me meta a hiſtoria a bulha, que falta applicalla. E aſſim, Senhor meu, o medo he eſquinencia, que naõ deixa paſſar a voz da garganta: *Vox faucibus hæſit*, e ſó a prata, e o ouro he remedio contra a eſquinencia do medo. Parece que já me entende?

Lid. Eſta cadeya ſupponhõ terá a preciſa virtude?

Arch. Se naõ for de latão, ſim Senhor, mas ella peza muito baſtante.

Lid. Relata-me pois, o que manda Ulyſſes dizer a Aſtrea?

Arch.

Arch. Manda-lhe dizer, que no Jardim a eſpera para gozar dos ſeus favores.

Lid. Suſpende a voz, que com eſſas palavras me tiraſte a vida.

Arch. Pois entaõ ſupponha que naõ lhe digo nada.

Lid. Vaite, e deixa-me.

Arch. Como a cadeya eſtá recolhida, e Aſtrea encravada, obedeço.

à part. e vaiſe.

Lid. Naõ te pareça, traidor Grego, que taõ ſeguramente has de gozar os favores deſſa ingrata; dem-me os Ceos vingança. *Vaiſe.*

SCENA V.

Jardim. Sahe Ulyſſes.

Ulyſ. MUito tarda Circe em vir hoje a eſte jardim, ſe he que o amor me naõ faz parecerem horas os inſtantes.

Da outra parte Lidoro retirado.

Lid. Cá eſtá eſte cruel naufrago, a quem o mar arrojou de ſi, por naõ poder conſentir em ſeus puros cryſtaes o veneno de taõ falſo peito: aqui retirado ſolicitarey a minha vingança. *Sahe*

Sahe Aſtrea da parte de Ulyſſes.

Aſtr. Aonde eſtarás, Lidoro querido, que te naõ encontro, por mais que te procuro.

Lid. Certo he o meu mal, pois já a tyranna Aſtrea o vem buſcando. Oh rigoroſa pena!

Ulyſ. Na verdade, bella Aſtrea, que mais feſtejaõ eſtas flores a voſſa vinda, que a da Aurora.

Aſtr. Que ſeja taõ infeliz, que buſcando a Lidoro, ſó encontre ſempre Ulyſſes! *à parte.*

Ulyſ. Naõ vos merece o meu affecto reſpoſta?

Lid. Que melhor, que dar ouvidos às tuas liſonjas. *à parte.*

Aſtr. Ulyſſes, buſcay a quem vos ama, que eu a quem me ama buſco.

Ulyſ. Se buſcais a quem vos ama, ſó a mim podeis buſcar.

Lid. Mentes, traidor, que mais amo eu, ainda que menos ditoſo. *ſahe.*

Aſtr. Valha-me Jupiter!

Sahe Circe.

Circ. Procurando-te vinha, Ulyſſes, e eſtimo acharte aqui: vem comigo, e tu tambem Aſtrea. *Ulyſ.*

Ulyſ. Só obedecerte intento. *Vaõ-ſe.*

Lid. Ah cruel fado, que nunca me concedes lugar para a vingança de hum deſeſperado peito!

ARIA.

Como vivo, como alento!
Como ſem mais embaraços
O coraçaõ a pedaços
Naõ exhala a minha dor?
Como ſem alma reſpiro
Neſte morrer inhumano?
Oh rigor o mais tyranno
De mais tyranno rigor! *Vaiſe.*

SCENA VI.

Boſque. Sahe Arqueláo, e os mais companheiros.

Arq. BEm ſabeis, amados companheiros, o como nos ſahio fruſtrada a fingida jornada que propozémos a Ulyſſes; que he certo naõ havia permittir a noſſa lealdade hirmo-nos ſem elle; e pois vemos quaõ pouco effeito reſultou do paſſado intento, outro ſe me offerece proporvos, que me parece mais efficaz.

Hum Saibamos o que intentas.

Arq. Que procuremos occaſiaõ de o acharmos

mos só, e lhe levemos as armas do valeroso Achilles, que me parece que vendo-as, naõ soffrerá o seu valor o desprezallas com o esquecimento; antes lembrado de seu brio, e fama, tal vez rompa os duros laços de taõ cruel encanto.

Todos Todos te seguiremos.

Arq. Vamos pois a tratar do modo, e da melhor occasiaõ de se executar. Porém lá vem Archia, elle ajudará melhor o nosso intento.

Sahe Archia.

Arch. Muito bem me vinguey de Astrea. Mas quem está aqui?

Arq. Sejas bem vindo, Archia, que de ti esperamos saber.....

Arch. Se he cousa de Circe, e Ulysses, naõ me perguntem nada, que estou ameaçado a ser Elefante, se fallar.

Arq. Deixa loucuras; e sabe, que nos has de introduzir em palacio, para com as armas de Achilles vencermos o descuido de Ulysses.

Arch. Dessa conta que vossés fazem, naõ quero ser addiçaõ.

Arq. Isto ha de ser, e tu nos has de guiar.

Arch. Eu ser guia? Naõ me meto em taes contradanças.

Arq.

Arq. Pois para que naõ deſcubras o noſſo ſegredo, hirás prezo ao navio.
pegaõ nelle.

Arch. Iſſo he como quem diz, ou ſer Elefante, ou hir prezo; mas eu me defenderey aſſim. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Arq. Calla-te infame, ou morrerás.

Arch. Ah que de Circe, ah que de Circe.

Sahe Circe.

Circ. Quem ſe queixa aqui?

Arq. Perdidos ſomos.

Arch. Ah que de Circe.

Circ. Socega-te, e dize de que te queixas, que dezejarey ter motivos para a minha vingança.

Arq. Oh que mal fiz em me declarar com elle! *à parte.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Relata-me o de que te queixas.

Arch. Infandum Regina jubes renovare dolorem.

Arq. De hum fio pendem as noſſas vidas. *à parte.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Adverti, que ſe he o que preſumo, que naõ vos haõ de valer os contravenenos de Ulyſſes. Proſegue tu.

Arch. Senhora, bem deſcuidado de ſemelhante

lhante encontro cheguey a este lugar, aonde esses crueis Archicidas.

Arq. Ay de nós! *à parte.*

Arch. Deraõ comigo, e apenas deraõ, eisque deraõ em dizer, que eu havia hir com elles para Grecia, que estavaõ de partida; e tanto deraõ em ateimar, que deraõ em me começarem a dar; e de sórte me davaõ, que dariaõ resto de mim, se naõ viesses a tempo de me valeres; e como naõ quero com elles dares, nem tomares, deixa-os hir para onde nunca mais dem comigo.

Arq. Melhorou-se o nosso fado. Mais subtil he Arquia do que eu cuidava. *à part.*

Arch. Ah que de.....

Circ. Outra cousa imaginava eu que seria; porém como os dezejo ausentes, estimo as noticias que me dás. E vós outros podeis hirvos, que assim evitareis a mim desgostos, e a vós algum castigo. *Vaõ-se.*

SCENA VII.

Sala. Sahe Iris.

Iris. QUe tenha este Grego Archia tomado à sua conta quererme bem, quando naõ lhe bastando ser taõ pobre, he de taõ máo fucinho! E quer que

que lhe moſtre boa cara, diſſo póde eſtar livre.

ARIA.

Negra cara hey de moſtrar,
Se amarella a naõ tiver,
E boa cara farey
Se muitas caras trouxer.
Quando me trouxer mais cara,
Me ha de achar mais baratinha,
Se Archia tiver carinha,
O meu carinho achará.

Sahe Archia.

Arch. Em ditoſa hora venho, minha querida Iris, pois mereço eſtar na tua lembrança.

Iris. Será para mayor eſquecimento, em quanto ſó tiveres eſſa cara.

Arch. Iſſo te merece, cruel, o meu amor?

Iris. Quem naõ dá para os gaſtos, naõ pede contas.

Arch. Ora deixa de me atormentar.

Iris. Tanto te deixarey, que já me vou.

Faz que ſe vay.

SO-

SONETO.

Arch. Eſpera mais hum pouco. *Iris.* Vou-me andando.
Arch. Naõ te auſentes tyranna. *Iris.* Vou fugindo.
Arch. Taõ feyo te pareço? *Iris.* Es muito lindo.
Arch. Attende a meu amor. *Iris.* Eſtou ninando.
Arch. Suſpende a tyrannia. *Iris.* Eſtou zingando.
Arch. Vê que triſte padeço. *Iris.* Eſtou-me rindo.
Arch. Naõ ſejas taõ cruel. *Iris.* Eſtou frigindo.
Arch. Olha que por ti morro. *Iris.* Eſtou ſornando.
Arch. Amor louco me tem. *Iris.* Ay que doudice!
Arch. Elle cego me faz. *Iris.* Ay que cegueira!
Arch. O juizo me tira. *Iris.* Ay que tolice!
Arch. Movaõ-te minhas ancias. *Iris.* Forte aſneira!
Arch. Meus ſuſpiros eſcuta. *Iris.* He parvoice.
Arch. Attende a meu chorar. *Iris.* Vay rir à feira. *Vaiſe.*

ARIA.

ARIA.

Arch. Ay de mim que ſe eſgueirou!
Cego, e louco me deixou:
Eſtou cego, eſtou tolo,
Já me deu volta o miolo.
Subio-me amor à cabeça,
E ma tomou com tal preſſa
Que me deu com a bóla à ſola
E tola me fez a tóla. *Vaiſe.*

SCENA VIII.

Gabinete. Apparecerão Circe, e Ulyſſes aſſentados, e as Ninfas.

Ulyſ. PArece, ò bella Circe, que poz o amor toda a ſua efficacia, e exhaurio todo o ſeu poder em me fazer ditoſo; pois naõ pôde chegar a mais a minha gloria, nem paſſar a mayor auge a minha ventura.

Circ. Agora creyo, querido Ulyſſes, que ha gloria que poſſa ſatisfazer o dezejo humano; pois naõ he poſſivel dezejar mais bem que o que poſſuo, nem appetecer mais dita que a que logro.

Muſic. Amor naõ póde dar mais,
Nem eu mais appetecer,
Que o ſer duravel tal gloria,
Que o ſer eterno tal bem.

Ulyſ.

Ulyſ. Oh que bem o explica o doce de voſſa melodia!

Circ. Oh que bem o expreſſa o ſonoro de voſſo accento!

Ulyſ. e Muſic. Amor naõ póde dar mais,
Circ. e Muſic. Nem eu mais appetecer,
Ulyſ. e Muſic. Que o ſer duravel tal gloria,
Circ. e Muſic. Que o ſer eterno tal bem.
Muſic. Que o ſer duravel tal gloria,
Que o ſer eterno tal bem.

Adormece Ulyſſes, e levanta-ſe Circe.

Circ. Suſpendey a voſſa ſuave harmonia, que eſtá Ulyſſes pagando o devido tributo ao deſcanço; e em quanto o ocupa o brando ſono, vinde comigo preparar-lhe novos recreyos a ſeu gosto. *Vaiſe.*

Sahem Arquelão, Archia, e os mais que trazem o arnez de Achilles.

Arch. Eilo ahi eſtá ſem tugir, nem mugir.
Arq. Opportuna occaſiaõ nòs offerece a ſorte para apurarmos o reſto da noſſa eſperança. Aqui ponho, Ulyſſes, a teus pés o forte arnez do valeroſo Achilles: permittaõ os Deoſes ſeja deſpertador de teu eſquecido brio.

Poem Arquelão o arnez aos pés de Ulyſſes.

Arq.

Arq. Vamos, amigos, esperar o effeito desta ultima experiencia. *Vaõ-se.*

Ulyss. (*em sonhos*) Que me queres, Achilles? Deixa-me, palida sombra, que afligirme vens desses Elysios campos: eu naõ desprezo as tuas armas; naõ me ameaces, que em nada te offendo. *desperta.* Ay de mim! que triste illusaõ do sono, pois me parecia ver a Achilles queixoso contra mim da ignavia, e frouxidaõ com que desprezava as suas armas. Mas que vejo! O seu arnez prostrado a meus pés? Isto he mais que assombro, isto naõ he só illusaõ! Valha-me Jupiter. Ay Achilles, que bastante razaõ tens de queixarte, vendo a meus pés o gravado arnez de ouro, a quem saõ pequeno throno as azas da Fama! Oh que rhetorico me reprehende, e que efficaz me persuade! Comtigo pretende a minha resoluçaõ defenderme (ay de mim!) dos suaves encantos de Circe.

SONETO.

Chega a meus braços, oh arnez luzido,
Naõ estejas na terra assim prostrado,
Que se mereces ser taõ sublimado,
Como te vejo estar taõ abatido!

Levanta-o.

Perdaõ te peço, de que entorpecido
Por mim te vejas em taõ triſte eſtado;
Se do clarim da Fama taõ lembrado,
De hum lethargo de amor taõ eſquecido.
Vamos pois dar aſſumpto à egregia Fama,
Vencendo tu de amor a ardente pira,
Pois ſó o ouro reſiſte à forte chamma.
Auſentemo-nos pois, porque ſe infira,
Que fugindo de amor venci a flamma
Porque ſó vence a amor quem ſe retira.

Vaiſe.

Sahe Circe.

Circ. Aqui deixey a Ulyſſes. Como naõ eſtá aqui? Porém tal vez que a procurarme o auſentaſſe amor. Oh que mal ſofre meu peito eſte breve tempo, que ſem elle eſtou!

RECITADO.

Aonde eſtás, doce emprego? Dize aonde
De meus olhos amor cruel te eſconde?
Chega Ulyſſes, pois ſabes, que os meus braços
Naõ ſaõ duras prizões, ſim brandos laços
Vem onde alcances por glorioſa palma
Ancias do coraçaõ, ſuſpiros da alma.

ARIA.

ARIA.

Aonde estás, querido amor,
Sem huma alma, que te adora,
Que no pranto iguala a aurora,
E no ardente imita ao Sol?
Este pranto aplacar vem,
Este incendio apagar trata;
Pois com tua vista grata
Pára o pranto, e cessa o ardor.

Mas como naõ ouves, Ulysses, as minhas vozes? Sem duvida que no Jardim estarás, qual Narciso entre as flores. *Vaise.*

SCENA IX.

Bosques com vista de mar. Sahe Ulysses com o arnez vestido, e Archia.

Ulys. GRaças a Jupiter, que já estamos à vista do escaler, que nos espera.

Arch. E graças a Baco, que já estamos sem ver a Circe, que nos espanta.

Sahe Lidoro.

Lid. Até aqui te venho, Ulysses, seguindo, para satisfazer minha vingança, sem

que poſſa facilmente ſervirme Circe de embaraço.

Arch. De embaraço nos vem v. m. ſervir agora.

Ulyſ. Lidoro, os voſſos zelos ſaõ injuſtos, pois eu nunca amey a Aſtrea, ſenaõ a Circe: tanto que agora me vou embarcar por fugir de ſeu bello encanto. Ah tyrannas lembranças! *à parte.*

Lid. Por ſatisfeito me dera, vendo que te auſentas. Mas como podes negar, que amavas a Aſtrea, ſe por eſſe Criado lhe mandaſte dizer que te fallaſſe no Jardim?

Ulyſ. Iſſo he falſo.

Arch. Ahi entro eu agora. O que eu lhe diſſe, Senhor Lidoro, foy mentira? Pelo lago Eſtygio lhe juro que o fiz por me vingar de Aſtrea, que me accuſou a Circe, e juntamente adquirir aquella cadeya, que devia de ſer de ouro muito brando, pois já ſe derreteo toda; e porque vou embarcar, lha naõ reſtituo; porém em vindo a ſrota, eu pagarey a v. m. ſem falta.

Ulyſ. Pretendeis mais alguma couſa?

Arch. Ora acabe, que ſe perde a maré.

Lid. Sempre fico ſatisfeito, ainda que me fica o eſcrupulo de naõ ſaber o que vos queria Aſtrea aquella noite, que vos mandou hir ao Jardim. *Ulyſ.*

Ulyſ. Nem o ſey, porque nunca mo diſſe; e vede que mais ſatisfaçaõ quereis.

Arch. He boa matraca!

Lid. Como do mayor cuidado eſtou livre, naõ quero de vós mais, que a auſencia que pretendeis; porque nem morto vos quero preſente: ide-vos com Jupiter.

Arch. Ora acabe com iſſo.

Ulyſ. Os Deoſes vos guardem. *Vaiſe.*

Arch. A's ſuas ordens, Senhor Lidoro. Em vindo a frota..... já ſe ſabe, que a cadeya de v. m.....

Lid. Vaite louco.

Arch. Bolaverunt. *Vaiſe.*

Lid. Mais ſocegado ficaria de meus zelos, ſe naõ me faltaſſe ſaber, a que eſperava Aſtrea a Ulyſſes aquella noite no Jardim, que nunca lhe explicou o que era.

Sahem Circe, Aſtrea, e Ninfas.

Circ. Ay Aſtrea, que naõ ſey o que me prognoſtica o coraçaõ em naõ achar a Ulyſſes!

Iris. Nem do marabuto do Criado apparece fumo, nem raſtro.

Aſtr. Alli eſtá Lidoro: tal vez ſaiba delle.

Circ. Dizes bem, Lidoro, viſte a Ulyſſes?

Lid. Pouco ha ſe foi embarcar com ſeus companheiros.

Circ.

Circ. Que dizes? Ay de mim! Seguime todos.

Vaõ-ſe para a parte por onde entrou Ulyſſes, e appnrece da meſma parte huma náo.

Dentro. Boa viagem, boa viagem.

Torna a ſahir Circe, e todos.

Circ. Eſpera, enganoſo Grego, falſo Ulyſſes, que eu me vingarey: eſſas ſalgadas ondas ſe transformem em vorazes chammas, e abrazem a eſſe ingrato.

Começa o mar a arder.

Arch. Oh Senhores, demos depreſſa com a bomba, que nos abrazamos. *Dentro.*

Ulyſ. As flores de Juno me valeráõ contra teus encantos. *Dentro.*

Deita huma flor da náo ao mar, e apaga-ſe o fogo.

Arch. Ah Senhor, muito nos quer Circe, pois vendo que intentámos fazer viagem, nos queria dar crena ao navio.

Circ. Ay de mim, que como te amparaõ tantas Deidades, de pouco ſerve a minha ira! E já que o fado, e os Deoſes tanto contra mim ſe conjuraõ, tomarey vingança com darme morte. E tu, Lidoro,

Lidoro, vive feliz com Aſtrea, que ſempre te foi firme, pois ſe aquella infauſta noite chamou a eſſe ingrato ao Jardim, foi porque eu lho ordeney. Vivey vós, e morra Circe.

Lid. Mil vezes feliz, quem alcança taõ ditoſo deſengano.

Aſtr. Ditoſa eu, pois ficas certo da minha firmeza.

Muſic. Soberano Neptuno, *no mar.*
Circ. Iracundo Boreas,
Muſic. Brando te moſtra,
Circ. Furioſo te oſtenta,
Muſic. Em favor de Ulyſſes,
Circ. Contra o falſo Ulyſſes,
Muſic. Com quietas ondas,
Circ. Com cruel tormenta. *Vaiſe.*
Muſic. Benigno Zefiro,
Ampara os nauticos,
Que ſem ti miſeros
Se viraõ naufragos.

FIM.

SEMIRAMIS EM BABYLONIA,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico do Bairo alto no anno de 1741.

ARGUMENTO.

SEmiramis Rainha dos Assirios em huma batalha que deu aos Bactros, e Medos, libertou ao marido prisioneiro ElRey Atalo, e cativou a Zomira Princeza dos Bactros, e a Idaspe Principe dos Medos, amante de Zomira, a qual vendo a Nino Principe dos Assyrios, o ama, e o rende à sua belleza. Semiramis pede a seu esposo Atalo em premio da fineza de o livrar, lhe permitta o reinar ella hum dia: elle o concede, e assim o juraõ os Assyrios. Elevada ao Throno, manda logo prender a ElRey seu esposo com intento de reinar ella toda a vida: dá liberdade a Idaspe, e a Zomira, e por elles manda matar o marido para mais assegurar o Throno; o qual por industria de seu filho Nino he livre de todas as traições, e restituido ao Throno; o que tudo melhor constará do contexto da obra.

IN-

INTERLOCUTORES.

Atalo, Rey de Babylonia.
Semiramis, Rainha dos Aſſyrios, ſua mulher.
Nino, Principe ſeu filho, amante de Zomira.
Idaſpe, Principe dos Medos, amante de Zomira.
Arbace, General dos Aſſyrios.
Zomira, Princeza dos Bactros.
Faneca, Gracioſa ſua Criada.
Veſugo, Gracioſo Criado de Nino.
Soldados, e Povo.

A Scena ſe figura em Babylonia.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Campina.*
II. *Apoſentos Reaes.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Praça de Babylonia com frontaria de Pa-*
lacio Real.
II. *Sala Real.*
III. *Jardim com huma fonte com a eſtatua d*
Sol.

SCENAS DO III. ACTO.

I. *Parques de Palacio Real.*
II. *Carcere.*
III. *Galaria correſpondente ao Templo do Sol*

ACTO I.

SCENA I.

Campina raza ſemeada de cadaveres, carros de matto quebrados, tendas de campanha cahidas, Cidade de Babylonia ao longe com o rio Eufrates, e eſtará em habito guerreiro a Rainha Semiramis com a eſpada na maõ, ſeguida de Soldados, atraz ElRey Atalo, Zomira, e Idaſpe priſioneiros, e Arbace ſolto.

Semir. HEróes valentes, já he noſſo o campo; aobrilhante rayo da minha eſpada ſe deve a vitoria. Naõ vos dem ſuſtos as inimigas tropas, e as contrarias fileiras. Já dellas meu braço triunfou, já Aſſyria livre ſe vê.

Rey. Oh minha eſpoſa, oh gloria minha, e minha libertadora, mais te devo que a vida na liberdade, pois aquella ſem eſta pouco, ou nada ſe eſtima.

Semir. Atalo, Rey, eſpoſo meu, em ti grilhões? De teus pés paſſaráo hoje aos deſſes vencidos.

Rey.

Rey. Naõ, Semiramis, naõ; já que venceo o teu braço, vença tambem o teu peito: menos generoſo naõ faça o teu animo a vingança da minha injuria, que tanto mais te vingas, quanto mais perdoas.

Idaſp. Naõ percas o coſtume da tua crueldade. Sabe que eu naõ ſou ſómente o General dos Bactros; em mim tambem vês d'ElRey dos Medos (que às tuas mãos rendeo a vida) o unico de ſete filhos, que ao teu furor reſervou dos Deoſes a piedade. Eſte que falta de acabar, agora o pódes fazer: ſó com Zomira naõ ſejas cruel, e baſte para ſeu tormento a lembrança do nobre ſangue, que ha pouco em ſeu Pay derramaſte.

Zomir. Naõ, Idaſpe, naõ rogues por mim: piedade naõ buſca quem ſó a morte deſeja: ſiga a filha o infeliz deſtino do Pay.

Rey. Princeza, ainda nos meus pés ſuſtento o pezo dos grilhões: naõ imagines finjo em mim a piedade, para que execute em ti o martyrio. Teu Pay ſim morreo às minhas mãos, mas da meſma ſorte que eu podia acabar às ſuas. Os effeitos da guerra dá-os a fortuna, e naõ o valor. Naõ me gloreyo do golpe, antes lamento o eſtrago. Neſtes

braços

braços (como amigo) o recebi moribundo. Nelles me diſſe: já que ficas vencedor, ſalva-me a filha; ſeja brazaõ da tua gloria o favor do ſeu amparo. Em mim (lhe diſſe eu) terá o amor de Pay, que em ti lhe roubou a fortuna: ſerá, naõ minha eſcrava, mas de meu filho eſpoſa. Pede-me juramento da palavra, dou-lho com a promeſſa, e eſpira contente.

Zomir. Se o amor de Zoroaſtro aſſim o queria, o meu o naõ quer. Depois da ſua morte naõ póde haver para mim alivio, nem eſpoſo. Tu com te moſtrares benigno vencedor, pódes fazer o meu odio menos juſto, mas naõ menos grande. Tirou-me com a vitoria o Ceo a vingança: eſta ſó queria. Vê agora, ò Rey, ſe temo a morte. O meu penſamento te deſcubro, porque mais te irrite.

Semir. Baſta; poem já freyo à tua ira. E tu o vem pôr ao furor dos Aſſyrios guerreiros. *a Atalo.*

Rey. Vamos, e ſeja mayor o dia no cumprimento do promettido. Quero que ſe vinculem os applauſos da vitoria, aos deſpoſorios de Nino. Hoje eſpoſa te feſteja toda a Aſſyria; e já que por ti

ſe

ſe vê livre, por ti ſeja alegre. *Vaiſ*

Semir. Arbace, a Babylonia manda dar noticia do triunfo, e entre tanto a N no conduze. Eſſes priſioneiros no Pal cio fiquem, e depois nos buſca.

Arbac. Irey a obedecer aos voſſos prece tos, e dar noticia das voſſas glorias. *Vaiſ*

ARIA.

Sem. Se hum eſpirito elevado
Inda em ſexo menos forte
Nunca teme a dura morte
Nem a triunfos aſpirar.
O meu peito em que ſe alenta
De Mavorte o furibundo,
Com valor a todo o mundo
Inda eſpera conquiſtar. *Vaiſ*

Zomir. Quanto variou ſobre noſſas arma a fortuna! Morreo meu Pay, e tu a matador vences, e prendes; e quand do barbaro Rey, e ſoberba Rainha entendiamos que tomavamos a juſta vin gança, reduzindo com ferro, e fogo laſtimoſo eſtrago todo o campo, enta nos tira a fortuna outra vez a victori das mãos, e nos tece os grilhões par os pés.

Idaſp. As minhas prizões me naõ laſtimaõ

ſ

ſó as tuas me atormentaõ. Mas para que he temellas, ſe eu terey o martyrio, e tu terás eſpoſo?

Zomir. Naõ me accreſcentes a dor; e lembre-te ſó que te amey. Mas tu, quem me aſſegura ſe depois de diſtante dos meus olhos ſerás conſtante, quanto eu ſerey fiel? Ah que eſta triſte duvida me fará a eſcravidaõ mais penoſa!

Idaſp. Com eſſa duvida offendes a minha conſtancia.

ARIA.

Sabe amor, que nem o fado,
Nem o infauſto da ventura
De adorar tal formoſura
Nunca me haõ de apartar.
Firme amante hey de ſeguir
Eſſe aſſombro de belleza,
E o exemplo da firmeza
No meu peito has de achar. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Apoſentos Reaes. Sahem Nino, e Veſugo.

Nino. CErta he já a vitoria.
Veſug. Será; mas eu ainda me naõ dou por ſeguro.

Nino.

Nino. He eſcuſado o temor.

Veſug. Eu ſim o eſcuſára, mas elle he o que ſe mete comigo.

Nino. Ao primeiro, e repentino aſſalto, que entre as ſombras da noite lhe deu o noſſo campo, fugiraõ os Bactros.

Veſug. Iſſo foy eſtremunhados com o ſono.

Nino. Eu o vi ao romper da alva do alto deſſa torre.

Veſug. Tambem eu, ainda que a eſſas horas eſtava a roncar.

Nino. Já he vaõ o temor.

Veſug. Em mim ainda naõ he vaõ, porque me apanhou muito em cheyo.

Nino. Eſpalhe-ſe pela Cidade o alegre aviſo, e torne a nós a eſperança.

Veſug. Queira Baco naõ venha em ſeu lugar a caridade.

Nino. Acabe no povo o ſuſto, e ſocegue a paz no Reino.

Veſug. Sim Senhor; paz, e mais paz, que iſto de guerras naõ goſto.

Nino. Sempre has de ſer cobarde?

Veſug. Olhe V. Alteza, aſſim ſerá, mas ambos vimos os touros de palanque.

Nino. O preceito de minha mãy me enclauſtrou.

Veſug. E o medo da minha cabeça me prendeo. Mas ahi vem.....

Nino.

Nino. Vê quem he, Veſugo.
Veſug. He o Senhor Arbaça.
Nino. Arbace?

Sahem Arbace, Zomira, Idaſpe, e Faneca.

Arbac. Por mim, ò Principe, fallem hoje eſtes grandes deſpojos.
Nino. Como?
Arbac. Venceo, ò Nino, aquella heroica Mãy, que o Ceo vos concedeo: voſſo Pay ſe acha livre: eſta he Zomira filha d'ElRey Zoroaſtro morto na guerra, e eſte Idaſpe filho d'ElRey dos Medos; a ſua prizaõ ſerá eſta galaria, em quanto eu torno ao campo. *Vaiſe.*
Veſug. E quem ſerá aquelloutra Senhora? Puz-lhe os olhos, e naõ ſey que me eſtaõ dizendo as tripas.
Nino. Naõ permittais, Senhora, que a voſſa deſgraça faça taõ cruel impreſſaõ no voſſo peito: menos grave he a infelicidade, ſe vos ficou toda a gentileza: ſocegay o coraçaõ, e obſervay o meu, que vos entrega a piedade, e reſerva os ſuſpiros.
Zomir. De ti a piedade? he couſa que naõ quero. Ainda naõ conprehendeſte aonde chegaõ os limites da minha pena, e os exceſſos da minha ira. A' meu Pay

vejo morto às mãos do teu: eu lhe dezejo a morte, e ati, por filho seu, tambem a dezejo: naõ faça injuſto o meu dezejo a tua piedade.

Nino. Com eſſa narraçaõ de teus males os meus naõ evitas, porque mais os dobras. Eu ſó choro os teus damnos, porque vingallos naõ poſſo. Attende porém, Zomira: de meu Pay o ſangue já o naõ poſſo render a teus pés, do meu poſſo fazer ſacrificio às tuas plantas.

Zomir. Hum, e outro dezejo eſpalhar.

Veſug. A rapariga he bem carniceira! *à part.*

Zomir. Mas o teu naõ buſco da tua maõ, com o meu proprio braço quero apagar eſte dezejo da minha vingança. Ah coraçaõ meu, deſarma-te do furor. *à part.*

Veſug. Fóra com a menina! Eſta he de hum olho! Façamo-nos na volta; tal vez por cá corra o vento mais favoravel.

Chega-ſe para Faneca.

Nino. Eſſes ſaõ os teus votos, eſtes os meus: que eſperas? Tira-me a eſpada, ſatisfaze o teu, e meu dezejo neſſa vingança. Que te ſuſpende?

Veſug. Eſtá boa offerta! E ſe lhe dá na cabeça esfuracarnos a todos? Apello eu por v. m. *para Faneca.*

Fanec. Eu naõ me aſſuſto com taõ pouco.

Veſug.

Veſug. Eſtará coſtumada a mais.

Idaſp. Oh Zomira, ou lhe tira a vida, ou tira delle os olhos: naõ he elle merecedor do emprego da tua viſta.

Zomir. Só irada o vejo.

Idaſp. Mas ſempre o vês.

Veſug. Tomara eu a v. m. tambem enfadada comigo.

Fanec. Para que?

Veſug. Para que eſſes dous olhos ſe peſpegaſſem em cima deſta cara.

Fanec. Teria que ver.

Veſug. Se naõ tinha que ver, teria que luzir.

Fanec. Em que?

Veſug. Em que ſe veriaõ ſaltando entre eſtas grenhas de Polifemo eſſes dous cagalumes de Cupido.

Nino. Que mais tardas, Zomira? Naõ ſey que te ſuſpende, quando a vida te entrego.

Zomir. Ao meu furor naõ ſacía huma victima voluntaria. E tu naõ es aquella, que primeiro ſe deve à minha pena. Naõ me obrigues, em quanto priſioneira me lamento: faze que eu ſeja livre das cadeyas, que eu deſafogarey, ... mas no meu pranto.

Nino. Em ti cadeyas, Zomira? Eſta he a galaria Real: eſta ſerá a tua prizaõ, e tu a minha.

Zomir. Ah Nino! Oh Deoſes! Deixame, e vaite, que eu mais ſinto o meu damno na tua viſta.

Nino. Belliſſima Princeza, aſſim põesa quem fino te adora, hum taõ cruel preceito? Tal vez o naõ fizeſſes, ſe quanto he cruel tu alcançáras. Mas já te entendo, ſó para principiares a vingarte me queres deſpedir.

Canta Nino a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Sim, eu já me auſento, eu me retiro,
Bem que afflicto ſuſpiro;
Mas ſey que eſta alma amante
He por ti obediente, e ati conſtante.

ARIA.

Ah tyranna! ah bella ingrata!
Pois o queres, eu me auſento:
Mas attende ao meu tormento,
E ao continuo ſuſpirar.
Neſta auſencia, e em tal retiro
Obediente por amante
Sempre a teu amor conſtante
O meu peito acharás. *Vaiſe.*

Zomir. Ay de mim! que grande deſaſocego ſente a alma! *à parte.*

Idaſp.

Idaſp. Naõ ſó o attendes, mas ainda com os olhos o ſegues?

Zomir. Ah que naõ ſó com os olhos o ſigo, mas tambem com o coraçaõ o acompanho. *à parte.*

Veſug. Tambem eu naõ tiro os olhos: mas...

Fanec. Mas que?

Veſug. V. m. deſvia-me as ſobrancelhas.

Fanec. Naõ lhe quero diſparar os arcos.

Veſug. Naõ importa, que já cá tenho as ſettas; e mais meta-me a maõ no ſeyo, e verá a brecha que me abrio.

Idaſp. Em que imaginas, Zomira? que ſuſpenſaõ he eſſa?

Zomir. No meu deſtino; que hey de querer para a vingança propria ſer algoz do ſangue alheyo.

Idaſp. Mas naõ do de Nino.

Zomir. O de Nino tambem.

Idaſp. Que cuſtoſa o proferes!

Zomir. Crê embora, que o naõ aborreço, mas naõ que a morte lhe naõ quero.

Idaſp. Naõ, que o naõ creyo: diſſe-te, que te amava: aquellas doces palavras de bella, e amada naõ ſey que indicaõ: eu bem ouvi, que das offenſas ſe lembrou o teu coraçaõ, mas em vaõ eſpera a morte de hum Pay a ſua vingança, ſe na tua maõ a deixa. *Vaiſe.*

Zom.

Zomir. Agora que estás livre, falla, coraçaõ meu. Aonde está o amor de Idaspe? O odio de Nino aonde está? Oh como rendes os teus enfados àquella presença! Muito te agrada, eu o sinto: o vello te delvéla, o fugirlhe te martyrisa.

ARIA.

Ay de mim triste cuidado
Fluctuando em tanta pena
Quando a sorte te condemna
A hum continuo suspirar.
Entre o odio, e entre amor
Vive o peito em dura guerra,
E na duvida que encerra
Sempre amor quer triunfar.

Vaõ-se.

Vesug. V. m. vay depressa? *detendo a Fan.*

Fanec. Sim, que vou acompanhando minha Ama.

Vesug. Naõ necessita disso, que já está bem criada.

Fanec. Eu o sou de v. m.

Vesug. Pois entaõ terey a confiança de mandar o que queria pedir.

Fanec. O que?

Vesug. Que me ouça duas palavrinhas ahi pelo postigo da orelha.

Fan.

Fanec. Naõ poſſo, que ſou ſurda.
Veſug. Pois ajuntarnoshemos ambos, porque eu ſou cego.
Fanec. Pois buſque quem o guie.
Veſug. Por iſſo procuro eſſa cachorrinha.
Fanec. Naõ eſtá máo o deſcanço.
Veſug. Melhor ſeria, ſe os ſeus braços ſerviſſem de encoſto aos meus.
Fanec. Os favores aſſim ſe coſtumaõ por cá pedir?
Veſug. Naõ, minha Senhora, mas aſſim ſe coſtumaõ fazer.
Fanec. Pois advirta.....
Veſug. O que?
Fanec. Que às mulheres, como eu ſou, naõ ſe falla deſſa ſorte.
Veſug. V. m. perdoe; como ainda lhe naõ ſey o geito à lingua, errey a proza; mas ſe v. m. quizeſſe.....
Fanec. O que havia de querer?
Veſug. Darme duas lições para ficar meſtre.
Fanec. Tomara-lhe o deſenfado.
Veſug. Pois ha mais que tello. Ora venha hum abraço.
Fanec. Ay naõ ſeja louco, que vem gente. *Vaiſe.*
Veſug. Qual gente? Eu a eſtas horas naõ conheço.....

Sahem

Sahem Semiramis, e Arbace com baſtaõ.

Semir. Que dizes?

Veſug. He cá huma couſa. Se naõ aballa taõ depreſſa, leva o abraço. *à parte.*

Semir. Que buſcas aqui?

Veſug. Huma couſa que trazia na maõ, e me cahio por entre os dedos.

Arbac. Retira-te.

Veſug. Sim, Senhor bigodes de ſofrego. De boa eſcapou a moça: mas ella cahirá na ratoeira. *à part. e vaiſe.*

Semir. Eu te tenho eleito General; e ainda que outro o pretende, ſó ati o entrego. O ſuperior governo das armas em ti terá a ſua defeza: o meu voto te fez: naõ baſta? Ati o baſtaõ te entrego.

Arbac. Por mim o naõ empunho; já Aſſyria em mim culpa a eſcuza: eu ſó o recebo, para que por vós ſe reja: reſpeitavel o farey com o voſſo mando.

Semir. No teu valor eſtá a minha eſperança: eu pedirey ajuda ao teu braço. Bem ſey, que injuſto te parecerá o meu dezejo, mas.....

Arbac. Eu naõ devo imaginar qual ſeja o intento, ſó me pertence executar a ordem: o voſſo goſto ſerá a minha obediencia. *Vaiſe.*

Sem.

Semir. Oh meu amado Menon, que foste o primeiro, e só posso dizer o meu esposo! Eu te vejo, eu te sinto, ainda depois de tantos annos, que Atalo te tirou de meus braços com a vida, para me pôr nos seus como consorte. Ah justa vingança! Naõ me atormentes mais, sombra adorada; eu o aborreço por ti, e o aborrecerey: mas deixa-me fingir amor, em quanto.....

Sahe ElRey.

Rey. Por ti, bella Semiramis, se vê alegre toda a Assyria; vem a gozar dos teus triunfos, bella esposa.

Semir. Em esse nome estaõ fundados todos os meus triunfos.

Rey. Estes louvores saõ devidos à tua gentileza, e à tua valentia: vem a empregar os olhos nos troféos desse invencivel braço.

Semir. Naõ; aqui fica, e comigo te senta; porque quero socegar com a tua vista o meu coraçaõ. (*assentaõ-se.*) Ainda naõ sinto segura a alegria em o teu livramento; porque ainda trago impressos em meus pensamentos os teus grilhões. Já estás livre, amado esposo meu. Ainda o naõ creyo.

Rey.

Rey. Oh doces palavras! oh agradaveis viſtas! Livre eſtou; mas ao teu valor o devo: aſſim o contempla a minha liberdade, para que mais ſe gloríe a tua victoria.

Semir. O meu triunfo he ſó o teu goſto; mas naõ te nego que ſe augmenta a minha gloria, em ver que te livrou a minha eſpada. Perdoa à minha ſoberba em tanta gloria.

Rey. Com chamarlhe ſoberbo naõ deſdouras o teu affecto. Vem ao teu triunfo, eſpoſa, vem para o meu ſolio.

Semir. Ao teu ſolio eu?

Rey. Sim, comigo has de reinar.

Semir. Eu reinar comtigo? Oh Deoſes! Já chegou a hora da minha vingança. *à parte.* O premio he mayor que o merecimento: ao ſolio ſó ſe eleva a minha attençaõ, e naõ o meu penſamento: mas ſó quero, meu Rey, que quando nelle te aſſentares, eu aos teus pés eſteja.

Rey. Naõ, ao meu lado has de eſtar.

Semir. Quanto he grande o teu coraçaõ! Mas.....

Rey. Naõ te opponhas ao meu goſto: generoſo te offereço, e te fallo amante: tudo deve o meu amor à tua valentia.

Semir. Eſtou vencida; já naõ quero recu-

zar

zar huma honra amante, que mais ati me entrega: ſó em fazella menos grande, farey mais juſta a tua merce. Eu diminuo o teu poder, aceitando o teu favor: dividido em nós o mando, ſerá menor em ambos o imperio. Teu ſeja o ſuperior, e ſeja ſempre; mas porque queres que eu reine igualmente, faça-ſe o teu goſto, mas o teu poder ſe ſalve. Hum dia ſó quero mandar ſobre o teu throno como Senhora abſoluta: ſe aſſim mo concedes, aſſim o aceito, e ſe mais me queres conceder, obrigas-me a naõ aceitar. *levantando-ſe.*

Rey. Attende. Teu louvor ſerá, naõ culpa minha, o ſer taõ pouco: digno he o teu merecimento de mayor premio. Naõ queres mais reinar que hum ſó dia? pois ſeja hoje: vem, eſpoſa, vem ao teu ſolio, e ao teu mando.

Semir. Já me verey vingada. *à parte.*

ARIA.

Rey. Vem eſpoſa muito amada
Rege, manda, e tudo impera,
Que eu amante já quizera
Todo o mundo ati proſtrar.
Se em meu peito já dominas,
Pouco faço em darte hum reino;
Que eſſas prendas peregrinas
Mais merecem alcançar. *Vaõ-ſe.*

Sahem Nino, e Arbace.

Nino. Arbace, ah fero Arbace! tu tiraſte a eſta innocente alma o ſeu deſcanço e a ſua paz.

Arbac. Que afrontas, ò Principe, ſaõ eſtas? De que delicto de mim ignorado me vejo reo? Quando menſageiro de huma victoria ati venho, e te entrego os mais excellentes deſpojos, entaõ me reprehendes?

Nino. Neſtes deſpojos me roubaſte o meu ſocego. Zomira.....

Arbac. Já te entendo; a viſta da tua priſioneira, e da tua inimiga te ferio o coraçaõ.

Nino. Eſte ſuſpirar to diga: ſim, Arbace, aquelle primeiro inſtante que vi dos ſeus olhos as luzes [oh que delicioſa lembrança!] perdi dos meus o ſocego.

Sahe Faneca ao baſtidor.

Fanec. Que fará minha Ama? Mas aqui eſtá o Principe.

Arbac. E que eſperas do favor de Zomira, que tem jurado de te tirar a vida, e a de teu Pay? Deixa, deixa.....

Nino. Arbace, ſe me queres aconſelhar, que naõ ame a Zomira, he vaõ o conſelho:

ſelho : deixame, deixame ſó com os meus penſamentos, que ao menos nelles ſerey feliz, quando em me naõ favorecer ſeja deſgraçado.

Arbac. Prompto te obedeço, e ſó te lembro, que o odio em mulher ou dura pouco, ou naõ ſe extingue. *Vaiſe.*

Sahe Veſugo ao baſtidor.

Veſug. Se andará por aqui ..... Mas naõ anda, que eſtá parada.

Nino. Deſpreza-me embora, minha amada Zomira, e ajunta aos teus deſprezos os deſdens. *Vaiſe.*

Sahe Faneca.

Fanec. Ay como me cheira a naſcerem alegres pazes de duras guerras! O Principe Nino confeſſa que morre por Zomira, e minha Ama já lhe naõ vive deſinclinada; parece-me que teremos, em vez de ſocos de Marte, ſopinhas de Hymenêo.

Sahe Veſugo.

Veſug. Viſto iſſo tambem poderey ter quinhaõ na vaca?

Fanec. Que ſempre eſte maldito me apareça a eſtas horas!

Veſug

Veſug. Eu nunca falto a horas de comer.

Fanec. Diz bem, que he peyor que ſarna.

Veſug. E tu es peyor que tinha, pois naõ te poſſo pegar, nem por hum cabello.

Fanec. Voſſé por ſer diabo, he que me parece hum tinhoſo.

Veſug. Olha: eu iſto de tinha ſim a tinha algum dia, mas agora já naõ tenho o que tinha.

Fanec. Pois ſe naõ tem já, naõ o quero.

Veſug. Porque razaõ?

Fanec. Porque ſó quem dá he bom para amante; voſſé como já naõ tem, naõ póde dar; porque ninguem póde dar o que naõ ſerve para amante.

Veſug. A rapariga he ſofiſtica em fórma! Pois adverte, que ainda que naõ tenha, ſempre te poſſo dar; porque naõ dá quem tem, ſenaõ quem quer bem.

Fanec. Comece já a fazer a experiencia, para que eu dê melhor credito às ſuas palavras.

Veſug. Eu o que tenho aqui mais à maõ, ſaõ os meus braços: aqui os tens à tua ordem.

Fanec. Retire-ſe, que eu naõ os quero.

Veſug. Pois que mais queres de quem eſtá perdido?

Fanec. O que? Nada, couſa nenhuma.

Veſug. E até para mayor deſgraça me roubáraõ hum coraçaõ que eu tinha, a quem queria muito.

Fanec. Pois buſque-o lá em quem lho roubou.

ARIA A DUO.

Veſug. Dame, ingrata, o coraçaõ
Pois, tyranna, mo roubaſte.
Fanec. Eu ſupponho te enganaſte,
Que eu naõ ſou quem to furtou.
Veſug. Eſſe dengue mo roubou.
Fanec. Tal naõ ha.
Veſug. Por vida minha.
Fanec. Oh aleivoſo!
Veſug. Oh cachorrinha!
Fancc. Tal naõ digas } naõ ha tal.
Veſug. Eu naõ minto }
Veſug. Eu to dou de boa mente,
Mas naõ ſejas taõ ingrata.
Fanec. Tal comigo naõ ſe trata,
Ambos Que eu naõ ſou para enganar.

Vaõ-ſe.

ACTO

ACTO II.

SCENA I.

Praça de Babylonia com viſta de Palacio Real. Arcos triunfaes, erigidos em honra de Semiramis com throno mageſtoſo para a coroaçaõ da meſma. Povo, e Soldados com bandeiras brancas. ElRey Atalo ſobre o throno, Semiramis ao lado direito, Nino ao eſquerdo, em degraes mais baixos Arbace, e os Grandes do Reino em pé junto ao throno.

Rey. VAſſallos, eiſaqui o voſſo Rey livre já dos ſeus contrarios: ſujeitos aos grilhões ſe viaõ meus pés. Vede: (*moſtra a cadea*) eſta era a minha deſgraça, e peyor ſeria a voſſa, vendo abrazar às violencias do inimigo fogo todo o Reino. O invencivel braço de Semiramis reclamou a vitoria. Eſta he a grande triunfadora, (*para Semiram.*) eſta a noſſa fortuna, e a noſſa gloria: livres, a dezempenho do ſeu valor, vos aclamais. A naõ ſer o ſeu braço, lamentarias, ò infeliz Cidade, o teu eſtrago, em mares de pranto, e em diluvios de ſangue;

ſangue : applaude a quem te ſalva, e hoje feſtiva repete, que Semiramis viva.

Todos. Viva, viva.

Rey. Só com alegres vozes o beneficio ſe naõ paga. Neſte dia, por ſer de gloria para ella, e para nós de liberdade, Semiramis reine ſobre o meu throno, que com o Cetro defendo : no dia do ſeu triunfo tenha abſoluto imperio : mande, e governe como Senhora. Eſte, ò Principe, he o meu voto.

Do noſſo cativeiro hoje nos priva,
Hoje reine abſoluta, e ſempre viva.

Todos. Reine, e viva, viva.

Rey. Tu ſerás a noſſa Rainha; todos o approvaõ, e obedecerte juraõ aos altos Deoſes. Zomira, e Idaſpe venhaõ; e para fazer mais alegre hum taõ grande dia, ſe conceda a paz aos Bactrianos. Nino ſe deſpoſe com Zomira, e venha a taça nupcial.

Chega hum Criado com huma taça, que dará a Semiramis a ſeu tempo.

Semir. Já que te agrada que eu reine, e mande em eſte dia, deixa, que da minha maõ venha neſſa taça a paz de Hymenêo. *toma a taça.*

Sahem Idaſpe, e Zomira.

Rey. O teu goſto ſe cumpra, Principe: qual ſeja o voſſo deſtino ouvireis de Semiramis: hoje empunha o Cetro, e o diadema cinge: eu já naõ ſou voſſo Rey.

Deſce ElRey do Throno, e coroa a Semiramis, a qual ſe aſſenta no lugar aonde elle eſtava, e canta-ſe o ſeguinte

CORO.

Ao Throno, ao Throno
A noſſa triunfante:
A noſſa reinante
Ao Throno, ao Throno.

Semir. Atalo, dizeime quem em Aſſyria hoje reina?

Rey. Tu reinas, tu mandas: o noſſo deſtino eſtá no teu imperio.

Semir. Já que eu mando, toda a pompa triunfal ſe deite a terra: ao povo ſe eſpalhe ouro, e prata, para que aos humildes chegue tambem a liberalidade: os deſpojos inimigos ſe dividaõ entre os Soldados, e aos mais aſſignalados eſmaltem o peito precioſas joyas de finas pedras: levantem-ſe muito mais ſoberbos, e mais elevados os muros de Babylonia,

para

para que o inimigo aſſalto naõ tire aos Cidadãos o ſeu deſcanço : ſeja minha pompa mais felicidade alheya, que propria.

Rey. Oh grande mulher!

Nino. Oh grande Mãy!

Todos. Oh grande Rainha!

Semir. Chega, Zomira : na minha maõ eſtá a taça nucial; eſpoſa de Nino te quer Atalo.

Idaſp. Zomira, lembre-te, que ſeu Pay ao teu matou.

Zomir. A ſombra paterna ſey que ainda verte ſangue das feridas, e ainda naõ acho vingança das offenſas.

Rey. Primeiro ſe conceda a paz, e depois do Hymenêo ſe trate.

Semir. Paz, e Hymenêo te agrada? Pois a taça ao chaõ, e as bandeiras a terra. Eſte he o Hymenêo, e eſta he a paz.

Atira com a taça ao chaõ, abatem os Soldados as bandeiras, e deſce do Throno Semiramis.

Rey. Oh feroz mulher!

Nino. Oh cruel Mãy!

Semir. Arbace, Atalo ſe prenda.

Rey. A mim Semiramis? Ao teu Rey? Ao teu Eſpoſo?

Semir. A tua Rainha ſou eu, e prezo te quero.

Rey. Sonho eu, ou tu deliras?

Semir. General, obedece. *a Arbace.*

Rey. E tu es taõ atrevido com o teu Rey?

Arbac. O meu Rey he aquella: a execuçaõ, e a fé hoje só devo guardar a quem o Cetro vejo reger.

Rey. Assyrios, eu sou o vosso Rey.

Semir. A vossa Rainha sou eu; vós assim o juraste aos Deoses.

Rey. Tu os deves respeitar em mim; vê que no semblante mostro ainda fóra do solio dos altos Deoses os soberanos rayos: vê-me, e treme de mim: ainda que sujeito ao solio, os Deoses me fizeraõ teu Rey, e Rainha eu só te fiz. Cruel com elles, e comigo hoje te vejo, teme o seu, e meu enfado.

Semir. A' manhã o temerey, hoje reino.

Rey. He esta a Assyria? He esta a minha Rainha? Naõ, vós naõ sois Assyrios; entre vós naõ estou, estou entre os Bactros à sombra de Zoroastro, que hoje matey, este he o que rege o meu solio.

Vaise com Arbace.

Semir. Tudo ao meu mando se obre. Hum dia naõ he breve para quem sabe mandar. Guardas a Zomira, e Idaspe nos seus quartos reservay. Nino, será tua esposa outra formosura; os Soldados es-

tejaõ

tejaõ ſobre as armas. Grandes, vós me ſegui, e ſeja a voſſa obediencia o meu preceito. Eu reino eſte dia, vós me fazeis voſſa Rainha: o juramento eſtá dado, o deſtino de Aſſyria hoje eſtá em mim, que hoje governo.

ARIA.

Hoje tudo a meu preceito
Se ſujeite humildemente,
Quando em ira o peito ardente
Tanto exhala o ſeu furor.
Se até agora a chamma occulta
Se enclauſtrou dentro no peito,
Moſtre agora o ſeu effeito
Reſpirando o forte ardor. *Vaiſe.*

Sahe Veſugo.

Veſug. Que alvoroço he eſte? huns para aqui, outros para alli? Naõ ſabem que as mulheres ſaõ vingativas: fez muito bem a Senhora Semiramis. ElRey Atalo matou-lhe o ſeu marido, e depois emnoivou-ſe com ella, e ella agora parece que quer emnoivarſe com outro. Se eu foſſe mulher, havia fazer peyor, já que elle foi tolo, que lhe vay entregar o governo a huma deſgovernada. Mas ahi vem a Senhora Faneca, que já lhe

lhe peſquey o vulto, e lhe fiſguey o no
me: ſó o abraço naõ poſſo ver na rede
Mas aqui me eſcondo de traz deſte arco
para ver ſe acho modo de a meter n
dança. *eſconde-ſe*

Sahe Faneca.

Fanec. Eu venho tonta; naõ poſſo acha
a minha Ama; o Principe Idaſpe na
apparece; a Rainha eſtá huma polvora
e entendo que tudo parará em fogo
Em negra hora vim acompanhar a Prin
ceza à guerra.

Veſug. Eu ſayo pé ante pé a ver ſe poſſ
fiſgar o abraço. *vay ſahindo*

Fanec. Mas quem eſtá aqui?

Veſug. Valha-te hum dardo, que logo pe
caſte eſte deſgraçado Veſugo, que n
mar de amor ſe vay alentando com a iſ
ca do teu deſdem.

Fanec. Nunca na rede do meu affecto h
de cahir eſſe Veſugo.

Veſug. Calla-te, que ainda te ha de eſcapa
pela malha algum favor.

Fanec. Naõ ſe cance que de mim naõ ha d
ver boya.

Veſug. Minha adorada Faneca,
Suſpende a tua aſpereza,
Quando no mar da firmeza
Por ti corro féca, e méca;
Valha-te, menina, a bréca,
Já que aſſim de mim naõ goſtas:
Dize, porque me deſgoſtas
Com taõ continuo rigor?
Pois, ou me faze hum favor,
Ou me deixa aqui em poſtas.

Fanec. Em poſtas merecia voſſé feito: mas deixemo-nos diſſo, e diga-me: ſabe aonde eſtá minha Ama?

Veſug. De Amas naõ ſey, da Criada bem poſſo fallar, quando eſtou taõ cativo deſſes olhos.

Fanec. Deixe-ſe de comprimentos, que lhos naõ eſtimo.

Veſug. Ah tyranna, que aſſim me queres pôr à curta!

Fanec. Naõ eſtou para detenças; ſe me naõ dá noticias de minha Ama, vou buſcar quem mas dê.

Veſug. Porque, receas ficar deſaccomodada?

Fanec. Naõ o receyo, mas ſempre me aſſeguro; e aſſim por aqui me ſirvo.

Vaiſe.

Veſug. Eſcuta, eſpera, ò Faneca ingrata.

Ora

Ora com bem lhe amanheça, logrou-me no melhor tempo da noſſa pratica; calla-te que eu te andarey pelos alcances. Ora vamo-nos tambem por eſta parte, que todos os rios vaõ dar ao mar.

Vaiſe.

SCENA II.

Sala Real. Sahem Semiramis, e Idaſpe metendo a eſpada na cinta.

Semir. JA' concedi aos Bactros as pazes, e a vós a liberdade. Eſſa he a voſſa eſpada, cingi-a ao lado, Principe.

Idaſp. Senhora, huma mercê taõ grande...

Semir. Naõ tendes que me agradecer; conveniencia minha he eſſa dadiva. Attendey: eu ſubi ao Throno, e delle naõ quero baixar: quereráõ os Aſſyrios, que eu delle à manhã deſça, mas vós nelle me haveis de ſuſtentar; fazey que eu delle naõ ſeja expulſa. Vede agora ſe he conveniencia minha a voſſa eſpada.

Idaſp. E minha a gloria, que terey de ſervirvos: eu farey, que ſe ajunte o meu campo, e ao voſſo mando o terey prompto.

Semir. Semiramis vos ſerá agradecida.

Idaſp.

Idaſp. A hum Principe fallais, que ſó obedecervos dezeja.

Semir. Tudo alcanço, e agradeço: a Zomira eu ſey que amais.

Idaſp. Tambem ſey, que a ama Nino: ſua ſerá pois lha quer dar Atalo.

Semir. Se Atalo torna a reinar, naõ a eſpereis; mas ſe eu fico reinando, ſerá voſſa: ella por mim vos falla, e vos diz:
Idaſpe, amado bem, nem ſempre féra
Eu comtigo ſerey, deſcança, eſpera.

ARIA.

Idaſp. Oh meu peito ſempre amante,
Neſta empreza toma alento;
Diminue o teu tormento,
Pois te deves alentar.
Se até agora entre receyos
Sempre andavas ſuſpirando,
Bem pódes hirte alentando
Neſſa gloria de eſperar. *Vaiſe.*

Sahe Nino.

Nino. Livre eſtá Idaſpe?

Semir. Sim, Nino.

Nino. E meu Pay?

Semir. Ainda eſtá prezo.

Nino. Ay de mim!

Semir. Que temes?

Nino.

Nino. Juſto he o temor: ingrato vos ſerá Idaſpe: contra vós deſpirá a eſpada; e quando ſeja hum traidor, e hum aleivoſo, terá a deſculpa no voſſo exemplo.

Semir. A quem fallas?

Nino. A huma Mãy.

Semir. E a huma Rainha tambem.

Nino. Sim; mas fallo por hum Pay, e por vós meſma fallo: reſoluto me faz a ſua deſgraça, e a voſſa gloria.

Semir. Sim; queres livre a teu Pay? Elle o ſerá: mas ceda-me para ſempre o Reino, e depois tenha a liberdade.

Nino. Toda a ſua eſperança deve ſer a liberdade; mas com tanto pezo iſſo he delicto.....

Semir. Calla-te: com fazeres que eu o advirta, já o naõ pódes fazer que o naõ cometta.

Nino. Senhora, aſſim correſpondeis ao amor de hum marido, e.....

Semir. Eu ſey as razões que tenho: em me conceder dominio hum dia, me deu força para dezejallo em todos. Atalo aqui vem logo, eu quero-te ouvir fallar com elle, ſem que elle me veja; faze que elle conſinta com a minha vontade: o Throno já mo naõ póde tirar; elle mo deu, e tirarmo naõ deve: eterna

prizaõ

prizaõ o eſpera, ſe elle naõ cede: deixa que elle falle claramente, e naõ faças movimento, que eu dalli te eſcuto, e vejo, e dos teus aviſos elle he que ha de pagar a pena, e primeiro que elle ſuba ao Throno, lhe hey de tirar a vida.

Poem-ſe Semiramis ao baſtidor, e ſahe ElRey ſolto.

Rey. Já, ò filho, me vejo em liberdade. Que furor accomette a Rainha? Eu te confeſſo, que peyor ſorte eſperava do ſeu delirio. Mas aſſim recebes taõ triſte a hum Pay, a hum Rey?

Nino. Pay, que ſó eſte nome vos poſſo dar, que eſſe de Rey já o ignoro.

Rey. He porque hoje naõ mando? Por ventura eu naõ ſou Senhor? E naõ tornarey brevemente a reynar?

Nino. Pay.....

Rey. Falla, que me queres dizer?

Nino. Aſſim fallo por vos..... quer a Rainha.....

Rey. Continúa, naõ confundas humas palavras com outras.

Nino. Quer a Rainha, que hoje lhe cedais para ſempre o Imperio, ou que para ſempre ſejais priſioneiro.

Rey. Detem-te; aonde achaſte eſſa ley taõ cruel?

Nino.

Nino. Ella me ordenou que aſſim vos fallaſſe.

Rey. E tu o podeſte proferir? Ah barbara mulher!

Nino. Calai-vos Senhor.

Rey. Ainda me dizes que me calle? Alegraõ-te as ſuas crueldades? Della ſerás tu filho, porém meu já naõ. Queres ver a ella Rainha, e a mim vaſſallo, feito rizo do povo, e fabula do mundo? Naõ te faria envergonhar hum Pay taõ vil? Ah mulher ingrata!

Nino. Ah Pay, e Senhor.

Rey. Naõ profiras hum nome, que augmenta o teu delicto, e o meu enfado; tu naõ queres que eu ſeja teu Rey, e eu naõ quero ſer teu Pay.

Nino. Oh Deoſes!

Rey. Mas ſerey Rey a teu pezar: eu me verey depreſſa ſobre o mal concedido Throno: ao rigor do ferro, e à violencia do veneno cahirá delle eſſa ingrata, eſſa falſa, eſſa tyranna.....

Nino. Eſcutay, eſcutay, Senhor.

Semir. Já me inteirey do ſeu deſignio.

Vaiſe.

Rey. Que queres que eſcute? O contrato da minha liberdade? Entregarey primeiro a vida, que o Reino: aſſim reſponderás

ponderás a essa de quem es filho, e torna depois com os grilhões a seres tu mesmo quem mos lance aos pés.

Nino. Pay, e Senhor, justa he a vossa pena: dezafogue-se, e seja em mim: já vos escuto gostoso, porque já vos escuto só.

Rey. Naõ te entendo.

Nino. A Rainha tudo escutava; nem com hum aceno vos podia dar aviso, porque era o vosso perigo o meu final: já se auzentou: fallay, castigai-me, mas primeiro me chamay vosso filho.

Rey. Oh amado filho! Oh mulher ingrata! Tens Nino de mim compaixaõ?

Nino. Assim tivera caminho de vos entregar o Cetro: grandes, e pequenos tudo a Rainha tem em seu favor: a dinheiro os comprou; eu naõ sey o modo.

Rey. Eu o sey, porque a minha pena me deu industria. Está prompto o veneno, cedo o beberá. Tem por costume hir todos os dias ao jardim a beber daquella fonte chamada do sol; nessa agoa levará o veneno.

Nino. Ay de mim, amada Mãy!

Rey. Mãy chamas, a quem Reino, e liberdade me quer tirar? Adverte o teu perigo no meu estrago: para reinar me ha de

ha de tirar primeiro a vida, e depois a tua: eſte perigo te faça guardar ſegredo: ſe fallas, me perdes, e por ultimo te beijo, e te abraço. *abraçaõ-ſe.*

Nino. Oh Deoſes!

Sahe Arbace.

Arbac. Atalo, vinde outra vez à voſſa prizaõ: eu ſou o executor do preceito.

Rey. Pois cumpre-o.

Arbac. Aſſim o devo fazer: a Rainha vos eſpera no Jardim, para lá foi com Zomira. *para Nino.*

Rey. Nino, ſe te callas, reino; e ſe fallas, morro; ſalva-te entre nós.

Nino. E que tyranno lance he eſte meu entre vós! *Vaiſe.*

Rey. Hoje ſerves a Rainha?

Arbac. Vós ſomente ſois o meu Rey.

Rey. Ajuntas a zombaria ao atrevimento?

Arbac. Naõ me faças réo deſſa culpa: he força, e naõ vontade: o cargo que a Rainha me entregou neſte baſtaõ, a voſſos pés o ponho.

Rey. Naõ, Arbace, obedece a quem reina.

Arbac. Vós naõ me credes? Moſtrarey com a minha morte a minha fidelidade. *vay a ferirſe.*

Rey. Tanto naõ quero: faze que torne o teu

teu Rey ao Throno, que a culpa já te perdoo. *Vaiſe.*

SCENA III.

Jardim com huma fonte no meyo com a eſtatua do Sol. Sahe Veſugo.

Veſug. ATraz de peſcar Faneca, huma onda ſe me vay, e outra ſe me vem: ella para por aqui entrou, mas eu aqui a naõ vejo: por eſta rua naõ, por aquella menos; eila cá pela outra: ahi vem por entre roſeiras aquella papoula da India, cercada de malmequeres: tomara-me eſconder, para ver ſe a poſſo pilhar, que ſem fruto naõ ha pilhar hum abraço: atraz deſta meſma fonte me occulto.

Eſconde-ſe atraz da fonte, e ſahe Faneca.

Fanec. Divertida no Jardim me apartey da Princeza. Que delicioſa eſtancia! E mais que delicioſa aquella fonte, que a beber me convida!

Veſug. Ay, que com eſſa bebedura me creſce a agoa na boca.

Fanec. Se ſerá eſta a fonte do Sol?

Veſug. Naõ, he a da lua, porque tem enchentes. *à part.* *Fanec.*

Fanec. Peza-me naõ trazer porque beba.

Veſug. Se o meu copo naõ eſtivera ſujo, tinha boa occaſiaõ do offerecimento.

Fanec. Que bonita figura!

Veſug. He bonito como hum ſol.

Fanec. Ora já que naõ trago copo, beberey na bica.

Veſug. Anda que aqui tens a do ſapato, porque já lhe meti hum pé dentro.

Fanec. A ella me chego. Mas quem eſtá aqui atraz?

Veſug. Sou eu, que me eſtou aquentando ao ſol. A maldita nunca lhe eſcapo. *à p.*

Fanec. Olhem o cara do demo!

Veſug. Pois querias que foſſe bonita ſervindo em hum chafariz?

Fanec. Calle-ſe, que eſtou danada.

Veſug. Iſſo vi eu logo, quando vieſte às ondas.

Fanec. O maldito, que me fez fugir a vontade de beber.

Veſug. Tambem tu me fizeſte eſcapar a occaſiaõ de te pilhar hum abraço.

Fanec. E ainda naõ tem vergonha de o dizer?

Veſug. Nem de to dar aqui já, e logo.

Vay Veſugo para darlhe hum nbraço, ella o empurra, e o deita dentro na fonte.

Fanec. Deſta ſorte ſe caſtigaõ atrevidos.

Veſug.

Vesug. Oh mulher de huma figa, já queres que eu corra os banhos?

Fanec. Peza-me a mim..... Mas ahi vem gente; naõ quero que me vejaõ. *Vaise.*

Vesug. Quem me dá a maõ, que me afogo.

Sahe Nino.

Nino. Que fazes, louco?

Vesug. Achey boa esta maré, e naõ a quiz perder. *sahe.*

Nino. Retira-te, que vem a Princeza.

Vesug. Sim Senhor, que nem estou capaz de apparecer. *Vaise.*

Sahe Zomira.

Nino. Princeza?

Zomir. Enfado, volta ao meu coraçaõ. *à parte.*

Nino. Hoje vos torno a ver com mais alegria, pois vos vejo na liberdade.

Zomir. Se me vedes livre, a vosso Pay o naõ devo; e se o devesse, me daria pena, por lhe naõ ser ingrata naõ vir a ser sua inimiga: agora o sou, e o serey, sem me mostrar injusta.

Nino. Naõ bastará a aplacar essa ira todo o meu amor, Zomira? Eu contra vós naõ tomey as armas, naõ despojey a vosso Pay da vida: eu vos amo com aquel-

la fé, que se deve a esse reflexo do sol que em vós brilha; e assim mitigue o meu amor o vosso odio.

Zomir. Ah como sinto palpitarme o coraçaõ! *à parte.*

Nino. Se vós quereis, eu apagarey esse incendio com hum diluvio de sangue: verey morrer meu Pay às vossas mãos, e depois eu pelas minhas farey que caya morto a vossos pés.

ARIA.

Se o rigor da tyrannia
Só com sangue se mitiga,
Em meu peito o ferro abriga,
Satisfaze o teu rigor.
E se basta a minha vida,
A teus pés hoje rendida
Ta dedica o mesmo amor. *Vaise.*

Sahe Idaspe.

Zomir. Que he isto coraçaõ? Com a presença daquelle semblante morre o teu enfado?

Idasp. Já começou, Zomira, a vossa vingança; eu darey fim à obra: hum grande esquadraõ tenho pronto ao meu mando.

Zomir. Já alcancey tudo da Rainha: gloria nossa he ver pedir o vencedor soccorro ao vencido. *Idasp.*

Idasp. O soccorro do vencido sempre foi perigo do vencedor. Com as mesmas armas, com que se conserva, se arruina. Naõ só Atalo morra, morrerá Nino, e...

Zomir. Nino está innocente.

Idasp. Naõ digas isso, dize que Nino he amante.

Zomir. Mais augmentaria o meu odio o seu amor, se elle fosse reo.

Idasp. Já descubro o teu peito; basta.

Zomir. E isto he dizer que o amo?

Idasp. A tua piedade te descobre. Zomira, no teu coraçaõ ardem essas chammas de injusto amor: deixa de amar a quem só deves.....

Zomir. Basta.

ARIA.

Oh que pena me consome,
Qual incendio, o meu peito,
Quasi o coraçaõ desfeito
Considero em tanto ardor.
Se o meu fado me naõ basta
A matarme em tal tormento,
Venha o novo sentimento
Augmentar a minha dor. *Vaise.*

Sahe Semiramis.

Idasp. Mal aconselhada mulher.

Semir. Idaſpe?

Idaſp. Senhora, já eſtaõ juntos os mais fortes ſoldados; falta ſó, que ſe dê entrada na Cidade.

Semir. Eu darey aviſo, antes que o ſol ſe ſepulte.

Idaſp. Vós ſereis Rainha; mas Zomira já naõ ha de ſer minha eſpoſa.

Semir. Ainda temeis o amor de Nino?

Idaſp. O de Zomira he que temo.

Semir. E quem vos diſſe, que ella o amava?

Idaſp. Ella propria.

Semir. E dais-lhe credito? Dama alguma diſſe nunca, que era infiel? Só quando he mais firme, entaõ confeſſa menos fé.

Idaſp. Se me diſſeſſe, que o amava, tal vez lhe naõ déſſe credito; porém confeſſou-ſe compaſſiva.

Semir. Nino vem; retira-te, e deſterra eſſe ſentimento. Compaſſiva, e naõ amante eſtá Zomira.

Idaſp. O tempo o dirá. *Vaiſe.*

Sahe Nino.

Semir. Vem, filho, declara-me de teu Pay os penſamentos, que ſó huns acentos truncados pudéraõ chegar aos meus ouvidos.

Nino. Elle quer reinar; ſó iſto vos naõ póde

póde conceder o seu amor.

Semir. E ainda me ama? Naõ me chama cruel?

Nino. Cruel vos chama, mas he mais dor, do que ira. Senhora, elle vos ama.

Semir. E da prizaõ, que diz?

Nino. Espera antes a morte.

Semir. Nem falla de vingança?

Nino. Seria em vaõ a empreza: já naõ a póde tomar.

Semir. Nem tu me enganas?

Nino. Eu enganar-vos?

Semir. Basta: delle quero alcançar tudo.

Sahe ElRey com guardas.

Semir. Atalo, aqui está Semiramis; aqui está a tua Rainha: attende para esta obra do seu amor; gloria-te de me ver cingida do diadema. Pareço-te mais bella hoje, que reino? Deixa que em ti repare; nessas cadeas que arrojas, comprehendo o grande poder que me déste. Em te fazer desgraçado exalto os teus merecimentos; de gloria tua te serve a tua desgraça; só por te ser agradavel, quero ser hoje cruel.

Nino. Mãy, e Senhora, naõ o irrites, nem o desprezes.

Semir. Vê-me, falla Atalo, dize-me ao menos,

menos, que sou traidora. Pouco he o meu poder, se te consente sofrer esse mal. Tu me ensinas nesse silencio, que naõ es taõ infeliz, quanto eu queria.

Rey. Oh féra! oh tigre! oh monstro! *à p.*

Semir. Mas já sinto por entre os beiços andarem as vozes: traga-se-me a costumada agoa dessa fonte do Sol, mitigarey mais o incendio da minha ira nessa derretida neve.

Assenta-se ao pé da fonte, e sahe hum soldado com huma taça.

Nino. Senhora, aquelle silencio naõ he desprezo: quando os males saõ grandes, perturbaõ-se inteiramente os sentidos.

Semir. Dame, filho, aquella taça.

Nino. Oh Deoses! Em que risco me vejo. (*toma a taça.*) Oh Pay, e queres que naõ falle, e dê cruelmente a morte a minha Mãy? Ainda naõ basta o silencio? Eu mesmo lhe hey de dar o veneno? Se lho dou, morre Semiramis; se naõ lho dou, morre Atalo. Que hey de fazer? Pay, e Senhor, vede a morte de huma Mãy na maõ de hum filho; se buscais a vingança, executay-a em mim como reo da culpa: baste o meu silencio para me formar o delicto.

Rey.

Rey. Ah filho de Semiramis, tu andas louco entre nós. Espalha por huma vez o veneno; ou mata o Pay, ou acaba a Mãy.

Semir. Filho, nem essa agoa quer Atalo, que me dês? Vem, amado filho, que me sinto abrazar.

Nino. Oh Deoses! que farey? Infeliz Mãy! *à parte.*

Toma Nino a agoa na taça, e com passos vagarosos vay a dalla a Semiramis, voltando-se para ElRey.

Semir. Que vagarosos moves os passos! Porque he esse receyo? Tu para o Pay voltas os olhos, e elle os seus de ti naõ aparta com ira? Dame essa agoa, filho.

Poem Nino a taça na fonte.

Semir. Nino, porque recusas darme essa agoa? Teu Pay to prohibio? Deixa-me beber, que eu..... *quer beber.*

Nino. Mãy, e Senhora.....

Semir. Que me queres dizer? Continúa.

Rey. Ah louco! *à part.*

Semir. Tu te callas, e te perturbas? e até a agoa vejo infecta? que he isto?

Rey. Falla, para que emmudeces? Cumpre o teu dezejo, filho ingrato; dize, que

que aquillo he veneno; dize, que antes queres a minha morte, do que a ſua. Tremeſte ao executar a minha juſta vingança? Pois executa a tua crueldade: dame a mim o veneno; e ſe ainda naõ baſta, acabe a eſſes pés a vida de hum Pay, à violencia de tuas mãos.

Semir. Se aſſim ſe executaſſe, que juſta ſeria a tua morte, querendo a minha? O quererte tirar o throno naõ era delicto meu, era pena tua; tu dos braços me tiraſte, oh barbaro, o meu primeiro eſpoſo; vingallo queria tirando-te ati o Reino; mas tu me abriſte para mayor vingança o caminho. A mim o veneno me querias dar? Pois agora has de bebello. *Dalhe a taça.*

Rey. Eu a tomo, mas naõ doures com eſſe nome de vingança a tua crueldade. Eu dey a morte ao teu Menon, aſſim foi; mas, infiel belleza, naõ foy gloria da tua formoſura eſſe delicto? Eu fuy cruel por te querer, tu es cruel para reinar; o meu delicto, por ſer de amor, tinha deſculpa; o teu na meſma ambiçaõ já leva a pena. Reina, tyranna, que eu já quero com eſte veneno, que o meu cadaver ſeja o degráo por onde ſubas a eſſe ſolio. *quer beber.*

Nino.

Nino. Suſpende Pay. Mãy, he injuſta aquella morte; acabe antes às violencias do ferro o reo; e ſe todo o ſeu ſangue ha de pagar o ſeu delicto, o que tenho nas veyas tambem he ſeu, tira-mo, ou eu o tiro. *quer ferirſe.*

Semir. Filho, ſuſpende.....

Nino. Naõ te apreſſes, porque eu ſó quero, que a minha morte acompanhe a ſua.

Semir. Vê, filho cruel, porque tu vivas, elle ſe ſalve.

Deita Semiramis no chaõ a taça, que ElRey tem nas mãos.

Semir. Tu eſpalhavas o meu ſangue, derramando o teu. Olá, huma eſcura prizaõ ſeja de Atalo depoſito. Vay, que lá verás o teu deſtino. *àparte.*

ARIA.

Rey. Qual hircana, tigre, féra
Teu coraçaõ duro, e forte,
Determina dar a morte
A quem ſó quiz adorar.
Oh rigor do meu deſtino!
Oh penſaõ do injuſto fado!
Quando chega a tal eſtado
O effeito de hum amar! *Vaiſe.*

Sahe

Sahe Zomira.

Semir. Chegas a bom tempo. Nino, por livrar a Atalo, ſe quer matar.

Zomir. Que ambos ſe percaõ he o meu voto.

Semir. Taõ cruel te naõ buſco, nem quero que o ſejas; eu quero vivo a meu filho, Atalo quero que morra, livrallo naõ pódes. Mas ſe tu morres (*a Nino.*) ha de morrer Zomira; aqui vos deixo em conſelho. Zomira tu has de morrer, ſe Nino morre. *Vaiſe.*

Nino. Oh Deoſes! Haverá mais que me ſucceda? Da minha morte perço a gloria, e o fruto: naõ ſirvo de reparo à de meu Pay, e hey de ſer occaſiaõ da voſſa?

Zomir. Deixa que eu morra, que aſſim tomas vingança por parte de teu Pay com a minha morte. Morto o dezejo, e por me vingar na ſua vida até na minha o fizera. Mas ouve Nino, ati naõ chega eſte odio, o amor já me naõ dá alento para tratar da vida, pois ſey, que aos infelices naõ ſerve de bem. Naõ oſtento eſta piedade, por temer a minha morte; oſtento-a ſim por ſalvar a tua vida. Naõ es tu a cauza da minha pena, e do meu incendio; ſim; vive Nino, que

que Zomira assim o dezeja.

Nino. Zomira, conheces o quanto te amo? Se alguma faisca deste incendio, em que me abrazo, se ateou em teu coraçaõ, naõ me encubras este troféo de meu amor: falla, meu bem, pois com esta confissaõ me farás gostosa a vida em tanta dor: dize Senhora, se nessa pena, que tens da minha morte, tem parte o teu affecto?

Zomir. Deixa-te viver, que tu o saberás.

DUETO.

Nino. Naõ suspendas esse alento,
Pois delle depende a vida.
Zomir. Conservalla naõ duvida
Nino. Para amarte.
Zomir. Isso estimo.
Nino. De adorarte só me animo,
Ambos { E só vivo de adorar
Vive embora no adorar.
Nino. Naõ me occultes a esperança
Nesse amante desengano.
Zomir. Se meu peito he deshumano,
Como pódes esperar!
Ambos { Em teu peito soberano
Sempre amor hey de esperar.

ACTO III.

SCENA I.

Pateo de Palacio Real. Sahem Semiramis, e Arbace.

Semir. ARbace, o tempo he breve; naõ arriſquemos a empreza.

Arbac. Aos Grandes do Reino já dey as voſſas ordens; em a ſala os tereis juntos: as armas eſtaõ promptas. O tumulto popular em eſta noite ſe naõ póde temer: o ouro, e a prata, que lhes mandaſte eſpalhar, os encheo de alegria; tudo eſtá ſocegado: a porta, que cahe para o Oriente, eſtá aberta aos Bactros; porém de outro ſoccorro naõ ha noticia. Por vós eſtaõ os Aſſyrios: o dezejo que tendes de reinar, hoje o haveis de conſeguir.

Semir. Adianta-te, Arbace, e os Grandes do Reino diſpoem em meu favor: em eſta noite ſe deve executar o juramento do meu imperio: em ti depoſito a defenſa, pois te confio a lealdade.

Arbac. A minha execuçaõ o dirá: fiel ſerey.

rey. Mas ſómente a Atalo. *à part. e vaiſe.*

Semir. Atalo ha de morrer: ſó eſte intento encobri a Arbace; porque ſempre os vaſſallos amaõ a vida do ſeu Soberano. A maõ de hum Bactro quero, que execute o golpe; e aſſim farey, que ſe crea, que foi induſtria de Zomira, e ſobre ella cahirá o odio de Nino, e do Reino. Idaſpe he ſó o ſabedor deſte intento, elle lhe dará o caminho.

Sahe Zomira.

Zomir. Nino viverá, Senhora, Atalo morra: por minha maõ executára o golpe naquelle tyranno, ſe eu tanto púdéra como vós.

Semir. Bem pódes, Zomira; vingue-ſe por ti teu Pay, e por mim o Eſpoſo: prompto, e calado deve ſer o golpe: hum Bactro o faça; eu dos Aſſyrios naõ fio, que a ſeu Rey matem.

Sahe Veſugo ao baſtidor.

Veſug. Para aqui vi entrar a Princeza, e como ando à peſcaria de Faneca, quero ver ſe a poſſo agarrar com o anzol da diligencia.

Zomir. Eu o executarey; fazey vós, Senhora, que eu poſſa entrar na prizaõ.

Veſug.

Vesug. Eu naõ a biſpo; mas já que eſtaõ divertidas, darey mais hum paſſo para o meu deſengano. *vay ſahindo.*

Semir. A guarda terá final; mas.....

Zomir. Eu acompanharey os meus....

Semir. Calla-te. (*para Zomir.*) Que andas tu buſcando? *para Veſug.*

Veſug. He huma galinha, que me coſtuma vir pôr fora, e queria ver ſe lhe achava o ovo. Que ſempre hey de achar eſtes eſpantalhos! Má comichaõ te dê. *à parte.*

Semir. Já te entendo traidor. Tu feito eſpia? Tu ouvindo-me os meus ſegredos?

Veſug. Pois ſe Voſſa Excellencia mos naõ diſſera, nunca eu lhos ouvira.

Semir. Ainda confeſſas que os tens ouvido?

Veſug. Antes he couſa que eu nunca pude ter em ſegredo, porque nunca o ſoube guardar. Eu era capaz de me meter em couſas ſecretas? Eu? Eu?

Semir. Mas vieſte a ouvir?

Veſug. Eu naõ Senhora, vinha a apalpar.

Semir. Olá, a eſte louco metey na prizaõ para que naõ ouça.

Sahem Soldados.

Veſug. Uy Senhora, ſe ſe prende por ter orelha, naõ faltará que fazer aos quadrilheiros

drilheiros na terra. Veja que eu naõ eſcutey.

Semir. Bem te entendo.

Veſug. Antes por voſſa inſolencia me naõ entender he que diz iſſo.

Semir. Levem-no.

Veſug. Naõ he preciſo que me levem; faça com que me ſoltem, que eu hirey pelo meu pé.

Semir. Tenho dito.

Veſug. Iſto he huma injuſtiça. Eu já ouvi dizer, que os Ouvidores he que prendiaõ, e naõ que prendiaõ aos Ouvidores.

Semir. Que eſperais?

Veſug. Que V. A. me mande ſoltar, que eu prometto naõ ouvir mais na minha vida ſenaõ aquillo, que me quizerem dizer.

Semir. Já me falta a paciencia.

Veſug. Ay Senhora, naõ ſe enfade, que eu vou, e torno a hir, mas tambem logo torno a voltar.

Zomir. Vay, e naõ tenhas receyo, que te naõ ha de ſuceder mal.

Veſug. Viſto iſſo vou: mas já que me faz tanto favor, vá V. A. por mim, que eu ficarey com o ſeu ſegredo.

Semir. Naõ me ouves?

Veſug. Se V. A. naõ quer que eu ouça, que quer

quer que eu faça? Mas eu vou, que naõ tenho outro remedio, pois a vejo enfadar porque ouvi, e agora ſe enfada porque naõ ouço. *vaiſe, e os Soldados.*

Semir. Falla Zomira.

Zomir. Eu acompanharey aos meus, e com a minha voz alentarey o ſeu braço.

Semir. Bem ſe vé que naſceſte para reinar: o imperio dos Bactros te cedo, já que te naõ agrada a maõ de Nino. Mas elle vem.

Zomir. O noſſo intento ſe lhe encubra.

Semir. O meu fallar no ſemblante o has de entender.

Sahe Nino.

Semir. Nino, por ti eſtava fallando: a Zomira entrego o Reino dos Bactros, e para ti lhe peço a maõ de eſpoſa.

Nino. A pedir, e a eſperar me convidais; pois tambem peço que entregueis o Reino a meu Pay.

Zomir. Eſte he ſó o dezejo de Nino: em mim naõ emprega o ſeu affecto.

Nino. Veja eu primeiro livre a meu Pay, e depois vereis ſe vos tenho amor.

Semir. Já eſtá quaſi viſinho o novo dia. Zomira, faze por te auſentar. Nino, falla de amor. *Vaiſe.*

Nino.

Nino. Bella Zomira, deſculpe-ſe a minha dor, e o meu deſacerto, ſe ainda de meu Pay fallo.

Zomir. Em voſſo Pay quereis fallar, Principe? Pois ſegui a voſſa Mãy. Nino para que comigo vos ſuſpendeis, ſe em amor naõ fallais?

Nino. Oh que afflicçaõ me combate o peito! Zomira, meu Pay eſtá priſioneiro.

Zomir. E o meu eſtá morto, e ſerve de incentivo ao meu amor o voſſo affecto; vós me augmentais a dor com eſſa lembrança: vede, vede tornar as lagrimas aos meus olhos; mas logo.... ah penſamento.....

Nino. Já vos entendo. Ay de mim! Mais ſe naõ tarde, Zomira; mas ſó vos peço, que naõ choreis: deixay, que eſſe pranto em meus olhos ſe reparta, para que com elle acompanhe a hum Pay infeliz.

ARIA.

Qual chuveiro deſatado,
Quando inunda o mar undoſo,
Que com vento furioſo
Tudo chega a perturbar.
Tal contemplo hoje o meu peito,
Quando em lagrimas desfeito
Tem de pranto hum grande mar. *vaiſ.*

Sahe Idaſpe.

Idaſp. Zomira, o eſtar fallando a Nino he dilatar a morte a Atalo; creſce a noite, e vejo que neſſa tardança ſe perde o golpe; mas a preſença de Nino vos póde esfriar para o fazer; pois eu o farey.

Zomir. Idaſpe, eu naõ quero ceder eſſa gloria do meu braço.

Idaſp. Vós amais a Nino, e quereis matar a Atalo? Já mais naõ eſpero, que de ſeu Pay a morte, e de vós a vingança.

Zomir. Naõ me irriteis mais; eu quero dar a morte a Atalo, e tambem naõ quero fingir mais com voſco; porque tambem vos quero deſenganar, que ſó quero a Nino.

Idaſp. Viſto iſſo, já me naõ amais? E ainda o podeis proferir?

Zomir. Sim; porque em o dizer vos venho a deſenganar.

Idaſp. Se em mim ſempre encontraſtes amor, porque me naõ correſpondeis com amor?

Zomir. Eu vos quero ſatisfazer o voſſo dezejo.

ARIA.

ARIA.

Em mim vive huma firmeza,
Eu ſim amo, e ſou conſtante;
Mas de Nino ſempre amante
Só me hey de confeſſar.
Só a elle amor dedico,
E ſe amante me publico,
Que mais ha que publicar? *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Carcere. Sahe ElRey com cadeyas.

Rey. OH mulher ſoberba, e féra, que em eſtas horrendas ſombras me ſepultas, ſatisfaze já eſſe cruel dezejo com a minha morte. Sey que o uſurpado throno, e a minha liberdade cativa naõ baſta a fazerte alegre, e ſeguraſte o Reino: ſó eu o ſinto: nelle te póde ſegurar o meu ſangue.
Eſpalha-o de huma vez, eſpoſa ingrata,
Ati ſegura o Reino, e a mim me mata.
Corre a matarme, oh perfida: em meu ſangue apaga a ſede mais cruel; mas já ſinto abrir do Carcere as duras portas. Como Rey naõ morro, como infeliz acabo, oh quanto o ſinto!

Sahe Nino.

Rey. Oh tu quem quer que ſejas, que da parte de Semiramis, ou menſageiro, ou miniſtro vens, ſuſpende a ſentença, embarga o golpe, que ainda fóra do ſolio naõ deixo de ſer Senhor do Reino: teu Rey ſou.....

Nino. Pay, e Senhor, eu ſou o voſſo filho.

Rey. Tu o meu filho? Agora lamento mais certa a minha morte. Tu por ordem de tua Mãy ma vens dar?

Nino. Eu darvos a morte? Eu quiz..... vós o ſabeis.....

Rey. Sey que a quizeſte livrar do veneno. Já de hoje em diante naõ ſerás meu filho, e naõ ſey ſe ſeu. Tu matarme queres; mas ainda me lembro do que por mim obraſte. Coraçaõ para me ferires ſey que o naõ terás: da-me eſſe ferro: eu meſmo com elle me matarey. Ah cruel filho! tu es aquelle que me matas, eu ſou aquelle que ainda te amo, e te quero dar o ultimo abraço. *quer abraçallo.*

Nino. Pay, e Senhor, eſſe abraço ſó o reſervo para mo dares do ſolio: eu quero ficar por vós neſtas horroroſas trevas. Sahi, Senhor, ſahi dellas: o fiel Arbace alli vos eſpera para vos ſervir de guarda:

guarda: a luz que ſahe do Carcere, he pouca para o conhecimento: imaginaráõ os guardas, que eu, que entrey com o General, ſou o que com elle ſayo. Para vos defender já tomáraõ os Grandes do Reino as armas; que no ſangue nobre ſempre ha lealdade: toda a demora ſerve de prejuizo. Ide, Senhor, eu fico, que aſſim vos quer matar o filho, que vos buſca.

Rey. Tu ficar aqui por mim? Oh filho da minha alma, e ſó a minha alegria, e a minha ventura entre tantas deſgraças! Tornarey a reinar, e de hum impio, e ingrato coraçaõ poderey fazer exemplo, ſe torno ao ſolio..... Más vamos, que com o teu amor mitigarey a minha vingança.

Nino. Com Arbace ſó póde ſahir hum de nós.

Rey. Naõ eſtimo a minha liberdade com o teu riſco; ſe tu aqui ficas, temo que...

Nino. Eu vos livro, e tornando vós a reinar, naõ tenho que temer.

Rey. Vou buſcar a vida, e o Reino; mas primeiro que ſuba ao throno, aqui tornarey a buſcarte. Adeos.

Nino. Livrai-vos, e reinay; mas tambem vos peço, que deſte filho livreis a Máy.

Rey.

Rey. Ah! porque deſſe coraçaõ generoſo naõ repartes com eſſa ingrata mulher? O ver em ti tanto amor faz nella mais horrendo o odio. *Vaiſe.*

Nino. Já livrey a meu Pay, oh Deoſes! E que alegre eſtaria, ſe naõ temeſſe ainda a ſorte de huma Mãy? Apenas de hum mal fujo, quando em outro topo. Taõ grande he a multidaõ de meus pezares.....

Suſpende-ſe ao eſtrondo que ſe faz, e ſahe Zomira com hum punhal na maõ, e Soldados Bactros com eſpadas.

Zomir. Deſpi o ferro: Atalo, eu ſou Zomira, eſtes ſaõ os meus Bactros: iſto baſta para ſaberes o teu deſtino. Soldados, traſpaſſay aquelle peito, que o de meu Pay ferio. *Vaõ a ferillo.*

Nino. Zomira, ſe eu hey de acabar, ſede vós, Senhora, a que me mateis.

Zomir. Suſpendei-vos, Soldados. Que vozes ſaõ eſtas? Ay de mim! He Nino?

Nino. Sim, Nino ſou, bella Zomira; mitigay os voſſos enfados, extingui eſſe odio: quereis vingar o ſangue de voſſo Pay? Aqui tendes o meu peito, traſpaſſay-o: manday eſſes voſſos Soldados contra mim: acabe às ſuas mãos eſta infeliz

liz vida; caya desvanecida a vossos pés; por todas as partes me firaõ; mas só lhe manday, que reservem o meu coraçaõ para a vossa espada, que naõ será offensa da vossa imagem nelle esculpida, sendo vosso o golpe.

Zomir. Que vos espalhe o sangue? que vos traspasse o coraçaõ me dizeis? Nino, naõ era este o meu intento. Eu sim buscava nesta prizaõ hum sangue, mas naõ era o vosso; sómente em imaginar que o puz em risco de se derramar, o meu nas veyas se gela. *deixa cahir o punhal.*

Nino. Se quereis derramar o de meu Pay, he vã, Senhora, essa piedade: se havemos morrer ambos, deixay que eu morra só. Zomira, Senhora, reparay que vos entrego o ferro. *levanta-o, e dalho.* Eu vos offereço o peito: matai-me, e socegay já de todo essa ira; pois sey, que em espirar a vossos pés, tercy a minha gloria: mas só vos peço, que ao traspassarme o peito, me digais: Nino, eu perdoo a teu Pay. *ajoelha.*

Zomir. Basta: levantay-vos Nino, estou vencida, a minha vingança cede à minha dor, e ao meu affecto: o susto de ter sido a cauza de te ver quasi morto, me extingue o dezejo de acabar a teu Pay:

Pay: apague-se do meu pensamento de Zoroastro a sombra: Atalo viva: a seus pés vou lançar este ferro, que lhe havia passar o peito; viva teu Pay, torne ao solio. Nino, escuta a Zomira: eu lhe perdoo.

Nino. Que semelhança tem o vosso coraçaõ com a vossa presença? Zomira, agora daime a morte, que mais naõ quero.

Zomir. Eu darvos a morte? ah Nino! vós já de mim a naõ podeis temer, porque já sabeis que vos chego a amar.

Nino. E he verdade, Senhora, que me amais?

ARIA.

Zomir. Já naõ póde o peito amante
Occultar o amor ardente:
Amo ati Nino sómente,
E ati sempre hey de adorar.
Já vencida me confesso,
E publico que te adoro:
Naõ te vendo, sinto, e choro,
E me alegro em te avistar.

Vaise.

Nino. Socegada se vê a minha querida esperança: em fim vejo já a sua amada presença depois de tanta tempestade: buscarey a meu Pay para de todo socegar o meu coraçaõ. *Vaise.* *Sahe*

Sahe Faneca.

Fanec. Que desgraçada mulher fuy em vir a tal terra! Com sustos na batalha, com sustos no Palacio, e agora novo susto com minha Ama, que ouço matara El-Rey, e viera para aqui! Eu naõ sey o que faço, nem aonde estou: entrey como louca pela cadea, quando até os guardas via della sahir mais loucos do que eu; mas eu nem sinto, nem vejo cousa alguma: os cabellos se me arrepiaõ, as carnes me tremem. Ah Senhora, que ha de ser de mim? Senhora?

Sahe Vesugo ao bastidor com hum cobertor às costas.

Vesug. Isto será cousa de encanto? Mandou-me para aqui a Rainha, porque escutava quando nada ouvia, e entendendo que tiraria o susto da prizaõ com o sono, me naõ deixaõ dormir hum bocado? Apenas me deito, quando outro motim se ouve, e o peyor he que se achaõ as portas abertas, e sem guardas: só ouvi para aqui a modo de huns gritos de mulher que chora. Que será isto?

Fanec. Ah desgraçada mulher! nisto vieste a parar! *à parte.*

Vesug.

Veſug. Tambem eu vim parar em eſtoutro. *à part.*

Fanec. Eu ſó, deſamparada, fóra da minha terra! *à parte.*

Veſug. Tambem eu eſtou aſſim fóra de minha caſa. *à parte.*

Fanec. Cativa, e preza ſem culpa. *à part.*

Veſug. Iſſo; eiſahi o que eu padeço. Uy quem ſerá eſta carpideira dos meus achaques? A rapariga deve ſaber da minha vida.

Fanec. Aqui morro ſem duvida.

Veſug. Iſſo agora he mais comprido, pois naõ quero que morra ſem luz: eu vou buſcalla depreſſa. *Vaiſe.*

Fanec. Mas para eſta parte me parece que ſinto eſtrondo, hirey tenteando, a ver ſe topo alguma peſſoa que me guie, e me ponha na porta por onde ſaya daqui, que eu já naõ ſey por onde vim, nem para onde vou. Mas ſe naõ me engano, para eſta parte me parece que vem huma luz. Sim para eſta parte.....

Sahe Veſugo embrulhado no meſmo cobertor, e com huma candea na maõ.

Veſug. Ora menina, naõ morra ſem candea.

Fanec. Ay mofina de mim!

Veſug.

Veſug. Naõ ſe aſuſte de me ver, que eu ſou já couſa do outro mundo.

Fanec. Ah Senhora Zomira, acuda-me.

Veſug. Eſta he Faneca, que já a peſquey ao candeyo. *à parte.*

Fanec. Senhor defunto, deixe-me, que eu naõ lhe tirey a ſua vida.

Veſug. Naõ; mas es a cauza da minha morte.

Fanec. Pois que quer?

Veſug. Que naõ me faças penar.

Fanec. Eu o faço penar? Em que, Senhora alma?

Veſug. Em naõ concederes alguns favores a eſte pobre Veſugo.

Fanec. Ay negro moſino! voſſé era?

Veſug. Negro me chamas? Tens razaõ, pois ſou teu eſcravo.

Fanec. E porque eſtás aqui?

Veſug. Por ouvir.

Fanec. Só por iſſo?

Veſug. Sim; mas agora tambem eſtarey por apalpar: venha eſſe abraço.

Fanec. Como já vejo a porta, aſſim me auſentarey logrando-o.

Apaga-lhe Faneca a luz, e vaiſe.

Veſug. Ah perra, que me deixaſte às boas noites, e aſſim meſmo às eſcuras me hey de queixar dos teus rigores. ARIA.

ARIA.

Se saõ teus olhos
Quem me dá luzes,
Em te ausentando
Estou penando
Sem nada ver.
Foste-te, ingrata?
Oh que impaciencia!
Pois nesta ausencia
Cego hey de ser. *Vaise.*

SCENA III.

Galaria correspondente ao templo do Sol com throno destinado para receber dos Grandes do Reino as honras os Reys de Assyria. Sahem Semiramis, Arbace, Grandes do Reino, e Povo.

Semir. GEneraes, poucos momentos restaõ ao meu Imperio, e primeiro que da cabeça me desça a Coroa, quero que de vós se adore a Magestade. Depostas as armas, cada hum a mim se incline: eu reino, e devo receber as honras devidas aos Reys. *Nenhum se move.* Em que se tarda, em que se imagina? Arbace, rende a espada, e a mim ajoelha,

ajoelha, que os mais te seguirão, pois com o teu exemplo os advertes.

Arbac. Não se deve tanta honra, a quem hum só dia reina; de nós só a deve ter aquelle, que nasceo para reinar: nada se deve a quem por morte, e por engano se quer fazer Rainha; assim depoem a espada Arbace, e assim se inclina.

Despe Arbace a espada, e juntamente os mais.

Semir. E contra quem, traidores, se despe o ferro? Contra mim? Contra a vossa Rainha?

Sahe Idaspe.

Idasp. Assyrios, he morto o vosso Rey; Zomira executou o golpe: eu a vi armada com os seus Soldados, entrar na prizaõ a darlhe morte; o Palacio está já cercado dos meus: a Rainha de Assyria sois vós, e assim.....

Sahe ElRey.

Arbac. Este he o vosso Rey, a seus pés ponho a espada. *ajoelha.*

Semir. Tu me enganaste Idaspe.

Rey. Semiramis, (que este he só o nome que te resta da tua desgraça) só tu tiveste a culpa: já minha esposa naõ serás;

rás: o que devia ſer a tua gloria, ſ converteo em infelicidade.

Semir. Atalo, eu ainda ſou a tua Rainha por tal me reconhece: do ſolio ſó que ro deſcer morta, e naõ deſprezada.

Rey. Eu te farey deſcer; mas primeiro ſ traga Nino da prizaõ donde me tirou.

Semir. Ah filho amado! oh triſte Mãy ſe o golpe ſe executou!

Sahe Zomira.

Zomir. Sim, executado eſtá o golpe: a vós quiz dar a morte com os meus Ba-ctros na prizaõ: entre aquellas trevas imaginey vos tirava a vida.

Semir. Morreo meu filho? Oh infeliz! que mais me falta? *Deſce do throno.* Atalo, apreſſa a minha morte, agora he que de todo ſou cumplice no delicto; naõ baſ-ta que o Ceo caſtigue o meu penſamen-to com o erro do golpe. Para ti era a morte, e a meu filho ſe deu? O conſe-lho da execuçaõ dey a Zomira, porque o fruto queria da tua morte, e naõ a culpa: agora te peço que eſpalhes o meu ſangue junto ao do meu filho, e deſta que a vida lhe roubou, eu ſerey...

vay a ferir Zomira.

Sahe

Sahe Nino.

Nino. Mãy, e Senhora, que fazeis? A morte quereis dar a quem a vida devo?

Semir. Ainda vivo te vejo? Oh filho amado!

Rey. Que he o que vejo?

Zomir. Deſterre-ſe a voſſa ſuſpenſaõ: quando entendi que deſafogava a minha pena dando a morte a Atalo, vingando a que deu a meu Pay, em ſeu lugar encontrey a Nino: à ſua preſença ſuſpendi o golpe: a ira, e o enfado ſe converteo em amor, por elle, e por ti.

aos dous.

Rey. No ſer generoſa te manifeſtas juſta.

Semir. Bella Zomira, agora ſey que foi comtigo injuſto o meu odio; porèm emende-ſe com huma dadiva o erro: ſe te he agradavel a maõ de Nino, da minha a toma.

Idaſp. Que fazeis Senhora? A maõ de Zomira naõ he minha? Cumpri a promeſſa, tereis o Reino. Em meu poder eſtá o Palacio, pois o tenho cercado; Atalo ha de morrer, e vós reinar.

Semir. Naõ Idaſpe; ſobre aquelle throno, que tanto dezejey, vi todos os meus infortunios, e chorey todos os meus erros:

ros: obrou baſtantemente o meu furor naõ quero o Reino, que he ſó de outro.

Idaſp. Se o naõ quereis reger, eu ſempre me quero vingar. Atalo, às minhas mãos reſervou o Ceo o teu caſtigo. Olá Bactros, ſegui o meu mando, e ao que ſe oppozer haveis de caſtigar.

Rey. A tanto ſe arroja hum priſioneiro?

Nino. Eu vos defendo, Senhor.

Zomir. A gloria de vos livrar quero ſó para mim. Bactros, quem vos governa he Zomira. Idaſpe, deponde as armas, e fóra do cerco de Palacio guarday as minhas ordens. Eu ſou a voſſa Rainha, eu ſou a que vos mando.

Idaſp. Ah Zomira, e naõ baſtava deſprezar a fé de quem te adora, ſenaõ ainda buſcas eſta vingança! *Quer irſe.*

Rey. Naõ o deixeis auſentar.

Semir. Já es Rey Atalo, já eſtás livre, naõ demores mais o meu caſtigo.

Nino. Pay, e Senhor, ſe hum filho..... *ajoelha.*

Rey. Levanta-te; naõ quero eſcutar os teus rogos. Tu com falſa caricia, com enganoſa arte, Semiramis, o throno me pediſte, e depois naõ ſó a liberdade, mas a vida tirarme quizeſte?

Semir.

Semir. Já ſey que ſou ré da morte; iſſo baſta, vinga-te na minha vida, que eu vou já eſperar firme o golpe. *quer irſe.*

Rey. Suſpendey-a. Naõ imagines que ſerey taõ cruel comtigo, como tu comigo foſte tyranna: lembrame, que te amo, e te amey muito: eſta memoria apaga aquella ira: eſqueço-me da offenſa, e te perdoo o delicto.

Semir. Oh meu Rey, oh meu eſpoſo, agora mais que nunca ſoubeſte triunfar.

Rey. A vós, Idaſpe, já que tanto vos agrada o meu ſangue, eu vos entrego o Reino: eſta he a minha vingança.

Idaſp. Agora ſó a mim ſoubeſte vencer.

Nino. Já que ſois taõ generoſo, oh Pay, com o voſſo inimigo, deixay que eu tambem o ſeja com o meu competidor. A maõ de Roſana voſſa filha, por eſta de Zomira ſe dê a Idaſpe.

Rey. Naõ lha quero negar, ſe elle a chega a querer.

Idaſp. Mais que o meu throno eſtimo eſpoſa taõ nobre.

Sahe de huma parte Faneca, e da outra Veſugo.

Veſug. Eſtimo que hoje ſeja dia de deſpoſorios, que tenho de pedir huma mercê.

Rey. Qual he?

Veſug. Queria que eſtes dous peixes ſe ajuntaſſem na ſelha da deſpoſaçaõ.

Rey. Naõ te entendo.

Veſug. Queria ajuntar a maõ deſte Veſugo com a barbatana daquella Faneca a modo de quem caſava.

Rey. Eu por mim to diſpenſo.

Veſug. Voſſa Mageſtade muitos annos por eſte mal que me faz.

Fanec. Pois ſe naõ quer, ſaudades.

Veſug. Calla-te ahi tolla, que iſto he zombaria.

Rey. Ultimamente a vós, bella Zomira, por cumprir o juramento, que dey a voſſo Pay, ſe quereis por eſpoſo a Nino, aqui o tendes: já ſois Rainha dos Bactros, eſte he o voſſo ſolio.

Zomir. Sigo o deſtino dos aſtros. Aceito a maõ de Nino, com toda a alma.

CORO.

Vivaõ felices
No regio Throno;
Aſſiſta Hymenêo
A taes deſpoſorios.

FIM.

OS

OS ENCANTOS DE MERLIM,

Opera que se representou na Casa do Theatro publico da Mouraria no anno de 1741.

INTERLOCUTORES.

Polidoro, *Principe de Polonia*, *amante de Rosimunda.*
Floriandro, *Sobrinho d'elRey*, *amante de Policena.*
ElRey de Ungria.
Rosimunda, *Princesa de Ungria.*
Policena, *Sobrinha d'elRey de Moscovia.*
Merlim *Magico Criado de Polidoro.*
Bigorrilhas, *Sevandija de Palacio.*
Celestina, *Criada de Rosimunda.*
Musicos, Criados, e Soldados.

SCENAS DO I. ACTO.

I. *Montes, e mar.*
II. *Sala.*
III. *Jardim.*
IV. *Boſque.*

SCENAS DO II. ACTO.

I. *Sala.*
II. *Ante-Sala.*
III. *Quarto de Celeſtina.*
IV. *Sala.*
V. *Pomar com huma arvore.*
VI. *Montes.*
VII. *Campo de batalha.*
VIII. *Cidade, e janellas com luminarias.*
IX. *Pomar.*
X. *Sala.*
XI. *Boſques.*
XII. *Montes, e no fim hum poço.*
XIII. *Boſque.*
XIV. *Jardim com caniços, e dous Satyros.*
XV. *Sala de eſtatuas.*

ACTO I.

SCENA I.

Esta primeira mutaçaõ he ametade Bosque, e ametade mar. Acabada a abertura dos instrumentos, correm a cortina, e no interior do Theatro se fingirá noite escura, e soará algum estrondo de tempestade, com trovões, e relampagos, e a huma parte se cantará o seguinte

CORO.

Horrivel tormenta
De injustos rigores
Padece entre ardores
Hum peito que amante
Se vê naufragante
Nos golfos de amor.

Ao outro lado soarão confusas vozes de navegantes.

Dentr. TErrivel tempestade; parece que contra nós outros, conjurados todos os quatro elementos, nos conduzem à ultima ruina.

Outr.

Outr. Piedade Ceos Soberanos.

Creſce a tempeſtade com mayor eſtrondo, e horror, e tornaõ a cantar o ſeguinte

CORO.

Mas taõ animoſo
No empenho amoroſo,
Que naõ deſalenta,
Nem ſente deſmayos,
Na furia dos rayos,
No centro de horror.

Dentr. Perdidos ſomos: já a náo ſem governo, levada das furias das ondas, ſe encaminha àquella viſinha rocha, para acabar deſpedaçada.

1. Ay de mim infeliz!
2. Ay que me afogo!

Polid. Favor piedoſos Ceos.

Vay ſerenando a tempeſtade algum tanto, e apparecendo alguma luz ainda de longe. Sahe Floriano, e Criados.

Flor. Mal logrey o meu intento, pois com o horror da tempeſtade chegariaõ muito confuſos os ecos da minha queixa aos ouvidos da ingrata Policena.

1. Má noite para deſcante.
2. Antes boa; porque o Ceo nos fez os baixos com trovões.

3.

3. A funçaõ foy de eſtrondo.

Flor. Retiremo-nos para a Cidade, antes que a luz do dia nos ponha em publico o que ſó ficy das ſombras da noite.

Vaiſe.

1. Vamos, que em tres dias de bom ſol naõ enxugo o meu veſtido: tenho medo que alguem me coma, porque vou feito huma ſoupa. *Vaiſe.*

2. Levas com tigo, Fileno, algum dinheiro?

2. Algum levo.

2. Pois eu amigo vou pingando. *Vaõ-ſe.*

Hirá ſahindo o ſol, e ſe executará hum amanhecer o melhor que for poſſivel, e ſahe Merlim de caminho com alforjes ao hombro.

Merl. Ora ſalve Deos a voſſas merces: aqui venho eu, tamanho, e taõ gordo. Por certo que eſtou huma galante figura! Mas com quem fallo eu? nem que aqui eſtivera muita gente! Mal peccado, que iſſo aſſim fôra! Naõ, eſtá iſto muito dezerto! Grande trabalho he caminhar ſó, e apé! A noite parece que vinha à poſta comigo, porque correo tanto, que me apanhou neſte ſitio, e tambem me apanhára a chuva, e a tempeſtade, ſe naõ achára aqui à maõ, ou ao pé eſta concavidade, em que me hoſpedou

pedou a ſenhora noſſa Mãy: alli achey huma cama que foy hum paſmo! naõ teria ella pulgas, nem porſovejos; mas quanto a ſer mole, iſſo como hum calháo. Tanto que me vi recolhido quiz pegar no ſono; mas naõ o pude agarrar, nem com quanta força tinha; e o que mais me eſcandaliſou, foy entrar a enxurrada pela porta dentro a fazerme huma viſita, ſem me dizer agoa vay. Eu quanto que vi a cova cheya, confeſſo que me deu a agoa pela barba, e como me vi taõ frio, e taõ molhado, eu naõ ſocegaria nada; mas dormi como pedra em poço. Eylo vay, eu dou tudo por bem empregado, ſó por naõ fazer pela manhã contas com a hoſpeda. Ora Senhor Merlim, iſto he ſol fóra, quem ſe ha de hir já naõ chove, vamonos caminho de Buda, que he a Corte deſte Reino de Ungria, a ver ſe achamos lá melhor fortuna que em Alva Real, que para mim foy Alva de Caõ, pois me queriaõ lá dar paõ de perros. Verdade ſeja que naõ era premio indigno do meu merecimento; pois graças ao Senhor Pedro Bayalarde, que me fez a mim Pedro de Malas artes, enſinandome em paga de ſervillo em Pariz, a magica

gica branca, que para mim foy negra magica, pois naõ tem faltado quem pelas minhas traveſſuras me quizeſſe colher às mãos, ſe agora me naõ eſcapaſſe por pés. Com que tal, ſim Senhor, para cá, para lá, foy, e tornou, torna que deixa. (*ri-ſe.*) Ah Senhores! ver como eu eſtou converſando comigo, nem que eu fora alguem! Sempre tive eſte coſtume de fallar ſó: mas ay, ay, ay, eſperem voſſés, cá eſtá hum Palacio muy grandioſo, naõ tinha reparado! Ora eu eſtou na Aldeya, e naõ vejo as caſas.

Polid. Naõ ha quem me ſoccorra neſte aperto? *Dentro.*

repara Merlim.

Merl. Mas peyor he eſta; cá eſtá hum miſeravel homem por inſtantes navegando para o outro mundo, e deve de eſtarſe deſpedindo daquelle páo, porque lhe eſtá dando hum abraço muito apertado. Coitadinho, elle eſtá de ſorte que huma onda ſe lhe vay, e outra ſe lhe vem: ora quero hir a ſoccorrello, que em fazer bem nada ſe perde.

Vaiſe, e pela outra parte ſahe ElRey olhando para a parte por onde foy Merlim.

Rey. Naufragante infeliz, a quem o rigor do

do fado já prepara ſepulchro de criſtal, naõ te deſanime neſſe extremo conflicto, o adverſo influxo da tua eſtrella, que a pezar de ſuas inclemencias o Ceo te prepara remedio a tanto damno, por meyo da generoſa promptidaõ, com que já te ſoccorre o peregrino valor deſſe eſtrangeiro caminhante. Oh galhardo eſpirito! quanta inveja cauſas a meu Real peito! Parece que as ondas lhe obedecem, ſuſpendendo os impulſos da ſua furia, para dar lugar aos arrojos do ſeu valor; já corta o argentado campo, já chega ao miſero fluctuante, já o toma em ſeus hombros, e já o conduz à ſeca praya. Conſeguio hum troféo da meſma morte, uſurpando hum triunfo à Parca dura. Naõ ficará ſem premio o ſeu valor. Já o infeliz navegante beija a amada terra, já rende ao Ceo as graças, já abraça eſtreitamente a ſeu animoſo bemfeitor, e já com vagaroſos paſſos ſe encaminhaõ ambos à minha preſença.

Sahem Merlim, e Polidoro.

Merl. Venho feito hum frango enſopado.

Polid. Quem te deve a vida, em toda ella te ſaberá ſer agradecido: naõ deixarey ſem

ſem premio tanto beneficio.

Merl. Oh mal poſſo eu deſconfiar da paga, ſe já cá tenho a molhadura. Mas olá, temos gente no campo? Quem ſerá eſte cavalheiro taõ circunſpecto?

Polid. Rara preſença de Anciaõ!

Rey. Naõ vos ſuſpendais de verme, que em mim de admirarvos ſaõ mais dignas as ſuſpensões.

Amb. Qual he a razaõ que a iſſo vos move?

Polid. Hum naufrago infeliz.

Merl. Hum humilde caminhante.

Rey. Em ti me admiraõ as adverſidades de huma infauſta ſorte, cujo porfiado rigor naõ pára até offender os alentos da meſma vida. Em ti me ſuſpenderaõ as ouſadias de hum eſpirito bizarro, cujo elevado valor naõ deſcança até triunfar dos impulſos da meſma morte.

Polid. Antes Senhor, aonde ſe apura mais o rigor de huma adverſa fortuna, he em dilatar os paſſos da vida para repetir muitas vezes os trances da morte; pois quando o viver tudo he infortunio, porlhe ao fim embaraços, he tirarlhe os limites ao tormento.

Merl. Pois eu cá no que toca a mim nunca me tive por taõ valente, como agora

ra vos pareci. Eu arrenego do demonio! naõ me creou para iſſo minha Mãy; valente! ſalvo tal lugar, nunca ninguem tal me diſſe.

Rey. Chamarvos valeroſo, he fazervos injuria?

Merl. E muito atroz.

Rey. Novo eſtylo de modeſtia.

Merl. Pois ha couſa peyor que ter huma peſſoa o fadario de valente? (que he peyor que o de labiſome?) Ter valor, he andar continuamente com hum inimigo, que conduz aos perigos, e mete nos apertos: ſó por naõ andar em bocas do mundo ſe naõ póde ſer valente, pois huns lhe chamaõ o bufaõ, outros o arrojado, outros o filho da velha, outros o filho da folha, e huns dizem que he tezo como hum alho, outros que naõ ſe rende a paõ molle; e de mais que eu ſempre ouvi chamar por deſprezo, valente ſalvagem, valente aſneiraõ, e quem he valente diz que parte com o dente huma couſa, a que me naõ chega a lingua. Naõ ſenhor, eu naõ quero ſer valente, nem eu fiz acçaõ de valor em livrar hum homem do poder de huma abobara.

Rey. Abobara chamas ao mar?

Merl.

Merl. Sim Senhor, que abobara he agoa.

Rey. Bom humor gaſtas.

Merl. Enganais-vos Senhor.

Rey. Porque?

Merl. Porque ſe eu o gaſtára, naõ o tivera.

Rey. Pareceme que encobres mais, do que em ti moſtras. E vós quem ſois, que a voſſa galharda preſença eſtá dizendo em vós mais, do que de vós eſpero ouvir?

Polid. Aſſim ſe me faz preciſo. *à part.* Eu Senhor, ſou Polidoro, hum particular Cavalheiro de Polonia.

Rey. Que? De Polonia ſois? Até o nome deſſas Provincias ſe eſcuta com horror neſtas partes de Ungria, pelas ardentes, e continuas guerras, que ha tantos annos exiſtem; de que tem naſcido a grande averſaõ que ſe conſerva entre os Principes de hum, e outro Reino.

Polid. Sorte inimiga! a Ungria me arrojaſtes! que bem fiz em encobrir meu Real naſcimento. *à parte.*

Rey. Continuay a narraçaõ dos voſſos ſucceſſos.

Polid. Suppoſto já tendes noticia da minha qualidade, e da minha patria, agora ſabereis o motivo com que della ſahi. Em dous luſtros de idade perdi o abrigo materno, em cujo alento com intempeſ-

peſtivo golpe, cortou a Parca em pou-
cos annos muitas primaveras. Com juſ-
tiſſimos motivos ſe achou meu Pay obri
gado a reduzir ſegunda vez a liberdade
aos eſtreitos laços de Hymenêo. Feita a
eleyçaõ, e renovadas as luzes nupciaes,
em companhia de quem havia ſubſtitui
o lugar da primeira eſpoſa, veyo huma
galharda Dama, ſobrinha ſua, a qual
inclinada por influxos de eſtrella, ou
movida por impulſos de amor, deu em
quererme, creſcendo nella a affeiçaõ
com o trato, ao paſſo que em mim creſ-
cia a dureza com a porfia; que como
huma vontade livre ſe naõ ſujeita a pa-
gar obrigações, quando amor o naõ in-
clina a conreſponder com affectos; ſem-
pre em mim achou tibiezas, quanto mais
em incendios ſe abraſava. Vivendo pois
com amor, ainda que ſem eſperança,
paſſeava huma tarde ſó, e penſativa,
coſtumado exercicio de ſeu cuidado,
pelas ribeiras do mar, de onde huns
Corſarios, que emboſcados eſtavaõ em
o receptaculo de humas cavadas penhas,
a roubáraõ, levando-a comſigo ſem du-
vida a Regiões remotas. Publicou-ſe o
rapto, e fiando ſó de mim o cuidado de
taõ importante diligencia, obrigado eu

do

do preceito paterno, muitos mezes ha que infructiferamente a buſco, vagando em huma bem artilhada náo, por viſinhos, e diſtantes mares, com inceſſante diligencia, até que trocada a tranquilidade da ventura em horrivel borraſca de Neptuno, agitado da violencia dos mares o nadante lenho veyo a achar neſſas viſinhas rochas a ultima certeza do naufragio; do qual eu fora ſem duvida miſeravel deſpojo, a naõ valerme a animoſa piedade deſſe paſſageiro.

Merl. Elle he hum criadinho de v. m.

Rey. Compadecido de voſſos infortunios, vos offereço no meu Palacio abrigo, e reparo a tantos damnos. E tu quem es, como te chamas, e aonde caminhas?

Merl. Muito pergunta o Senhor Velho, elle naõ deve ſer ahi qualquer peſſoa. *àparte.* Como me perguntas por junto, he neceſſario reſponderte por partes, para que aſſim fiques mais ſatisfeito. Em quanto ao como me chamo, reſpondo: que eu naõ ſou o que me chamo; os outros he que me chamaõ a mim, e por iſſo ha varias opiniões; porque cada qual diz da feſta, como lhe vay nella: huns chamaõ-me bom homem, outros pedaço d'aſno, outros

filho

filho de hum bebado, outros filho de huma.....

Rey. Baſta: naõ ſaõ eſſes nomes os que te pergunto, ſenaõ o teu proprio nome?

Merl. Sabe Deos qual delles me vem mais proprio; mas ſe pertendes ſaber o que meus Pays me pozeraõ, pareceme que he Merlim; porém dahi valha a verdade, que eu era taõ criança que mal me lembra.

Rey. O nome eſtá adequado; porque tu me pareces muy ſagaz.

Merl. Quem? eu? àgora (*ri-ſe.*) Oh lembre-mé Deos em bem; a ſegunda pergunta, he que te diga quem ſou: a iſſo te reſponderey eu bem depreſſa.

Rey. Dize pois quem es?

Merl. Sou eu, naõ he aſſim?

Rey. Até ahi vejo eu; a qualidade de teus Pays he que quero ſaber.

Merl. Iſſo agora he mais comprido, eu naõ me meto com as vidas alheas: ainda aſſim de minha Mãy poderey dizer, que era Angelica Godinha, mas de meu Pay adevinhay lá.

Rey. Bem te acreditas.

Merl. Eu bem ſey que faço mal em me gabar; mas naõ eſtá mais na minha maõ.

Rey. De que eſféra eraõ teus Pays?

Merl.

Merl. Meu Pay da quarta, e minha Mãy da quinta.

Rey. Como aſſim?

Merl. He que meu Pay era aguadeiro, e minha Mãy hortoloa.

Rey. Falta agora que me ſatisfaças à terceira pergunta, que he para onde vás?

Merl. A eſſa os Anjos lhe reſpondaõ.

Rey. Tu naõ pódes?

Merl. Pois alguem neſte mundo ſabe para onde vay? Eſta noite vinha eu para dormir, e naõ dormi nada. Mas ah ſim: já ſey para onde vou.

Rey. Dize.

Merl. Vou para quarenta annos, que já fiz os trinta e nove. Mas agora a fallar a verdade, o meu intento era hir viver para a Corte.

Rey. Pois ficarás em Palacio, porque goſto da tua galantaria; e para mudares de veſtido, ahi tens eſſa bolça.

Merl. Vivais, Senhor, mil annos, que ſem deſembolçar dinheiro, me ſoubeſtes encher as medidas. Quem ſerá eſte cavalheiro, que dá bolças, e offerece Palacios? *à parte.*

Polid. De Principe dá moſtras a generoſa gravidade deſte bizarro ſujeito. *à part.*

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Já, Senhor, eſtá prevenida, e junta a gente para a caçada, como V. Mageſtade ordenou.

Polid. Que he iſto adverſa ſorte! Nas mãos vim dar de meu inimigo. *à parte.*

Merl. Pois que vay! Naõ he menos que ElRey todo inteiro. *à parte.*

Polid. Senhor. *ajoelha.*

Merl. Senhor. *ajoelha.*

Polid. Perdoay-me o deſconhecer em vós a Mageſtade, ſuppoſto que ignorarvos a ſoberanîa naõ foy ultrajarvos o reſpeito.

Merl. Eu ſim conheci, que V. Mageſtade era peſſoa Real; mas naõ lho diſſe logo na cara, porque eu cá nunca fuy amigo de deitar nada em roſto.

Rey. Em que o conheceſte?

Merl. Aſſim que me ſahio o trunfo de ouros, logo conheci a ElRey pela moeda.

Rey. Em Palacio vos eſpero achar a ambos, quando voltar da caçada. *Vaiſe.*

Amb. Ambos levamos intereſſe na obediencia. *Vaõ-ſe.*

SCE-

SCENA II.

Sala. Sahe Policena.

Polic. SAudoſas memorias, inſtrumentos crueis de meus martyrios, que em ſucceſſivo mal, de inſtante a inſtante me augmentais os pezares, negando-me até a eſperança dos alivios. Oh como ſois tenazes! occaſionando de noite os meus deſvelos, motivando de dia os meus cuidados! Padeço noite, e dia. Só naõ acha o meu peito, nem na ſombra o deſcanço, nem na luz a alegria. Ay Polonia, doce patria dos meus deſcanços! quanto ſem ti padeço! Ay Polidoro, galhardo aſſumpto dos meus cuidados, quanto ſem mim te alegrarás! No proprio domicilio deixey a quem adoro mal correſpondida, na alheya terra achey a quem me adora deſprezado. Ay Polidoro, ay Floriandro! ſe ſe trocaſſe em voſſos peitos a dureza de hum, com a brandura de outro; nem ſentiria as importunações que me affligem, nem choraria os deſvios que me atormentaõ: mas já que a ſolidaõ me convida, e tenho aſſumpto em meus males, quero

dar ao vento os eccos de minhas vozes, unico alivio com que ſuavizo os meus pezares.

Canta Policena a ſeguinte

ARIA.

Ay doces lembranças,
Se a ſorte em mudanças
Vos fez impiedades;
Matarme a ſaudades
He duro rigor.
Do mal he o matarme
Pois a recordarme
A perda das glorias,
He dar às memorias,
As forças da dór.

Sahem R*oſimunda*, *e Celeſtina.*

R*oſim.* Que bem ſentidas triſtezas! Que fará as alegrias a quem ſe recrea com os pezares?

Polic. Os meus Senhora, ſaõ taõ grandes, que ſó por exceſſivos produzem conrrarios effeitos.

Celeſt. Eu ſou baſtantemente mavioſa; mas confeſſo que me naõ peza com os teus males, ſó por te ouvir queixar cantando.

Polic.

Polic. He, Celeſtina, tal a tua liſonja, que me naõ eſcandaliſo da tua impiedade.

Roſim. Naõ darás, Policena, alguma breve pauza às tuas penas, ſe quer por moſtrarte agradecida aos carinhos com que te ſabe tratar o meu amor?

Polic. Attenta a eſſa circunſtancia, muitas vezes quero reprimir as minhas afflições; mas vendo-ſe embaraçadas as ancias, he tal a força com que me affligem, que às vezes temo morrer, mais que da magoa, da violencia.

Celeſt. Ay Senhora, naõ faças tal, padece à tua vontade, chora a teu goſto, que a Princeza minha Senhora naõ he de ceremonias.

Roſim. Bem ſey que as ſaudades da Patria [da qual, nem da tua qualidade nunca me quizeſte informar] ſaõ baſtante motivo para os teus pezares; mas a eſtimaçaõ grande com que te ſabe tratar o meu cuidado, pudera cauſarte algum alivio.

Polic. Pois conſervo a vida, bem moſtro o que devo ao teu favor; pois niſſo ſe reconhece mais poderoſo o teu amparo, que o meu tormento.

Roſim. De hum amante de quem vivias mal correſpondida, ſentes exceſſivamente a ſeparaçaõ; neſſa parte te naõ poſſo

achar

achar razaõ; pois tendo aqui outro de quem te vês adorada com tal exceſſo, que ſendo Primo meu, e ignorando a eſféra do teu naſcimento, te pretende eſpoſa, attrahido das raras circunſtancias com que te dotou a natureza; choras por quem te deſpreza, e offendes a quem te idolatra?

Polic. Bem reconheço a verdade com que me argues: mas naõ fora o amor cego, a ter olhos para ver as circunſtancias que me ponderas.

Celeſt. Ay Senhora, naõ ſejas daquellas, que ſe querem levadas por mal.

Roſim. Ama a quem te buſca, que he pagar huma divida, e deixa a quem te foge, que he caſtigar huma offenſa.

Celeſt. Senhora, olha que ſe nos trocáraõ os papeis.

Roſim. Naõ te entendo.

Celeſt. Pois tu naõ eſtás perſuadindo a Policena, que queira a teu Primo Floriandro?

Roſim. Sim.

Celeſt. Pois iſſo na minha terra, he ſer terceira, [por naõ dizer outra couſa que acaba tambem em eira] e eſſe officio he mais proprio das lacayas, que das Princezas!

Polic.

Polic. Dáme licença, Senhora, que me retire ao meu quarto, que assim o pede a minha indisposiçaõ. *Vaise.*

Rosim. Vay, Policena, que o meu gosto he o teu descanço.

Celest. Que te parece? E naõ deferio à tua proposta.

Rosim. Quem he taõ discreta diz mais com o silencio, que com as vozes. Notavel amor conserva!

Celest. Por isso elle se lhe naõ tem perdido, porque o deitou de conserva. A menina he firme como huma rocha.

Rosim. O tempo, e a distancia, a faraõ mudar de parecer.

Celest. Para isso naõ he necessario tantas cousas, ainda que muitas cousas saõ necessarias.

Rosim. Explicate.

Celest. Eu conheço mulheres, que por virtude de certos ingredientes tem huma cara pela manhã, e outra à tarde: vê tu se há mayor facilidade em mudar de parecer. Mas fallando a outro proposito, vistes, Senhora, este novo hospede, que o mar nos deitou a estas prayas?

Rosim. Naõ o vi: mas já me gabáraõ a sua presença.

Celest. He bom enxergar; pois cuidey que era

era ſó eu quem o tinha viſto, e foy da janela da minha caſa; pois ſeguro-te que he bizarro, a pezar dos infortunios, e outro que com elle entrou em Palacio, que tem modo de grande maroto.

Roſim. E por iſſo te agrada?

Celeſt. Sim Senhora, he couſa que ſe dá bem com o meu eſtomago.

Roſim. Ay amor, e que novo eſtylo de render com teu imperio o meu alvedrio he o que comigo uſaſte? He poſſivel que hum retrato mudo, hum a pintura ſem alma (que acaſo achey entre os quadros de hum Jardim) foſſe Aſpid, que ſe occultou entre as flores para ferirme com o ſeu venenoſo impulſo! *àp.*

Celeſt. Naõ ſey que manîa dá à menina de certos dias a eſta parte, que humas vezes fica paſmadinha, e outras ſe poem a roſnar por entre os dentes! Eu a naõ entendo, e receyo que lhe entraſſe alguma couſa no corpo: ella eſtá divertida, quero deixalla ſó comſigo, e ver ſe poſſo ver aos meus foraſteiros. *Vaiſe.*

Roſim. As letras que circulaõ a breve eſféra do retrato, manifeſtaõ ſer do Principe Polidoro. Eſte ſem duvida he o de Polonia, circunſtancias que impoſſibilitaõ mais o meu empenho amoroſo; por cauſa

cauſa das inimiſades que ha entres eſtes Reinos. Só me deixou Celeſtina, parece que me adevinhou os penſamentos. Ora quero dar alimento aos olhos com o formoſo objecto das minhas idolatrias.

tira o retrato.

SONETO.

Galhardo objecto, peregrino em tudo,
Em naõ fallar naõ perdes o animado:
De verme ati rendida no admirado,
Antes mais vivo eſtás quanto mais mudo.
Quando a admirar tanto primor acudo,
Acho que com aſſombro duplicado,
Se vê no original, e no traſlado,
Da natureza, e da arte hum douto eſtudo.
O elegante pincel tanto procura
Expreſſar o eſplendor, que na viveza
Brilhaõ luzes às ſombras da pintura.
Neſſa afronta feliz da natureza,
Naõ ſó eſtá com eſpirito a figura,
Toda a alma eſtá em ti da gentileza.

Sahe Polidoro.

Polid. Regiamente adornadas ſe admiraõ as ſalas deſte ſumptuoſo Palacio. Mas quem aqui! *ficaõ ambos ſuſpenſos.*

Roſim. Mas quem aqui, ſem reparar.....

Polid. Raro aſſombro da gentileza! *à part.*

Roſim.

Roſim. Prodigioſo acaſo da ventura! *à p.*

Polid. Eſta deve ſer a Princeza Roſimunda! *à parte.*

Roſim. Eſte naõ he o original deſte retrato? *à parte.*

Polid. Naõ me atrevo a fallar de ſuſpenſo! *à parte.*

Roſim. Naõ acerto a diſcorrer de admirada! *à parte.*

Polid. Senhora, perdoay a hum Eſtrangeiro peregrino a ouſadia de chegar a voſſa real preſença, ſe póde a ignorancia deſculpar o atrevimento.

Roſim. Immovel me deixou eſta impenſada viſta. *à parte.*

Polid. Já o voſſo ſilencio, Senhora, eſtá accuſando a minha inadvertencia; por naõ ſer alvo de voſſas iras, quero retirarme dos voſſos olhos.

Roſim. Suſpendey o paſſo. Ay de mim! que dos meus olhos a culpa.... naõ ſey o que digo. *à parte.*

Polid. Socegay, Senhora, a perturbaçaõ que a minha preſença vos cauſa; que ſuppoſto que do Reino de Neptuno me arrojou a fortuna a eſtas Regiões, naõ ſou nenhum monſtro marinho que vos intimide: alma racional me informa com que vos adore.

Roſim.

Roſim. Antes eſtais taõ fóra de intimidar-me, que julgo ſegunda vez ſe origina amor das eſpumas do mar. Decóro naõ te percas. *à parte.*

Polid. Em vós ſó devo contemplar a origem do amor; pois em vós ſó admiro a formoſura de Venus. Alma naõ te precipites. *à parte.*

Roſim. Naõ vos toca a vós applaudirme neſſa parte: ouſado me pareceis.

Polid. Eu, Senhora, ſe vós, de amor.... mal me explico. *à parte.*

Roſim. Por mais que queira diſſimular eſta paixaõ, mal o conſigo. Eſtranha força de amor! *à parte.*

Polid. Senhora, a humildade do meu ſujeito podeis perdoar eſta ſegunda inadvertencia. Move-ſe a lingua pelos effeitos da alma.

Roſim. He novo modo de deſculparvos. Agravar de novo a culpa, affectos ſignifica?

Polid. Ninguem póde reſiſtirſe aos impulſos ſoberanos. No humano peito produz os ſeus effeitos huma divina belleza. Quem chega a vervos preciſamente ha de adorarvos; pois antes fora ſacrilega deſattençaõ naõ render adoraçoes, quem contempla divindades.

Roſim. Bem viſto eſtais nas frazes amantes; mas buſcay objecto mais proporcionado. Que embarace o meu decoro o que appetece o meu cuidado! *à part.*

Polid. Bem reconheço Senhora, que he tanta a diſtancia, que vay da humildade da minha peſſoa, ao elevado da voſſa ſoberania; que ainda que ſe articulem na minha boca as expreſsões verdadeiras, chegaráõ aos voſſos ouvidos diminutas.

Roſim. Agora me offendeis mais por enganoſo, que por atrevido. Pois quereis negar caviloſo a igualdade que comigo tendes?

Polid. Que eſcuto, temores? *à parte.*

Roſim. Naõ ſois vós o Principe Polidoro?

Polid. Ainda que o queira negar a minha lingua, mal o diſſimula o meu ſemblante. *à part.*

Roſim. Já a voſſa alteraçaõ me confeſſou, quanto pudera eſperar de voſſas palavras.

Ao baſtidor por huma parte Celeſtina, e por outra Merlim.

Merl. Oh, eylo cá eſtá. Graças a Deos que já achey o menino perdido!

Celeſt. Oh, eylo acolá vem. Depois de andar quebrando as pernas, olhem onde o vim achar! *Polid.*

Polid. Vede Senhora, que me naõ vay menos que a vida, em occultarvos o que de vós fio.

Celeſt. Oh elle he dos que fiaõ, pois cedo ſe perderá.

Roſim. Se vós me fiais a vida, muito ha que vos entreguey a alma.

Merl. Uy Senhores, eſte homem ſerá o diabo?

Vem ſahindo Celeſtina, e Merlim.

R*oſim.* Gente vem, eu me retiro: adeos Polidoro.

Polid. Força he auſentarme: o Ceo guarde a Voſſa Alteza.

R*oſim.* Alma, vamos a ſentir novos cuidados. *Vaiſe.*

Polid. Amor, vamos a intentar altas emprezas. *Vaiſe.*

Merl. Ora iſſo he ceremonia: ſe eu ſoubera que havia de vir a deſaccomodar.....

Celeſt. Ora iſſo para mim he eſcuſado: ſe eu ſoubera que havia vir a deſpejar a caſa.....

Merl. Mas já vejo que naõ vim de balde.

Celeſt. Mas quero finjirme aſſuſtada. Ay, ay! quem he? apello eu!

Merl. Ay menina, naõ ſe aſſuſte, que naõ he nada; taõ feyo ſou eu, que lhe meto medo? *Celeſt.*

Celeſt. Pois eu havia pôr os meus olhos na ſua cara para fazer exame.

Merl. Ouve, oh menina, ponha os ſeus olhos na minha cara, e verá como ſou bonito.

Celeſt. Bonito!

Merl. E tanto que lhe hey de levar os olhos.

Celeſt. Naõ levará por certo; antes cegue que tal veja. Ay, ay como he feyo!

Merl. Iſſo ſaõ os olhos de v. m. Que he iſto? já me vío? que? eſcapou-lhe algum olho?

Celeſt. E diz bem; que hum olho he ſó o que lhe podia pôr.

Merl. Eu ſou ſervidor de v. m.

Celeſt. Eu aſſento niſſo.

Merl. Que lhe faça muito bom proveito; mas deſſa ſorte naõ ſey ſe a fará limpa.

Celeſt. Naõ, porque voſſé ſempre ha de ficar ſujo da contenda.

Merl. Fóra com a menina, que aſſim he trampoſa! Oh, tire-me de huma duvida; voſſé he privada cá em Palacio? Quero dizer ſe tem valimento com a Princeza nas couſas ſecretas?

Celeſt. Cuida que o naõ entendo porcalhaõ?

Merl. Ah tal agrado! o modo he feiticeiro.

Celeſt. Deve ſer algum basbaque.

Merl. Os carinhos renderáõ pedras.

Celeſt.

Celeſt. Vá-ſe embora alforreca da praya.

Merl. Eu me vou rodilha da chaminé, eſfregaõ da coſinha, eu me vou.

Faz que ſe vay.

Celeſt. Ay meus peccados, que ſe vay embora. *à parte.* Cio, ah Senhor, iſſo vay de veras?

Merl. Por iſſo eſtava eu morrendo. *à part.* Pois ſe vejo que me deſprezas, que queres tu que eu mais eſpere? Se continúas, vou-me como hum paſſarinho.

Celeſt. Tanto me queres já, que pódes morrer por mim?

Merl. Uy? pois naõ, e tu amas-me?

Celeſt. Muito: morro por ti, como gato por caſtanhas.

Merl. Olhem o amor da bisbilhoteira!

Celeſt. Vejaõ a eſtimaçaõ com que me trata!

Merl. He bem tirada das canelas.

Celeſt. As finezas chovem.

Merl. Vá-ſe dahi palmilha ſuada.

Celeſt. Sim me hirey, fantaſma com bigodes, viſaõ com calças; ſim me hirey.

Faz que ſe vay.

Merl. Ay coitado de mim; que ella eſgueira-ſe. *à part.* Cio, Senhora, ouve? pois adeos?

Celeſt. Por iſſo eſtava eu eſperando. *à part.* Pois ſe vejo que me maltratas, que queres

res tu que eu faça? Se proſegues, adeo dinheiro.

Merl. Ora Senhora, já que ſomos iguaes, e ſemelhantes nos genios, tratemos de nos querer daqui em diante, e deixemos razões.

Celeſt. Eu venho niſſo.

Sahe Bigorrilhas ao baſtidor.

Bigor. Que eſtará aqui fazendo ha tanto tempo eſte paſſageiro intruſo? Ay, ay, que cá eſtá tambem Celeſtina! Ay, ay, ay, eu quero ver ſe a colho em algum gualdiperio.

Celeſt. Pois Merlim, lo dicho, dicho.

Merl. Pois Celeſtina, manos a la obra.

Bigor. Póde haver mayor pouca vergonha! Ajuſtando-ſe eſtaõ; ella prega-me certamente. Oh zelos, que como cães danados me eſtais atraſſalhando o coraçaõ: eu eſtou feito hum arenque de fumo; eu ſayo a embaraçar eſte damno, uſando da minha jurisdiçaõ. Quem eſta aqui?

ſahe.

Merl. He boa pergunta eſſa, nem que fizera muito eſcuro: pois v. m. naõ enxerga?

Celeſt. Ay coitada de mim!

Bigor. E vós Celeſtina, que fazeis aqui com eſte homem?

Celeſt.

Celeſt. Eu naõ faço nada com elle, iſſo he fallar.

Bigor. Pois em que eſtavas fallando?

Merl. Ah Senhora, o Senhor he ſeu Pay?

Celeſt. Eſtavamos fallando nas guerras do Turco.

Bigor. Que vos importaõ a vós as mortes alheas? E vós com que licença entraſtes aqui neſtas ſalas? *para* Merlim.

Merl. Com huma que aqui trago na aljibeira.

Bigor. Boa graça! moſtray-ma cá.

Merl. Sim Senhor, com muito boa vontade: eſpere, quéla ver?

Bigor. Quero.

Merl. Pois naõ a tenho aqui.

Celeſt. He deſcambado.

Bigor. Oh voſſé atreve-ſe ao meu reſpeito? Naõ ſabe que ſou Porteiro de Palacio?

Merl. Coitadinho! ſinto muito vello por portas.

Bigor. Vá-ſe logo embora.

Merl. Eu naõ me poſſo hir.

Bigor. Porque naõ.

Merl. Porque tenho hum pé dormente. Celebre figura he o tal Porteiro! Ora eu quero uſar com elle a primeira traveſſura. *à part.*

Bigor. Eu vou chamar guardas, e entaõ veremos o que vay.

Celeſt. Bigorrilhas, ora naõ.

Merl. Celeſtina, naõ eſtranhes o que vires. Ora Senhor venha v. m. cá, naõ ſe enfade, que eu quero já fazer tudo o que v. m. quizer. *para Bigor.*

Bigor. Naõ ha que tratar.

Celeſt. Ora peço-lhe eu iſſo.

Bigor. Naõ ha que fazer.

Celeſt. e Merl. Suſpende o rigor.

Bigor. Eſtou arremarado.

Merl. Pois ſe eſtá arrematado, he neceſſario prendello.

Bigor. Prenderme a mim? boa graça!

Vay ſubindo Bigorrilhas em huma columna, que ſe levanta do chaõ, e em eſtando no alto, virá de cima huma gayola, e ficará metido nella.

Bigor. Mas ay, ay, ay, que me levaõ os diabos por eſſes ares, e ventos! Naõ ha quem me acuda?

Celeſt. Eu eſtou tolla de tal ver.

Merl. Ora veja; voſſé eſtava contra mim, e no cabo por minha cauſa ſe vê em tantas alturas.

Bigor. Tomára-me eu ver por terra antes, do que verme neſtes augmentos.

Celeſt. Agora naõ te deſvaneças de teres ſubido tanto.

Bigor.

Bigor. O que a mim ſe me desvanece he a cabeça: eu deito-me daqui abaixo, mais que quebre huma perna.

Celeſt. Entaõ ficas ſem pés, nem cabeça.

Merl. Sou tanto teu amigo, que te hey de embaraçar eſſa deſgraça. *vem a gaiola.*

Bigor. Peior he eſta! Eu prezo, Senhores? Tirem-me daqui, que eu naõ goſto de gayolas.

Celeſt. Pois do que eſtá dentro nellas? huma figa.

Cantaõ Celeſtina, e Merlim a ſeguinte

ARIA A DUO.

Celeſt. Senhor Bigorrilhas.
Merl. Senhor Farrobilhas.
Celeſt. Se ao ar as amola.
Merl. Se eſtá de gayola.
Amb. Queremos ſaber
Que caſta de paſſaro he voſſé.
Celeſt. Eſtá de poleiro?
Merl. He gallo cazeiro?
Celeſt. Mas olha ao ſumayo.
Merl. Pois he Papagayo.
Celeſt. Meu lourinho.
Merl. Coitadinho.
Celeſt. Dá cá o pé.
Merl. O outro perro.

Celeſt. Toma, ah
Quer morder?
Amb. Vejaõ eſta ave,
Que graças que tem
Morde, e dá couces
Pedindo-lhe o pé.

Vaõ-ſe, e em deſcendo a columna, voa a gayola.

Bigor. Ah que d'ElRey quem me acode, que eſtou já cançado de andar abaixo, e acima; iſto he feitiçaria: eſte Palacio eſtá endemoninhado.

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Quem eſtá aqui dando tamanhos gritos?
Bigor. Quem ha de ſer? ſou eu: naõ me viraõ na gayola? pois eu bem alto eſtive.
Sold. 2. Que gayola?
Bigor. Aquella em que eu eſtive à dependura.
Sold. 1. Elle eſtá louco.
Sold. 2. Ora ande, tontarraõ, naõ eſteja aqui amotinando o Palacio.
Bigor. Vamos, que elles haõ de mo pagar a poderes que eu poſſa.

SCENA III.

Jardim. Sahem por huma parte Policena, e por outra Floriandro, sem verem hum ao outro.

Flor. FLorida Estancia, onde vive de Abril eterna a pompa!

Polic. Verde retiro, onde só permanece a Primavera.

Flor. A buscar venho entre vossas plantas huma flor animada, de quem eu sou amante gyrasol.

Polic. A buscar venho entre vossos agradaveis labyrinthos alivio ao meu mal, já que nelles perdi a copia do meu bem.

Ambos. Colhey pois.

Flor. Oh Policena!

Polic. Oh Floriandro!

Flor. Quanto devo à ventura o bem de verte!

Polic. Quanto me offende a sorte no mal de encontrarte!

Flor. Tanto te desagrada a minha vista?

Polic. Sim, que como te devo tantas finezas, sempre a vista do crédor se faz odiosa a quem se impossibilita de pagar as dividas. Tanto te alegra a minha presença?

Flor.

Flor. Sim, que como te contemplo taõ divina, ſempre que te vejo, ſe renova em mim o goſto de adorarte.

Polic. Notavel he a ſua tyrannia. *à parte.* Oh quem pudera achar meyos para abrandar tantas durezas.

Flor. Em fim, meu bem, nem eſperança me pódes dar de que algum dia ſerey ditoſo com teu favor?

Polic. Naõ ſey; deixa-me Floriandro.

Flor. Tanto te offendo em quererte?

Polic. Sim, que as tuas perſuasões augmentaõ os meus martyrios.

Canta Floriandro a ſeguinte

ARIA.

Banha o mar as rochas duras,
E ſe abrandaõ tarde, ou cedo
As durezas do rochedo
Aos combates do criſtal.
Só nos mares de meu pranto,
Com que enternecer procuro,
Cada vez acho mais duro,
O teu peito, e o meu mal.

Polic. Bem reconheço, Floriandro, o quanto te devo em querer, e o quanto deves ſer querido pelas raras circunſtancias com que te enriqueceo a natureza; mas

mas he tanta a minha deſgraça, que reconhecendo a divida, naõ poſſo pagar a obrigaçaõ.

Sahe Roſimunda.

Flor. Oh dura ſorte! oh rigoroſa eſtrella! Que eſteja deſattendido o merito, porque póde mais a força da minha deſgraça, que o exceſſo do meu amor.

Roſim. Primo Floriandro, como vay de cuidados? Ainda ha razaõ para a queixa?

Flor. Ay Senhora, que vieſſe eſta peregrina belleza, ſem ſe ſaber de donde, nem como, a ſer inquietaçaõ do meu ſocego, a ſer tyranna da minha vida! Sem duvida que o Deos de amor offendido, de que a izençaõ de meu peito negaſſe culto a ſeus altares, quiz mandar eſte appetecido caſtigo à minha liberdade, eſta doce prizaõ ao meu alvedrio.

Roſim. Como he appetecido o caſtigo, ſempre ſerá glorioſa a pena; e como he doce a prizaõ, ſempre ſerá ſuave o cativeiro.

Flor. Saõ taes os affectos de amor, que alimenta com o que mata, e attrahe com o que tyranniza.

Roſim. Pois para que ſe queixa quem ama, ſe

ſe acha goſto no que padece?

Polidoro ao baſtidor.

Polid. Aqui eſtá Roſimunda, e Floriandro, eſcutarey o que tratáõ.

Flor. Eu me explico melhor neſte

SONETO.

Ardo amante, e na chamma appetecida,
Morro do alivio, vivo do tormento;
Se do mal, que me mata, me alimento,
Naõ me vay no morrer menos que a vida.
A buſcar eſte incendio me convida
No deſmayo mortal mais vivo alento:
Quando a morte he da vida hum novo augmento,
Solicitaõ-ſe os golpes do homicida.
He tudo extremo quanto a amar ſe ordena:
Sigo hum mal donde a vida eſtá notoria,
Hum bem deixo que à morte me condena.
No rendimento alcanço huma vitoria:
Que importa pois viver de amor na pena,
Se aſſim conſigo de morrer a gloria?

Roſim. Em quem ha tanta diſcriçaõ deixará de renderſe? Que dureza naõ abrandará tanta eloquencia?

Polic. Iſto naõ he outra couſa, que perſuadir Floriandro, e renderſe Roſimunda.

Flor.

Flor. Ay amada Prima, ſe eu foſſe taõ feliz, que aſſim me ſuccedeſſe.

Roſim. Naõ deſmayes na empreza, que naõ deixarás de alcançar o vencimento.

Polid. Declarados eſtaõ os meus ciumes. Injuſtos fados apenas me entreguey aos mares de amor, logo periguey nas ſyrtes dos zelos. Mais terrivel naufragio he eſte ſegundo, que aquelle primeiro; pois em hum periga a vida, e em outro fluctua a alma.

Roſim. He notavel o exceſſo, com que adoras.

Flor. Tambem he notavel o objecto que idolatro.

Polid. Quero ſahir à ſua preſença para moſtrar que ſey a ſua culpa.

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. Sua Mageſtade, Senhor Floriandro, perguntou por vós.

Flor. Com licença de V. A. hirey ſaber o que me ordena. *Vaiſe.*

Sahe Polidoro.

Roſim. Polidoro.

Polid. Já Polidoro naõ vive.

Roſim. Os meus olhos teſtemunhaõ o contrario.

Polid.

Polid. Engana-ſe a voſſa viſta; porque naõ póde enganarſe o meu ouvido.

R*oſim.* Eſſe ſeria mais facil de enganarſe; mas naõ te entendo.

Polid. Naõ he muito, que eu a mim meſmo me ignoro.

R*oſim.* Declara-te mais.

Polid. Naõ ſey, mas baſte que ſe declare a minha offenſa.

R*oſim.* Que dizes? que offenſa? Notavel inquietaçaõ te altera!

Polid. Poderey Senhora, pois de outro amor embaraçada ſe ſentia a alma, naõ dar lugar a que.....

R*oſim.* Enigmas ſaõ quanto me propões: de quem te queixas?

Polid. Da minha injuſta eſtrella.

Canta Polidoro o ſeguinte

RECITADO.

Naufragante infeliz, que derrotado
Das iras de Neptuno combatido
Me vi quaſi entre as ondas ſubmergido,
Porém favorceco-me adverſo o fado;
Que da vida infeliz no beneficio
Se moſtrou mais adverſo, que propicio.

ARIA.

ARIA.

Que importa que o mar irado
Que importa que o féro vento
Neſſe liquido elemento
Me intentaſſe ſepultar
Oh mal haja o duro fado
Que a mais ancias me deſtina
Se em livrarme da ruina
Me conduz a naufragar.

Sahem por huma parte Merlim, *e por outra Celeſtina apreſſados.*

Merl. Senhor.
Celeſt. Senhora.
Merl. Aviſarte venho de muitas novidades.
Celeſt. A buſcarte venho da parte d'ElRey.
Merl. O' Senhor, tem occaſiaõ de brilhar.
Polid. Em que?
Merl. Naõ vê que levaõ preza a Roſimunda? pois uſa do teu valor, e tira-a das mãos à juſtiça.
Polid. Adeos Senhora, e juntamente me concede licença para retirarme para a minha Patria, pois que ElRey meu Senhor me naõ impede a partida.
Roſim. Se meu Pay naõ quer impedilla, eu ſaberey embaraçalla. *Vaiſe.*
Celeſt. Ora pegue-lhe lá com hum trapo quente. *Merl.*

Merl. Máo! Eſtás embargado na eſtalagem? Pois de veras vas-te? Para que he iſſo? Se tu eſtás prezo, como has de auſentarte? Eu apoſtarey que te naõ vás, ainda que te deitem a páo.

Polid. Sempre Merlim, eſtás para graças? Oh ſe ſouberas quanto padece quem ama!

Merl. Boa graça! Pois tu cuidas que eu ſou taõ papa paõ, que naõ tenha o meu fatacaz de amor muito formoſo?

Polid. Como o amor he ſentimento, tu que te alegras, naõ deves ter amor.

Merl. Ay Senhor, ambos o temos; mas tu tens hum amor choramigas, e eu hum amor de rir, e folgar. Mas fallando ao ſerio, ſabe que ElRey chama ſua filha, e a Floriandro, para fazer huma conſulta ſobre o ſeu caſamento; porque varios Principes a pedem para eſpoſa; e como já entre nós naõ ha ſegredos, pois tu já ſabes as minhas manhas, e eu as tuas qualidades, eu me offereço a ajudarte neſte empenho.

Polid. Eu a darte o premio empenhado eſtou.

Merl. Eu terey induſtria para examinar tudo o que ſe paſſa, porque com huma prenda de meu meſtre Pedro de Bayalarde, que he hum anel magico, que faz

faz inviſivel a quem o traz no dedo, poſſo entrar em qualquer parte ſeguro de ſer viſto.

Polid. Pois, Merlim, naõ gaſtes tempo; e pois eſſa luminoſa cauſa dos deſpenhos Icareos, corre a buſcar nas ondas refrigerio a ſeus ardores, na alameda eſpero a tua noticia. *Vaiſe.*

Merl. Alli vem Celeſtina, ſupponho que me biſpou, e vem a mim direita como huma ſetta; mas eu naõ lhe poſſo por ora ſer bom. Mas ay, ay, ay, cá vem por outra parte tambem o celebre Bigorrilhas, e vem-ſe a mim como hum rayo: deixem-me tirar o anel, e fazer-lhe huma peſſa, porque agora he preciſo acudir a maior empenho.

Sahem por huma parte Celeſtina, e por outra Bigorrilhas apreſſados, e ao chegar elle, ſe faz Merlim inviſivel, e elles ficaõ admirados.

Bigor. Senhor Merlim.
Celeſt. Senhor Merlim.
Amb. Aqui ſe pagaõ ellas.
Merl. Anel *me fecit.*
Amb. Mas que he iſto!
Bigor. Ha caſo ſemelhante!
Celeſt. Ha caſo mais notavel!

Merl.

Merl. Como ficáraõ tolinhos feitos figura de matachins! Eu venho já. *Vaiſe.*

Bigor. Eu eſtou ſtupefacto.

Celeſt. Eu eſtou eſpavorida.

Bigor. Eu havia jurar que era Merlim.

Celeſt. Que era Merlim havia de affirmar.

Bigor. Aquelle homem he o diabo em carne humana.

Celeſt. Se elle naõ he feiticeiro, naõ ha verdade nas cartas.

Bigor. Ora Senhora Celeſtina, eu entendo que o fazella a v. m. Madre toca ao Senhor Merlim.

Celeſt. Veja como falla no meu credito.

Bigor. Que? arde-lhe? Voſſé quer moſtrar que quem ſe queima alhos come?

Celeſt. Alhos comerá elle para villaõ ruim.

Bigor. Cuida que lhe naõ entendo as ſuas alhadas?

Celeſt. Iſto he couſa que ſe crea? Bom anda o meu credito.

Bigor. Bom? nunca eu o vi mais achacado, e peior ha de ſer em eu fazendo queixa a ElRey.

Canta Celeſtina a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Moſino, porco, ſujo, fedorento,
Cara de mono, orelha de jumento,
Oh permitta a fortuna em teus pezares,
Que quando chocalhares,
Ao mover eſſa lingua mal dizente,
Cada palavra te eſmigalhe hum dente,
E que acabes a hiſtoria de contado,
Porque fiques de todo deſdentado.

ARIA.

Ay de mim que fuy fazer!
Eu irada contra ti?
Mas ſe niſto te offendi,
Já te quero enternecer:
Promette de naõ fallar,
Se naõ vê que hey de chorar.
Ay, ay, ay, que naõ tem dó,
Se te chego a perſuadir,
Naõ me dês mais que ſentir,
Olha que to peço eu:
E tu ſerás ſempre o meu
Macaquinho, quinho có.

Sahe Merlim ao baſtidor.

Merl. Ora cá eſtamos todos.

Bigor.

Bigor. Por certo que me tem laſtimado as tuas lagrimas, ainda que me tem offendido as tuas iras.

Celeſt. Has de fazer queixa de mim?

Bigor. Ay amor, que me tens feito o coraçaõ n'um crivo.

Celeſt. Muito me importa que elle naõ deſcubra de mim nada. *àparte.* Naõ fallas? naõ reſpondes?

Merl. Com muito carinho lhe falla, e muito ſe chega à rapariga.

Bigor. Só o naõ farey ſe voſſé fizer huma couſa.

Celeſt. Eu, conforme ella for.

Bigor. Pois he.

Merl. Ora anda.

Bigor. Que tu.

Merl. Ora toma.

Bigor. Queres.

Merl. Aduba.

Bigor. Darme.

Merl. Dá-lhe, que dá-lhe.

Celeſt. Ay, acaba de declararte.

Bigor. Eu tenho muita vergonha.

Merl. Boa nova para o pay da criança.

Celeſt. Com iſſo te ſahes agora?

Bigor. Pois quero que voſſé me dê hum abraço muito apertado.

Merl. Iſſo he muito apertar com os amigos.

Bigor.

Bigor. Pois que dizes?

Merlim. Quem calla parece que consente.

Celest. Eu que hey de dizer? Se tu queres, toma-o; mas naõ to hey de dar, que naõ tenho confiança para isso.

Bigor. Sou contente: ora eu vou lá.

Merl. Ah pobre Merlim.

Celest. Que? tenha maõ para lá, ha de primeiro prometter.

Bigor. Uy, quanto tu quizeres.

Celest. De naõ dizer nada de mim, nem de Merlim.

Merl. Isto he defenderme, ou agravarme?

Bigor. Eu prometto.

Celest. Ora levante o dedo para o ar.

Bigor. Aqui está levantado.

Merl. O homem tem dedo para a cousa; mas logo verá o que lhe succede.

Celest. Ora vem já, antes que venha alguem.

Bigor. Eu vou meu bem; está-me bailando o coraçaõ no peito.

Ao querer chegar, no meyo dos dous se levantaõ muitas chammas, e Celestina se vay por huma parte, e Bigorrilhas quer hir para a outra.

Bigor. Mas ay, ay, ay! que me abrazo! que me queimo! Os favores de Celesti-

na, saõ fogo viste lingoiça, e eu vou-me com o fogo no rabo.

Sahe hum diabrete.

Diab. Ora venha cá esse abraço.

Bigor. Peior he esta, Senhor diabo deixe-me, assim nosso Senhor lhe dê saude. Ay que me faz deitar o bofe pela boca fóra; olhe que se me matar, que naõ havemos ser mais amigos.

Vaise o diabrete, e continúa Bigorrilhas.

Bigor. Vai-te com dous mil demonios, que eu me vou por esta parte.

Sahe hum touro.

Bigor. Ay que encontro taõ terrivel! Quem me acode, que morro nas pontas de hum touro. Lá vaõ quatro costellas dentro; confissaõ.

Sahe Merlim.

Merl. Que he isto Bigorrilhas?

Bigor. Que ha de ser? hum touro, que me tratou desta sorte.

Merl. Essa sorte foy azar.

Bigor. Ay, ay, ay.

Merl. Coitadinho!

Bigor. No diabo naõ fallo eu.

Merl.

Merl. Nem iſſo he couſa em que ſe falle. Se quererá elle mais abraços? *à parte.*

Bigor. Ajuda-me Merlim, que em ſarando, eu deixarey o Palacio, que aqui andaõ os diabos ſoltos. Ay!

Merl. Naõ chores, que iſſo naõ he nada.

SCENA IV.

Boſque. Sahem Policena, e Celeſtina.

Celeſt. NEſte ſitio, Senhora, onde o Zefiro brandamente reſpira, cauſando hum ſuave rumor nas folhas que move, pódes hum pouco divertirte, em quanto para o meſmo effeito vou conduzir a Roſimunda.

Polic. Agradavel retiro para o meu cuidado: aqui o ſilencio apenas interrompido do brando movimento deſtes verdes ramos, eſtá convidando a contemplações amantes: aqui parece tem a ſua propria habitaçaõ a ſaude.

Celeſt. Folgo muito que te agrade. E no entanto vou aviſar a Floriandro, que já me pagou de antemaõ o encontro que aqui dezeja ter ſó com ella. *à parte.* Fica pois dando alivio ao teu cuidado, e naõ te auſentes até que eu naõ torne com a Princeza. *Vaiſe.* *Polic.*

Polic. Aqui espero. Notavel inquietaçaõ me tem causado a perda do retrato de Polidoro; pois sendo achado, precisamente serey conhecida: desgraças minhas saõ, e novas ingratidões suas: ouvi bosques as minhas queixas.

SONETO.

Já passa a ser verdade o fingimento
De hum cruel, de hum ingrato na figura;
Pois dar naõ quiz nos longes da pintura,
Nem por sombras alivio ao meu torméto.
Deixou-me, e naõ só da arte no portento,
O inanimado desmentir procura:
As semelhanças que o pincel apura
Lhe acreditaõ vital o movimento
Naõ sómente no engano colorido
Com vida o contempley; mas do seu trato
Hum traslado fiel foy o fingido:
Pois na copia que imita o termo ingrato,
Se ostenta o exemplar mais parecido
Quanto mais de mim foge o seu retrato.

Mas que digo, que novidade he fugirme hum ingrato a quem amo, hum tyranno a quem busco, se nelle sempre reconheceo tibiezas o meu cuidado? Oh duro rigor! Quem sempre ha de desprezar hum amoroso effeito!

Merl. Polidoro. *Dentro.*

Polic. Mas que eſcuto! O nome naõ ouvi de Polidoro? Ou eſta voz foy oraculo do deſengano, ou fantazia do dezejo. Admirada me tem neſte novo acaſo. Amor ſem duvida toma por ſua conta o affligirme com mayor eſpecialidade, tal vez caſtigando com as certezas da ingratidaõ que ſinto, as que injuſtamente moſtro, quando reconheço, que ſómente ſabe adorarme.

Rey. Floriandro. *Dentro.*

Polic. Já naõ póde enganarme o meu ouvido; pois ſegunda vez me reſponde o verdadeiro oraculo deſtas ſelvas. Em rara ſuſpenſaõ me vejo!

Sahe Polidoro.

Polid. A voz de Merlim ouvi, que ſem duvida anda buſcando-me; mas como naõ tornou a chamarme, perdi o tino, ſem ſaber aonde. Porém que eſtaõ vendo meus olhos? He ſonho, ou verdade o que experimento?

Polic. Que prodigioſo acaſo! Darey credito à viſta, ou ſerá illuſaõ da fantazia?

Polid. Policena, he poſſivel que a ventura me depare, quando menos o eſperava, o que ha tanto tempo buſco?

Polic.

Polic. He poſſivel que venha a encontrar depois de tantos deſvelos, o que tanto tenho dezejado?

Sahe Roſimunda ao baſtidor.

Roſim. Aqui encoberta deſtes verdes ramos verey o que paſſa Floriandro com Policena. Mas que vejo penas! Polidoro he o que em lugar de Floriandro ſe acha!

Polic. Naõ ſey como agradeça à ſorte o goſto de verte: ainda naõ creyo a minha ventura.

Polid. Feliz foy a minha deſgraça, ſe o naufragio que padeci neſſas rochas foy caminho para chegar a eſta fortuna. Ay Roſimunda adorada! *à parte.*

Roſim. Ah traydor! Ah falſo! E para iſto affectaſte ciumes, acumulando agravos, a quem ſó deves finezas.

Polid. Oh quanto ha que te buſco para alivio de tantos cuidados que te eſperaõ.

Polic. Bem me tira a duvida, de que ſaõ os cuidados ſeus.

Sahe ao outro lado Floriandro.

Flor. ElRey me anda buſcando, pois a ſua voz ouvi; porém quero primeiro ver ſe poſſo neſte ſitio ver a cauſa de meus tormen-

tormentos. Porém que he iſto pezares! o meu lugar ſe acha ſubſtituido de hum eſtrangeiro peregrino?

Polid. Socega pois o peito, que já a ventura ſe nos moſtra favoravel.

Polic. Já com a tua viſta ſe aliviaõ as memorias, e ſaudades que me affligem o coraçaõ. Ay Polidoro ſe me amáras! *à parte.*

Flor. Ah cruel! ah tyranna! Para iſto me moſtravas rigores, deſprezando o meu nobre amor, ſe taõ depreſſa te rendes a hum pobre, e derrotado peregrino?

Polid. Socega pois Policena, e diſſimula até que eu execute o que tu verás.

Sahe Roſimunda irada.

Roſim. Naõ verá infiel, que primeiro verás tu os eſtragos do meu furor.

Polid. Ha mais infortunios amor!

Polic. Naõ tenhas, Senhora, por infidelidade ao meu proceder até que eu o contrario te moſtre.

Sahe Floriandro.

Flor. Naõ me moſtrarás tyranna, antes moſtrarey reduzida a cinzas a cauſa de tanto ardor.

Polic. Naõ julgues, Senhor, que....ſem vida alento. *à parte.* *Polid.*

Polid. Naõ imagines, Senhora, que... sem alma reſpiro. *à parte.*

Cantaõ Roſimunda, Floriandro, Polidoro, e Policena o ſeguinte

RECITADO A 4.

Roſim. Oh mal haja quem fia na lealde
De quem na fé de amor vive ſuſpeito
Flor. Oh mal haja o que rende hum firme peito,
A quem tem por firmeza a variedade
Polid. Oh naõ tenhas de falſo em vil conceito
A quem ſó ſe alimenta da verdade.
Polic. Oh naõ ſupponhas da inconſtancia effeito
O bem que o peito alcança
Que amar a vida nunca foy mudança.

ARIA.

Flor. e Roſim. Oh tyrrano Deos Cupido,
Que apurando o teu rigor,
A quem mais ſe vê rendido
Es injuſto, infiel traydor.
Polic. Que feitiços me tens feito
O' Cupido ſuperior
Que ſinto abrazarme o peito,
E appeteço mais o ardor.

Polid.

Polid. Leve a vida o ſentimento
Que em tal pena, oh Deos de amor,
Será eterno o meu tormento
Se naõ morro a tanta dor.
Flor. Oh tyranno Deos Cupido
Polic. Que feitiços me tens feito!
Roſim. Es injuſto, infiel traydor.
Polic. O' Cupido ſuperior.
Polid. Leve a vida o ſentimento
Flor. Es injuſto
Polid. Oh Deos de amor.
Polic. Que feitiços me tens feito
Roſim. Es injuſto, infiel traydor.

Sahe Merlim ao baſtidor.

Merl. Grande rumor aqui ſe eſcuta, que ſerá?

Sahe ElRey ao outro lado.

Rey. Naõ ſey que vozes confuzas aqui ouço, o motivo ſaber quero.

Já o Theatro eſtará com pouca luz.

Roſim. Naõ ſey como tenho ſoffrimento para naõ virgarme deſta aleivoſa.

Flor. Naõ ſey como naõ ſatisfaço a minha colera neſte tyranno.

Sahe ElRey.

Rey. Suſpendey os furores, e dizei-me a cauſa de tanto exceſſo.

Merl.

Merl. Aqui he preciſo valerme das minhas habilidades, e tomar differente fórma para livrar a Polidoro. *Vaiſe.*

Rey. Floriandro, quem póde ſer motivo deſta confuſaõ?

Flor. Eſſe aleivoſo que..... Mas diga-o Roſimunda, que a colera me naõ deixa expreſsões para relatallo, quando mais me embaraça o teu reſpeito. *Vaiſe.*

Rey. De ti, Roſimunda, eſpero a noticia do que cada vez mais ignoro.

Roſim. Eſſe monſtro de traições.... Mas a tua ſoberana preſença me perturba. Diga-o Policena, que ella melhor que todos o ſabe. *Vaiſe.*

Rey. Declara tu, Policena, eſte enigma.

Polic. Pois de ambos he huma a cauſa, diga-o o Principe Polidoro. *Vaiſe.*

Sahe Merlim junto a Polidoro veſtido de galego, e diz para Polidoro.

Merl. Com eſte anel te pódes encobrir, vaite. *Vaiſe.*

Rey. Que he o que eſcuto! O Principe Polidoro! Alguma traiçaõ receyo. Olá guardas, tragaõ aqui luzes.

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Que nos manda V. Mageſtade?

Rey.

Rey. Seguraime eſſe traidor.

Sahe do chaõ huma véla aceza.

Merl. Naõ he neceſſario mandar buſcar luzes mais longe.

Sahem por huma parte Bigorrilhas, e Celeſtina por outra.

Celeſt. Que bulha ſerá eſta?
Bigor. Que motim ſerá eſte?
Rey. Chegaime eſſa luz, que aqui tudo ſaõ prodigios.

Vay Bigorrilhas a pegar na véla, e da-lhe hum tremor.

Bigor. Ay! que he iſto! Eu eſtou tremendo por mim.
Rey. Cheguem-me eſſa luz.
Bigor. Eu naõ poſſo: ay, ay, que eſtou azougado.
Merl. Eſtá galante bule bule.
Rey. Já a minha impaciencia me ſuffoca.
Celeſt. Moſtra cá eſſa luz, e vaite abafar, que eſtás com a ſezaõ.
Bigor. Ahi a tens.
Celeſt. Ay coitada de mim que me pegou o mal, e eu eſtou com convulsões.
Merl. Eila ahi em tremuras.
Celeſt. Quem me tira iſto da maõ, que já naõ

naõ posso estar mais tempo dalhe que darás.

Rey. Daime essa luz barbaros. *pega na véla.*

Celest. Ora vejaõ, e ficou-me a maõ toda pingada.

Bigor. Olá, só ElRey naõ ficou tremulo.

Vay ElRey chegar a Merlim, e voalhe a véla.

Rey. Raro assombro! Aqui ha grande traiçaõ.

Merl. Adeos luzes.

Bigor. Bolaverunt.

Celest. Deixou voar a véla; mas naõ está mais na sua maõ.

Sahem dous guardas com luzes.

Rey. Mas mayor assombro he o que admiro, e vejo. Que differente objecto he este do que até aqui imaginava!

Merl. Ora olhem de que se admira.

Bigor. Uy Senhores; donde veyo este pinto caludo?

Celest. Galante badameco.

Rey. Homem, ou aborto vil destes bosques, dize quem es?

Merl. Eu num estou aborco nestes brosques capor porque num me bem estar em pé? Ay Senhores num me façam mal, ay, ay.

Rey.

Rey. Sem mim eſtou! Como eſtás neſta Regiaõ?

Merl. Avijam? nome de ſoventa hora! Eu num ſom avijam nem coiza do oitro mundo.

Rey. Digo quem aqui te conduzio?

Merl. Aqui ninguem me conſumio, ſómente voſſas merces agora he que o faram ſe quigerem ſer ſerbidos.

Rey. Já perco a paciencia: homem falla verdade, e reſponde ao que te pergunto.

Merl. Se eu ſoiber, eu fallarey a berdade; mas canto ao mais, eu num ſom taõ mal enſinado, que reſponda a boſſa remerencia.

Rey. Quem te mandou a eſte ſitio?

Merl. Nós biemos eu a mais oitros oito camaradas da noſſa terrinha pelegrinando ſe boſſa remerencia nos déſſe huma eſmólinha muito bem à maõ, ſe num paciencia.

Rey. E com que intento vieraõ.

Merl. Nós num trouvemos jumento nenhum.

Bigor. Eu eſtou eſtalando pelas ilhargas.

Celeſt. Se ElRey naõ eſtivera taõ enfadado, eu já tinha ſoltado a gargalhada.

Sold. 1. Homem vê o que fazes, naõ te finjas, e ſe es o que pareçes, dize quem aqui te mandou.

Sold.

Sold. 2. Se naõ vê que ElRey te mandará tirar a vida.

Merl. O Senhor he ElRey? Ora loibado seja Deos, eu cuidaba que ElRey era oitra coisa: elle tem o mesmo que eu tenho, e tambem anda com as pernas.

Sold. 1. Responde ao que te perguntaõ, e tem respeito a Sua Magestade. *dalhe.*

Merl. Ay, ay, ay. A' delRey num ha justiça, num ha quem me acuda, lá bay o mei braço.

Rey. Naõ chores; vem cá, dize que terra he a tua?

Merl. Eu som nacidiço de Monson, e lá me bem huma Abó das partes de Lugo, num ay num falo eu, que num he para falare: em canto cabidal num hey bergonha de nenhum; porque mei Pay me deixou humas coirelas de binhas, e mais catro bicos muito bons com que passaba muito bem remediado: mas samicas doi ao demo huns amoricos, que tuve com huma cachopa, que se chamaba Madanela, porque por amor della me sahi, e para mor della me derreáraõ o palayo, e antances.

Rey. Basta, basta, que já naõ ha soffrimento para ouvirte. Ay de mim! grande mal receyo! Soldados, levay esse homem,

mem, e prendey-o na torre de Palacio, que à manhã confeſſará no tormento, o que hoje nega cauteloſo. *Vaiſe.*

Bigor. Ora criado Senhor Galego, voſſé naõ quer reſponder a propoſito; pois à manhã lho perguntaráõ. *Vaiſe.*

Merl. Num, num haõ de fazer mal, má oxa.

Celeſt. Lá verás quando te chegarem a roupa ao couro. *Vaiſe.*

Merl. Boce num ſave com quem falla.

Sold. 1. Ora ande naõ dê ralhos.

Merl. Digo que num quero.

Sold. 2. O' magano he atrevido?

Merl. Bá lá dar no diabo; cuida que num ha juſtiça, tome, tome. *dalhe.*

Sold. 1. O' inſolente, reſiſte, venha amarrado, que ha de ficar prezo a huma corrente.

Merl. Num me corro com iſſo (à manhã o vereis.) *à parte.*

Sold. 2. Ande prezo.

Merl. Ora eſcuitem, que ſe me recordou agora huma coiſa na minha memoria: querem boces ouvir como ſe canta na minha terra, ora lá bay.

Canta

Canta Merlim a ſeguinte

ARIA.

Mey diamante d'azabiche,
Minha pelora encarnada,
Minha pedra de abada
Minha rica Madanela
Mais vella ca num ſey que
Num me leixes da linbranſa,
Porque eu leixarte num hey.
He, he, he, faſta moreno,
He, he, he, faſta bragado:
Se nunca havedes probado
D'amor o dulce beneno,
Por frexa neſſe coſtado
O aguilhon bos chantarey.

Sold. 1. Iſſo eſtá muito bom, mas voſſé chorará à manhã pelo que hoje cantou.
Sold. 2. Venha prezo.
Merl. Se eu hey de hir prezo, lebem-me boces, que eu pelo mey pé num bou.
Sold. 1. Venha ſeja como for.
Sold. 2. Vamos.
Merl. Eu ſom o que bou agora, mas à manhã boces beraõ o que bay.

ACTO II.

SCENA I.

Sala. Sahem Roſimunda, *e Policena.*

Roſim. AQui pódes, Policena, proſeguir a narraçaõ dos teus ſucceſſos, por naõ perder a occaſiaõ de fallar a ElRey meu Pay, que por eſte ſitio ha de paſſar à torre de Palacio. Ay Polidoro, que hoje me laſtimas prezo, ſe hontem me offendeſte livre! *à parte.*

Polic. Roubada pois que fuy, bella Roſimunda, dos Eſtrangeiros Piratas, fazendo azas das inchadas vélas a inimiga náo, mais ligeira voava que o meſmo vento que a conduzia. Quem duvida que os effeitos da minha pena faziaõ apreſſar mais a minha deſgraça? pois com os meus olhos dava ao mar novas correntes, e com meus ſuſpiros novo impulſo aos arcs. Depois de tantos ſeculos de tormento, quantos elles contavaõ dias de viagem, no eſpaço de hum mez, entre varios accidentes, que naõ relato,

chegámos a aviſtar huma dezerta Ilha, aonde para fazer agoa, tomámos terra. Deſembarcáraõ alguns, e com elles para divertirme, quiz o Capitaõ (o qual para mayor martyrio meu ſe moſtrava inclinado à cauſa da minha deſgraça) que eu tambem o fizeſſe, o que foy motivo da minha ventura; pois divertido elle no exercicio da caça, deixando a meſma ſolidaõ por ſegura guarda da minha peſſoa, ſe apartou de meus olhos: e como eu dos ſeus ſó dezejava auſentarme eternamente, deparando-me a ſorte huma profunda concavidade, cuja horrivel boca cobrio a natureza de emmaranhadas ramas, antepondo os horrores da morte aos trabalhos de huma penoſa vida, entrey nella penetrando os mais intimos ſeyos daquella lobrega eſtancia. Perdida pois com o meu retiro nos Piratas a eſperança de acharme, porque a providencia do Ceo lhe encobrio a elles, o que a mim ſó quiz manifeſtarme, ſe foraõ; entendendo ſem duvida, que a minha deſeſperaçaõ me tinha precipitado no mar. Sahi daquella eſcura habitaçaõ de noite, e no ultimo de tres dias, em que a vida ſe conſervou alimentada de frutos ſilveſtres, dey vozes a huma

a huma pequena embarcaçaõ, que naõ longe da terra paſſava: acolheraõ-me piedoſos os navegantes, e como eraõ vaſſallos teus, me trasladaraõ deſde os braços da minha inſtavel fortuna, ao ſeguro aſylo de teus pés, aonde até aqui tinha vivido mais animada dos teus favores, que dos meus alentos, e aonde o Principe Polidoro, mais a impulſos de obediente, que a impulſos de amante me achou impenſadamente, ſendo o ſeu naufragio indicio da minha vida; pois quem vive entre deſgraças ſó ſe acha pelo caminho dos infortunios.

Roſim. Suppoſta, Senhora, a verdade dos teus ſucceſſos (a qual naõ duvido) acompanhando o credito que ſe te deve, circunſtancias particulares que pondero; duas vezes te peço perdaõ, huma de naõ ſer até aqui o teu trato medido pelo teu merecimento, e outra pela indignaçaõ que contra ti moſtrey no paſſado ſucceſſo; pois ignorante das cauſas que me relatas, vendo-te com Polidoro naquelle ſitio julguey exceſſo indecoroſo, o que foy natural affecto.

Polic. Ay Polidoro, que quando por ti ſuſpiro, ſó ſinto o que por mim padeces! *à part.*

Roſim. Naõ te afflijas pois, Senhora, que ambas pediremos a ElRey meu Pay, a liberdade de Polidoro, o qual ſerá preciſo digas que he irmaõ teu, emendando de algum modo o que dizes chegaſte a declarar. Ay Polidoro, que ao meſmo tempo me tens zeloſa, e laſtimada! *à parte.*

Sahe ElRey, e dous guardas, e paſſa ſem reparar.

Rey. Hide adiante a franquearme a entrada da torre, que eu meſmo quero ſer o que faça eſte exame.

Roſim. Divertido paſſa ElRey, he preciſo atalharlhe os paſſos. *Vaõ-ſe os Soldados.*

Roſimunda, e Policena ſe poem de joelhos aos pés d'ElRey, huma de huma parte, e outra da outra.

Polic. Rey Soberano.

Roſim. Pay, e Senhor.

Polic. Se he proprio em hum animo generoſo.

Roſim. Se he natural em hum Real peito.

Polic. A clemencia.

Roſim. A piedade.

Polic. Tem, Senhor, compaixaõ.

Roſim. Tem laſtima, Senhor.

Ambas.

Ambas. De huma innocencia opprimida...

Rey. Levantaivos, e dizeime qual he o motivo que a tanto empenho vos move? E tu Roſimunda, como com tal efficacia me rogas? He poſſivel que haja couſa que a tanto te obrigue? Confuſo eſtou. *à part.*

R*oſim.* Ay ſe ſouberas o que minha alma ſente! *à parte.*

Polic. Ay ſe tu viras quanto meu coraçaõ padece! *à parte.*

Rey. Falla, Roſimunda, acaba.

R*oſim.* A rogar com tanto empenho me obriga, Senhor, o grande affecto que Policena tem grangeado em meu peito; e como a amizade nos tem igualado tanto, ſendo ſua a cauſa, tambem he minha. Minto que ella he mais minha do que ſua. *à parte.*

Rey. Com taõ poderoſa interceſſaõ, bem póde Policena pretender animoſa.

Polic. Pois que tanto me anima o teu favor, mais alentada proſigo. Eſſe infeliz Eſtrangeiro, que opprimido dos laços da tua ira, eſtá para ſer objecto dos teus olhos, he irmaõ meu, que a eſtas Regiões chegou por hum acaſo da ventura; acha-ſe prezo ſem culpa, pois nem huma acçaõ obrou, que lhe tiraſſe a innocencia.

Rey.

Rey. Eſpera, naõ profigas. Notavel engano! *à parte.* Pois affirmas ſer irmaõ teu eſſe infeliz?

Polic. Huma, e mil vezes o affirmarey.

Roſim. Já de toda a verdade de ſeus ſucceſſos eſtou informada; e como tudo condiz com o que deſſe Eſtrangeiro já ſe me contou, naõ acho nenhuma razaõ em que funde a minha incredulidade.

Rey. Grave damno receyo; pois já eſcrupoliſo até da verdade de Roſimunda. *à parte.* Sujeito taõ indigno he impoſſivel ſer irmaõ de Policena.

Roſim. ElRey na ſua ſuſpenſaõ ſe moſtra vacilante. *à part.*

Rey. Quero deixarme enganar para aſſim deſcobrir novos enganos. *à parte.* Pois qual foy, Roſimunda, a cauſa que te obrigou a tanto enfado ati, e a Floriandro, contra elle?

Roſim. Como ignorava, Senhor, o que já Policena tem declarado, eſtranhava que ella, e eſſe que agora reconhecemos irmaõ ſeu, eſtiveraõ em tal ſitio ſós, e a tal hora; pois nelle julguey algum atrevimento indecoroſo às paredes de teu Real Palacio. Levados pois deſte motivo, rompemos eu, e Floriandro no exceſſo que ouviſte.

Rey.

Rey. E tu como nomeaſte em tal occaſiaõ ao Principe de Polonia, meu inimigo?

Polic. A natureza, Senhor, formou em meu irmaõ hum taõ vivo retrato do Principe Polidoro, que era na Corte paſmoſa admiraçaõ de quantos a ambos os admiravaõ; pois naõ ſó eraõ na fyſionomia ſemelhantes, mas até parece que hum meſmo eſpirito os anima. Vendo eu em fim que todos contra elle irados ſe moſtravaõ, quiz defendello com o que mais o arriſquey, dizendo que elle era o Principe Polidoro; mas já vejo que ſahio errado o meu diſcurſo, e caſtigado o meu engano.

Rey. Cada vez vou reconhecendo mayor o que me querem fazer. *à parte.* Sempre do Principe de Polonia ouvi exagerar a bizarria, e agora me querem perſuadir o que tem ſemelhanças com hum pobre mendigo.

Roſim. Modéra pois a ira, que contra elle moſtras, e ſeja a ſua innocencia motivo da tua piedade.

Polic. Eſpera, que o teu peito mais ſe enternece, e rende às minhas vozes.

Canta

Canta Policena a ſeguinte

ARIA.

Vive izenta a planta humilde,
Pois dos rayos a violencia
Só onde acha reſiſtencia,
Executa o ſeu furor.
Aſſim pois no heroico peito
Naõ conſentirá a piedade,
Que a innocencia, que a humildade
Seja objecto do rigor.

Rey. Quero já expor aos ſeus olhos na cauſa de minhas duvidas, o motivo do meu receyo. Olá, trazey à minha preſença livre das prizões que o opprimem, a eſſe infeliz Eſtrangeiro.

Sahem dous Guardas.

Guard. 1. Naõ ſerá poſſivel, invicto Monarca, cumprir o que nos ordenas; porque com a ſombra notavel de quantos a admiraõ, abrindo-ſe as portas da ſegura prizaõ que o guardava, naõ ſe acha, nem raſto por onde eſcapar pudeſſe.

Guard. 2. E o que mais digno ſe faz de admiraçaõ, he, que ſe ſoltaſſe de huma groſſa corrente em que foy poſto, deixando-a

xando-a dividida em miudos pedaços.

Rey. Raro aſſombro! *fica ſuſpenſo.*

Polic. Dura pena! *à part.*

Roſim. Mortal ancia! *à parte.*

Rey. Sobrenatural parece quanto ſuccede neſte Palacio: em notavel confuzaõ me ſinto. Vós outros parti logo acompanhados de mayor numero dos da minha guarda, a ver por diverſos caminhos ſe achais eſſe traidor fugitivo.

Vaõ-ſe os guardas.

Polic. Sem duvida que com a ancia de livrarſe da morte, rompeo difficuldades por irſe aonde meus olhos o choraſſem ſem remedio aulente. *à part.*

Roſim. Sem duvida que com o temor de perder a vida, rompeo impoſſiveis por eſcaparſe de donde nunca mais ſeja objecto dos meus olhos. *à parte.*

Sahe Celeſtina por junto de Roſimunda, *e fica ao baſtidor.*

Celeſt. A dar parte à Princeza venho, de que naõ he Polidoro o prezo.

Sahe Merlim por junto de Policena, e fica ao baſtidor.

Merl. A dar aviſo venho a Policena, que naõ deſcubra ao Principe, emendando de

de algum modo o paſſado erro.

Sahe Bigorrilhas pela parte de fóra, e faz o meſmo.

Bigor. Seja como for, eu hey de dizer a ElRey, que Merlim he hum fino feiticeiro.

Rey. Taõ confuſo, e receoſo me vejo, que naõ ſey em que hey de determinarme. *à part.*

Roſim. Sem alma eſtou, quando conſidero a Polidoro auſente. *à parte.*

Polic. Sem vida eſtou, quando auſente de Polidoro me conſidero. *à part.*

Celeſtina chega junto de Roſimunda, *e logo ſe retira.*

Celeſt. Senhora.

Roſim. Póde haver mayor infelicidade, que ſer eu com a minha indignaçaõ cauſa do meu tormento! *à parte.*

Celeſt. Senhora..... *a Polic.*

Polic. Póde haver mayor deſventura, que pronunciar a minha voz a ſentença da minha morte! *à parte.*

Merl. Ella eſtá deſpachando.

Bigorrilhas chega junto a ElRey, e ſe retira.

Bigor. Saberá V. Mageſtade, que lhe quero fallar em ſegredo. *Rey.*

Rey. Aquellas couſas me dicta o receyo de futuros damnos. *à parte.*

Bigor. ElRey faz ouvidos de mercador.

Chega Celeſtina a Roſimunda, a qual na acçaõ de queixarſe lhe dá no roſto.

Celeſt. Bella Roſimunda.

Roſim. Deixa-me moleſta fantaſia.

Celeſt. Ay apello eu! Oh boca que tal diſſeſte Senhora, e naõ ſey que diabo de nome me chamou.

A Merlim ſuccede o meſmo.

Merl. Policena.

Polic. Vaite penſamento importuno.

Merl. Penſamento importuno ſe-lo ha ella: fóra com o talho! Ora he a primeira vez que em Palacio me chegáraõ aos narizes.

Roſim. Vamos a batalhar, cuidados. *Vaiſe.*

Celeſt. Pois naõ irá ſó, que ſeraõ muitos os contrarios. *Vaiſe.*

Polic. Vamos a morrer, deſvelos. *Vaiſe.*

Merl. Pois eu te vou meter a véla na maõ. *Vaiſe.*

Chega Bigorrilhas a ElRey, o qual falla entre ſi.

Bigor. Senhor, eu quero fallar ao ſereniſſimo

ſimo ouvido de Voſſa Realiſſima Mageſtade.

Rey. Que me dizes coraçaõ?

Bigor. Notavel agrado tem eſte Rey de Ungria: olhem o carinho com que me trata! parece que me namora.

Rey. Falla, falla, vaticina-me os meus males.

Olha Bigorrilhas para todas as partes a ver ſe he com outrem.

Bigor. Comigo he: eu chego animoſo, pois elle meſmo a fallar me convida. Ora eu cuidey que iſto de fallar a ElRey era alguma bicha de ſete cabeças.

Chega ao ouvido d'ElRey, e elle torna em ſi, e ſe enfada.

Bigor. Senhor, eu.

Rey. Que intentas atrevido? que ouſadia he eſta?

Bigor. Digo, que quando, como, já, logo, ao depois, mas eu naõ ſey o que digo: quero dizer, que ſe acaſo... mas iſto naõ quer dizer nada.

Rey. Falla, ou te mandarey tirar a vida.

Bigor. Oh quem nunca naſcera! Em negra hora me pario minha Mãy! Soltaraõ-ſe-me as prezas, e os calções já naõ pódem

dem com a carga. Digo que ſe voſſa como ſe chama queria ſaber as aquellas do aquelle: como he a ſua graça?

Rey. Que dizes?

Bigor. Digo, que Merlim, e Celeſtina, mais eu, mais Celeſtina, mais Merlim, mais ella, mais elle, mais eu: eſta he a pura verdade.

Rey. Naõ te confundas.

Bigor. Sim Senhor, he feiticeiro.

Rey. Quem?

Bigor. Naõ Senhor, foy hontem.

Rey. O que?

Bigor. Sim Senhor, eu o vi.

Rey. O medo o confunde.

Bigor. Eu já naõ eſtou capaz de eſtar aqui, porque de neceſſidade hey de eſtar dando máo cheiro ao Real nariz de Voſſa Mageſtade. *Vaiſe.*

Rey. Até iſto que taõ mal percebi, me conduz a mayores ſuſpeitas. Ay de mim! grande mal receyo!

Sahe Floriandro.

Flor. Senhor.

Rey. Floriandro, que tens de alegria?

Flor. O que ati te póde dar o mayor goſto. Agora junto do Boſque encontrey a eſſe Eſtrangeiro a quem dezejas achar.

Sahe

Sahe Polidoro, e ajoelha.

Polid. Senhor, naõ ſey porque culpas me condenaõ!

Rey. Dize, Floriandro, em que delinquio Polidoro?

Flor. Pois eſte naõ he, Senhor, o que ſe achou no jardim com Policena?

Merl. Pois ſua irmã era alguma peſſoa eſtranha? Naõ, diſſo naõ tinha ella nada, que muy bem ſe chegava para elle. *à p.*

Rey. Ha mayores confuzões! Com que tu es irmaõ de Policena?

Polid. Ella, Senhor, confirmará eſſa verdade, que hontem a vi, quando mais fóra eſtava de a conſiderar em Ungria.

Flor. Já o meu mal he menor do que cuidava. *à part.*

Merl. Aquelle Galego, que alli hontem appareceo, devia de ſer algum grandiſſiſſimo feiticeiro, pois fez taes enredos. Polidoro, Senhor, diz que quando vio o negocio mal aſſombrado, ſe fez deſentendido, ou ſe meteo no eſcuro, que he o meſmo, e valendo-ſe das ſombras, poz arvores em meyo para eſcapar de tanto rigor.

Rey. Agora com mais razaõ pódes viver em Palacio, pois nelle ſe acha tua irmã, e nelle

e nelle de novo te offereço amparo. Vem Floriandro. *Vaiſe.*

Flor. Já te ſigo: tu em mim terás o mayor amigo. *Vaiſe.*

Polid. Favor he que eſtimo quanto devo.

Merl. Ora fique-ſe nas horas de Deos, que deſta já eſtá livre; ahi vem Roſimunda, e eu vou a caſa de Celeſtina. *Vaiſe.*

Sahe Roſimunda.

Roſim. Polidoro, Senhor, he certo que eſtou logrando o bem de tua viſta?

Polid. Roſimunda, Senhora, he verdade que eſtás ſendo objecto dos meus olhos?

Roſim. Que já ſem ſobreſaltos te vejo?

Polid. Que já ſem embaraços te admiro?

Roſim. Já ſatisfeita eſtou do que contra ti julgava, pois ſey da boca de Policena, que nenhuma inclinaçaõ te deve.

Polid. E eu fóra eſtou do meu ciume, pois ſey que Floriandro a Policena dedica os ſeus obſequios.

Roſim. Oh que feliz he quem merece os teus affectos!

Polid. Oh que ditoſo he quem ſabe idolatrarte!

ARIA

ARIA A DUO.

Roſim. Caro bem, gloria de huma alma,
Que por ti vive entre ardores.
Polid. Meu feitiço, meus amores,
Por quem ſinto huma auſencia ardente.
Roſim. Serás firme?
Polid. Eternamente } te hey de adorar.
Roſim. E eu tambem } até eſpirar. *Amb.*
Pois em fé de tal promeſſa.
Polid. Pois em fé deſſa lealdade.
Roſim. Deſte mal na ſaudade.
Polid. Deſte bem no ſentimento.
Ambos. O viver ſerá violento,
Será doce o acabar. *Vaõ-ſe.*

SCENA II.

Ante-Sala. Sahe Merlim, e pouco depois Bigorrilhas ao baſtidor.

Merl. SEnhores, onde poderey eſcapar deſte duendo, deſte demonio de Bigorrilhas, que com preſumpçõesde ſer minha ſombra, a todas as horas me ſegue, e me perſegue a todos os inſtantes. Se elle fora dinheiro, que mais queria eu, ſe o trazia ſempre comigo? Tenho

nho ajuſtado com Celeſtina hir vella ao ſeu quarto, e naõ ſey ſe o poderey conſeguir, porque por naõ hir à vinha de amor, me poz eſte trambolho a minha deſgraça, ſe naõ foy pregarme o mono andar ſempre amarrado a eſte cepo.

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. Hey de vigiar eſte feiticeiro naõ me faça algum maleficio a Celeſtina, ſe he que ella, e elle me naõ fez já algum beneficio.

Sahe Celeſtina.

Celeſt. Merlim, já naõ poſſo paſſar com ſaudades; aſſim venho a buſcarte correndo. Que fazes? por onde andas?

Merl. Pergunta-o a Bigorrilhas, que elle o ſabe tambem como eu.

Celeſt. A eſſe monſtro queres que o pergunte? Eſſe he o amor que me tens? Taõ mal me queres, que me mandas fallar com elle?

Bigor. Tomay lá.

Merl. Porque? elle eſtá eſcomungado? Ora naõ o achava voſſé taõ máo, quando lhe queria dar hum abraço.

Celeſt. Abra .... que? antes eu fora a baraço pregaõ pelas ruas publicas.

Bigor. Olhem a patifona.

Merl. Naõ he o diabo taõ feo como o pintaõ: porque Bigorrilhas he alguma couſa do outro mundo?

Celeſt. Sim, porque he couſa má.

Merl. Pois olha naõ te vá arraſtar alguma noite.

Bigor. Arraſtarlhe hey eu a aza, que he o que poſſo fazer.

Celeſt. Ay, naõ me metas medo. Apello eu!

Merl. Tu naõ pódes negarme que elle he airoſo.

Celeſt. Elle ſim tem ar no corpo, mas he depois que lhe deu hum eſtupor.

Bigor. E naõ te dá ati huma paralyſia na lingoa?

Merl. Ora elle naõ he feo de cara.

Celeſt. O roſto he huma panella velha com dous olhos de gordura.

Bigor. Ah quem te chegára com hum chicote!

Celeſt. Agora do nariz cá para traz, que haja algum que lhe chegue à ponta do pé; pois as ventas de propoſito as inventou a natureza para elle; porque ſaõ taes como os ſeus narizes.

Bigor. Ah quem te chegára aos teus!

Merl. Tu vas-me puxando pela lingoa; pois ſabe que he a boca da noite, e em

ſe

ſe pondo nella o ſol da india, faz hum eſcuro nos dentes, que he meter o dedo pelo olho; e diſſo deve de naſcer o máo cheiro que della ſahe, que he taõ valente, que a todos chega aos narizes.

Bigor. Eu eſtou deſvanecido de ouvir eſtes louvores.

Merl. Que tal eſtará a ſua alma a eſtas horas! *à parte.* E as mãos?

Celeſt. Saõ duas mãos de papel pardo, que pelo grande, bem podiaõ ſer duas reſmas.

Bigor. Oh más balas te paſſem; já naõ ha quem tanto ſoffra. Baſta Celeſtina, que deſta ſorte pondes a boca em mim por detraz, aſſim na minha auſencia tomais na boca a minha peſſoa? *ſahe.*

Celeſt. Uy, Deos me livre! Eu havia fazer tal porquidade? antes comer murrões de candeas.

Merl. Meu amigo, quem eſcuta de ſi ouve.

Bigor. Deſta vez eu farey queixa à Princeza minha Senhora, e ella ſaberá quem vós ſois.

Celeſt. Baſta, Bigorrilhas, que entendias que aquillo era de veras? Naõ foy ſenaõ huma peça, que te quiz fazer, por te ver eſcondido.

Bigor. Pois eu cá ..... he boa hiſtoria!

Merl. Anday que naõ ſois capaz de gracejar com voſco.

Bigor. Ora eſpere: pois eu cá.....

Merl. Por teu reſpeito me naõ faz ella mais favor.

Bigor. Ora minha Celeſtina, aqui para nós, ainda tem valimento para com tigo o teu amor?

Celeſt. Porque nenhum de voſſés ſe queixe, hey de dar o premio do ſeu amor a quem para iſſo me moſtrar o mayor merito.

Bigor. Pois tenha maõ, que eu digo primeiro as minhas boas prendas. Eu ſou muito bem naſcido.

Merl. Tambem eu naſci muito bem, ſem me ficar nenhum pedaço na barriga de minha Mãy: e de mais eu ſou muito bem criado.

Bigor. Tambem eu, graças a Deos, eſtou muito bem nutrido: e ſobre tudo tenho tantas forças, que me atrevo a levantar hum falſo teſtemunho por mais pezado que ſeja.

Merl. Eu naõ fallando nas forças, ſou taõ galante, que tenho dado cutiladas ſem numero, e em gente de bigode. Iſto he quando fuy barbeiro. *à part.*

Bigor. Eu ainda fiz mais; porque tenho feito mais mortes que cabellos tenho na cabeça. Iſto he quando me cato. *à part.*

Merl. Vá bugiar mentiroſo.

Bigor.

Bigor. Vá elle.

Merl. Naõ ſeja atrevido, que me diga a mim iſſo.

Bigor. Naõ ſeja inſolente, que me diga a mim eſſoutro.

Merl. Olhe que lhe hey de dar hum couce nas canellas.

Bigor. Olhe que lhe hey de dar huma cabeçada nos dentes.

Celeſt. Bom! hum tem marradas de boy, e outro manhas de beſtas: boas circunſtancias ſaõ as que nelles deſcobri.

Ambos. Pois qual te parece melhor?

Celeſt. Antes beſta, que do mal o menos; mas deixemos iſſo, que parará em pendencia, vamos a prendas tocantes.

Merl. Eu ſou hum Orfeo de obra groſſa.

Celeſt. E tu?

Bigor. Eu alguma couſa faço por mim, ſem que ninguem me enſinaſſe.

Celeſt. Ora vá Merlim.

Merl. Lá vay.

MINUETE.

Por te dar goſto
Já vou cantando,
E entoando
Fa, re, ſol, do,
Vay para lá

Vem

Vem tu cá ſol
Fa, re, ſol, do.
Quem tanto afina
Sabe ſer fino,
Mas do mofino
Naõ tenhas dó.
Oh quem me déra
Ser de teu goſto,
Porque bem poſto
Só eu o ſou.

Celeſt. Agora tu.
Bigor. Lá vou eu.

MINUETE.

Eu tambem quero
Darte hum deſcante,
Ainda que cante
Sem tom, nem ſom.
Que eu em cantando
Já deſafino,
E ſó dou fino
Pontos de amor,
Pois nelle eſtou
Sempre de ut,
Re, mi, fa, ſol.

Celeſt. Merlim, quando canta, eſpanta os males, tu eſpantas a gente.

Bigor.

Bigor. A mofina em tudo lhe acha geito.
Celeſt. Vá de verſos: lá vay

MOTE.

Eu vou de cá para lá.

GLOSA.

Merl. A dama a quem quero bem,
Me foge, e andamos ahi,
Ella dalli para aqui,
E eu cá daqui para àlem:
Perſigo-a, e ella tambem
Me faz andar doudo já:
A mim ſempre à poſta eſtá
Paſſa para lá conforme,
Se eu eſtou de cá, mas ſe a porme
Eu vou de cá para lá.

Celeſt. Que? viva, viva. Agora tu.

MOTE.

Amores ſe tu quizeres.

GLOSA.

Bigor. Aqui perco a opiniaõ, que eu naõ ſou para repentes; mas lá vay.

Filis ſe queres, verás
Hum, e dous, e argolinha,
Fica pé de papoulinha,

E o rapaz que jogo faz,
Paſſarás, ſim paſſarás
Bello páo para colheres
Mal me queres, bem me queres
Tu que vais, e tu que vens
Dáme cá os meus vintens
Amores ſe tu quizeres.

Ambos. Qual he melhor obra?

Celeſt. Direy. Merlim faz melhor os verſos; mas tu pareces mais Poeta. Ora lá vay a ſentença poſta por ſolfa.

ARIA.

Vaite, vaite rameloſo,
Naõ te moſtres taõ teimoſo,
Que he tolice:
Eu comtigo deſeſpero,
Vaite embora, naõ te quero,
Já to diſſe.
Vem tu cá minha doudice,
Que naſceſtes para mim
Tu namoras? bom arrocho.
Ay que goſto! ay que nojo!
Eu vomito,
Eſte ſim que he mais bonito
Goſto muito delle ſim.

Lá te eſpero. *para Merlim.*

Bigor. Muy bem deſpachado fiquey dos meus ſerviços. *Merl.*

Merl. Os seus serviços naõ cheiraõ bem, ninguem dará real e meyo por elles.

Bigor. Por amor de ti me vejo desvalido.

Merl. A'gora homem, ella em casa te ha de cahir, que mulheres sempre escolhem o peior. *Vaise.*

Bigor. Sim vaite esgueirando, que eu naõ vou já nas tuas ancas, e assim ha de ser até te apanhar em alguma diabrura. *Vaise.*

Mutaçaõ de apozento de Celestina, e junto ao escotilhaõ huma arca, e sahe Celestina.

Celest. Muito tarda Merlim! Elle naõ devia de poder escapar de Bigorrilhas: mas eylo que chega.

Sahe Merlim, e depois vem Bigorrilhas.

Merl. Se escaparey aqui daquelle maldito? Ora basta Celestina, que te saõ bem aceitos os meus rendimentos?

Celest. Primeiro quero saber a quanto chegaõ cada anno os teus rendimentos.

Merl. Ah naõ foras tu lacaya, logo naõ serias interesseira.

Celest. Ora porque tu naõ entendas que eu sou das que querem, porque querem muito; eu te vou buscar hum mimo de doces, que tenho guardado.

Faz que se vay, e diz Policena.

Merl.

Merl. Para mim?

Bigor. Aquillo.

Polic. Celeſtina. *Dentro.*

Celeſt. Ay meus peccados! Ahi vem Policena: que dirá ſe aqui te vê? Coitada de mim! Eſconde-te neſta arca.

Merl. Eu naõ hey de eſconderme.

Celeſt. E a minha honra?

Merl. E o meu valor?

Celeſt. Faze iſſo por mim.

Merl. Iſſo, e tudo o mais farey eu.

Celeſt. Pois naõ; iſto foy arremedar hum bocadinho de paſſo de Comedia.

Mete-ſe Merlim na arca, e ſahe Bigorrilhas depreſſa, e aſſenta-ſe na arca.

Bigor. Ah velhacos, iſto queria eu ver; agora naõ me levantarey daqui, ainda que venha ElRey, ſem vir alguem que veja as voſſas tratadas.

Celeſt. Ay pobre de mim!

Sahe Policena.

Polic. Celeſtina.

Celeſt. Senhora. Tantas merces!

Polic. Que faz aqui o Porteiro?

Bigor. Eu bem ſey o que faço; agora eſtá elle debaixo.

Celeſt. Senhora, he hum louco.

Bigor.

Bigor. Cahio o rato na ratoeira.

Polic. Que dizes?

Bigor. Eu bem ſey o que digo. Agora hey de pôr em publico a ſua tratada.

Polic. Levanta-te, e vaite. Eu farey, inſolente, com que te caſtiguem.

Bigor. Eu me vou; mas eu tornarey logo. Ora o diabo naõ tem ſono. *Vay roſnando.*

Celeſt. Ora graças a Deos.

Polic. Celeſtina, eu quero valerme de ti para neſte teu quarto fallar a meu irmaõ em couſa particular, por ſer parte mais retirada.

Celeſt. Já elle, Senhora, o ſabe?

Polic. Tambem queria que tu o aviſaſſes, e eu ficarey aqui eſperando.

Celeſt. Vou, Senhora, a obedecerte.

Faz Celeſtina que ſe vay, e ſahe Bigorrilhas, e Floriandro.

Bigor. Senhor, aqui eſtá neſta arca eſcondido: eu cá naõ quero arcas encoiradas: abra-ſe, e verſe-ha a minha verdade. Eu meſmo vi eſconder a Merlim.

Celeſt. Ay deſgraçada de mim, que agora ſe ſabe tudo! *à parte.* Póde haver mayor falſidade! Aqui eſtá alguem? *chora.*

Flor. Naõ te affliijas Celeſtina, que já conheço devia de ſer engano o que elle tanto

tanto affirma; pois de ti ſe naõ deve eſcrupuliſar; e mais eſtando neſta caſa o ſol de Policena, cuja luz he efficaz para deſterrar a menor ſombra de duvida.

Bigor. Senhor, aqui eſtá. Proteſto que ſe abra a caixa.

Celeſt. Primeiro ati te haõ de abrir a cabeça.

Polic. Naõ haverá ninguem, que ponha a menor duvida na tua verdade; porém para ſeu caſtigo faça-ſe o exame, que em ſe achando o contrario do que elle affirma, por minha conta fica a remuneraçaõ do teſtemunho.

Bigor. Sim Senhora, eu tomo ſobre mim toda a carga.

Celeſt. Senhora.

Flor. Diz bem Policena, em teu abono, e ſeu prejuizo he toda a diligencia: abre tu Bigorrilhas.

Celeſt. Deſgraçada mulher!

Bigor. Sim Senhor. Vou como hum Gamo: ora ſaya cá para fóra, ſe he homem.

Abre a caixa, e ſahe de dentro huma mulher com manto, e toalha.

Merl. Ay ſe eſtou mais hum moimento abafo na arca; já me hiaõ dando os meus fratros menencorios.

Bigor.

Bigor. Senhores, eu eſtou fóra de minha Mãy.

Celeſt. Senhores, eu eſtou admirada de tal ver.

Flor. Que mulher he eſta?

Polic. Eſte era o homem que viſte?

Bigor. Eu naõ ſey o que digo. Eſte Merlim, naõ he Merlim, he o diabo.

Celeſt. Senhora, eu ſe agora.....

Merl. Senhores, eu nunca fuy amiga de fantaſtegas, nem de eſquimeras, porque ao ſer prove tira o creto; proveza naõ he vileza, eramos de peſcaria. Eu ſou Avó deſta moça ha muitos annos; e como quiz a preminencia Divina, que ella vieſſe ſervir ao Paço de inRey meu Senhor, enche-ſe toda de vergonha cada vez que me vê taõ deſpreſivili, e agora vendo que vinhaõ Suas Senhorias me eſcondeo neſta arca, porque me naõ viſſem.

Celeſt. Aquelle eſcomungado quiz que eu tiveſſe agora eſta afronta.

Polic. Antes deves agradecerlhe o pezar, pelo goſto de ſe conhecer a tua innocencia, e a ſua maldade.

Flor. Eu me alegro, Celeſtina, de que fique mentiroſo, quem vos fez a vós mais verdadeira.

Bigor.

Bigor. Eu havia de jurar em cem pares do que quizerem, que he ve verdade o que diſſe. Ainda agora me eſtá parecendo eſta mulher ſer Merlim.

Polic. Que ſimplicidade!

Merl. Que diz o Senhor? que eu lhe paeço jorzelim? Ay filho naõ faça eſcarne das velhas, olhe naõ o caſtigue Deos, que ainda póde vir a ſer mais velho do que eu ſou.

Bigor. Sim, eſſa praga me caya.

Merl. Ay Deos dê o Ceo a Marta Fragoſa, minha Mãy; na grolia eſteja a ſua alma, que foy mulher muito groſſa, tinha hum patrocinio de dinheiro, era taõ amiga de todos, que nunca negou o ſeu a ninguem, e por iſſo ſe vio tantas vezes arraſtrada; mas o que mais a deſtruio, foy mey Pay, que pagou grande tirbuto à mocidade, gaſtando todo o cabidal com tanta giribitancia, que todos ficáraõ atolicos de tal ver; mas depois que vio huma noite huma avanteſma ficou intimidado; mas deſde que iſſo lha ſoncedeo, compeçou a ſer hum eſprital de miſerias, teve huma manica de achaques; porque elle teve gota armenica, teve dores esferas, teve refeiçaõ de oirinas; e quando diſto melhorava

lhorava, tinha na cabeça humas dores de enchaquetas, que andava a tombos, e ſendo elle bem carnudo, e bem repoſto, veyo a pôrſe taõ acabado, que parecia hum eſcarleto vivo, huma eſcapula de morto: por eſta cauſa naõ precipitey eu dos ſeus cabedeis, que vim a tanta proveza, que bem diz lá o ditado, que onde has de hir, naõ has de mentir.

Polic. Divertida me tem a eſquiſita fraze deſta velha.

Flor. Boa occaſiaõ perdi de fallar a Policena com algum deſcanço.

Bigor. E v. m. foy caſada?

Merl. Eu fuy caſada com hum homem marinho, e muito altoriſado, porque era Gardiaõ de huma náo; antes de me areceber andava feito hum cambaliaõ, bebendo os ares por mim, e era de tanto reſpeito na peſſoa, que cada vez que me paſſeava arodiado de todos os ſeus marujos, parecia o Rey de divina marca com toda a ſua comeſtiva.

Bigor. A mulher he divertida.

Merl. Ay filho, iſto eſtá acabado, no meu tempo ninguem me punha o pé adiante; mas depois que tive os meus flatos vitorinos, que he a mayor pinſaõ do ſexo femilino, nunca mais pude bailar, nem cantar.

Bigor.

Bigor. Oh, pela ſua vida, vá alguma couſinha.

Celeſt. Olhe agora o que diz! minha Avó já naõ eſtá para iſſo.

Merl. Ora por dar goſto a eſtes Senhores, quero cantar hum bocadinho.

Bigor. Abençoada ſejas.

Canta Merlim a ſeguinte

ARIA.

Ay! já eſtou muito acabada,
Naõ ha mal que me naõ ſiga,
Cando eu era rapariga
Era muito folgazona:
Antances bailava, aytona
Dous ſaõ dous, e tres ſaõ tres:
Ay os frautos, ay, hum ay; *arrota.*
Ahi tem voſſas merces.
Eiſaqui todo o meu mal.
Pois que vay? eu naõ o dixe
Eſte frauto eſcomungado
Em tudo ſe quer meter,
Como he taõ entremetido,
Naõ me deixa bem fallar.

Flor. Notavel he o genio da velha, eu prometto favorecerte por cauſa de Celeſtina: e agora vay tu meſmo Bigorrilhas a conduzilla.

Merl.

Merl. Noſſo Senhor lhe pague eſſa caridade. Ora entrementes meus Senhores: adeos minha Senhora, noſſo Senhor lhe dê huma fortuna muito formoſa. Celeſtina, adeos menina, obſervaivos com eſtes Senhores, naõ deſacrediteis a voſſa recendencia.

Bigor. Vamos Senhora Velha. *Vaõ-ſe.*

Celeſt. De boa me livrou Merlim com ſuas prodigioſas artes. *à part. e vaiſe.*

Flor. Meu bem, Senhora, he poſſivel que ſeja competidora a minha fineza da tua tyrannia? he poſſivel que ſeja tal a tua dureza, que oſtente igualdades com a minha conſtancia? o que a tudo leva exceſſo, ſó achee xemplares o meu damno?

Polic. Naõ ignoro, Floriandro, as circunſtancias que concorrem para fazer attendiveis os teus obſequios: eſte conhecimento ſeja alivio aos teus pezares. Da minha parte faço o que devo em reconhecer tanto as minhas obrigações, como as tuas perrogativas; ſe naõ pago os teus extremos, naõ me culpes a mim, que te naõ ſou adverſa; culpa as eſtrellas, que te naõ ſaõ propicias.

Flor. Para mim naõ ha mais eſtrellas que as dos teus divinos olhos: e já que eſſas influem ſempre em meu damno, ſem

que baſtem exceſſos amantes a mere-cellos propicios a meus decentes obſe-quios, trocado o ſoffrimento decoroſo em furioſa deſeſperaçaõ, conſeguirá a força o que naõ póde abrandura, acaba-rá a violencia o que naõ conſeguio a ſuavidade.

Canta Floriandro a ſeguinte

ARIA.

Oh belliſſima tyranna,
Quem he eſſe que te engana?
Oh cruel, que me mataſte
Deſprezando a minha fé!
Se conheces o meu trato,
E eſſe amante he ſempre ingrato,
Ultrajarte para que?

SCENA III.

Sala. Sahem ElRey, e Roſimunda.

Rey. HE preciſo, Roſimunda, que para ſuſtentar o pezo da Co-roa, ſe appliquem mais hombros; pois como o reinar he taõ pezado, que quan-to mais dura, mais fatiga, já os meus ſe ſentem enfraquecidos, e ſe lhe naõ

duplico

duplico as forças para a segurança, os que hoje se vem opprimidos, cedo se verão prostrados. Já huma vez te dey noticia de que varios Principes te pretendem para espoſa; ficaſte de resolverte na eleyçaõ, que o carinho antepoz às leys do teu goſto as razões do meu estado; e como até aqui me naõ tenhas respondido, agora te mando tomes a resoluçaõ ultima, para o que te concedo sómente o termo de dous dias. Niſto interesſo naõ só o alivio de tanto pezo que me opprime, mas o descanço de tantos cuidados que me desvelaõ, depois que ouvi nomear o Principe Polidoro, a quem tenho natural aversaõ.

Roſim. Pay, e Senhor, bem reconheço a especial mercê, que me fazes, em permitir que se execute pela minha escolha o que só depende de tua resoluçaõ; porém quizera, que me concedeſſes mais dilatado tempo, para a eleyçaõ do que ha de durar toda huma vida. Naõ sey como embarace a ſua resoluçaõ, pois a brevidade he tanto contra os meus intentos. *à parte.*

Rey. O que tenho dito se execute sem mais demora. Naõ sey que receya a alma desta repugnancia. *à parte.*

Roſim. A' tua diſpoſiçaõ reſponderá a minha obediencia. Toda a alma ſe enche de ſentimento. *à part. e vaiſe.*

Rey. A ſemelhança que me dizem tem eſte eſtrangeiro com o Principe Polidoro, me trás inquieto, pois ſó a ſua imagem me offende; e tanto que agora do natural amor que me devia, ſe trocou em natural averſaõ que já lhe tenho.

Sahe Merlim pela meſma parte por onde entrou Roſimunda.

Merl. Aonde acharey Polidoro, para lhe dar o recado que agora me deu Roſimunda? Mas cá eſtá Sua Mageſtade. Senhor.

Rey. Merlim, como te vay em Palacio?

Merl. Entre mal, e bem: ha muito comer, mas ha muito que trabalhar.

Rey. Pois tu tens trabalho? Que occupaçaõ he a tua?

Merl. A minha occupaçaõ he eſtar ocioſo.

Rey. Iſſo he deſcanço.

Merl. Naõ he tal, que o meu officio he o mais trabalhoſo, que ha na caſa Real.

Rey. Que officio he o teu?

Merl. Eu Senhor, ſou Sevandija de Palacio: o meu exercicio he fazer rir a todos: vê tu ſe ha mayor trabalho, que viver

viver de graça, onde o melhor que me ſuccede he rirem-ſe todos de mim.

Rey. Ha mayor fortuna, que ter o dom de fazer rir a todos? Para ti o riſo he applauſo, naõ he ludibrio.

Merl. Eu bem ſey, que bom he ter eſſe dom, mas eu antes quizera ter huma Senhoria, que mais me haviaõ de eſtimar.

Rey. A eſtimaçaõ melhor he a que adquirem as prendas. *Vaiſe.*

Merl. Naõ pegou a labia. Grandes applauſos, Senhor Merlim! ElRey favorece-me muito; mas eu naõ me animo muito diante delle, alguma couſa devo de deverlhe.

Sahe Polidoro.

Merl. Polidoro, ſe tu tardavas, a Princeza Roſimunda me diſſe tinha couſas muito importantes que communicarte, e que para eſſe effeito te conduziſſe ao pomar, por ſer parte mais retirada.

Polid. Pois Merlim, que eſperamos? naõ dilatemos a occaſiaõ de fallarlhe: vamos.

Merl. Segue-me. *Vaõ-ſe.*

Mutaçaõ

Mutação de pomar, e huma arvore estará junto aos bastidores de sorte que não embarace a vista do fundo, e sahem ambos por outra parte.

Merl. Aqui esperar póde, em quanto eu vou fazer certa diligencia de gosto.

Vaise pela banda da arvore.

Polid. Ainda cá não está Rosimunda: cousas devem ser de grande cuidado as que quer communicarme, pois a obrigão a tal excesso.

Sahe Merlim com huma cadeira, que poem atraz da arvore.

Merl. Deixa-te estar ahi, que a seu tempo servirás.

Polid. A que effeito conduzes Merlim para este sitio essa cadeira?

Merl. Has de saber, que segundo a força do meu genio fiz esta cadeira, com tal arte, que quem lhe pozer a mão ficará immovel, e quem nella se assentar adormecerá com hum sono taõ profundo, que não acordará, sem que eu lhe toque com a pedra deste anel: e tudo isto se encaminha a fazer huma notavel peça a Bigorrilhas.

Polid. Notavel he a tua travessura.

Sahe

Sahe Roſimunda apreſſada.

Roſim. Ay Polidoro, morta venho!

Merl. Pois retira-te, que nós naõ goſtamos de couſas do outro mundo.

Polid. Que he, Senhora, o que tanto te affligе?

Merl. Alguma reſtituiçaõ, que deixou de fazer.

Roſim. Tormentos que hey de ſentir eternamente.

Merl. Se a pena he eterna, condemnada eſtá a tua alma.

Polid. Declara-te já, naõ me dês o veneno com pauſas; que quando aos ſeus impulſos ſe ha de perder a vida, na brevidade da morte ſe transforma o rigor em beneficio. Dize, que a tudo o que for alivio teu, acharás diſpoſto o meu animo.

Merl. Es grande devoto das almas do inferno: naõ vês que já lhe naõ aproveitaõ os ſuffragios?

Roſim. Has de ſaber, que ElRey meu Pay com rigor inhumano me deu ſómente dous dias de prazo, para dentro delles me reſolver na eleyçaõ de eſpoſo: bem ſabes que ſendo iſto contra o noſſo amor, he para mim occaſiaõ de mayor ſentimento.

Merl.

Merl. Ah! eſta padece por cazar: muitas companheiras tem.

Polid. Pois, Senhora, agora naõ he tempo de ponderar o mal, ſenaõ de remediar o damno.

Sahe ElRey por junto da arvore, e detraz della ſe poem junto à cadeira.

Rey. Para aqui vi entrar a Roſimunda apreſſadamente, e como de tudo tira cuidado o meu receyo, quero examinar a cauſa. Mas aqui Polidoro! Naõ foy em vaõ o meu receyo. *àparte.*

Roſim. Naõ he neceſſario, amado Polidoro, certificar eſte exceſſo da fineza com que te amo; pois as peſſoas como eu, em materias de amor, baſta confeſſallo para encarecello.

Rey. Que he o que eſcuto, pezares!

Polid. Pois ſuppoſta eſſa verdade, he preciſo dar a grande mal, grande remedio. Farás pelo meu amor huma fineza?

Roſim. A' tua diſpoſiçaõ eſtaõ os meus exceſſos.

Merl. Ella eſtá por tudo. Naõ he taõ má alma como eu cuidava.

Rey. He certo o que vejo, penas!

Polid. Pois ſerás minha, a pezar de todo o mundo que te embaraçe?

Roſim.

Roſim. Palavra te dou de naõ admittir para conſorte meu outro, que naõ ſeja o Principe Polidoro, mais que niſto aventure a propria vida.

Rey. Darey credito aos olhos? darey fé aos ouvidos?

Polid. Pois meu bem, já que logro tanta ventura na tua promeſſa, ſeja a tua nevada maõ, naõ ſó fiança da tua palavra, mas principio ditoſo de minhas felicidades.

Rey. A colera me ſuffoca; pagará com a vida a ſua aleyvoſia, e a minha offenſa. *Quer moverſe, e naõ póde.* Mas que he iſto! immovel eſtou! O ſuſto me embaraça o movimento.

Merl. Ora que lhe ha de fazer, ſe lha offereceſte de eſpoſa, que importa que agora lha dês de antemaõ? Iſto ſaõ mãos perdidas, ſendo ventura que elle ganha por maõ.

Roſim. Seria taõ impoſſivel, que em mim houveſſe acçaõ menos modeſta, como tornarſe em dezertos montes o ameno deſtricto deſtes pomares.

Merl. Pois naõ ſeja eſſa a duvida, que já eſtás na ſolidaõ dos montes.

Mutaçaõ

Mutaçaõ de montes, e correndo-ſe a arvore fica ElRey patente.

Roſim. Notavel prodigio!

Rey. Raro aſſombro!

Polid. Já naõ pódes negar o favor que ſolicito.

Roſim. Admirada eſtou!

Merl. Ay meus peccados! Naõ te admires diſſo ſó; ſe queres admirarte mais, olha para teu Pay ElRey.

Rey. Naõ tenho mais ſinal, que de vivo ſentimento que me irrita.

Roſim. Ay de mim! Sem alma eſtou!

Cahè deſmayada.

Polid. Deſmayada eſtá Roſimunda! Merlim, que hey de fazer?

Merl. Naõ te afflijas, que ElRey eſtá immovel, e eu vou buſcar agoa para o deſmayo. *Vaiſe.*

Rey. Já deſta continua luta me ſinto taõ proſtrado, que faltaõ forças para ſuſtentarme em pé. Aqui tomarey algum deſcanço. *aſſenta-ſe.* Mas que nova offuſcaçaõ de ſentidos me opprime! Já vay ſepultando-ſe a luz do dia em negras ſombras, ſe naõ he que a horrivel parca me cerra os olhos em ſempiterna noite.

adormece.

Canta

Canta Polidoro a seguinte

ARIA.

Ay de mim!
O rigor de meu destino
A tal ancia me condemna:
Se he verdade o que examino,
Basta o susto, basta a pena
Para ser da morte ensayo.
Ay meu bem, no teu desmayo
Meu alento ha de acabar!
Torna em ti
Doce prenda, naõ me escuta
Bello encanto a triste sorte:
Já o rigor da dura morte
No meu peito se executa;
E acha a parca enfurecida,
Quando em ti me tira a vida,
Novo modo de matar.

Sahe Merlim com huma quarta de agua, e torna em si Rosimunda.

Rosim. Ay de mim!

Polid. Torna meu bem a dar vida a quem de sentimento espira!

Merl. Ora com o favor de Deos naõ ha de ser nada: aqui lhe trago huma bilha; mas ella naõ tem agoa, nem me parece que a teve nunca, porque está seca como

mo hum páo; mas já naõ ſerá neceſſario. Ainda bem.

Roſim. He poſſivel, que ElRey meu Pay, foy teſtemunha dos meus occultos ſegredos!

Polid. Ao ſono parece que o vejo rendido.

Merl. Aſſentou-ſe na cadeira? pois bem pódem deitarſe a dormir, deſcanſem que elle naõ acordará, ainda que lhe toquem tambores aos ouvidos.

Polid. Que havemos de fazer?

Merl. Eu darey remedio a tudo. Agora quero divertillos hum pouco, moſtrando-lhe o que vay pelo mundo. Queres bella Roſimunda, ver a batalha que ſe eſtá dando entre o exercito Hungaro, e o de Polidoro teu eſpoſo? pois inclina a viſta.

Mutaçaõ de campo de batalha, e dentro ſe ouve eſtrondo de armas.

Roſim. Admiraçaõ, e horror me cauſa ao meſmo tempo eſta prodigioſa viſta.

Polid. Eu eſtimarey, Senhora, ſer o vencido, porque ſejaõ voſſos todos os triunfos.

Merl. Pois eſta vez naõ ſerá aſſim, porque já os teus Soldados acclamaõ vitoria.

Dentro. Viva Polonia.

Outros.

Outros. Rendidos ſomos.

Roſim. Venceſte Polidoro; mas naõ he novo achares em Ungria rendimentos.

Merl. Ora vejaõ agora anticipadamente o luzido applauſo, com que na Corte ſe ha de celebrar a vitoria as primeiras noites das noticias.

Mutaçaõ de Cidade, e as janellas cheas de luminarias.

Roſim. Oh quam plauſiveis me ſaõ os teus triunfos!

Polid. He porque todos ſaõ troféos de tuas plantas.

Merl. Digaõ o que quizerem, elle ſempre eſtá huma galante perſpectiva. Quem vir tantas luzes, naõ ha de dizer ſenaõ que ſaõ janellas com luminarias. Vem todos eſſe apparato luzido, pois proveito dos ratos.

Polid. Porque?

Merl. Porque das propinas deſtas luminarias, elles he que haõ de lamber a torcida. Oh Senhores, tem voſſas mercês viſto? pois adeos luzes.

Corre-ſe a mutaçaõ, e fica de pomar.

Polid. Pois Roſimunda, já que me prometteſte obrar por mim quanto eu diſpozeſſe,

pozeſſe, tenho determinado levarte para Polonia roubada, já que eu comtigo naõ poſſo ficar em Ungria; para o que tenho diſpoſto, que huma pequena fragata ao cahir das ſombras nos venha a eſte ſitio eſperar, para conduzirnos a huma forte náo, que no mar nos eſpera. Que reſpondes meu bem?

R*oſim.* A tudo ſe offerece quem a amar ſe ſujeita. Goze eu da tua companhia, ainda que ſeja à cuſta dos mayores perigos.

Polid. Pois, Senhora, com o ſeguro de tanta felicidade começa a alentar o meu coraçaõ. Vamos, que de tarde eu te aviſarey por Merlim.

R*oſim.* Ay amor, a quanto obrigas!

Vaõ-ſe.

Merl. Já lá haviaõ de eſtar, que tenho aqui que fazer. Ora vamos acordar El-Rey, fazendo pedra de toque deſte anel. Agora por aqui me ſirvo. *Vaiſe.*

Rey. Que pezado he eſte ſono! Que ſonho taõ terrivel!

Canta

Canta ElRey a ſeguinte

ARIA.

Triſte ſuſpiro,
Louco deliro,
Sem ter ſocego
Neſte pezar.
Ay filha ingrata
Aonde eſtás?
Sinto, padeço,
Louco endoudeço
Deſeſperado
Com tanto mal.

Rey. Olá, Floriandro, Roſimunda, Criados.

Sahem Floriandro, Roſimunda, Celeſtina, e Bigorrilhas.

Flor. Senhor, de que dás vozes?
Roſim. Que he, Senhor, o que te afflige?
Celeſt. Que he iſto?
Bigor. ElRey devia ver alguma couſa má.
Rey. Floriandro, naõ viſte mudarſe o agreſte dos montes para eſte ſitio, trocando a agradavel verdura deſtas ramas em toſcas aſperezas dos ſeus penhaſcos?
Flor. Naõ te entendo; mitiga, Senhor, o ſentimento.

Rey.

Rey. Naõ viſte que em offenſa da minha Real peſſoa, em parte mais ſenſivel que a meſma vida, executou os golpes ſua aleyvoſia, o meu mayor inimigo.

Roſim. Que dizes, Senhor? Mitiga hum pouco a paixaõ.

Celeſt. Elle eſtá louco.

Bigor Queira Deos naõ andaſſe por aqui Merlim.

Rey. Ay de mim! hide-vos todos, hide-vos da m nha preſença.

Flor. Já, Senhor, te deixamos. *Vaõ-ſe.*

Rey. Eſpera tu Floriandro.

Flor. Que he, Senhor, o que me mandàs?

Rey. Floriandro amigo, eu eſtou mortal. Metido eſtive até agora em hum profundo lethargo: eu vi que eſtas arvores ſe transformáraõ em montes: eu vi, ay infeliz! que o Principe de Polonia eſtava com minha filha Roſimunda, e que em minha offenſa lhe dava ella a maõ de eſpoſa, e em meyo de tantos pezares me vi ſem forças para caſtigar a injuria, e ſem alento para ſuſtentar a vida.

Flor. Notavel força de melancolia! Senhor, eu me perſuado a que foy ſonho, e naõ realidade quanto me referes; porque taõ difficil he mudarſe os montes, como faltar na Princeza os pundonores de

de filha tua. Socega, Senhor, a vaga imaginaçaõ, e diſcorre com melhor acordo.

Rey. Já concedo, que ſeria ſonhada a cauſa do meu ſentimento; mas porque eſte ſonho naõ ſeja pronoſtico da minha deſgraça, eu quero pôr todo o cuidado em evitar a cauſa de tantos ſobreſaltos: e aſſim, Floriandro, eſta tarde quero que diſponhas huma caçada, aonde vá toda a familia de Palacio, e nella determino tirar a vida a Polidoro, attribuindo a erro de algum monteiro a ſua infelicidade. Iſto ha de ſer, de ti me fio, e logo quero que executes as minhas ordens.

Flor. Senhor, a tua vontade he ley da minha obediencia.

Rey. Vamos pois. Ay Roſimunda, quantos deſvelos me cauſas!

Flor. Ay Policena, quanto a tua pena me afflige! *Vaõ-ſe.*

SCENA IV.

Sala. Sahem Policena, e Merlim.

Merl. QUeres, Policena, que te torne a dizer o recado para que te naõ eſqueça? Ora lá vay.

Polic. Naõ, Merlim, naõ te canſes, que já

já eſtou muito bem advertida.

Merl. Saiba que na deſcida dos Acipreſtes, junto à fonte que tem cara de Leaõ de pedra, has de eſperar alli à boca da noite; mas naõ lhe metas o dedo, que te póde morder, ahi te hiremos buſcar, naõ para pôr pés em polvoroſa, que em te metendo no mar, naõ has de ver palmo de terra, mas para meter pé em barco com Polidoro.

Polic. Em fim tornaſte a dizer tudo; es teimoſo.

Merl. Tenho dado o meu recado: adeos até à tarde. *Vaiſe.*

Polic. Ainda naõ creyo a minha ventura. He poſſivel que me hey de tornar a ver em Polonia, e que hey de hir na doce companhia de Polidoro! Oh ſe quizeſſe amor, que eu tiveſſe abrigo em ſeu peito, para ſer completa a minha felicidade!

Sahe Bigorrilhas.

Bigor. ElRey me chama; grande mercê! Eu eſtou que naõ caibo na pelle, e iſto deve ſer porque trago a ElRey na barriga.

Polic. Muy divertido vás.

Bigor. Eu já naõ fallo a todos.

Polic. Porque? eſtás com alguns augmentos? *Bigor.*

Bigor. Sim Senhora, naõ vês como eſtou gordo.

Polic. Da meſma ſorte te vejo.

Bigor. He que me naõ vês com bons olhos: ſenaõ eſtou gordo, eſtou inchado.

Polic. Inchado, com que?

Bigor. Com o favor de ElRey.

Polic. Es agora valido?

Bigor. Antes elle he que ſe quer valer de mim, pois me chama: eu ſupponho que iſto reſultou deſtes novos namorados.

Polic. De quem?

Bigor. He cá hum certo rum rum, que anda em Palacio.

Polic. Dize-me o que he iſſo.

Bigor. Ora eſſa he boa, pois eu havia ſer tal, que diſſeſſe huma couſa de tanto ſegredo? eu havia declararte que Polidoro namora a Roſimunda? Boa graça! appello eu por mim!

Polic. Que eſcuto adverſos fados! Ainda me faltava eſte tormento que ſentir. E dize como ſe ſabe iſſo?

Bigor. Ay Senhora, a muito má porta vens bater: da minha boca havia ſaberſe couſa que defamaſſe ninguem? iſſo naõ; outro fora eu que diſſera que ElRey ſe esbravejou muito, e que diſſe que vira a Polidoro com a Princeza fal-

lando de amores; que havia fazer, e acontecer; mas eu, Deos me livre. Senhora, fica-te embora, e de mim naõ eſperes ſaber nada. *Vaiſe.*

Polic. Ay de mim! Se haverá mais penas a que me condemne a minha infauſta ſorte? Polidoro deſprezando os meus affectos, me obrigou a ſentir ingratidões: o fado deſterrando-me de Polonia me condemnou a chorar auſencias, e agora amor apurando os ſeus rigores me mata com ciumes. Se haverá quem naſceſſe com menos ventura? Porém ſe Polidoro me determina levar de Ungria, e elle ſe auſenta para Polonia, como póde ſer certo o que ſinto? Piedoſos Ceos, day algum alivio a meus pezares.

Sahe Floriandro.

Flor. Galharda Policena, ainda que o teu rigor faz em mim inutil o merito, haõ de competir com as tuas tyrannias as minhas finezas, e recebe por huma das mayores o aviſo de que ha quem determina dar morte a teu irmaõ Polidoro: ſuppoſto que eſta declaraçaõ ponha em grande riſco a minha peſſoa, quero antes perder por ti a vida, que ver derramado o teu ſangue; aviſa-o pois que logo ſe auſente. *Polic.*

Polic. Deitou a fortuna o reſto, eſte he o mayor de todos os pezares. *àparte.* Sem duvida he certo o que ſe me diſſe. Ah ingrato, tyranno, que te expões a morrer, ſó por tirarme com a pena a vida.

Flor. Faze o que te digo com todo o ſegredo, e fica-te embora, que mais me naõ poſſo dilatar. Eſta tarde ſerás roubada na montanha, que já para iſſo naõ conſegue o logo. *àpart. e vaiſe.*

Polic. Vou aviſar a Polidoro, e ſerá o conſervarlhe a vida fazer mayor a ſua ingratidaõ. Oh quanto te devo Floriandro! Se forem certos os meus aggravos, proteſto corresponder às tuas finezas.

Mutaçaõ de boſque. Sahem El*Rey, e Bigorrilhas.*

Rey. Vê o que te encarrego, tem cuidado, e tem ſegredo.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Naõ percas de viſta os Soldados.

Bigor. Naõ Senhor.

Rey. Se ſe executar a morte da peſſoa que eu diſſer, vay tu publicando, que por erro matáraõ os monteiros a Polidoro, hindo a atirar a huma féra.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. E vê que em iſto ſe executando, ſe-

naõ

naõ deixe paſſar ninguem para fóra da montanha.

Bigor. Naõ Senhor.

Rey. Diſto darás logo aviſo aos Soldados.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Nada te eſqueça.

Bigor. Naõ Senhor.

Rey. Vay agora ver ſe ſahio já a familia de Palacio para a caçada.

Bigor. Sim Senhor. *Faz que ſe vay.*

Rey. Mas eſpera.

Bigor. Naõ Senhor.

Rey. Que dizes?

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Homem eſtás fóra de ti?

Bigor. Naõ Senhor

Rey. Faze o que primeiro te ordeney.

Vaiſe.

Bigor. Sim Senhor. Ora Senhores, tenha hum homem juizo, ainda que ſeja hum aſno. ElRey havia dizer que eu ſou homem de poucas palavras; pois ſó duas lhe diſſe em todo o tempo que lhe falley.

Sahem dous Soldados.

Sold. 1. Saõ horas de hirmos ao ſitio que ſe nos ordena.

Sold. 2. A' ſua ordem vimos.

Bigor. Naõ he nada, eſtou feito official de ordens,

ordens, ainda que melhor fora de matrimonios: já me luzio o valimento. Vamos Senhores Soldados.

Sold. Vamos. *Vaõ-se.*

Sahem Polidoro, e Merlim.

Polid. Se me favorece a fortuna, como o pede o meu atrevimento, hoje terá principio a minha felicidade.

Merl. Grande mal nos eſpera.

Polid. Que dizes?

Merl. Naõ he quaſi nada, naõ te aſſuſtes, que naõ he mais que eſtarmos ambos condemnados à morte: eſta montaria naõ he mais que para nos caçarem.

Polid. Ha mais adverſa fortuna!

Merl. Vindo agora em buſca de ti encontrey toda a comitiva de Palacio, que acompanhava a Princeza, e paſſando por junto a mim Policena, me diſſe com grande diſſimulaçaõ, que eſta tarde eſtava determinado o tirarte a vida, que logo te retiraſſes para a náo, e que eu a conduziria a ſeu tempo. Pois que te parece?

Polid. He a mayor infelicidade que a ſorte me tinha guardado. Ay de mim!

Merl. Ora eilo vay, naõ comeces a fazer choradeiras, tu bem pódes hir para a tua terra. *Polid.*

Polid. Antes quero perder a vida, que perder a Roſimunda, que he a alma que me anima.

Merl. Pois eu antes queria hir para Polonia deſalmado, que ficar eſtripado em Ungria.

Polid. Ay amada Roſimunda!

Merl. Coitadinho! Ora naõ chores, que a tudo te hey de dar remedio.

Polid. Oh Merlim, quanto me tens obrigado! já he pouca á vida para pagarte, pois tantas vezes ta devo.

Merl. Ora deixa-te de comprimentos, que naõ eſtamos agora para iſſo, toma ſentido: para tu paſſares pelas guardas tens o meu anel que te fará inviſivel, e eu porque ſerá lá preciſa a minha aſſiſtencia, hirey diſſimulado com a fórma de rapaz pequeno, que ninguem me impedirá a paſſagem.

Polid. Dá-me os braços Merlim, por taõ bem diſpoſta traça.

Merl. Irra! guarde para lá: com que eu ſou o que lhe faço os beneficios, e eu ſou o que lhe hey de dar de mais a mais os braços; dou-te hum pé para eſcapares dos perigos, e tu queres ſer como o villaõ, que lhe daõ o pé, e toma a maõ. Mas eſpera que alli vem ElRey eſcondido

dido atraz daquellas matas; eſpera que naõ quero que me veja comtigo. *Vaiſe.*

Sahe ElRey, e hum Soldado.

Rey. Aqui vay Polidoro, adiantarme-hey a dar aviſo aos Soldados; e tu torna para traz, e em vendo que eſte Eſtrangeiro terá paſſado pelos guardas, que eſtaõ junto ao poço, vay darme aviſo do que ſucceder.

Vay ElRey para a outra parte, e o Soldado vay para onde veyo.

Polid. Agora que ElRey paſſou, hirey buſcar a Merlim, que eſcondido me eſpera. *Vaiſe.*

Apparece o fundo de montes, e junto ao eſcotilhaõ hum bocal de poço, e ſahe Bigorrilhas, e os Soldados com eſpingardas, e poem-ſe Bigorrilhas da parte eſquerda, e os Soldados da direita.

Bigor. Ora Senhores Soldados, ponhaõ-ſe à lerta, que ſe caçaõ o tal coelho, eſta vez pelos noſſos ſerviços ficaremos com o habito; mas ſerá de algum vicio.

Sold. 1. Em mim naõ haverá deſcuido.

Sold. 2. Eu de tudo eſtou advertido.

Sahe

Sahe ElRey por junto de Bigorilhas.

Rey. Em ſe executando o que ordeney, vay logo publicar o que te diſſe.

Bigor. Sim Senhor.

Rey. Ao primeiro homem, que depois de mim paſſar, atirareis, e depois o precipitareis na profundidade deſte poço.

para os Soldados, e vaiſe.

Sold. Tudo ſe executará como ordenas.

Sahem Polidoro, e Merlim de rapaz.

Merl. Vás aqui, Senhor.

Polid. Aqui vou.

Merl. Pois vay afouto, que ſendo hum taõ grande Principe, me pareces hum ninguem.

Paſſa Polidoro por Bigorrilhas, e pelos Soldados, e ſe vay.

Merl. Ora vamos debicar hum pouco com Bigorrilhas.

Bigor. Oh pequeno aonde vás?

Merl. Eu?

Bigor. Pois quem? tu.

Merl. Vou, vou... eu bem ſey para onde vou.

Bigor. Guarda-te para lá.

Merl. Apoſtemos nós, que naõ ſabe v.m. para onde eu vou? *Bigor.*

Bigor. Pois dize para onde.
Merl. Eu vou aquillo... vou a... como ſe chama? Oh, já ſey; vou ver caçar.
Sold. 1. Olhem a curioſidade do rapaz.
Sold. 2. Eſte naõ póde ſer o que ElRey nos diſſe.
Sold. 1. Porque? elle he Herodes, que mande matar innocentes.
Bigor. Rapaz, vaite embora para tua caſa, naõ queiras levar alguma dentada de algum porco montez.
Merl. Ora v. m. ha de-me deixar hir; que ha de fazer?
Bigor. Guarte lá; que diabo he iſto?
Merl. V. m. tem a fralda fóra, ſurriada, ſurriada, á, á, á, á. *ri-ſe.*
Bigor. Vem voſſés o rapaz dando-me vayas.
Sold. 1. O maroto he deſcambado.
Merl. Ora deixe-me paſſar, que eu lhe cantarey huma cantiga bem bonita.
Bigor. Canta lá.
Merl. Ay fam farram fam fam. *ri-ſe.*
Sold. O rapaz parece que nos logra.
Bigor. Tu andas na eſcóla?
Merl. Sim Senhor.
Bigor. E que dás?
Merl. Eu dou beliſcões nos rapazes.
Bigor. Soletra lá alguma couſa.
Merl. S. P. qto. cartaxo, f. x. me le o maõ de gral.

Bigor.

Bigor. Ora o rapaz he ſolemne! *ri-ſe.*

Merl. Quer v. m. que eu lhe cuſpa na cara?

Bigor. Naõ, naõ, eſtá quieto: que mais ſabes fazer?

Merl. Eu ſey fazer, e mais ſey muitos jogos, e pois? Eu ſey fazer o ſom da caixa, ſey a roda dos altos couces, ſey a corneta, lá vay Luzia, ſey o páo manda, o páo fica, e.....

Bigor. Baſta, baſta, rapaz, de naõ ſey que diga.

Merl. Sey dizer ſeſta bareſta; ſey dizer ferrolho, ferrolho, o diabo te quebre hum olho; taramella, taramella, o diabo te quebre huma perna.

Bigor. Baſta homem, baſta.

Merl. Sey fazer pocinhas de mijo na praya, ſey fazer caca por mim, e mais por v. m. e ſey fazer aſſim.

Sold. 1. Oh ſim, he bonito!

Merl. Ora deixe-me paſſar, que eu lhe contarey huma hiſtoria.

Bigor. Ora dize lá.

Merl. Era huma vez hum corujo de penedo, que tinha ſeis cornos tamanhos, e hum rabo taõ comprido; com que Senhor, foy elle, hia paſſando por huma rua, ouvio chorar hum menino, vay elle que faz? ſubio pela eſcada acima para

ra pegar no menino, vay o menino, vay elle, e antance o corujo, vay, e toma o corujo, e o menino: e naõ ſey mais. Ora deixeme paſſar.

Bigor. Ora vaite já com naõ ſey que diga.

Merl. E v. m. deixa-me paſſar?

Sold. Paſſa, avia.

Merl. Surriada, que os logrey. *Vaiſe.*

Bigor. Ver o deſaforo do rapaz!

Sahe hum Soldado.

Sold. Supponho que já terá paſſado o ſujeito, que ElRey diſſe. Senhores Soldados. *Vay aos Soldados.*

Sold. 1. Eſte he ſem duvida o que eſperamos.

Sold. 2. Pois morra.

Atiraõ-lhe, e cahe no chaõ.

Sold. Morto ſou. Ay de mim triſte!

Sold. 1. No poço o precipitemos.

Bigor. Ay que medo! os cabellos ſe me arrepiaõ! Que tiveſſem valor dous bonecros para matar hum homem! eu me vou depreſſa deſte ſitio. *Vay gritando.* Matáraõ ao Eſtrangeiro Polidoro huns monteiros, que hindo matar hum porco, matáraõ ao moço mais aſſeado que havia. *Vaõ-ſe.*

Corre-ſe

Corre-ſe a corrediça do poço, e ſahe Celeſtina.

Celeſt. Que diacho he iſto, que anda neſte boſque! Naõ ouço mais que vozes deſconcertadas, tiros horroroſos, e todos em ranchos cochichando huns com outros, Policena aſſuſtada, Roſimunda penſativa, ElRey jogando os ſegredos, eu arrenegada entre tanta confuzaõ!

Sahe Roſimunda.

Roſim. Ouvi dizer que he morto Polidoro: ſe iſto he certo, que eſpera a dura parca, que naõ executa o meſmo rigor!

Celeſt. Peior he eſta!

Canta Roſimunda a ſeguinte Aria, e

RECITADO.

Oh parca mais cruel, em naõ matarme,
Que na gloria que chegas a uſurparme
Acaba já comigo
Que de huma eterna auſencia na dor forte
A vida he mayor mal que a meſma morte.

ARIA.

Mas pois na mortal pena
Sinto as ancias com que aſpiro,
Parte eſta alma em hum ſuſpiro
A buſcar o amado bem.

Sahe

Sahe Polidoro, e canta a meya Aria.

Roſim. Eu falleço.
Polid. Ay doce gloria
Naõ me mates.
Roſim. Que he o que vejo !
He illuzaõ do meu dezejo ?
Polid. Naõ meu bem, he realidade
Ambos. Ha mayor felicidade !
A lograr eſta ventura
Naõ eſtá a vida mais ſegura,
Pois mata o goſto tambem.

Polid. Segue-me amada Roſimunda. *Vaiſe.*
Roſim. Vem Celeſtina. *Vaiſe.*
Celeſt. Já te ſigo. Queira Deos que pare em bem eſte enredo. *Vaiſe.*

Sahe Policena.

Polic. Aqui me mandou eſperar Polidoro, verey ſe Merlim me vem conduzir aonde diſſe, e ſe eſtará já em ſeguro a vida deſte ingrato, que ainda que offende a minha, e dezeja defender à ſua....

Sahem dous Soldados, e a tomaõ no meyo, e detraz hirá Floriandro.

Sold. A buſcarvos vimos com ordem de quem póde mandarvos : vinde voluntariamente,

riamente, naõ ſeja preciſo que com a violencia ſe profane o decoro.

Polic. Para que he levar por força, a quem vos ſegue por vontade? Eſta he ſem duvida a traça de Merlim, e a ordem de Polidoro. *à parte.*

Levaõ-na no meyo, e detraz vay Floriandro.

Flor. Admirado me tem a pouca repugnancia, com que ſe houve Policena: bem me ſucede nos meus amoroſos empenhos. *Vaiſe.*

Sahem Polidoro, Roſimunda, Celeſtina, e Merlim.

Polid. Merlim, como havemos vencer eſta grande difficuldade? Tomadas eſtaõ todas as ſahidas do boſque. Como nos havemos de eſcapar deſte perigo? Naõ fallas? naõ reparas? naõ reſpondes?

Roſim. Merlim, já que nos meteſte no empenho, naõ nos deixes padecer ſem remedio. Eſtás mudo?

Celeſt. Merlim, meu menino, tira-nos deſta ratoeira, mais que ſeja com a maõ do gato. Eſtás ſurdo? naõ me ouves?

Merl. Eu ſey cá diſſo? Deixem-me aqui: eu cá pari-os? agora me eſtaõ debaixo da maõ, todos me rogaõ, tudo ſaõ con-

consumições, daqui à manhã haõ de-me dar dous couces na boca do estomago.

Polid. Que resolves?

Rosim. Que determinas?

Celest. Que intentas?

Todos 3. Merlim.

Merl. Outra vez, Merlim, o diabo da gente haõ de-me surrar o nome, e eu hey de ficar sem elle. Ora naõ se desconsolem, que tudo tem remedio.

Celest. Boas novas te dê Deos.

Merl. Já o bosque se vay cobrindo de huma taõ cerrada nevoa, que todos haõ de andar às apalpadelas; e para que aqui naõ estejaõ dous Principes desaccomodados, já minhas artes fabricaõ hum delicioso jardim, aonde nos recebaõ dous Satyros amigos, que habitaõ nestas selvas.

Mutaçaõ de Jardim de caniços, e dous Satyros.

Rosim. Que formosa estancia!

Polid. Bello emprego do meu cuidado, à medida do meu dezejo se dispoem tudo o que he agradavel.

Celest. A habitaçaõ he boa; mas os hospedes saõ horrendos.

Merl. Ora Senhores Pés de Cabra da Fonseca, cantem vossas mercês alguma cousa triste, que nos alegre.

Cantaõ os Satyros.

Reſoe em doce clamor amor.
Que levando em tudo a palma alma.
Infunde aos troncos que eleva leva.
A gloria mais ſuperior:
E no encanto appetecido,
Sendo paſmo do ſentido,
Doce leva a alma amor.

Diz dentro ElRey.

Rey. Entre o grande horror de que ſe cobre a ſelva, ſerve de norte ao ouvido a armonioſa voz, que a eſta parte ſe eſcuta.

Roſim. Eſte he ElRey, que aqui ſe encaminha.

Polic. A eſta parte ſe percebe claridade; e pois fluctuamos em golfos de ſombras, tomemos porto aonde ſe nos offereça luzes. *Dentro.*

Polid. Eſta he Policena, que ſe nos aviſinha.

Merl. Pois he juſto que a recebamos em caſa, e naõ em o jardim.

Mutaçaõ de Sala de eſtatuas.

Polid. Que admiraçaõ!

Roſim. Que prodigio!

Merl.

Merl. Agora Polidoro ſe eſconda, que eu quero tornar a ſer criança.

Celeſt. Outra vez?

Merl. Naõ vês que duas vezes ſomos meninos.

Retira-ſe Polidoro, e Merlim para ſahir de menino, e ſahe por huma parte ElRey, e Bigorrilhas, e por outra Policena, e Floriandro.

Rey. He ſonho, ou verdade o que admiro?

Bigor. Eu eſtou tolo!

Flor. He engano da viſta o que contemplo?

Polic. Que nova admiraçaõ he eſta? Mas que vejo! Floriandro he o meu condutor? Engano foy da ſombra. Ay de mim!

Rey. Filha Roſimunda, que prodigio he eſte?

Roſim. Eu, Senhor, na meſma duvida eſtou.

Rey. Aqui anda impulſo ſobrenatural. Policena, muito ſinto darvos a noticia de que voſſo irmaõ he morto, e que hum monteiro o matára por engano, indo a atirar a huma féra; e viſto eſte engano, e ficar impoſſivel o remedio, quando queirais aſſiſtir neſte Reino, ſereis tratada com grande eſtimaçaõ no meu Palacio,

Palacio; e quando naõ, me obrigo a mandarvos conduzir com mayor decencia à voſſa Patria.

Polic. Ay infeliz, que naſci para repreſentar na minha vida huma continuada tragedia! Pois, Soberano Monarca, já que a fortuna com o mayor infortunio, quiz apurar a minha deſgraça, agora com a mayor dita, quero dar principio à minha ventura: e aſſim com tua licença darey a maõ de eſpoſa a Floriandro, de tantas finezas como lhe devo.

Flor. Toda a ventura ſerá minha, ſe amor...

Rey. Floriandro, repara que o meu ſangue enche de eſpirito o teu peito, e ſe deſluſtra na deſigualdade.

Roſim. Grande amor!

Polic. Naõ julgues, Senhor, que com eſte conſorcio fica deſluſtrada a tua Soberania; e aſſim ſabe, que o meu naſcimento he Real: ſobrinha ſou de Iſar de Moſcovia, que com huma irmã ſua vim ao Reino de Polonia, aonde vivendo no Palacio d'ElRey ſeu eſpoſo, amey ao Principe Polidoro, ao qual hoje em Ungria deraõ morte os teus vaſſallos, fazendo mais ſenſivel o meu pezar, ſer eu a cauſa da ſua deſgraça; pois vindo em buſca minha, achou a morte neſte Reino.

Rey.

Rey. Notavel desgraça!
Flor. Infeliz tragedia!
Merl. Deixallos lamentar, que elle logo ha de resuscitar.
Rey. Grande lastima me causa a morte do Principe.
Bigor. Eu estou arrebentando por dizer, que naõ era elle o que matáraõ.
Rey. Se imprudente fuy na minha resoluçaõ; mas pois ao effeito naõ há remedio, daqui naõ hey de hir, Rosimunda, sem que tu elejas esposo, para logo responder aos Embaixadores dos Principes, que te procuraõ; e suppostо que o de Polonia já he falecido, os demais deixo à tua resoluçaõ.
Rosim. Boa occasiaõ. Pois Pay, e Senhor, suppostо que o Principe de Polonia he morto.....
Merl. Toda a suppositçaõ he falsa.
Rosim. Posso eleger o que quizer?
Rey. Já está empenhada a minha Real palavra.
Rosim. Pois fiada nesse seguro elejo este.
Vay buscar a Polidoro.
Merl. A rapariga tem juizo.
Rey. Logo elle naõ he morto: que pena!
Flor. Que alegria me causa este succesſo!
Polic. Que novo extremo de gosto, e pezares!
Sahe

Sahem Polidoro, e Roſimunda.

Polid. Eſta he, Senhora, a minha maõ, e eſta, Senhor, a minha garganta: ſe te offende a minha ouſadia, tira-me a vida que alento; pois já me naõ pódes tirar a gloria que conſigo. *ajoelha.*

Roſim. Senhor.

Rey. Levantaivos a meus braços, que já trocado o rancor em agrado, elles meſmos duplicaráõ os laços com que vos unio o amor.

Flor. Mereça eu, Policena a tua divina maõ por premio de minhas finezas.

Polic. Com ella recebe huma alma, que já ſe empenha a adorarte.

Celeſt. Todos cazaõ, ſó eu naõ ſey qual he o meu?

Bigor. Eu eſtou para hir pedir a ElRey a Celeſtina, mas tenho tamanha vergonha, como hoje, e à manhã.

Celeſt. Eu naõ tenho com quem cazar. Oh menino quereis vós cazar comigo?

Merl. Ay v. m. eſtá feita a carouxinha, dizendo quem quer cazar com a carouxinha, que he bonita, e formoſinha.

Celeſt. Pois queres?

Merl. Eu naõ ſey cazar; mas ſe v. m. me enſinar, aqui eſtou.

Bigor.

Bigor. Ha mayor deſamparo! Iſſo he huma criança: ſe queres cazar, aqui eſtou eu, dá cá eſſa maõ.

Eſconde-ſe o rapaz, e ſahe Merlim.

Merl. Tenha maõ para lá, que cá eſtou eu primeiro.

Bigor. Eu te arrenego, já eu eſtava admirado de tu aqui naõ fazeres das tuas.

Merl. Rey invicto, Soberano Monarca, com razaõ vos admiraõ as couſas ſobrenaturaes, que no voſſo Palacio, e neſtes boſques tem ſuccedido, e agora ſe eſtá vendo; e aſſim declaro, que eu tenho ſido o author de todas, uſando da magica branca, que Pedro de Bayalarde me enſinou em Pariz; porém ſe diſſo te dás por offendido, ſuppoſto nunca foy eſſe o meu intento, todos por mim já intercedem.

Todos. Senhor.....

Rey. Baſta, perdoado eſtás.

Merl. Pois na fé deſte ſeguro, repitaõ-ſe alegres vozes, e todos conformes digamos.

Cantaõ, e repreſentaõ.

Nobre auditorio, ſe o affecto aſſentar
Neſtes obſequios, que ſabe fazer,
O voſſo agrado chegue a merecer,
Pois nunca erra quem quer agradar.

FIM.

80-05
Vol. 4
7 June 1979
Telles da Sylva

C759
T39Hc
v.4

3960